REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

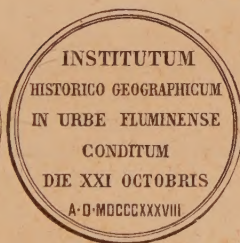
E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LVIII

PARTE I

(1ª E 2º TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui

RIO DE JANEIRO
Companhia Typographica do Brazil
93, RUA DOS INVALIDOS, 93

1895

contava 86 velas e 11 a 12 mil homens, vinha restaurar o dominio hespanhol naquella parte do Brazil, atacando a colonia hollandeza por mar e por terra. Fracos eram os recursos de que dispunham os invasores; mas a actividade do Conde João Mauricio, efficazmente auxiliada pela inercia do Conde da Torre, os fez valer e assegurou a victoria aos Hollandezes.

Eis a carta:

« Nobres, honrados e muito prudentes senhores.

Enviamos a VV. SS. as nossas ultimas cartas, datadas de 8 e 25 de Outubro do anno passado, pelos navios *Oberyssel*, *Bonteko* e *Aaron*, e dellas foi portador o nosso digno collega, o Sr. Adriaen van der Dusse, que seguio então para a patria, largando da Parahiba a 29 do mesmo mez. Esperamos que tenham chegado a salvamento, e desejamos saber o resultado das nossas cartas e os bons fructos da exposição verbal do nosso collega.

Aqui ficára, como communicámos a VV. SS., uma boa partida de assucar que esperavamos remetter logo depois; mas os avisos qne em parte já então tinhamos, e que posteriormente obtivemos com maior segurança, obrigando a armarmo-nos contra o inimigo, nos impediram de o fazer. Com effeito, tendo nós então certeza de que a armada hespanhola estava na Bahia prompta para fazer-se ao mar, e sabendo que procuraria algum ponto deste littoral, fomos forçados a armarmo-nos ás pressas contra ella, tanto no mar como em terra, e assim tivemos de pôr de parte todo o pensamento de carga e exportação.

A 13 de Novembro chegou o pequeno hiate *Cearà*, trazendo um pescador que tomára em uma jangada diante da Bahia; por elle e pelas cartas da nossa esquadra, que alli cruzava, soubemos ter chegado á Bahia em 8 de Outubro o soccorro da ilha Terceira, que constava de 16 navios (nenhum delles galeão) com 12.000 soldados e grande provisão de viveres, bem como que toda a frota, contando agora mais de 80 velas e 11.000 soldados, estava prompta para sarpar no primeiro dia do mesmo mez de Novembro.

Com esta noticia armamos, fizemos prestes e guarnecemos com bons soldados os poucos navios que tinhamos então na costa.

Expedimos avisos para todos os postos e guarnições existentes em terra, ordenando que enviassem os doentes e as pessoas estropiadas e incapazes de serviço para os fortes que lhes ficassem mais proximos, afim de que as tropas pudessem marchar expeditamente para os pontos onde a sua presença fosse necessaria. Fizemos tambem avisar todas as aldeias de indios por intermedio do seu coronel para que estivessem reunidos e promptos com suas armas a marchar para onde se houvesse mister delles.

Como no Rio-Grande tinham chegado 2.000 Tapuias segundo já communicámos a VV. SS. em carta anterior tambem os fizemos dispôr para prestarem-nos os seus serviços na guerra imminente, e elles enviaram a S. Ex. como embaixador, o filho de Jan Duvi, seu chefe superior, para significar-nos que estavam promptos e muito bem dispostos. Comquanto esses indios Tapuias sejam temerosos aos Portuguezes, fraca é a confiança que sobre elles se póde depositar.

O nosso principal cuidado, porém, foi fazermo-nos fortes no mar, por estarmos certos de que se pudessemos dominar o nosso inimigo no mar, e impedir-lhe que desembarcasse ou destruir-lhe a armada, seria esta a circumstancia capital para a desejada victoria. Que, se elle, pelo contrario, não molestado no mar, desembarcasse em alguma parte, occasionaria uma guerra duradoura, o estrago da terra e a ruina da Companhia das Indias Occidentaes, ainda quando afinal o viessemos a vencer em terra.

Mas que valiam 18 ou 20 navios e hiates contra uma armada tão poderosa ?

Na verdade, seria uma vã temeridade oppôr tão poucos navios contra um tal poder e quiçá digno de reprovação expôr tão desvantajosamente e sem nenhuma apparencia de proveito os poucos navios e hiates, que a a Companhia tinha então nesta costa.

Sendo elles batidos, o inimigo teria toda a costa em seu poder, os nossos hiates e embarcações não poderiam navegar ao longo della; as nossas guarnições, que estão em pontos afastados, ficariam separadas de nós, e não poderiamos mais enviar-lhes soccorros. Por terra ainda

menos nos poderiamos auxiliar uns aos outros, supposto que tão poderoso inimigo desembarcasse; todos os moradores se revoltaram contra nós e bem podiamos prever que todos os nossos fortes estando escassamente providos de viveres, haviam de render-se um após outro, por capitulação e boas condições, se o Senhor Deus não nos quizesse conceder a victoria na primeira occasião de uma batalha geral, o que não podia deixar de ser muito aventuroso.

Como estavamos tomados de tão graves cuidados, esperando a salvação sómente das mãos de Deus e assistencia de VV. SS., chegaram justamente nessa occasião e foram chegando successivamente alguns navios da patria, e, comquanto elles não tenham provido os nossos armazens tanto quanto mui necessario era, todavia nos trouxeram soccorros e augmentaram a nossa força naval.

Os primeiros a chegar foram:

A 9 de Novembro *Westwouderckerck*, capitão Jan Reyersen Westwout do Mosa, com 20 soldados, alguns viveres e provisões de trem; a 12 o *Witten Leeuw* da Camara de Amsterdam e o *Guld Haes* da Camara do Districto do Norte; a 13 o navio *Stockvis* fretado pela Camara de Amsterdam, e o *Soulcas* de Groninga, onde chegou a salvamento o ministro Eckhout.

Este ultimo navio bateu-se durante dois dias contra tres grossos e bem artilhados Turcos; foi entrado, mas os nossos repelliram os aggressores que por ultimo tiveram de abandonar a presa. *Soulcas* chegou muito destroçado e perdeu vinte homens entre soldados e marinheiros, contando-se entre elles o capitão, que fôra ferido no peito e morreu dois ou tres dias depois do combate.

Esses navios tanto proprios como fretados tendo-nos soccorrido e fortalecido um pouco, resolvemos servir-nos delles e de outros anteriormente chegados para augmentar a nossa frota. Entramos em negocio com os capitães, que exigiram como condição de seus serviços, que os navios fossem préviamente avaliados, fixando-se as sommas que por elles receberiam no caso de irem a pique ou de queimarem-se; avaliação que foi feita por pessoas entendidas.

Ajustou-se tambem o salario que cada um perceberia emquanto estivesse empregado por parte da Companhia em serviço de guerra, como mostram os respectivos contractos. Tendo sido o *Soulcas* muito maltratado pelos Turcos, verificou-se que estava muito estragado e em estado de não poder ser utilisado no mar dentro de um prazo breve, por necessitar de muitos concertos, que então suppunhamos não poder esperar, e tambem porque tinha sómente nove homens, visto como os mais foram mortos.

Estando nós assim occupados, chegou da Bahia a 28 de Novembro o *Phaisant*, trazendo-nos cartas de nosso almirante. Por ellas e pela exposição verbal do capitão, soubemos que a armada hespanhola com 86 velas entre grandes e pequenas sahira a 19 daquelle mez e que o nosso almirante partira para cá com as 13 velas que tinha diante da Bahia, deixando os hiates *Schoppe* e *Leeuwerck* para seguirem a armada inimiga, observarem onde daria desembarque ou o que tentasse, e virem ao Recife avisar-nos, o que foi confirmado pelos hiates *Vlaermuys* e *Ceulen* aqui chegados a 30 ainda do mesmo mez.

Obtida esta noticia, mandámos ordem a todas as guarnições de Serinhaen para cá que marchassem para a praia. Recommendamos ao Sr. coronel Hans van Koin que se puzesse ao longo da praia de Serinhaen por trás da ilha de Santo-Aleixo, com oito companhias e 200 indios e tres peças de campanha; ao sargento-mór Cornelis Caey, que se postasse com sete companhias e 100 indios no cabo de Santo-Agostinho; ao capitão Pietersse Daey, que occupasse a Candelaria com oito companhias e 150 indios e tres peças de campanha; ao sargento-mór Alexander Picard, que se collocasse em Páo-Amarello com as suas nove companhias e 300 indios e tres peças de campanha.

E para proteger no interior das terras, tanto quanto fosse possivel, os moradores contra as guerrilhas, o capitão Hoogstraten foi postado em São-Lourenço com tres companheiros e 150 indios.

Todos os chefes tinham ordem de dar assistencia uns aos outros onde quer que a armada hespanhola désse desembarque, auxilio que facilmente poderia ser prestado, porquanto elles teriam de marchar por uma praia rasa e

de transpôr os rios por meio das pontes de que estão providos ou de barcos, para isto sempre promptos, de modo a dar transporte ao mesmo tempo a uma tropa numerosa. Podiam pois acudir com presteza uns aos outros.

Achavam-se na ilha de Itamaracá tres companhias e 300 indios armados, afóra 1.700 pessoas entre velhos, mulheres e meninos. Em Goiana estacionava o coronel Doncker com 800 indios armados e no Cabo havia 150 indios. E essa era a guarnição que se achava ao longo da praia para guardar a terra.

Para não ficar ociosa a nossa milicia dentro do Recife, resolvemos que a burguezia por companhias inteiras fizesse guarda durante a noite, e como a burguezia se achava repartida em quatro companhias, cada uma dellas montaria guarda de quatro em quatro noites, o que fizeram lealmente e em boa ordem desde o ultimo de Novembro até 7 de Fevereiro, e, tendo começado a prestar esse serviço, não poriam duvida em continual-o agora, posto que já não seja tão necessario.

Tinhamos sido bem informados de que os frades benedictinos, residentes no seu engenho Mussurepe, acolhiam tropas ou bandoleiros do inimigo e por elles recebiam cartas da Bahia, bem como lhes davam informações ácerca da nossa situação; e sempre foi patente a nós e aos nossos antecessores que essa gentalha (*gespuys*) e todos os demais frades não podiam estar tranquillos, mettendo-se com o inimigo e com elle se correspondendo, dirigindo-o e alimentando-o, promptos, como muito mal dispostos para com o nosso Estado, a servir de trombeta para excitar o alarma e a revolta entre os Portuguezes. Querendo nós prevenir este mal e impedir que machinassem alguma cousa contra nós, resolvemos ordenar a todos elles, sem distincção de ordens, que se transportassem para a ilha de Itamaracá e que dahi não sahissem sem contra-ordem, bem como recommendamos aos escabinos de Iguarassú que cuidassem de facilitar-lhes o necessario, emquanto ahi estivessem, sem poderem, todavia os escabinos ou outros moradores ter pratica com os frades.

A 4 de Dezembro chegou o navio fretado *Grauwen Heynst*, capitão Claes Jansz Seeu do Mosa, com artigos

para particulares; nada para a Companhia a não ser pedra e lenha; trouxe 28 soldados. A 5 chegou o *Zael*, capitão Jan Cornelisse, navio fretado pela Camara de Amsterdam, com artigos para a Companhia e para particulares; trouxe o ministro Nicolaes Vogelius e o proponente Frederick Viteus e 99 particulares.

A 6 chegou da Parahiba em um barco do Sr. Paulus de Ligne, que descahira muito e não poude subir com presteza por ser o vento contrario. Trouxe-nos a agradavel noticia da vinda de nove navios que chegariam aqui a cada momento; esperavamos que elles viriam prover os nossos armazens e augmentar a nossa força naval, habilitando-nos a fazer frente aos Hespanhóes e a não deixar que elles nos dictassem a sua vontade.

Com effeito, nesse mesmo dia chegou o *Lieffde* de Medeublick, capitão Myndert Jansen Schellinger, fretado pela Camara de Amsterdan, carregado com artigos para a Companhia e para particulares; trouxe 82 soldados. A 8 o *Witten Leeuw*, capitão Cornelis Kien da Zelandia, com 16 soldados; o navio *Middelburg*, capitão Bartolomeus Nauters, com carga para a Companhia e para particulares, e 42 soldados; o *Samson*, capitão Jan Claessen da Zelandia, com 32 soldados; o *Charitas*, capitão Reyndert Adriaensen de Amsterdam com 16 soldados; a 10 o navio *Jupiter*, capitão Willem Jansen Boet, fretado pela Camara de Amsterdam; a 11 o navio *Leeuwinne*, capitão Cornelis Jansen, da Camara de Amsterdam, com artigos para a Companhia e para particulares e 100 recrutas; a 17 o navio *Befaemde Susanna*, capitão Willem Dirck Cromsteven, da Camara de Groninga, com 53 soldados.

Nesse entretanto resolvemos que a nossa frota sahisse deste porto e fosse surgir no mar defronte de Olinda e á vista de terra, podendo assim descobrir a tempo, de um ou outro lado, a armada inimiga, caso ella pretendesse dar desembarque na Candelaria ou em Páo-Amarello; pois todas as informações ministradas por prisioneiros e por cartas interceptadas revelavam unanimemente que a armada hespanhola tencionava fazer-se á terra em um desses dois lugares ou em ambos ao mesmo tempo.

A 7 de Dezembro fez-se, pois, á vela a nossa frota, composta então de 30 velas, entre grandes e pequenas.

Desde muito nos preoccupava a sorte do bello navio *Groothoorn* que, quando a nossa frota partira da costa da Bahia, se transviou ou ficou atrás, por não ser bom velleiro, podendo ser que tivesse cahido sobre as ilhas (dos Abrolhos?), visto como ventos contrarios tinham impellido a frota muito para o sul antes que ella pudesse fazer-se ao norte; mas Deus que em todo este tempo nos favoreceu a todos os respeitos, providenciou e a tempo nos restituio aquelle navio com signaes de sua benção ; a 8 de Dezembro chegou elle aqui a salvo, trazendo uma presa chamada Daniel, capitão Francisco Gomes Pinto, procedente de Tenerife, com carga de 300 pipas de vinho, alguns artigos embalados destinados ao Rio de Janeiro, a qual foi tomada na altura da Bahia.

Mencionaremos ainda neste lugar que a 19 de Novembro chegou aqui uma pequena presa denominada *S. Antonio Miz Almiscarado* com cerca de 100 pipas de vinho. Procedia de Tenerife e dirigia-se para a Bahia, diante da qual foi tomada pelo navio *Alckmaer*.

Tambem voltou a 2 de Dezembro o navio *Moriaen* que havia sido mandado a descobrir o *segredo*. Trouxe-nos uma pequena presa denominada S. João Baptista, capitão Christovão Nunes Torres, com cêrca de 90 pipas de vinho. Referio que por então nada achára a respeito da ilha secreta, nem via apparencia de fazer-se alguma cousa ou de ser alguma cousa achada ; o que põem à conta da secca, e nos parece ser uma má desculpa ou um máo fundamento. Nada obstante lá deixaram o seu piloto David Willemse de Hemstede com dois brancos e tres negros, pois suppõem que, quando a areia do lugar onde é o segredo varrida fortemente pelo vento, fôr regada na estação chuvosa, a cousa poder-se-ha descobrir ; e lá ficaram aquelles homens providos por muito tempo com viveres e com agua que de outro modo alli não se póde obter.

Ordenadas assim as nossas cousas tanto no mar como em terra, chegou aqui a 11 de Dezembro o hiate *Schoppe* que tinha sido mandado dar uma vista á Bahia.

Referio que entrára nella e observara que apenas ahi se achavam um navio de pôpa quadrada e uma caravela e que, voltando ao longo da costa, não dera fé em parte alguma de navios hespanhóes.

Parecendo-nos que a frota hespanhola tardava muito, e queria tentar algum emprehendimento do lado do sul, dahi inferimos aliás de accôrdo com as nossas informações, que o seu intento era dar desembarque na Candelaria ou em Páo-Amarello e que bem depressa a teriamos ás mãos.

Immediatamente mettemos soldados a bordo do *Groothoorn*, do *Middelburg* e do *Stochvisch* e mandamos que esses navios sahissem para reunir-se com a nossa frota.

Convindo lançar mão de tudo quanto pudesse concorrer para augmentar a nossa força já pelo numero dos navios e já pelo poder e capacidade para a offensiva e a defensiva, julgamos necessario fretar tambem os navios *Zael*, *Jupiter*, *Lieffde* de Medenblich e *Leeuwine* para que, como os nossos navios proprios, se empregassem na defesa ou na aggressão ; os capitães estavam a isto pouco dispostos e em difficuldade os persuadimos. Provemos esses navios de soldados e os mandamos para a frota, sahindo alguns com toda a carga e outros com meia carga, por não haver tempo para descarregal-os.

Quando assim nos armavamos contra o nosso inimigo, estando todo o commercio paralysado, muitos particulares e trabalhadores livres vieram apresentar-se para irem em expedição no nosso navio *Prins*, exigindo sómente o alimento e indemnização no caso de mutilação, segundo a ordenança que de boa vontade lhes concedemos.

Como na ilha de Antonio Vaz, agora denominada Mauricia, a burguezia se tornara numerosa, resolvemos formar uma companhia e dar-lhe officiaes capazes, de modo que prestasse tambem alli algum serviço. A revista ou censo mostrou existirem 170 homens, pela maior parte soldados que aqui serviram durante muito tempo e que, tendo terminado o tempo de serviço, se fizeram particulares. Dividio-se esta companhia em quatro esquadras, devendo, cada noite, velar uma dellas no paço da cidade.

Assim a burguezia da cidade Mauricia, na qual se comprehendem o Recife e Antonio Vaz, fórma cinco

companhias com 800 homens ao todo. Além disto ha no Recife e em Antonio Vaz muitos estropiados e pessoas incapazes para marchar, mas capazes para o serviço de guarnição..

Acima dissemos que os indios de todas as aldêias foram avisados para reunirem-se e fazerem-se prestes. Como porém correram boatos que embaixadores de inimigo solicitavam os nossos indios para nos abandonarem e metterem-se nos matos, e pôz isto patente uma carta de Camarão, chefe dos indios contrarios, dirigida aos nossos indios e por um delles a nos trazida, resolvemos chamal-os ás armas e aquartelal-os em Goiana sob as ordens do seu coronel e de capitães hollandezes, e assim pol-os sob as vistas destes para prevenir algum desvio dessa gente inconstante e empregal-a onde della tivessemos necessidade.

Mandámos que o ministro Doreslaer e um proponente os acompanhassem, fizessem preces de manhã e de tarde, pois os indios respeitam e dão muito credito aos ministros.

Tendo ficado nas aldêias sómente os velhos, as mulheres e os meninos, fizemos sentir aos ditos indios (e elles mesmo já tinham tido esta apprehensão) que essa sua gente podia ser atacada por alguma partida de bandoleiros. Os indios propuzeram que as mulheres fossem levadas para lugares do interior inhabitados; mas este projecto não nos agradou, por quanto elles poderiam fugir por tropas inteiras e irem ter com suas mulheres. Lembrámos que seria melhor mandar os velhos, as mulheres e os meninos para a ilha de Itamaracá, onde seriam alimentados pelos nossos e não correriam o perigo de serem assaltados, e assim se fez. De todas as aldêias passaram-se 1.800 a 1.900 pessoas para a ilha, e com esse penhor ficámos completamente seguros da lealdade dos indios.

Vigiada assim com grande cuidado e de todos os lados, no mar e em terra, a armada hespanhola, occupados os lugares proprios para desembarque, cujas guarnições podiam soccorrer-se promptamente umas ás outras, e parecendo-nos que a armada inimiga tardava muito, pelo

que conjecturamos que ella se tinha de novo recolhido (á Bahia), resolvemos ordenar ao Sr. almirante que expedisse um hiate veleiro para observar a costa até a Bahia e a mesma bahia. O hiate foi expedido a 23 de Dezembro.

A 26 recebemos por via de terra cartas de Camarigibe e de Porto-Calvo com data de 19, communicando-nos que a armada hespanhola composta de 56 velas apparecera diante das Alagôas e que a 14 começára a desembarcar gente.

Como, porém, este aviso de Porto-Calvo fundava-se em um escripto de um moço particular de Camaragibe e na asserção verbal de um Portuguez, não foi tido por muito certo, nem se acreditou que o inimigo quizesse dar alli desembarque, sendo-lhe impossivel levar de tão longe viveres e munições de guerra para o seu exercito; pelo que S.Ex. e nós com elle assentámos que nenhum movimento se fizesse, antes que o inimigo estivesse mais á mão ou que fossemos certos de que elle se achava empenhado.

De novo ordenámos ao almirante que mandasse mais alguns hiates para o sul a observar os hespanhóes e haver noticias seguras, afim de sabermos onde deviamos pôr mãos à obra. A 28, porém, chegou aqui o *Phaisant*, que havia sido expedido a 23 para o fim acima dito e nos referio ter encontrado um galeão e um outro navio de guerra em Barra-Grande, o qual o perseguio e fêl-o voltar; de onde inferimos que esses navios eram as avançadas dos Hespanhóes e tinham sido expedidos para ao longo da costa haver noticia dos nossos navios e observar os nossos movimentos. Conjecturámos tambem que os navios hespanhóes deviam estar surtos diante das Alagoas e resolvemos para lá mandar immediatamente a nossa frota, recommendando ao Sr. almirante que procurasse a nossa salvação na ruina dos Hespanhóes.

A nossa frota, que se compunha então de 30 navios, 9 hiates e dois *boyers* (chapulas flamengas), como se vê da relação junta, sarpou deste porto a 29 de Dezembro, agradecendo nós a Deus ter demorado o inimigo tempo bastante para nos fazermos fortes no mar, de modo que agora, mercê de Deus, tinhamos meios para encarar com

o adversario, posto que soubessemos por informações certas que a armada hespanhola contava 86 velas, quando sahira da Bahia e que 56 velas estavam ancoradas diante das Alagôas, havendo entre ellas 33 navios de guerra, (galeões e outros) destinados a permanecer nesta costa sómente durante a guerra, e outros navios artilhados do typo inglez, lubekense ou hamburguez, sendo o resto navios menores e embarcações para desembarque.

No dia 1 de Janeiro recebemos os segundos avisos de Porto-Calvo ácerca da armada hespanhola e do desembarque nas Alagôas, por cartas do major Mansvelt, que da fortaleza fôra ter alli. Dizia que o sargento-mór Mansvelt se mantivera com a sua guarnição nas Alagôas até 20 de Dezembro, quando se retirou para Camaragibe e Porto-Calvo, segundo ordem sua, para não ser cortado pelos Hespanhóes, e, porque sómente alli estava para conter os moradores no seu dever, e tirar farinha para sustento da guarnição do rio de São Francisco e Porto-Calvo, visto como aquelle lugar é muito fertil e nos tem fornecido muita farinha.

A 2 de Janeiro recebemos noticia do rio de São-Francisco, communicando-nos o Sr. Nuno Olpherdi que Camarão passara o rio com 1.500 homens e se reuniria com Barbalho que devia desembarcar nas Alagôas.

O Sr. Nuno Olpherdi e o sargento-mór van den Brande, conjecturando que podiam ser cercados no forte *Maritius* (Penedo) e achando os seus armazens escassamente providos, dirigiram a este Supremo Conselho uma carta muito desaforada, como VV. SS. verão da cópia junta, não considerando sequer que nós provessemos os nossos fortes conforme as nossas forças e não conforme a nossa vontade e que quando nada ha nos nossos armazens, tambem nada lhes podemos enviar.

Entretanto havemos de ouvir palavras de menospreso da parte de officiaes que nos são subalternos por faltas que durante tanto tempo, ha mais de dois annos, VV. SS. não têm supprido e nas quaes nos têm deixado! O que póde finalmente seguir-se, si os chefes continuarem assim a insultar-nos, deixamos que VV. SS. conjecturem.

Comquanto bem vissemos que Camarão não podia trazer viveres e muito menos munições de guerra da Bahia (nem tão pouco Barbalho os podia levar de Alagôas) para diante do forte Mauritius e afim de pôr-lhe cerco, eram, todavia, de receiar o damno e a destruição que uma tropa tão numerosa poderia causar na terra, emquanto estavamos occupados em vigiar ao longo da costa a armada hespanhola. Muito desejavamos pois saber como as cousas corriam entre a nossa frota e a hespanhola diante das Alagôas.

A 3 de Janeiro tivemos informações por intermedio dos nossos hiates *Schoppe* e *Samson*, expedidos com o *Leuwerck*, como acima foi dito, para descobrirem os Hespanhoes na costa. Pouco mais ou menos diante de Camaragibe tomaram um navio hespanhol chamado Nossa Senhora de Oliveira, capitão Joseph Pires, com uma companhia de soldados, dos quaes foram mortos 20 e muitos outros feridos. Depois do combate viram que tinham sido impellidos pelo vento e pela corrente para diante das Alagôas, e como não deram fé da frota hespanhola, voltaram, deixando a presa com o *Leuwerck*.

Este aviso foi confirmado no dia seguinte pelo hiate *Vlermuys* que da frota nos foi mandado pelo nosso almirante, com recado que a nossa frota não achára a contraria diante de Alagôas, tendo encontrado ahi sómente 4 barcos, que pareciam estar occupados em fazer aguada, e que pelos nossos navios foram lançados á praia e ahi naufragaram.

Receiavamos então que os Hespanhoes desembarcassem aqui em algum ponto destas cercanias antes que a nossa frota estivesse á mão. Haviamos recommendado ao nosso almirante que, não encontrando a armada hespanhola diante das Alagôas, voltasse immediatamente para cá e sem deter-se em parte alguma, como se vê da copia junta das instrucções que lhe demos, onde tambem vem mencionada a ordem que o almirante assentára sobre o ataque ao inimigo e o auxilio que os navios teriam de prestar uns aos outros. Nada obstante, repetimos aquella nossa recommendação; mas o Senhor Deus tambem nos favoreceu nesta parte e a 10 de Janeiro a nossa frota chegou de novo aqui.

A 11 recebemos aviso da Parahiba que a armada hespanhola se apresentára alli a 8 diante da barra, fingindo querer entrar, mas que pela tarde se fizera de novo ao mar.

Tambem da Parahiba recebemos aviso que Vidal procedia cruelmente, matando e incendiando; e de Porto-Calvo que Camarão á frente de 2.000 homens avançara até Camaragibe e que estava perto de Barbalho com suas tropas.

Infestados assim ao norte e ao sul, e sendo tambem molestados os moradores por pequenas partidas que saqueavam e queimavam, entendemos que não deviamos alterar a nossa anterior resolução e nada mudar até que soubessemos com segurança onde a frota inimiga tornaria a surgir, bem comprehendendo nós que todo aquelle movimento do inimigo tinha por fim dividir as nossas forças e levar-nos a abandonar a praia.

Afinal e ainda no mesmo dia o navio *Befaemde Susanna* que havia sido mandado a Parahiba para carregar, voltou (do caminho) para este porto com a noticia de ter visto a frota hespanhola ao norte de Goiana.

Na mesma noite a nossa frota se fez á vela e tomou o rumo do norte á procura dos Hespanhoes, tendo tido apenas um dia para se prover de um pouco de agua.»

II

«A 12 S. Ex. (o Conde de Nassau) seguio com a sua guarda para Olinda, afim de auxiliar e soccorrer a nossa tropa que estava de vigia em Páo-Amarello, se o inimigo pretendesse desembarcar ahi; e a companhia de burguezes do coronel Carpentier recebeu ordem de estar de promptidão para ir guarnecer o reducto e o forte de Bruyn, de modo que pudesse dahi sahir immediatamente a companhia de soldados do Sr. Ghyselin e seguir tambem para Páo-Amarello, caso fosse isto necessario.

No mesmo dia recebemos aviso de Itamaracá, mandado pelo Sr. Mortamer, que a armada hespanhola

estivera na vespera diante da barra septentrional d'aquella ilha, parecendo que pretendia dar alli desembarque; uma caravela e um barco entraram na barra e gente sua fallára em terra com Portuguezes, perguntando-lhes se nos arredores havia flamengos, e depois voltaram elles para bordo e seguiram para a armada que tomou o rumo do sul.

Tanto que os navios da nossa frota dobraram a ponta de Páo-Amarello, as duas armadas se avistaram: a hespanhola procurou amarar-se, afastando-se immediatamente da costa, e a nossa fez o mesmo para ficar a barlavento da armada inimiga.

De manhã eram vistos da cidade de Olinda muitos dos navios hespanhóes e ainda por volta de meio-dia avistavam-se seis; mas, depois do meio-dia, tanto os nossos como os contrarios ficaram fóra do alcance da vista.

A 14 chegou aqui o irmão do almirante Wilhelm Cornelissen com cartas do sargento-mór Pierre le Grand e do *commandeur* Jacob Huygen e nos trouxe a seguinte noticia: Ainda no dia 12 de Janeiro, isto é, no mesmo dia em que a nossa frota sarpou deste porto, bateu-se com a armada hespanhola, começando o combate pelas 3 horas da tarde. Com extraordinaria coragem o nosso almirante procurou o almirante hespanhol no meio dos seus navios e atacou-o vigorosamente, ficando cercado de cinco ou seis galeões que guardavam a capitanea inimiga, bem como outros navios nossos vieram tambem com grande vigor em auxilio do nosso almirante.

E nesse dia bateram-se galhardamente, comquanto o combate tivesse começado á aquella hora e nem todos os navios se tivessem empenhado nelle ou o fizessem com a mesma actividade e o mesmo ardor, e prolongou-se o combate até que a noite separou as duas armadas.

Aprouve, porém, a Deus levar o nosso virtuoso e bravo almirante Wilhelm Cornelissen que morreu logo na segunda descarga (*chargie*) de uma bala grossa (*groff yser*) que lhe arrebatou a cabeça e os hombros. O corpo foi levado sem alteração para baixo e depositadona camara (*cajute*). Apezar deste acontecimento, nada se descurou para que o combate continuasse com o mesmo esforço.

No dia 12 não se teve noticia, na frota nem em parte alguma, da morte do almirante Cornelissen, e guardou-se o segredo de tal modo que ainda no dia seguinte sómente o sabiam os officiaes superiores, os quaes se reuniram em conselho a bordo da capitanea e elegeramJacob Huygen para substituir o almirante na qualidade de *commandeur*.

J. Huygen passou-se immediatamente para o *Faen* que era a almiranta; e, tendo os officiaes voltado aos seus navios, ainda no mesmo dia 13 a nossa frota atacou com muita bravura a inimiga pelas 9 ou 10 da manhã, a qual cuidou mais de defender-se do que de acommetter-nos fortemente, esforçando-se a maior parte dos navios hes-hespanhoes por destruir os mastros e os cabos dos nossos.

Bem podendo nós por ahi conjecturar o damno já recebido e o que no futuro havia de soffrer o nosso maçame, despachamos immediatamente um hiate para levar a nossa frota toda a sorte de aprestos e cordoalhas, que comprámos a particulares, porque nenhuma provisão havia em nosso armazem. Comprámos tudo o que podemos achar.

A 15 recebemos noticias a respeito de Camarão. De Camaragibe elle seguira por Porto-Calvo para Una; a sua tropa e a de João Lopes Barbalho elevavam-se a 2.000 homens.

Estando a armada hespanhola ao norte e nada tendo nós que receiar no sul, mandámos que o coronel Hans von Koin, postado com cerca de mil homens atrás da ilha de Santo-Aleixo, marchasse para Una ao encontro de Camarão e procurasse atacal-o e fazer-lhe todo o damno possivel, e, no caso de que o indio se internasse pelo mato, seguisse-o por toda a parte.

Podendo acontecer que Camarão ou J. L. Barbalho rompesse em marcha rapida pelo mato e apparecesse com tropa em algum ponto abaixo de Serinhaen, resolvemos tambem que o sargento-mór Mansvelt, se fosse postar em Muribeca com alguma das companhias do Cabo e da Candelaria para estar prestes, dada a emergencia de apparecer o inimigo de Ipojuca para cá, e sahir-lhe immediatamente ao encontro.

Nesse entretanto recebemos noticias de Goiana por terra; eramos avisados, mas sem grande segurança, que a 14 a nossa frota se batêra com a hespanhola, diante da Parahiba, e que alguns navios hespanhóes, bem como um dos nossos, haviam dado á costa.

Expedimos ordem para ser guardada toda a costa desde Goiana até a Parahiba com os indios, afim de vigiarem sobre os naufragos, devendo matar todos os que viessem á terra dos navios hespanhoes e dar toda a assistencia e auxilio aos que viessem de navios nossos.

Como os navios iam descahindo para o norte e era de suppôr que tambem se déssem naufragios no Rio-Grande, foi incumbido o ex-sargento-mór Jorge Gartsman de guardar aquella costa com metade da guarnição do castello *Ceulen* (Reis-Magos) e todos os Tapuias e indios que lá estivessem, observando-se a mesma recommendação.

A 19 de Janeiro recebemos noticia da Parahiba ácerca de Vidal. Tendo elle sabido, quando a armada hespanhola alli pairava, que a nossa companhia de soldados, postada em Frederica (cidade da Parahiba) seguira para o littoral afim de reunir-se á guarnição dos fortes e impedir o desembarque, si o inimigo o tentasse naquella paragem, arrojou-se a entrar pela segunda vez na capitania e desta feita causou grande damno e queimou quasi todos os cannaviaes. Resolvemos mandar immediatamente para lá o capitão da guarda Charles de Tourlon com cerca de mil homens, tanto soldados como indios, para livrar a capitania de novos damnos e ver se apanhava Vidal em alguma parte.

Nesse interim chegou aqui o capitão do *Swaen*, Jacob Allertsen, sota-almirante da frota, com cartas do Sr. Daniel Alberti, pelas quaes e principalmente pela exposição verbal do portador, soubemos que, tendo-se dado o combate do dia 12, em que morreu o nosso almirante, como ficou dito, e eleito na manhã de 13 pelos officiaes o seu substituto, nesse mesmo dia pelas 9 horas da manhã a nossa frota atacou vivamente o inimigo e bateu-se até á tarde.

Nessa occasião o nosso navio *Geele Sonne*, tendo recebido tres tiros abaixo da linha d'agua e fazendo-se em

pedaços uma taboa inteira, foi immediatamente ao fundo, e a guarnição mal teve tempo de cortar o cabo do bote que ia sendo tambem levado para o abysmo.

Salvaram-se nelle quasi todos os marinheiros e dois ou tres soldados, o resto da tripolação, cerca de 45 homens, quasi todos soldados, pereceu com o navio. Os Hespanhóes atiraram ainda sobre a gente que assim se salvava no bote e feriram alguns, entre elles o capitão Hendrick Christiaensen, que teve a perna despedaçada.

Mas deste damno nos consolou terem tambem ido a pique dois grandes navios hespanhóes, segundo dizem os prisioneiros.

Sem embargo da perda do *Geele Sonne*, o combate continuou com a mesma porfia por parte dos navios que nelle se empenharam, pois nesse dia todos (os nossos navios) não se bateram ou alguns ficaram afastados do grosso (dos combatentes).

Ferio-se este combate ao norte de Goiana, mantendo-se a nossa frota sempre na direcção do vento. A hespanhola, que estava então a sotavento, ia descahindo para o norte.

A noite fez cessar a luta, e no dia seguinte, ás 9 da manhã, a nossa frota, sendo então chegada diante da Parahiba, atacou pela terceira vez a armada inimiga com mais força e furia do que dantes.

O *Swaen* nossa sota-almiranta, devendo atacar a vice-almiranta hespanhola, que estava ancorada diante da Parahiba, para lá se dirigio, seguida do seu auxiliar, o *Regenboge*. Varios navios hespanhóes acudiram em auxilio dos seus. O *Swaen* perdeu o mastro do traquete e, pretendendo entrar no porto, não o pôde alcançar e foi ancorar contra o baixo. Quatro navios inimigos vieram assaltal-o ahi ; o *Swaen* foi immediatamente entrado, mas os nossos desunharam a ancora, e os Hespanhóes, vendo que derivavam para o baixo, abandonaram a presa, onde deixaram 40 homens, que foram mortos ou lançaram-se ao mar e afogaram-se.

Um outro navio grande, inglez, onde se achava F... que fôra o almirante do soccorro das ilhas, vendo o *Swaen* derivar desarvorado, suppoz ganhar honra em ir

combatel-o, sem notar que o navio se achava muito acercado do banco. Veio pois sobre o *Swaen* e ambos encalharam, com o que o navio hespanhol perdeu tambem o mastro.

Cuidaram os Hespanhóes que os nossos estavam perdidos e lhes cahiriam nas mãos, mas, vendo-se então na alternativa de ser mortos ou aprisionados, começaram a pedir quartel. Os nossos hiates que ahi acudiram, receiando que o esbulho lhes escapasse se não attendessem o pedido, prometteram quartel contra a ordem que havia sido dada.

Assim foram os Hespanhóes postos em terra na Parahiba, e recolhidos nos fortes com boa guarda, e a gente dos hiates saqueou o navio apprehendido.

As duas frotas continuaram a bater-se até que a noite as separou, descahindo sempre uma e outra para o norte.

Ponderando-nos o mesmo capitão Jacob Allertsen que, em razão desses combates prolongados e do nutrido fogo, as munições de polvora e bala viriam a faltar nos nossos navios, resolvemos fazer carregar de uma e outra cousa uma galeota e a expedimos immediatamente para a nossa frota.

A 25 de Janeiro chegaram aqui os hiates *Schoppe*, *Ouderkerck* e *Phaisant*.

Trouxeram a equipagem do *Swaen* e a maior parte dos prisioneiros daquelle navio hespanhol ou inglez, bem como alguma prata e dinheiro.

Esses prisioneiros muito nos embaraçam. Sentimos que os nossos tivessem dado quartel a gente que estava toda na ratoeira, tanto mais quanto não vemos meio de alimental-a.

Ainda não resolvemos, pois, o que se fará dos prisioneiros, nem se somos obrigados a respeitar o quartel, porquanto sabiamos então e os boatos foram confirmados por cartas interceptadas, que a armada hespanhola trazia ordem de não se dar quartel a quem quer que seja, sem excepção alguma.

Sabiamos tambem que no navio hespanhol havia uma boa quantidade de prata e de dinheiro e não nos

contentámos com o que aprouve aos nossos deixará companhia; empregámos todo o esforço para ver por trás do jogo e apanhando declarações aqui e acolá, verificámos que uma boa parte fôra repartida entre soldados e marinheiros. O que se arrecadou para a companhia consta das nossas actas.

Decorreu um longo intervallo sem novas da frota. Não sendo os nossos navios vistos em parte alguma e não tendo nós recebido nenhuma noticia, estavamos anciosos, quando no 1° de Fevereiro chegou aqui um hiate, onde veio o auditor Claes, que nessa qualidade acompanhou a frota. Trouxe-nos elle cartas do sargento-mór Pièrre le Grand e do *commandeur* Jacob Huygen, bem como nos referio verbalmente o seguinte:

Depois do combate diante da Parahiba, que foi a 14, os nossos passaram o dia seguinte occupados em reparar o que os tiros haviam damnificado, mantendo-se sempre acima da armada inimiga.

Como esta não mostrava pretender dar desembarque em alguma parte, e sim ameaçava atacar-nos, continuando a derivar para o norte, passou-se o dia 16 nesses reparos e simulações.

No dia seguinte porém os nossos, achando-se prestes, resolveram de novo atacar corajosamente a armada inimiga e empregar contra ella todas as suas forças. E, com effeito, a atacaram diante de Cunhaú e com ella se bateram valentemente até á tarde, chegando cerca da Ponta das Pipas, onde a noite os separou.

Passaram o dia 18 occupados outra vez em concertar os cabos e reparar as avarias; o inimigo fez todo o possivel para dar desembarque por ahi algures, mas os nossos o impediram.

E, tendo-se de novo preparado, pretendiam os nossos atacar os Hespanhóes no dia 19. Mas á noite estes mudaram de plano e resolveram abandonar a costa e fazer-se ao mar, talvez receiando descahir sobre os baixos de São-Roque ou por estarem cansados de bater-se.

Da nossa frota não se avistavam mais do que 5 ou 6 dos navios mais atrazados da armada hespanhola. Os nossos não puderam velejar mais alto do que pelo rumo

de nordeste, porque o vento continuava a cursar sempre frco d osesudeste, e as aguas corriam com força para o norte.

A nossa frota seguio ainda este dia a armada hespanhola, mas vendo que ella persistia no curso que levava, e tendo por certo que aquella pesada e vagarosa armada não podia voltar sobre a costa e, por outro lado, estando os nossos navios escassamente providos de viveres e de agua e receiando tambem amarar-se, abandonou o inimigo e voltou ao Rio-Grande para fazer aguada, como o fez ás pressas, e veio chegar a este porto depois daquelle hiate expedido com o auditor, mas ainda no mesmo dia.

E no mesmo dia rendemos uma publica acção de graças a Deus Nosso Senhor por essa maravilhosa victoria que nos livrou de tão poderosa armada. A' tarde fizemos tomar armas os soldados e toda a burguezia e mandámos que a artilheria em redor (da praça) salvasse com tres descargas para divulgar a noticia da nossa victoira pela terra e infundir maior terror em nossos inimigo e principalmente em suas tropas; e escrevemos a todas as guarnições, recemmendando-lhes que igualmente consagrassem a Deus um dia de acção de graças e fizessem soar a victoria pela terra.

Não temos penetração bastante para atinar com todas as sortes de meios de que o Senhor Deus se servio para abater o orgulho hespanhol e a sua armada,que suppunha levar tudo de vencida.

Vemos que primeiramente Deus desvairou o rei e o seu conselho na escolha de um general que tivesse a capacidade necessaria para dirigir tão grande armada e executar tão grande obra, pois esse D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, não é homem muito pratico em cousas de guerra, e em materia de governo encaminha tudo para o seu proveito particular, ao qual sacrifica o principal, nenhuma disciplina mantendo entre a sua gente e, antes, deixando-a commetter insolencias e cahir em dissolução; de sorte que na (cidade da) Bahia as mulheres honestas tiveram de abster-se de frequentar a igreja, onde costumavam ir de madrugada, porquanto eram acommettidas em plena rua por esses fidalgos;

arrebatavam as donzellas dos braços de seus pais e as restituiam violadas, e praticavam outras queijandas átrocidades sem maior castigo.

Em segundo lugar o Senhor nos favoreceu, quando levou ao Cabo-Verde esse general sem ordem do rei, onde a armada foi tão violentamente tocada pela mão de Deus (como Senacherib pelo anjo) que mais de 3.000 homens nella morreram, e dalli partira com um grande numero de doentes, muitos dos quaes falleceram durante a viagem para a Bahia, e, ahi sendo chegada, os hospitaes e os conventos encheram-se de enfermos.

Dest'arte Deus deu o terceiro signal de que nos queria amparar, apezar de nossa indignidade, mas por amor do seu nome que entre nós é invocado.

Queremos dizer que, com aquella mortandade, a armada hespanhola se considerou tão enfraquecida que, embora se tivesse apresentado diante do Recife, não ousou tentar o desembarque em Páo-Amarello, segundo a ordem que trazia. O morticinio que Deus suscitou entre elles foi um meio que primeiramente servio para enfraquecel-os e depois para não darem cumprimento áquella ordem.

Se a armada hespanhola désse seguimento á referida ordem em 10 de Janeiro de 1639, data em que se apresentou diante do Recife, por muito enfraquecido que o inimigo se achasse, nós não tinhamos forças bastantes para impedir-lhe o desembarque ou para resistir-lhe em parte alguma: o demonstram razões de VV. SS. bem conhecidas, que anteriormente tanto lamentámos e ainda devemos lamentar.

Desde então decorreu um anno que se completou em Janeiro ultimo, suscitando Deus ao inimigo diversos embaraços, em virtude dos quaes elle ficou detido por tanto tempo na Bahia, e tal é o quarto signal da protecção divina; porquanto, tendo Pedro Cadena, procurador da fazenda d'el-rei, asseverado em uma carta que na Bahia havia viveres para mantença de 10.000 homens e isto durante alguns annos, o conselho hespanhol, fiado nesta asserção, mandou viveres insufficientes na armada, e chegando a expedição á Bahia, achou-se o contrario:

tudo alli faltava e o povo queixava-se de penuria, de sorte que comprava-se aos soldados e aos marinheiros o pão da ração.

Foi pois necessario que mandassem vir soccorro de viveres do Rio de Janeiro e do Rio da Prata; o que levou muito tempo. Como o soccorro da ilha da Terceira chegou a 8 de Outubro e ainda depois o de carne, farinha e gente vinda do Rio de Janeiro e do Rio da Prata, a armada ficou detida na Bahia quasi um anno, e um anno completo decorreu antes que tentassem pôr por obra o seu designio, tendo-se em attenção que a armada hespanhola apresentou-se diante do Recife a 10 de Janeiro de 1639 e a 12 de Janeiro de 1640 com ella nos batemos, e que antes desta ultima data o inimigo nada tentára.

E apparentemente o Conde da Torre ainda não teria tido pressa, si não recebera a noticia de que um outro Mascarenhas, Conde de Castello Melhor, vinha substituil-o e com maior graduação, isto é, na qualidade de vice-rei, sendo-lhe recommendado que, no caso de encontrar o Conde da Torre com a armada na Bahia, o prendesse e enviasse preso para Hespanha e seguisse com a armada.

Retardando o hespanhol, Deus nos deu tempo para fortalecermo-nos de gente. E si esse tempo tivesse sido bem aproveitado, VV. SS., nos poderiam provêr de navios, aprestos e tropa e habilitar-nos a receber os Hespanhóes de modo que poucos teriam voltado para Portugal e a tirar-lhes o gosto de equipar outra armada para cá.

A este respeito escrevemos opportuna e insistentemente, mas as nossas palavras não tiveram muito peso nos animos de VV. SS.

Bem conhecemos os malogros a que isto é devido, mas desta vez a cousa devia ter sido levada á effeito, pois sabia-se que o esquipamento era dirigido contra uma frota que já estava na costa, ao passo que nos annos passados tratava-se de armar-nos contra frotas de que tinhamos noticias por boatos, e duvidoso era si viriam ou não, e por isso as despezas foram por vezes baldadas.

Ha muito se nos escreveu que fôra resolvido expedirem-se para cá 18 navios principaes e 9 fustas, bem como tropa e muitos viveres. Si esta resolução tivesse

sido promptamente executada, os navios, a tropa e os viveres chegariam aqui a tempo e os Hespanhóes teriam sido, com o auxilio de Deus, anniquillados.

Conforme declaram os prisioneiros, os Hespanhóes sahiram da Bahia a 19 de Novembro com 86 velas, e se tivessem podido chegar aqui de prompto, viriam ainda muito fóra de tempo para nós; mas Deus levantou um vento continuo do nordeste, que os impellio para o sul até a altura de 23° e os deteve tanto tempo que só a 13 de Dezembro chegaram diante das Alagôas, onde estiveram surtos até 29 para fazer aguada ou haver noticia, ou suppondo attrahir-nos para o sul, ou, emfim, por ambos estes motivos, e dahi sarpando a 8 de Janeiro, foram ter diante da Parahiba, ao que parece, contra o seu calculo, por terem sido impellidos, ou porque de novo tentassem illudir-nos, pois o seu intuito era sobre Páo-Amarello.

Com essa demora dos Hespanhóes, depois que largaram da Bahia, permittio Deus que nos chegassem muitos navios da patria, os quaes fortaleceram consideravelmente a nossa frota, e vendo nós outra vez que o Senhor estava comnosco, pondo nelle a nossa confiança e a nossa esperança, muito se nos levantou o animo.

E o Altissimo quiz completar a sua obra começada; tendo a nossa frota procurado embalde a armada hespanhola diante das Alagôas. Elle, que manda sobre os ventos, a trouxe de novo e opportunamente a este porto; fez cursar um vento continuo do sudéste, quando o necessitavamos, por ser util á nossa frota para voltar e obstaculo aos Hespanhóes para virem da Parahiba para cá, e permittio que o mesmo vento continuasse até que os Hespanhóes fossem repellidos da costa, pois com o sudeste e mantendo-se na direcção delle, a nossa frota podia afastar da costa a hespanhola; o que não poderia acontecer como nordeste, que anteriormente e por tanto tempo havia cursado.

Uma vez afastado o hespanhol da costa, Deus fez de novo levantar-se o nordeste, que, fóra de toda a espectação, trouxe a nossa frota a este porto no 1° de Fevereiro, ao passo que o mesmo vento era contrario aos Hespanhóes que tinham navegado para trás dos baixos.

Finalmente proclamaremos como uma admiravel obra de Deus que durante quatro dias de combate entre as duas frotas, tendo havido tão vivo fogo, na nossa não houve mais de 22 mortos e de 82 feridos, além do capitão e dos 45 soldados, que se submergiram no *Geele Sonne*.

Não a nós, não a nós, mas a vós, oh Senhor, são devidos o louvor e o galardão para todo sempre! »

III

« Recolhida a nossa frota a este porto com o successo acima dito, consideramos que, sem duvida, a gente da Bahia devia estar muito segura, tendo por certo que a sua armada triumpharia aqui, e por isso não suspeitando a presença de navio nosso diante daquelle porto, havia de enviar algumas velas para Portugal. Resolvemos mandar immediatamente um navio e dois hiates cruzar diante da Bahia, esperando que Deus nos depararia alguma ventura.

Foram, pois, dispostos para esse fim um navio e dois hiates. Quanto á frota, continuaria ella surta neste porto até que tivessemos maior segurança sobre o destino da armada hespanhola, e empregaria o tempo em reparar tudo o que fosse susceptivel de reparo e em prover-se de agua, bem como de munições de guerra e de viveres, tanto quanto as nossas provisões o permittissem.

Nesse entretanto João Lopes Barbalho appareceu com cerca de 400 homens, entre brancos e Tapuias, acima de Serinhaen, em Ipojuca. O capitão Falck o foi encontrar junto da aldeia de Ipojuca. Não resistindo Barbalho e não podendo ser seguido, o capitão Falck, depois de uma escaramuça, retirou-se; mas, indo ter ao engenho Bertioga, encontrou-se de novo com o mesmo Barbalho e ahi travaram uma luta renhida, occupando o inimigo posição vantajosa por trás das casas, até que foi impellido sobre um pequeno rio. O capitão Falck, tendo já seis mortos e 17 feridos, não julgou acertado seguil-o, e retirou-se em boa ordem. Isto passou-se a 28 e 29 de Janeiro.

A 3 de Fevereiro o sargento-mór Mansvelt atacou de sorpreza a mesma tropa nas cercanias de Mussurepe. O inimigo deixou ficar no lugar mais de 200 armas; ahi foram encontrados a espada, o punhal e o bastão do commando do proprio João Lopes Barbalho, bem como todos os seus papeis, entre os quaes achavam-se as instrucções para o indio que ellas denominam *D. Antonio Filippe Camarão*, e outras para J. L. Barbalho, ambas assignadas por D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre.

Entre outras cousas recommendam estas instrucções, que não se désse quartel a nenhum Hollandez, a indio e a quem estivesse de intelligencia comnosco.

Tambem se encontrou uma carta de Luiz Barbalho (pessoa que VV. SS. viram e bem trataram), na qual elle recommenda igualmente a seu sobrinho (J. L. Barbalho) que não désse quartel a flamengos, e, para escapar á odiosidade, entregasse os que apprehendesse ás mãos dos seus tapuyas.

Assim, para esses deshumanos, não é bastante matar, querem ainda que os tapuyas nos esmaguem a páo e e nos dêm morte cruel! Mas, com o favor de Deus, hão de pagar-nos na mesma moeda, como já em parte vai acontecendo *.

Mais on menos por esse tempo Huygens, tenente do capitão den Bout, teve um encontro na Parahiba, acima dos curraes de Duarte Gomes, com uma tropa de D. Francisco de Souza e de Henrique Dias. Esses dois capitães e mais Rabellinho (que já havia seguido adiante) tinham embarcado com 200 homens, em tres caravelas, na barra do Cunhaú, durante o combate naval e foram lançados á praia pelos nossos hiates.

A tropa inimiga defendeu-se por muito tempo, pois o negro capitão Henrique Dias era um obstinado marau (*een obstinaten vogel*), mas afinal os inimigos tiveram de

---

* As instrucções do Conde da Torre a João Barbalho e a Camarão e a carta de Luiz Barbalho foram publicadas na Revista do Instituto de Pernambuco de Dezembro de 1887.

retirar-se, deixando no lugar 80 mortos e levando outros.

Entre as armas e roupas que deixaram espalhadas encontrou-se um gibão de setim encarnado. Dois individuos apprehendidos na vanguarda inimiga disseram que D. Francisco de Souza o trazia, e como o gibão estava ensanguentado, suppõe-se que esse official morrera. Tambem se acharam a espada e a rodella de Henrique Dias e affirma o tenente Huygens que vira levarem-no ferido; desde então corre que elle tambem morreu.

A 2 de Fevereiro tivemos noticia que a armada hes. panhola ou, pelo menos, alguns dos seus navios estavam em Utetengi (?) Conjecturámos que esses navios achando-se em apuro por falta d'agua (pois os prisioneiros declararam que na armada se morria de sêde; que sómente os galeões tinham provisão, ao passo que os outros navios soffriam falta, a ponto de desputarem entre si um trago d'agua) foram alli ter para fazer aguada; e, posto que posteriormente soubessemos por um hiate vindo do Rio-Grande que se tinha visto desfilar tropa ao longo da praia, ainda suppuzemos que era gente desses navios que sahira a procurar gado para seu refresco.

Mas desde então tivemos noticia que dos ditos navios desembarcára Luiz Barbalho com 2.000 ou 2.500 homens, que, segundo parecia, se tinham posto em marcha para cá.

Tendo Barbalho chegado a Potengi, Gartsman, informado de que a força inimiga não excedia de 200 homens, sahira ao seu encontro, e a pedido dos Tapuias que eram em numero de 200, o atacou; mas como a tropa inimiga era muito forte, os 60 homens sob o commando do Gartsman foram batidos, e elle mesmo cahio prisioneiro, e os Tapuias, vendo isto fugiram sem ter combatido. Dos nossos soldados perderam-se sómente 20.

Soubemos ainda que em Ponta Negra se encontrou uma caravela sem gente (o que mostra que ella tinha navegado tambem para terra) e entre os baixos um navio grande naufragado e feito em pedaços, tendo tido carga de assucar.

Resolvemos que o capitão Daey com a tropa sob o seu

commando, tanto soldados como indios, seguisse de Goiana, onde então se achava, para a Parahiba, e reforçasse o capitão da guarda Charles de Tourlon afim de vigiarem sobre o inimigo e lhe fazerem todo o damno possivel, e para cortar os viveres ao inimigo, escrevemos para a Parahiba que fizessem descer todo o gado da terra para a visinhança dos fortes, bem como exigissem tanta farinha quanto fosse possivel, sem terem muito em conta as reclamações dos moradores, pois era melhor que estes mantimentos fossem consumidos por nós do que pelo inimigo.

Mandámos tambem que o sargento-mór Alexandre Picard, que estava em Iguarassú, seguisse com a sua tropa para Goiana, onde ficaria mais perto para prestar soccorro, ao passo que daqui seguiria gente para Iguarassú.

Em São-Lourenço estaciona o coronel Hans von Koin com uma tropa numerosa para vigiar o inimigo, caso elle rompa pelos matos e appareça em alguma parte. O coronel von Koin expede constantemente partida pela terra no encalço das do inimigo, que andam a procura de viveres, e já algumas têm sido apanhadas e passadas á espada (*neder gehouwen*).

Acima já mencionámos os navios procedentes da Hollanda que aqui chegaram. Além dos mencionados, chegou ainda a este porto em 10 de Janeiro o *Postpaert*, da Camara da Zelandia, capitão Heybert Walfetsen, com viveres e artigos para a Companhia e para particulares e 20 soldados.

Em summa um navio traz pouca cousa, e o outro nada traz para os nossos armazens, e reunido tudo o que nos foi remettido ficámos tão pobres e os nossos armazens tão vasios (como d'antes).

Quando vemos chegarem tantos navios vasios, queremos dizer, sómente carregados com artigos para particulares, não nos podemos admirar bastante do calculo ou conta que as Camaras (da Companhia) ahi fazem. Não é raro que uma Camara confie no que a outra ha de enviar, e assim vão carregando os navios de preferencia com artigos para particulares no intuito de perceber as recognições (*recognitien*), e deixam ficar os viveres que já têm promptos nos armazens, e antes querem que esses viveres

se corrompam, como é de receiar, do que perder aquelle pequeno lucro.

E quando assim se contemplava o ovo da pata, todo o ovo ter-se-hia perdido, se Deus não providenciasse. Com effeito, houvesse a armada hespanhola dado desembarque a 7.000 homens, os quaes seriam auxiliados pelas tropas que já aqui estavam e pela adhesão geral dos moradores, e se nós não perdessemos immediatamente a terra, haviamos de retirar-nos para os fortes sem viveres, em cujos armazens os ratos morrem de fome!

Quanto ás queixas que temos de repetir, começaremos pela penuria em que ha tanto tempo nos deixaram cahir, e na qual ainda estamos. As nossas queixas têm sido baldadas; a ellas se responde sómente com promessas que não se realizam.

Temos alimentado até o presente a nossa gente com a farinha e o gado da terra. Uma semana distribue-se meia ração, e a outra nada; e, quando se dá a ração inteira, esta consiste em quatro pequenas vasilhas (*kannekens*) de farinha, 4 libras de carne fresca e 11 *stuivers* * em dinheiro.

Dinheiro não podemos dar, porque o nosso cofre está vasio; e quanto á farinha e á carne, não se póde continuar a obtel-as do paiz, será necessario tomar ao pobre morador, e até pela violencia, as duas ou tres vaccas que tem, e de cujo leite alimenta a si e aos filhos; ainda assim já não são facilmente encontradas.

A farinha está tambem esgotada, e os moradores tão desprovidos que honradas familias têm de comer milho por falta daquelle genero.

Quando ha 5 ou 6 mezes atrás, a farinha se tornou escassa, mandámos registrar todas as roças existentes na terra e exigimos que os moradores entregassem á Companhia metade das plantações (mandioca) que estavam em estado de ser colhidas.

Consumimos essa metade, e, tendo necessidade de mais, de novo fizemos registrar todas as roças e verificar

---

* Assim se denominava uma pequena moeda que valia a vigesima parte do florim da Hollanda.

rigorosamente se alguem tinha declarado menos do que possuia, e outra vez exigimos metade da farinha. Consumida esta e não vindo soccorro da patria, tivemos de vexar os moradores, deixando-os colher as suas roças tão *fóra* de tempo que elles nos pediram lhes fosse permittido abandonal-as.

Tristes queixas levantaram-se em todo o paiz e os escab nos nos fizeram representações, como VV. SS. verão das suas cartas que a esta acompanham. Actualmente não vem farinha de parte alguma, si não a mandarmos buscar á força.

Tivemos, pois, de escrever a todos os moradores, avisando-os de que mandariamos soldados a visitar as suas casas e buscar a farinha á força, o que dá occasião a saques e oppressões, como com pezar nosso succede diariamente.

Em uma palavra, os moradores são muito vexados e entretanto isso nada adianta. Os soldados passam ás vezes 14 dias sem carne, e até sem carne e sem farinha, de sorte que sómente a autoridade de S. Ex. e o respeito que inspira os forçam a ter paciencia em sua impaciencia, que, se não fôra isto, elles procederiam de modo bem diverso. Na Hollanda nenhum soldado teria tamanha paciencia!

Facilmente se concebe quanto é agradavel aos moradores o nosso governo com esse máo tratamento, e que boa opinião devem elles ter do nosso Estado, vendo as escassas remessas de provisões que nos vem da patria e o nosso aperto que nos tem obrigado por tanto tempo a assim esgotal-os, e a não lhes dar outra cousa em pagamento a não ser vales (*briefkens*), pelos quaes elles não podem receber dinheiro, ainda quando os trazem ao Recife.

Com effeito, a nossa caixa não os póde recolher, e os moradores, não podendo trocal-os por dinheiro, são forçados a tomar mercadorias aos negociantes com o abatimento da terça parte ou mais do valor dos ditos vales.

E imagine-se o proveito que a Companhia dahi tira e de que modo póde a nossa caixa haver dinheiro, considerando-se que os negociantes, e sobretudo os Judeos,

recebem esses vales na esperança de fazer compensação comnosco, encontrando-os com as dividas não sómente de negros ou bens a elles vendidos, sinão tambem de fretes e avarias dos artigos que receberam da metropole pelos ultimos navios, fretes e avarias que são a principal fonte donde o nosso cofre poderia haver algum dinheiro, e para os quaes nós olhamos como o peixe olha para a agua.

Para não ficarmos inteiramente baldos de dinheiro, fomos forçados a recusar a compensação dos vales de farinha e gado com as dividas de fretes e avarias. Mas conjecturem VV. SS. que credito isto dá aos nossos vales, e com que boa vontade os moradores nos forneceriam viveres ainda quando tivessem o que não têm, vendo assim desvalorisarem-se esses titulos. Elles não podem deixar de tomar-nos por gente de duas palavras, pois publicámos que os nossos vales equivaleriam a dinheiro corrente, e deviam ser aceitos em pagamento, e a este compromisso faltámos.

Tambem haviamos feito registrar o gado que existia no paiz, e imposto aos donos a obrigação de nol-o fornecer. Mesmo aquelles que sómente tivessem tres rezes, deviam fornecer uma. Consumidas, porém, essas rezes, tivemos de nos utilisar do gado dos contractadores em Porto-Calvo e Serinhaen, devendo elles dar uma porção de cabeças de cada vez que por ahi passassem, para sustento das guarnições daquelles lugares, assim como tomamos-lhes aqui cem cabeças, attenta a difficuldade de obter gado. E o dinheiro que esperavamos receber por effeito do contracto foi assim despendido.

Já em alguns lugares se tem lançado mão dos bois de trabalho, e, se nenhum soccorro de carne nos vier da patria, chegar-se-á ao ponto de abater bois de carro e dos engenhos, os quaes são actualmente tão escassos que mal podem os engenhos continuar a funccionar, ficando nelles muitas vezes as caixas de assucar por falta de carros que as transportem. Uma junta de bois que se costumava comprar por 16$ custa agora 32$ e mais.

Se tivermos de abater os bois de carro, poder-se-á com razão dizer que comemos á Companhia das Indias Ocidentaes, porquanto muitos engenhos ficarão impossibilitados

de moer e terão de parar, com o que o Brazil arruinar-se-ha e de nada servirá á Companhia possuil-o.

Esta é a verdade núa ácerca do nosso Estado. VV. SS. queiram-na tomar por tal, em vez de desprezal-a ou suppôr que são velhas lamentações. Creiam-nos, pois, antes que o ultimo apuro faça verdadeiras as nossas palavras e obrigue a dar-lhes credito muito tarde, quando o damno não puder ser remediado por algum meio.

O estado de cousas em relação ao gado é tal que, quando VV. SS. nos mandarem carne e outros viveres em quantidade bastante para alimentar a nossa gente, dever-se-á prohibir aqui geralmente o córte do gado vaccum por espaço de dois annos.

E esta circumstancia deve tambem ser levada em conta. Não podendo os moradores abater gado e estando baldos de farinha, convém que, na remessa dos viveres, se pense tambem nelles e não sómente na nossa gente, já que os moradores não hão de perecer de fome. E para alimentar uma população que está esgotada, não basta pouco, é necessario muito; difficil é saciar um homem faminto. Assim os viveres que VV. SS. remetterem não poderão ser demasiados e hão de vender-se com grande proveito.

Afim de que VV. SS. verifiquem pessoalmente a escassez dos nossos viveres, mandámos uma relação dos que ainda se acham nos nossos armazens; e á vista disto VV. SS. queiram resolver sobre a provisão necessaria, tendo em attenção que com ella devem ser abastecidos, não só os nossos navios e guarnições, como os lugares circumvisinhos.

Queiram VV. SS. ainda considerar que estando assim desprovidos os nossos armazens, tivemos de fechar o Recife e impedir a sahida de viveres, afim de que, em caso de fome, possamos apprehender os mantimentos que os negociantes tenham ; o que provocou amargas queixas.

Queixam-se os moradores de que nós lhes tomámos tudo o que elles têm para alimentar a vida e que, sustentando ha tanto tempo com o seu os nossos soldados em toda terra, ficaram pobres e cahiram na penuria de viveres ; e entretanto nós não lhes deixamos tirar do que é

nosso, e, pelo contrario, lhes fechamos tão rigorosamente o Recife que mal podem obter, ainda mesmo para os doentes, um vaso de azeite, uma libra de peixe secco e cousas semelhantes; que desarrazoado é que lhes tomemos os generos com que elles se alimentariam, e nada lhes queirámos dar do que é nosso.

Os negociantes particulares queixam-se de que, contra toda a justiça e equidade, lhes retemos aqui os viveres pelos quaes elles pagaram á Companhia recognições, fretes e avarias e assim lhes impedimos que tirem proveito dos seus generos, de sorte que não sómente perdem a occasião de bem vendel-os, como correm o risco de que as mercadorias soffram grandes quebras e se corrompam com grande prejuizo delles.

Si nós, porém, ouvissemos essas queixas e de novo deixassemos aberta e franca a exportação, em 14 dias não se encontrariam absolutamente viveres no Recife.

Para remediar essa escassez, é necessario que VV. SS. nos enviem grande quantidade de viveres em primeiro lugar para provêr os nossos fortes e guarnições pelo tempo de seis mezes, principalmente de farinha de centeio, carne salgada, azeite ou manteiga, ervilhas, favas, cevada; de sorte que, no caso de sermos acommettidos pelo inimigo, si não pudermos sahir da terra ou si tivermos de recolher-nos aos nossos fortes, ahi encontremos viveres que nos alimentem pelo tempo necessario para aguardar soccorro. Mas, sobretudo, nos provejam de farinha, pois, como as cousas vão, se nos faltarem a farinha e o gado da terra (e na verdade já começa a faltar), a difficuldade não será tão grande, estando nós bem providos de farinha.

Quanto á farinha de trigo não peneirada, não é necessario que venha em tão grande quantidade: nós só a empregámos para cozer o pão duro (*hart broot*), porque a farinha de centeio por si só não o faz tão bom.

Em segundo lugar devemos ter uma copiosa provisão de viveres nos nossos armazens para manter a pensão (*kostgeld*), isto é, para vender viveres aos soldados e empregados da Companhia por conta da pensão e adiantamentos e a seu contento, bem como para vendel-os a dinheiro aos moradores a seu aprazimento e satisfação.

Releva notar que os Portuguezes poucos outros generos procuraram a não serem estes: vinho de Hespanha, azeite, farinha de trigo peneirada, peixe secco e de preferencia bacalháo, queijo, pouca manteiga, muito toucinho *, pouca carne salgada; não querem centeio nem farinha de trigo não peneirada, muito menos ervilhas, favas, cevada, por nenhum modo cerveja e vinho de França, generos estes que se vendem muito mais correntemente entre os nossos Hollandezes.

Além disso precisamos que VV. SS. provejam liberalmente o nosso cofre de dinheiro ou que providenciem para que venha muito dinheiro para o Brazil, de modo que possamos pagar o salario dos soldados e dos servidores da Companhia, porquanto, ainda quando VV. SS. nos remettessem viveres em abundancia, isto de pouco serviria, se tivessemos de voltar ao systema das rações; o que sahiria muito mais caro à Companhia, como VV. SS. já verificaram por experiencia.

Actualmente é tal a escassez de dinheiro aqui, que os principaes negociantes se acham muitas vezes em grandes embaraços. Não ha dinheiro em circulação, e nenhum entra para o nosso cofre. A estreiteza e as queixas sobre a consequente falta de pagamento são tão geraes que causam pasmo.

Este facto tem a seguinte explicação: em primeiro lugar ha um anno que muito pouco dinheiro tem sido remettido da Hollanda para cá, em consequencia dos boatos sobre a armada hespanhola; o que tirou o animo ao mercador para fazer negocio. Em segundo lugar os Portuguezes levaram para o campo todo o dinheiro que puderam apanhar, entendendo elles que, se a armada hespanhola trouxesse a destruição a este paiz, o dinheiro é de todas as cousas a que melhor se occulta.

Assim desse dinheiro nem um ceitil volta ao Recife, pois os Portuguezes, por agora, rara vez vêm aqui comprar alguma cousa, a não ser mantimento, que, aliás, os negociantes particulares não lhes podem vender em

* Os Hollandezes appellidavam os Portuguezes *João Toucinho Speck-Jan*).

virtude de nossa prohibição, ou cuja venda só permittimos exeepcionalmente.

E' pois indispensavel cogitar dos meios pelos quaes se possa encaminhar o dinheiro em abundancia para o Brazil. A escassez é tal que será impossivel a um grande numero de senhores de engenho mantel-os em andamento, e já este anno muitos proprietarios se acharam bem embaraçados; e si não vier supprimento de dinheiro que o torne copioso, é certo que muitos engenhos terão de parar e os donos ficarão impossibilitados de pol-os a moer, porquanto os empregados dos engenhos e os que os servem com os seus carros ou de outro modo, nada querem fazer sem que préviamente se lhes ponha o dinheiro nas mãos; tudo o que um engenho deve comprar no campo aos Portuguezes, só se obtem com dinheiro á vista. Assim os que não puderem agora trabalhar hão de vêr paralysados os seus engenhos, e esse damno não recahirá sómente sobre os particulares senhores de engenho, senão tambem e principalmente sobre a Companhia das Indias Occidentaes.

A resolução, que VV. SS. haviam tomado, de elevar o valor das especies amoedadas que aqui circulam com relação ao valor que ellas têm na Hollanda, seria um remedio soberano e um meio permanente para impellir o dinheiro para o Brazil. As razões que VV. SS. tiveram para revogar immediatamente essa resolução, não são de tal ordem que possam destruir ou abalar as razões em contrario.

A nossa opinião seria esta: como o Brazil não póde subsistir em largueza de dinheiro e o dinheiro não póde ser aqui copioso sinão vindo da nossa patria, isto se consegue dando-lhe um augmento de valor. E' pois necessario que o valor das moedas no Brazil seja superior ao que ellas têm na Hollanda, podendo-se acceitar a seguinte relação:

Pistola dupla................	fl.	10
Reaes de oito hespanhóes.....	»	2·16
Rixdaller....................	»	2.15
Daller de 30 *stuivers*.........	»	1·15
Moeda de cobre de 20 *stuivers*.	»	1.13
Schelling....................	»	7
Stuiver duplo................	»	2 1/2

O excedente de valor fará que muito dinheiro seja remettido da Hollanda para cá, tanto mais quanto esse excedente compensará fartamente os fretes e recognições, e dest'arte os negociantes nos poderão mandar o seu dinheiro não sómente sem mingua, como com augmento.

E convém notar que, comquanto no anno passado o dinheiro fosse aqui abundante e subisse a um alto preço, as pessoas que queriam remetter dinheiro para a Hollanda o faziam por meio de letras com 16, 18, 20 % e mais de vantagem, o que mostra quão valioso, desejado e necessario é o dinheiro no Brazil.

Ver-se-ha tambem que com esta medida o dinheiro não será levado para o campo em tanta quantidade. Os moradores não hão de enterrar tanto dinheiro, como muitos agora o fazem, pois não quererão guardar moedas que pódem ser occasião de perdas.

Longo tempo, porém, decorrerá antes que o damno occasionado pela mudança daquella boa resolução possa ser remediado. Emquanto VV. SS. não tomarem a tal respeito uma boa medida, o dinheiro não virá para o Brazil, e nós não sabemos como mantel-o na gestão dos negocios da Companhia, ou como os negociantes pagarão uns aos outros, nem tão pouco como os proprietarios farão moer os seus engenhos. E' fóra de duvida que muitos pararão.

E' tambem um objecto de consideração se não conviria elevar o valor das moedas das Provincias-Unidas (Hollanda) e reduzir as hespanholas a preço mais vil, afim de promover a importação do dinheiro hollandez no Brazil e expellir o hespanhol.

Esta medida é aconselhada pelos prejuizos que, como se observa, provèm do dinheiro hespanhol, porquanto, emquanto estavamos sob a ameaça da armada hespanhola, os Portuguezes empregaram todo o esforço para obter moedas hespanholas e as enthesouraram, e ficamos privados de dinheiro ; o que não aconteceria si aqui corressem sómente moedas hollandezas. Neste caso observar-se-hia o contrario : quando se receiasse mudança no Estado, como os Portuguezes então suppunham, elles receiariam tambem que o nosso dinheiro não tivesse valor para elles,

e o dinheiro havia de voltar em abundancia para o Recife.

Precisamos tambem de uma provisão geral de munições de guerra, de accôrdo com a relação que remettemos, e principalmente de polvora e balas (*scherp*), visto como nas quatro batalhas que a nossa frota travou com a hespanhola gastou-se uma quantidade incrivel de uma e outra cousa ; devemos, pois, antes de tudo, ser abundantemente providos destas duas especies de munições.

Outrosim queiram VV. SS. nos provêr de toda a sorte de armas, como na mesma relação se pede, sem esquecer as lanças, a respeito das quaes tantas vezes temos escripto. Parece que VV. SS. ainda não se compenetraram de quão necessarias ellas nos são ; entretanto lhes asseguramos que essa arma nos é aqui utilissima (*van seer groeten dienst is*).

Queiram pois enviar-nos uma boa quantidade de lanças, como na lista vai indicado. »

IV

« Tambem não esqueçam VV. SS. os materiaes na lista mencionados, cuja falta muito nos embaraça não só porque sem elles as nossas obras não podem ser convenientemente conservadas, como porque os empreiteiros protestam contra nós por perdas e damnos, allegando que se acham impedidos de construir as obras empreitadas por falta dos materiaes que somos obrigados a lhes fornecer. Muito menos temos o que levar comnosco ao campo para entrincheirar-nos ou fazer alguma das fortificações necessarias em campanha.

Começamos a sentir falta dos nossos pequenos hiates que, aliàs, na guerra nos são mui necessarios ; queiram, pois, VV. SS. provêr-nos de alguns.

Até o presente temos empregado os hiates no transporte de viveres e de provisões para as nossas guarnições, mas temos verificado que, como elles não foram feitos para transportar cargas e mui pouco podem

carregar, andam constantemente acima e abaixo, sem que com isto se adiante grande cousa. Melhor fôra que VV. SS. mandassem construir barcos grandes (*cayen*) ou ainda pequenos navios para prestarem esse serviço ao longo da costa, visto como carregariam muito mais do que os hiates e demandariam menos fundo. Os hiates, porém, repetimos, são indispensaveis na guerra.

Varios capitães de mar e outros officiaes são accusados de que em nenhuma das batalhas (com a armada hespanhola) se comportaram com bravura e de accôrdo com o seu juramento, e, pelo contrario, se conservaram fóra do aperto e do perigo, servindo á Companhia como poltrões e deixando escapar-lhe das mãos uma esplendida victoria, pois, se se tivessem batido valorosamente, como outros o fizeram, a armada hespanhola seria, com o auxilio de Deus, de todo anniquillada; pelo que resolvemos submetter a processo as pessoas assim arguidas de terem procedido contra a sua fé e juramento, e como quasi todos são capitães de navio, não nos pareceu conveniente que fossem julgados sómente por capitães de navio, e entendemos dever nomear juizes acima de toda a suspeição. Os juizes nomeados são: S. Ex. (o Conde de Nassau), os conselheiros politicos van de Voorde e P. de Ligne, o sargento-mór Cornelis Bayer, Pièrre le Grand, Cornelis Cracy, o director da equipagem (*esquipage-meester*) Cornelis Direxsen Moen, o *commandeur* Jacob Huygen e o *vice-commandeur* Jacob Albertsen.

Estão ainda occupados com a causa; a decisão será communicada a V. S. na primeira occasião.

Com estes navios seguio o ministro Cornelis van der Poelen que vai á Hollanda tratar de negocios particulares. Elle nos assegura que, arranjados os seus negocios, voltará para dedicar-se á sua parochia.

Muito tempo o detivemos, mas, como os seus negocios urgiam, não podemos afinal negar-lhe por mais tempo a pedida licença. O ministro van der Poelen ensinou aqui fielmente a palavra de Deus e edificou o rebanho com a sua vida e costumes, como a um ministro convém, pelo que a sua volta será mui agradavel a nós e a todos.

Falleceu o ministro Landsman que nós bem

desejavamos continuasse a praticar entre nós os seus serviços e a frequentar o pulpito, tendo em attenção o seu zelo religioso, a sua vida exemplar e os seus dotes; e como ha muitos lugares onde não existem ministros, esperamos que venham alguns, segundo o pedido que já fizemos em carta anterior.

Vai tambem nestes navios o Sr. Palatio com as queixas que tem contra o capitão de navio Jan Reyersz de Westwout; nós o enviamos aos seus amos. O carregamento que elle tinha para o resgate dos prisioneiros da Africa foi aqui vendido com o maximo proveito de quem de direito, como mais circumstanciadamente se verá da factura e da conta remettidas á Camara do Mosa, á qual enviaremos tambem o dinheiro, quando fôr arrecadado.

Segue ainda para ahi um Inglez chamado Richard Smith que veio no navio « Bontekoe » com permissão para passar-se á ilha de São-Christovão. A viagem desfez-se, porque aqui alugamos o « Bontekoe ». Esse Inglez devia partir para a Hollanda no mesmo navio: mas, estando ancorado na Parahiba por trás da *Terra-Vermelha*, e mettendo-se em um bote para ser levado a outro navio, infelizmente teve de retroceder.

O Sr. van der Dusse poderá dar algum esclarecimento a respeito desse negocio; e o capitão de quem o Inglez queixa-se com alguma razão, deve ser responsabilisado. Em todo caso não é bom offenderem a essa gente para que não succeda sahirem-se mal.

Jan Evertsz Schelling, capitão do navio *Jongen Boer* fretado de ida e volta pela Camara de Amsterdam, mostrando desejo de tratar com os representantes da *Hofvan Hollant*, navio naufragado da Companhia das Indias Orientaes, para ir carregar e depois levar a Hollanda as mercadorias recolhidas em Serra-Leôa, nós o consentimos, porque tinhamos navios de mais, que estavamos obrigados a carregar; ajustamos com elle dar-lhe a (pedida) desistencia, pagando-lhe 4.300 florins pela viagem de vinda.

Por estes navios sacámos sobre a Camara de Amsterdam a quantia de 1.055 florins a pagar a Jan Cirexsen Crabbe por saldo de conta.

A 5 de Dezembro foi aqui arrendado o serviço de transporte entre o forte de Bruyn e as salinas pelo tempo de um anno e pelo preço de 2.700 francos.

A 17 de Janeiro foi tambem arrendado o imposto sobre bebidas pelo tempo de 6 mezes e pelo preço de 22.000 florins.

No 1º de Dezembro chegaram a este porto o *Akmaer* e o *Malance* vindos da costa da Bahia, onde os nossos navios cruzavam, e trouxeram a todos em geral e a S. Ex. particularmente uma triste noticia, pois conduziam o corpo do irmão de S. Ex., sua Graça o Conde Johan Ernestius von Nassau. Elle se achava com a sua companhia de soldados na nossa frota a cruzar naquella paragem e, depois de ter feito uma presa, cahio doente e ao cabo de cinco dias falleceu. Grande perda a desse senhor e heróe, mancebo de grandes esperanças, que teria prestado á patria e á Companhia relevantissimos serviços, se não fôra outra a vontade de Deus, que o quiz fazer mais feliz chamando-o á paz e á bemaventurança eternas.

Algum tempo depois S. Ex. depositou o corpo na igreja e em seguida em terra com grandes honras, como o pedia a nobreza da illustre casa de Nassau.

Passamos agora a responder de um modo mais particular ás cartas de VV. SS., a primeira das quaes tem a data de 30 de Junho de 1639.

Ahi, em primeiro lugar, vemos o que VV. SS. nos escreveram a respeito dos 2.700 homens, cuja remessa havia então sido resolvida. Desejamos que elles aqui cheguem e que todas as Camaras agora promptamente resgatem o seu atrazo neste particular, habilitando-nos com forças para expurgarmos a terra das tropas inimigas e depois vermos o que se poderá tentar com o favor de Deus, a bem do progresso (da nossa conquista) nestas regiões, pois a necessidade impõe que levemos a guerra ao territorio inimigo, sob pena de não vivermos nunca aqui tranquillos.

Dizem VV. SS. que pessoas particulares recebem melhores e mais promptas informações do que as que são a VV. SS. ministradas pelas nossas cartas e papeis, e isto é dito de um modo tão vago que não podemos

entender nem saber quaes são essas cartas particulares, melhores e mais promptas ou mais dignas de credito do que as nossas.

Foram enviados a VV. SS. varios e desenvolvidos discursos (relatorios) sobre a situação do governo politico e militar e tudo o que delle depende; não deixamos de ministrar, de quando em quando, informações sobre as mudanças que neste particular occorrem e o que é digno de menção, bem como indicámos onde VV. SS. encontrarão as informações necessarias, segundo o nosso modo de ver, para não estarmos sempre a repetir a mesma cousa. Quando pois, VV. SS. souberem, por cartas particulares, alguma cousa que lhes pareça plausivel e digno de nota e de que não encontrem menção em nossas cartas, acreditem que a noticia não é verdadeira, como não o é, por exemplo, o boato relativo a uma grande quantidade de farinha enterrada que foi achada por nós, assumpto sobre que os directores nos escreveram.

Não fizemos menção desse boato, porque sabiamos que elle não era verdadeiro; e nós mesmos, de quando em vez, pomos em circulação alguma noticia para produzir effeito entre os moradores, animando uns e contendo outros, noticia que depois os particulares transmittem em suas cartas para ahi como si verdadeira fosse.

O mappa de todas estas conquistas por VV. SS. pedido lhes é remettido pelo navio *Baroquelonga*. Esperamos que VV. SS. o recebam e fiquem satisfeitos. *

O inventario (*blaffaert*) dos bens e rendas da Companhia será enviado por estes ou pelos proximos navios.

Não é por culpa ou incuria do guarda-livros geral que até o presente não tem sido enviadas a VV. SS. as cópias dos livros geraes. Isto é devido á falta do auxilio que lhe é necessario, como muitas vezes temos feito sentir em nossas cartas.

Esse auxilio não é sómente necessario no escriptorio geral, senão tambem em outros e sobretudo no de finanças,

* São os admiraveis mappas descriptos na *Revista* do Instituto de Pernambuco de Janeiro de 1886 e de que o mesmo Instituto possue cópias manuscriptas.

que por falta de pessoas aptas para a escripturação está tão atrazada e diariamente se atraza tanto que, si VV. SS. não providenciarem já, si não mandarem promptamente pessoas aptas, nenhum auxilio poderá afinal remediar o mal.

Estando atrazados os livros dos emprestimos ou adiantamentos (*leeninoboucken*), não podem ser declarados os adiantamentos aos caixeiros que escripturam os livros das mensalidades (*maentgellboucken*) para serem levados a conta de quem os recebe; consequentemente tambem não podem ser escripturados estes ultimos livros, nem enviados em tempo a VV. SS. como cumpria, resultando d'ahi grande desserviço a VV. SS. e embaraço para as Camaras.

Como não temos gente apta para fazer o serviço nos escriptorios de fóra, lançamos mão de remendões, de alguns dos quaes não temos podido haver as contas, ao passo que outros as prestam tardiamente; o que concorre tambem para atrazar a escripturação dos livros nos escriptorios daqui.

Cumpre, pois, que nos sejam enviados moços, para servirem de escreventes (*cleres*) não só nos escriptorios do Recife, como nos de muitos outros lugares, bem como para a escripturação dos livros das mensalidades, pois para isto tambem são necessarios alguns. Si VV. SS. não tomarem esta recommendação a peito, não devem esperar as cópias e por ultimo tornar-se-ha impossivel fazer-se as contas.

O escriptorio geral precisa de seis escreventes robustos e bastante praticos; tres terão diariamente muito que fazer com preparar todas as contas para serem lançadas nos livros geraes, e despachar o que cada dia occorrer, e os outros tres estarão constantemente occupados com examinar as contas de todos os commissarios e caixeiros internos e externos. Além disto é tambem necessario um bom e perito guarda-livros que assista o guarda-livros geral, pois não é encargo para um só homem despachar tudo, ouvir a todos e dar expediente a tudo o que a cada momento occorre.

Outrosim, os lugares de fóra devem ser convenientemente providos de pessoal, e cumpre que nos sejam

enviadas mais seis ou oito pessoas aptas para a administração dos viveres e mercadorias e para a distribuição das pensões e dos emprestimos ás nossas guarnições e ás tropas que vão pôr-se em marcha. Para isso tambem necessitámos de gente expedita nas condições acima ditas, e para haver um tal pessoal, convém que se concedam vencimentos (quer quanto ao salario, quer quanto á pensão) um pouco mais vantajosos e proporcionalmente augmentados.

O lugar de commissario dos armazens pede tambem uma pessoa esperta e perita, e desde muito nos embaraça o não podermos encontrar quem tenha aptidão para exercel-o. Esse cargo é da maior importancia para a Companhia das Indias Occidentaes, porquanto, tendo a maior parte das transacções por ojbecto o assucar e effectuando-se por meio do assucar quasi todos os pagamentos feitos á Companhia, faz-se mister uma pessoa que entenda bastante da arte de guarda-livros, para bem escripturar a receita e a remessa daquelle genero pelos navios, e ao mesmo tempo esperta para bem examinar e inspeccionar a qualidade dos assucares que são dados em pagamento de dividas; no que grandes fraudes podem ser commettidas.

Emfim mandem-nos VV. SS. ainda pessoas aptas, de cujos serviços nos possamos utilisar para supprir vagas aqui ou na Parahiba, no caso de partir ou largar o serviço algum dos commissarios de viveres e mercadorias; bem como recommendem a Bastiaen Keller que venha para cá, logo que a sua saude o permittir, porquanto os seus livros ainda não estão encerrados e faltam diversas partidas, pelas quaes esperam os livros geraes.

Como o littoral do Brazil conquistado pela Companhia estende-se por mais de 100 leguas, a experiencia tem mostrado que nos lugares longiquos as nossas ordens e recommendações não são tão promptamente executadas como o bom governo e a prosperidade da Companhia o exigem; pelo que julgamos necessario collocar em differentes lugares como directores alguns dos conselheiros politicos, para que executem pontualmente as nossas ordens, nos informem ácerca do estado e das necessidades

dos respectivos districtos, bem como contenham os moradores no seu dever.

Os districtos creados são quatro: Parahiba, Itamaracá, Serinhaen ou Porto-Calvo e Rio São-Francisco. Acham-se, pois, distrahidos com esse serviço quatro conselheiros politicos (como aliás as nossas instrucções o permittem); mas por isso não soffre o andamento dos negocios da justiça.* Continúa completo o numero necessario de conselheiros, pois cinco delles residem aqui no Recife e podem dar expediente aos processos que sobem por appellação ao Conselho, principalmente agora que se acham exonerados do trabalho de quasi todos os feitos na primeira instancia *(principalyck nu zy van meest alle eerste instantienontlast zyn)*.

Entretanto conviria que VV. SS. mandassem mais qnatro conselheiros politicos, um ou dous dos quaes poderiam ser aproveitados em lugares distantes, onde são mui necessarios, para ahi estabelecerem residencia e dirigirem os negocios da Companhia.

A resolução deVV. SS. sobrea jurisdicção deOlinda, isto é, que todas as causas, com excepção das privilegiadas, corram em 1ª instancia perante os escabinos e que á jurisdicção destes fiquem sujeitos o Recife e Olinda, foi por nós apresentada ao Conselho Politico e aos escabinos.

Qnanto á outra parte, porém, da dita resolução, (que hajam dez escabinos em vez de cinco e que cinco residam e administrem justiça em Olinda e a outra metade no Recife), os escabinos nos representaram que a cidade de Olinda não lhes parecia bem situada, mas pelo contrario incommoda tanto para si e os auxiliares do seu collegio, como para as partes que perante elles pleiteiam o seu direito, visto como Olinda era pouco habitada e nenhuma commodidade lhes offerecia, de sorte que, tendo elles de lá ir e passar dias inteiros no exercicio do seu cargo, não achavam bom alojamento, nem o que comer ou beber.

---

* Esses conselheiros eram membros do *Conselho Politico*, superior tribunal de justiça de toda a colonia com séde no Recife.

Tambem bem pouca probabibilidade havia de ser restaurada a cidade de Olinda, que pelo contrario vai em decadencia, pois muita gente procura a ilha de Antonio Vaz * para construir casas e ahi habitar. Nem era fóra de perigo, principalmente para os escabinos hollandezes, irem em dias certos a uma cidade aberta e inhabitada, bem podendo succeder que bandoleiros e tropas inimigas a atacassem e levassem os escabinos e os negociantes, pois nem sempre alli estacionam soldados.

Que Antonio Vaz, sendo uma praça fechada, onde elles em segurança poderiam exercer o seu cargo, seria mais propria para sua residencia, bem como está mais chegada e é muito mais accessivel a todos os moradores de que Olinda, os quaes encontrariam alli commodidades e seriam bem alojados.

Que se esperam attrahir os moradores para Olinda pelo concurso e influencia do collegio dos escabinos e assim restaural-a, melhor e mais acertado fôra attrahir os habitantes para um lugar que póde ser fortificado e defendido contra a violencia do inimigo, e que, qualquer que elle seja, não terá de ser abandonado, como facilmente póde succeder com Olinda.

Resolvemos pois consentir que os escabinos fixassem residencia em Antonio Vaz, e logo depois elles compraram ahi uma boa casa, bem situada e construida com commodos que a tornam propria para um paço municipal (*staat huys*).

Como, porém, certos escabinos moram algumas leguas do Recife, o que de ordinario succede com os Portuguezes senhores de engenho, e estes, e tambem os Hollandezes, occupados com os seus negocios, por vezes se ausentam, resolvemos que, comquanto a divisão dos escabinos (entre Olinda e Recife) não fosse necessaria, deviamos todavia observar a ordem de VV. SS. quanto ao numero delles, elevando-os a nove, a saber, cinco hollandezes e quatro portuguezes.

Tendo a experiencia mostrado que, pela pluralidade dos processos, os escabinos são de tal modo sobrecarregados

---

* A ilha de Santo Antonio da cidade do Recife.

de trabalho, que mal podem desempenhal-o, tambem resolvemos e ordenámos que elles puzessem commissarios tirados do seu collegio, para conhecerem das pequenas causas até o valor maximo de 100 florins, os quaes exercerão a sua jurisdicção segundo o teôr das ordenanças, e e funccionarão duas vezes por semana nos dias em que os escabinos não derem audiencia.

Com relação á nossa opinião sobre o salitre, já alguma cousa dissemos a este respeito em nossa carta anterior, de que junto vai cópia. Posteriormente muito melhor informados, soubemos que o rei de Hespanha, tendo noticia de que aqui muito se fallava em salitre, mandára para cá, alguns annos atrás, pessoas entendidas da materia sob a direcção de um official (que ainda aqui estava e commandava o castello de São-Jorge, quando nós tomamos) afim de procurarem o salitre e examinarem a sua natureza. Foram ter ao rio São-Francisco e a 80 leguas para o interior descobriram dois pequenos charcos de agua, onde o calor do sol gera umas delgadas camadas de salitre, mas a quantidade era tão pequena que não valia a pena emprehender algum trabalho para havel-o. Salitre mineral não se achou.

Entendiam os exploradores que, collocando-se aldêias, com o intervallo de uma para outra de um dia de viagem ao lòngo do caminho para as minas de salitre (si fossem achadas) a bem da defesa e contra os Tapuyas, poder-se-ia subir o rio até a primeira queda: dahi por diante avançar-se-ia com grande perigo de morte pelos Tapuias. Nós não podemos tomar entre mãos taes emprehendimentos, maximé nesta quadra tão impropria.

Nestes navios vai uma pequena caixa com a herva (*crayt*) de que se faz anil, segundo dizem, mas aqui ninguem a póde reduzir á massa. Vejam VV. SS. si encontram ahi alguem que disto melhor entenda.

Tambem vai um amostra de orellana (*Orelliana*) * com a sua casca. Si ha algum proveito a tirar desse vegetal, póde elle ser aqui plantado, pois neste paiz a *orellana* é encontrada aqui e acolá sem cultura. »

* O urucú.

V

Ha muito VV. SS. nos escreveram a respeito das presas que têm sido feitas desde a conquista do Brazil.

Com relação as que foram feitas desde a tomada de Olinda até a vinda dos Srs. van Ceulen e Gysseling não se encontram livros, papeis ou documentos, e, se alguma parte existem, devem estar em poder de Luiz d'Outrelean, que fez a respectiva conta, pois que isto estava a seu cargo.

No periodo, porém, em que aqui residiram os Srs. van Ceulen e Gysseling como directores delegados, fez a conta regularmente em um livro que deve estar em Amsterdam sob a guarda do vosso escripturario. A conta das presas feitas desde esse tempo até a nossa volta enviamos pelo navio... e a das que se fizeram depois que aqui residimos, já deve ter sido entregue a VV. SS. pelo Sr. van der Dusse; continuaremos a proceder do mesmo modo, enviando as contas periodicamente.

Quanto aos primeiros tempos não esperem VV. SS. obter outro esclarecimento, pois aqui nada mais se poderá apurar.

A vossa ordem sobre assignarem os caixeiros as contas das mensalidades será d'ora em diante observada.

A respeito do páo-brazil fizemos accôrdo com alguns cortadores do Rio-Grande; cortaram cêrca de 300.000 libras de páo, mas lá estão, porque por esse tempo não podiam ser trazidas á praia por causa tanto dos inimigos, como dos tapuyas.

Os cortadores de São-Lourenço e suas cercanias não ousam ir ao matto cortar o páo, receiando que os bandoleiros lhes tomem os negros, com o que essa gente fica arruinada; tambem nesta quadra o páo cortado não póde ser conduzido (ao littoral). Logo que os tempos mudem, empregaremos toda a diligencia para fazer cortar o páo e compral-o.

A promessa que VV. SS. nos fazem de remetter-nos provisões para o equipamento, desejamos que se realize,

pois a falta dessas provisões muito nos embaraça, estando os nossos armazens desde muito desprovido dellas. Quando a nossa frota se batia contra a hespanhola e os tiros despedaçavam tudo, forçoso foi que provêssemos os nossos navios de toda a sorte de cabos, e, como os armazens estavam vasios, tivemos de comprar aos negociantes particulares tudo o que pudemos obter, e isto por altos preços com grande prejuizo da Companhia, a saber, custaram-nos 100 libras de cabo (*want*) de 50 a 60 florins.

Continúa-se a executar a ordem de VV. SS. sobre a plantação da mandioca, e deve ser executada mesmo nos engenhos. Mas os senhores de engenho e os lavradores de partidos de canna reclamam, allegando que não lhes é possivel plantar mandioca sem que os seus engenhos moam menos e os partidos deixem de ter as necessarias limpas, resultando dahi um damno maior do que o proveito que a farinha póde produzir. Nada obstante mandámos que se observasse estrictamente a ordem sobre o plantio da mandioca.

Os *artigos do norte* (*noortche lasten*) que VV. SS. tambem nos promettem, desejamos que aqui cheguem, pois muito precisamos delles para reparar as nossas embarcações e para muitas outras obras de carpintaria. Além disto, as taboas são muito uteis aos particulares para a construcção de suas casas e elles as obtem de nós a 30 *stuivers* a peça, e as pranchas serradas a 2 florins. Como essa mercadoria nos faltava, tivemos de compral-a a 2 florins a peça.

Um chefe dos inspectores (*generael van de cerchers*) é necessario aqui, pois não podemos acabar com o contrabando,apezar dos esforços que temos empregado. Mas, si esse inspector geral quizer enricar de pressa, havemos de ser muito enganados. Melhor será que VV. SS. usem de navios proprios (e não fretados), segundo a resolução que por VV. SS. foi tomada.

Vemos que na Hollanda ainda queixam-se de que as caixas de assucar não são encontradas cheias.

Sabemos que, por muito cheias que as caixas saiam dos engenhos, ellas soffrem maior ou menor quebra antes de chegarem aqui, pois, mais ou menos, o assucar sempre

se agglutina (*op malkander zitten*), e isto succede com maioria de razão quando chega á Hollanda, tendo estado durante tres e quatro mezes em um lugar humido. Aqui seccam-se os assucares de modo que elles dão um som tão forte como o de uma campainha (*bel*), o que não se observa quando chegam á Hollanda, de sorte que chegam ahi sempre mais humidos, e portanto agglutinam-se e as caixas não se acham cheias. Mas o que importa saber é si o peso bruto é o mesmo ou se soffreu diminuição.

A Companhia tem aqui a sua balança onde se pesam todos os assucares na occasião em que são embarcados. Entre a balança e os navios elles não podem ser subtrahidos, pois da balança passam immediatamente para bordo. Si perdem no peso bruto, é que foram subtrahidos no navio ou escoaram-se por defeito das caixas. Si não ha falta, porém, no peso bruto e sim diminuição no assucar e as caixas têm peso superior ao indicado na tara que o nosso tarador nellas marca, neste caso houve engano na tara.

Ha aqui um mestre tarador jurado para marcar todas as caixas e nellas pôr a tara que, em sua consciencia e conforme a natureza da madeira, julga que ellas têm. De ordinario o tarador accrescenta meia arroba ou mesmo uma arroba inteira ao peso das caixas, para que nada se perca com a estimação das taras; e si, apezar disto, elle se engana, é que as taboas internas são mais grossas do que parecem ser as de fóra, fraude esta que alguns praticam e que é difficil descobrir, salvo si se abrissem todas as caixas por cima e por baixo. Entretanto, esforçar-nos-hemos por tudo acautelar quanto fôr possivel.

Os sinetes (*segels*) que VV. SS. nos enviaram foram remettidos aos respectivos escabinos, que se confessam muito agradecidos. *

---

* Em carta de 6 de Outúbro de 1638, o Conselho Supremo do Brazil escrevêra aos directores da Companhia:

« Tendo-nos pedido as Camaras de justiça que lhe fizessemos a honra de conceder armas com que sellassem os seus actos e papeis, rogamos a V. Ex. que inventasse armas que tivesse analogia com a situação de cada capitania e significasse alguma de suas qualidades.

Aos navios que daqui partirem na estação opportuna não deixaremos de recommendar que naveguem por trás da Irlanda e da Escossia pelas razões dadas por VV. SS. A estes navios o recommendamos e assim faremos d'ora em diante. *

São levadas ao conhecimento de VV. SS. queixas de que os negociantes (daqui) não podem carregar os seus

---

S. Ex. imaginou primeiramente as armas de cada uma das quatro capitanias e as pôz em um escudo para serem as armas do governo supremo do Brazil, tendo por cima do coroamento as armas dos senhores Estados-Geraes a que se prende o distinctivo da Companhia das Indias Occidentaes, cercadas por uma grinalda de flores ou folhas da larangeira *(oragien crans)*.

Poz tambem em um escudo as armas do collegio dos conselheiros politicos ou conselho de justiça que são as mesmas armas das quatro capitanias, tendo por cima uma donzella com a espada e a balança, emblema da justiça.

A capitania de Pernambuco é representada por uma donzella que contempla admirada a sua belleza em um espelho, o que expressa a amenidade da terra e a situação e o nome de sua capital *Olinda*, e tem nas mãos uma canna de assucar.

As outras jurisdicções ou districtos de Pernambuco, como Iguarassú, Serinhaen, Porto-Calvo e Alagôas, têm tambem as suas armas.

A capitania de Itamaracá é representada por um cacho de uvas, pois essa ilha dá as melhores uvas do Brazil.

A Parahiba tem o seu emblema em seis pães de assucar pelos bellos assucares que dá, ou porque, depois da conquista, foi ahi que florescêram os primeiros engenhos sob o nosso governo.

Representa o Rio-Grande um rio com uma avestruz, passaro que ha ahi em quantidade.

VV. SS. examinem essas armas, e si ellas agradarem, queiram mandar abril-as em prata em ponto um pouco menor do que o desenho e nol-as enviem. Não convém que sejam abertas em ferro, aço ou cobre, porque a ferrugem logo as estragaria. »

Os directores responderam por carta de 28 de Janerio de 1639 que as armas propostas pelo Conde João Mauricio seriam brevemente remettidas com pequena modificação.

Com effeito, a carta de 30 de Junho do mesmo anno accusa a remessa nestes termos:

«A esta acompanham as armas abertas em prata, a saber, o grande sello do governo supremo do Brazil, o sello da Justiça do Brazil, item da capitania de Pernambuco, item da capitania de Itamaracá, item da capitania da Parahiba, item da capitania do Rio-Grande, item da Camara de Iguarassú, item da Camara de Serinhaen, item da Camara de Porto-Calvo, item da Camara de Alagôas.

Enviamos tambem os cunhos em dez caixinhas e uma porção de cera encarnada.»

* A recommendação tinha por fim evitarem os navios que navegavam para Hollanda os piratas denominados *dunquerquenses* (*Duynkerkers*.

assucares sem encherem as mãos aos caixeiros. Acreditamos que isso por vezes tenha acontecido, visto como todos pretendem carregar ao mesmo tempo e um ou outro gratifica o caixeiro para ter precedencia, dando assim os mesmos negociantes occasião ao abuso. Entretanto nós sempre obrigamos os negociantes a declarar a quantidade de assucar que pretendem embarcar e damos-lhes licença *pro rata*, afim de que cada um possa embarcar um tanto no navio; com esta providencia as gratificações não tem grande importancia, e talvez os feitores ou commissarios (*facteurs*) desculpem-se (para com os seus committentes) dos seus demorados retornos e respectivo carregamento com taes pretextos.

Passamos a occupar-nos com uma outra carta de VV. SS. de 30 de Junho, em que VV. SS. tratam da demissão pedida pelos Srs. van Ceulen e Gysseling, recommendando que elles não partissem para a patria precisamente ao terminar o seu tempo, mas esperassem que VV. SS. pudessem encontrar outras pessoas e dispensal-os.

Cumpre observar que, por um lado, nunca foi intenção dos Srs. van Ceulen e Gysseling abandonarem este Estado, principalmente em uma época em que esta conquista corria tão grande perigo, ameaçada, como estava por uma poderosa armada.

Mas, por outro lado, não lhes causa pequena admiração não terem VV. SS. até o presente diligenciado mandar outras pessoas que os substituam, de modo que elles pudessem partir neste mez de Março ou em Abril, como da patria se lhes prometteu.

Confiamos que os nossos successores virão nos primeiros navios, e si não vierem, não nos levem VV. SS. a mal que, depois de ter desabado aquella tempestade sobre as nossas cabeças e de termos, com o auxilio de Deus levado este Estado a salvamento, partamos nos proximos navios ou nos seguintes, pois, não estamos dispostos a vir a partir no inverno, e muito menos a continuar aqui em virtude de tal ordem. VV. SS. contem com isto e por ahi se regulem. (*Daarop sich UEd. mogen verlaten ende naer reguleren*).

Até aqui temos respondido ás cartas de VV. SS., e,

emquanto esta escreviamos, obtivemos as mais recentes e desejadas noticias da armada hespanhola e do seu destino por oito prisioneiros que nos foram mandados do Rio-Grande, a saber, quatro maritimos (entre elles um capitão de um navio que naufragára do lado de cá do Ceará) e quatro soldados da gente de Luiz Barbalho.

Declaram os marinheiros que depois de 17 de Janeiro (ultimo dia de batalha), toda a armada hespanhola ainda se achava reunida, notando-se sómente que das 86 velas com que sahira da Bahia perdera nove barcos e caravelas, quatro nas Alagôas e cinco em Cunhaú, que foram lançados á costa pelos nossos navios. Restavam, pois, 77 velas.

A 18 de Janeiro chamaram á falla o general para communicar-lhe que via-se rebentar o mar nos baixios de São-Roque, o que o general mal poude acreditar, não suppondo que tivesse descahido tanto para o norte; e quando teve essa segurança, ficou muito perturbado, dizendo que escreveria ao seu rei sobre a traição que contra elle fôra praticada.

Entretanto foram forçados a evitar os baixios e fizeram-se ao mar pelo rumo do nordeste.

Como o vento soprava forte do sudoeste e as aguas corriam com força para oeste, descahiram tanto que, no terceiro dia depois da ultima batalha, achavam-se a oeste dos baixios e os navios de guerra lançaram ancoras nessa paragem sobre fundo rochoso. O general mandou que todos os capitães dos navios mercantes e navios de soccorro se approximassem da costa para proverem-se de agua e assim se fez.

Até aqui são accórdes as declarações dos soldados e dos marinheiros; daqui em diante os depoimentos dos primeiros e dos segundos concernem ás aventuras posteriores de uns e de outros.

Referem os marinheiros que o seu barco estava ancorado juntamente com os navios de guerra a oeste dos baixios. Nas noites seguintes, tendo-se levantado vento fresco de leste e correndo as aguas fortemente para oeste, deu isto lugar a que o fundo roesse os cabos e os mais pesados galeões fossem á garra; a capitanea real, onde se

achava D. Fernando de Mascarenhas, perdeu nessa noite tres ancoras, a capitanea portugueza com o almirante de Castella e o almirante de Portugal, quatro galeões principaes, um hiate e esse barco onde elles estavam garraram e tiveram de amarrar-se ao rumo do norte.

No seguinte dia esses galeões tinham sido impellidos para tão longe, que não viam modo de voltar; pelo que D. Fernando Mascarenhas, Conde da Torre, passou-se para o hiate que estava montado com dez pequenas peças de ferro, mas a sua intenção não era conhecida, isto é, si elle pretendia voltar para a sua frota ou passar a linha e voltar para a Bahia.

Assim afastaram-se os ditos galeões muito para oeste e no terceiro dia, depois que garraram, navegaram de novo para a costa; fizeram approximar se o barco e nelle puzeram um capitão e tres soldados com ordem de ir sondar e reconhecer a terra e vêr si se podia obter alli agua.

O barco chegou á terra pela tarde e, não tendo encontrado agua, de madrugada fez-se ao mar, mas, quando amanhecia, não deram fé dos galeões, e, muito admirados do desapparecimento delles, andaram a velejar o dia inteiro acima e abaixo, e como nada vissem e estivessem desprovidos de viveres e de agua, forçoso foi que se fizessem á terra; desembarcaram e andaram nove dias antes de chegarem ás salinas, e ainda 22 dias das salinas até o Rio-Grande, onde foram apprehendidos, e assim dizem que deste lado do Ceará não desembarcaram muitos (?)

Os soldados declaram que no terceiro dia depois da batalha os navios de guerra estavam ancorados abaixo dos baixios e os navios mercantes, caravelas e barcos tinham sido mandados a Nasú (Assú?) para fazerem aguada.

No dia seguinte elles observaram com grande admiração que ambas as capitaneas com os dois almirantes e quatro dos principaes galeões tinham desapparecido. Poucos dias depois do desapparecimento do seu general e dos ditos galeões, os navios que estavam carregados de assucar, tendo-se então provido d'agua, levantaram tambem ancoras e seguiram para Portugal, ao passo que alguns

galeões e mais cinco ou seis navios seguiram para o Maranhão, ficando assim quasi vasio o porto.

O Conde de Bagnuolo, que partira da Bahia no galeão *São-Filippe* e no dia da primeira batalha se passara para uma caravela, estava nessa mesma caravela, perto da costa, com D. Francisco de Moura, ex-capitão-mór da Bahia, e com o mestre de campo Luiz Barbalho. Vendo este desfazer-se assim a armada, veio offerecer-se para desembarcar com a gente que ainda estava reunida naquelles navios e abrir caminho pelos matos até a Bahia, afim de reforçal-a. Sendo isto approvado, Barbalho partio com 1.500 homens, e o Conde de Bagnuolo, comquanto estivesse muito indisposto, veio á terra para vel-o seguir.

Alguns dos navios que estavam na costa se fizeram á vela antes da partida de Luiz Barbalho; dizem que uns pretendiam voltar á Bahia para carregar assucar, e que outros seguiriam para Portugal ou para as Ilhas.

Tal parece ser, com effeito, a verdade e assim ficamos livres da armada hespanhola. Deus o fez, e a honra pertence sómente a Deus!

Nesse entretanto, Luiz Barbalho seguio até Cunhaú, donde nos dirigio uma carta cortez, mui humildemente escripta, em que pedia quartel para os seus doentes e pessoas incapazes de marchar, e dizia não duvidar que lhes fossem guardados os usos da guerra; ao que S. Ex. respondeu enviando-lhe uma cópia authentica da propria carta de Luiz Barbalho e das instrucções assignadas pelo Conde da Torre e dirigidas a Camarão e a João Lopes Barbalho, nas quaes recommendavam que não déssem quartel a pessoa alguma, e matassem todos (os prisioneiros) ou os entregassem aos Tapuias para serem mortos e observou S. Ex. a Luiz Barbalho que aquella sua propria carta determinava o quartel (que elle pedia).

Notámos grandes differenças nos conhecimentos dos generos que vem da Hollanda com relação á conta dos fretes. As Camaras não observam a mesma norma e em geral os fretes contados nos seus respectivos conhecimentos não estão muitas vezes de accordo com a deliberação sobre fretes tomada pela assembléa dos Dezenove e a nós communicada, resultando dahi questões desagradaveis,

quando exigimos dos negociantes mais do que está nos seus conhecimentos, ou quando elles vêm que, pelo mesmo genero, uns pagam mais fretes do que outros.

Assim, por exemplo, a deliberação dos Dezenove não faz differença quanto ao frete do peixe secco (*stock visch*) que vem a granel, em volumes ou em barril; entretanto durante certo tempo distinguia-se, cobrando-se do peixe a granel 4 florins, em volume 6 e em barril 9 por 100 libras. Algumas Camaras obram sem distincção 3 florins por 100 libras, mesmo dos que vem em barris.

A deliberação dos Dezenove faz differença entre os volumes ou caixas que contém mercadorias de pouco ou de muito valor; quando as mercadorias são de pouco preço, manda estimal-as por medida; quando são porém tão preciosas que 2 °/₀ do respectivo valor importa em mais do que o frete por medida, as taxa em 2 °/₀. Entretanto chegam aqui caixas com mercadorias preciosas estimadas por medida, e que não pagam de frete metade do que deveriam pagar segundo o valor na razão de 20 °/₀.

Na conta dos fretes sobre molhados os conhecimentos tambem não estão de accordo com a deliberação dos Dezenove, não distinguindo entre barris grandes e pequenos. Enviamos uma lista do escriptorio geral, em que vão notados estes e outros abusos.

Algumas Camaras não organisam as suas facturas regularmente e não observam o modelo da Camara de Amsterdam, que devia ser seguido.

Quando a nossa frota esperava a hespanhola, tinhamos resolvido que o navio *Befaemde Susanna* carregasse por conta da Camara de Amsterdam; tendo posteriormente voltado os navios fretados e incorporados á nossa frota e pondo-se á carga, entendemos que aquelle navio devia seguir por conta da Camara de Groninga, onde fôra fretado. Como porém os negociantes da Parahiba carregaram nelle no presupposto de que seguiria para Amsterdam, como annunciámos, e podendo surgir difficuldades com esses negociantes no caso de sinistro em Scholbach ou em suas cercanias (que Deus tal não permitta), resolvemos que o *Befaemde Susanna* navegasse,

não para Scholbach, mas para o Texel e com destino a Amsterdam, por conta da Camara de Groninga.

Como nos falta tempo, responderemos pelos proximos navios mais circumstanciadamente sobre alguns assumptos de que tratam as cartas de V. S. e escreveremos largamente sobre tudo.

Com o que, nobres, honrados, prudentes e mui previdentes senhores, recommendamos VV. SS. á graciosa protecção do Omnipotente, para que seja servido dispensar a VV. SS. longa vida e prospero governo.

Recife, 2 de Março de 1640.

Sempre prestes a servir a VV. SS. *J. Maurice*, Conte de Nassau. *M. van Ceulen. Johan Gysseling.*

Por ordem dos mesmos, *S. Carpentier.*»

A seguinte carta do Conselho Supremo do Brazil aos directores da Companhia, de 7 de Maio do mesmo anno, contém as ultimas noticias sobre a heroica retirada de Luiz Barbalho pelos sertões da Parahiba e de Pernambuco, em demanda do rio de São-Francisco.

« Na nossa carta anterior communicámos que... ainda estavamos perseguindo as tropas que a armada hespanhola (não tendo alimento para tanta gente) lançara em terra acima do Rio-Grande, sob o commando de Luiz Barbalho e no intuito de seguirem para a Bahia pelos matos, e ao tempo da partida daquelles navios já tinham passado pela Parahiba.

Fizemos toda a possivel diligencia por cortar-lhes o passo e dar-lhes o tragico fim que merecia o seu cruel proposito de matar tudo, como o mostram as difficeis marchas dos Srs. coroneis Koin e Doncker e do capitão da guarda Charles de Tourlon.

Os Portuguezes, desleaes para com este Estado, foram a sua principal salvação : não os tivessem elles favorecido, ao passo que nos transviavam, as tropas inimigas não iriam tão longe. O alto e não trilhado caminho que seguiram pelos matos e a inacreditavel pressa com que proseguiram em sua marcha, sem olhar para pessoa alguma, deixando atrás de si os que não podiam avançar, deram causa a que escapassem ás nossas mãos. Não escaparam porém, sem que perecessem algumas centenas (entre elles nove capitães,

varios tenentes e alferes) tanto daquelles que não puderam resistir ás fadigas da marcha, como dos que se afastaram do caminho á procura de viveres,e que foram encontrados e postos por terra pelos nossos.»

Em carta de 9 de Maio, Mauricio transmittio a mesma noticia á assembléa dos Dezenove :

« A nossa carta geral dá as necessarias informações sobre o que aqui se passou, e por ella VV. SS. verão como Deus Omnipotente nos livrou tambem dos inimigos que vieram por terra da Bahia em numero de 2.000 homens, aos quaes se juntou Luiz Barbalho com 1.500 homens, forçados a desembarcar 13 leguas abaixo do Rio-Grande por mingua e falta d'agua.

Por diversas vezes e em differentes lugares o atacámos e destruimos muitos dos seus, bem como muitos pereceram de fome. Antes de poderem passar o rio de São-Francisco, perderam quasi metade, segundo todos os prisioneiros declaram, contando-se entre os mortes nove capitães, quatro tenentes e tres alferes, o numero dos soldados mortos não é conhecido. Para haver noticias, apprehendemos tres capitães, tres tenentes e cinco alferes e poucos soldados, visto como não se deu qnartel e todos os apprehendidos foram mortos (*overmits gun quartier ende alle de gene gecregen doot geslagen worden.*)

De nosso lado perdemos o major Picard, o capitão Lochmann, dois tenentes, quatro alferes, cerca de 160 soldados e mais de 30 indios. Em toda essa campanha e occasião os nossos indios se houveram com muita lealdade e valentia, tanto mais quanto sabiam que os inimigos não davam quartel a nós nem a elles.

E assim, graças a Deus, expurgamos outra vez toda a terra de inimigos, e o damno soffrido não é tão grande como certos commissarios levianos têm escripto e ainda hão de escrever para pagarem com isto a seus amos, enviando-lhes essas cartas em vez de retornos.

Foram queimados os dois ultimos engenhos que havia em Alagôas, e nenhum outro; as casas de Rosiére e de Wynandts (Parahiba) foram tambem queimadas, mas não os engenhos, o que não tem grande importancia.»

Entretanto não foi pequeno o damno causado por

Vidal nos cannaviaes da Parahiba, como mostra uma curiosa lista inserta nos *Notulos* ou actas do Supremo Conselho de 19 de Janeiro de 1640. Ahi se lê que ficara apenas na Parahiba a oitava parte dos partidos, cujas cannas naquelle anno podiam ser moidas.

Het oberoeblevene indic Capitanee wert gereeckent op een achtste deel van alle rietvelden die dit jaer nochte malen waeren.

O texto hollandez, de que me utilisei para a presente traducção, consta da collecção de cópias que pertence ao Instituto Archeologico de Pernambuco e que se acha em meu poder.

JOSÉ HYGINO.

Nota da Redacção:

Este trabalho foi publicado no *Jornal do Commercio* de 30 de Março, 8 e 20 de Abril, e 3 e 29 de Maio de 1894 sob o titulo: *Historia Nacional: Batalha de 1640.*

CARTA

DO

Dr. Carlos F. de Martius

CONTENDO OBSERVAÇÕES SOBRE
BOTANICA, VOCABULOS TUPIS E ORIGEM DAS TRIBUS AMERICANAS

Ao Illm. e Rev. Sr. Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Primeiro Secretario do Imp. Inst. histor. geogr. Rio de Janeiro. Illustrissimo e Reverendissimo Senhor!

A carta d. d. 13 de Setembro a. c., com que V. S. me honrou, dá-me o agradavel motivo de exprimir-lhe os sentimentos de alta estima e de prazer que sinto em communicar-me com um sabio distinto e dignissimo orgam d'aquella illustre corporação, que tanto trabalha para espalhar luzes no Brazil e no mundo inteiro.

Nada podia ser para mim mais lizongeiro, do que saber como o Augusto soberano do Brazil se dignou graciozamente d'exprimir a Sua Alta simpathia para a minha obra da Flora Brazileira. E' tal reconhecimento o estimulo mais efficaz para continual-a, assunto arduo e difficil, com todo vigor de que ainda estou capaz.

O genero humano depende em grande parte d'aquelle reino da natureza, que lhe subministra a materia tanto do berço como de esquife, e immensidade d'acções, que vivificam a industria e o commercio dos povos, tem por fundamento o conhecimento dos vegetaes. Quem então ajuda o conhecimento sistematico e literario das producções vegetaes d'aquelle sólo riquissimo do Brazil trabalha

para o bem ser dos Brazileiros. Esta consideração me tem decidido a sacrificar a minha vida literaria a tal empreza.

Si os governos illuminados da Europa já por mais de um seculo favorecem similhantes descripções de plantas indigenas illustradas por figuras (como, p. e., a celebre «Flora danica», a «Flora germanica de Reichenbach,» a «britanica» de Sowerby, a «franceza» de Bulliard, a «napolitana» de Tenore), os autores d'aquellas obras têm por objecto uma vegetação ha muito tempo conhecida, e que encerra poucos vegetaes novamente descobertos ou por uma refinada critica distinguendos. Em contrario d'isso, na Flora do grande imperio do Brazil, sem duvida uma das mais ricas do mundo, talvez o maior numero das especies apparece agora pela primeira vez no quadro do sistema universal das plantas. Unicos precursores da Flora Brazileira são algumas dissertações de Vandelli, a rica e benemerita Flora Fluminense do incomparavel Vellozo (cujo texto não appareceo completo, e está muito escasso em Europa), a Flora Brasiliœ meridionalis do distinto Augusto de S. Hilaire (que tambem não foi conduzida ao fim), e os refinados trabalhos do nosso agudissimo consocio o Sr. Freire Allemão.

Este eminente sabio me tem ajudado por varias communicações, de que em parte já pude aproveitar-me na obra; e espero, que elle agora me enriquecerá com algumas das suas descobertas na provincia de Ceará. Ali, antes, tinha somente herborizado o incançavel Gardner, que morreo como director do Jardim botanico de Peradenia na ilha de Ceilão, deixando os seus materiaes para publicações aos celebres botanicos Hooker e Bentham, que emriquecem o sistema tambem com as descobertas do Dr. Spruce nas provincias do Pará e Amazonas.

Emfim nomeio os dois bellos volumes de Pohl, algumas publicações francezas sobre o fruto da expedição da Castelnau, e russas sobre as viagens de Riedel e Langsdorff, e os rezultados das agudissimas observações de Schott e as plantas Sellowianas publicadas por Schlechtendal, Vogel e Chamisso em Berlim.

Entretanto todo esse material, tamanho que seja, unido a diversas publicações menores, que se acham

dispersas na literatura, não iguala em numero ao outro, de que disponho, communicado pelos herbarios de Vienna, Petersburgo, Berlim, Darmstadt, Paris, etc. etc. Mas estas collecções muitas vezes procuradas em cursos rapidos e entre varios incommodos estão muito longe de ser completas, de sorte que aos dignissimos botanicos do Brazil coube melhorar, corrigir e enriquecer os trabalhos de botanicos europeos, que expectam uma critica benevola e apreciadora das difficuldades que rodeavam os collectores e com que pelejam os autores, que devem introduzir tal material insufficiente no sistema.

Estimo, que as dissertações medicas, que mandei á bibliotheca do Instituto, achem o agrado da illustre companhia, e tenho intenção de continuar a remessa.

Por ora peço licença para offerecer ao Instituto uma lista dos nomes de animaes na lingua tupi. Foi este o rezultado de muito trabalho. Ella pertence àquella serie de vocabularios e dissertações ethnologicas, que me occupam ha 6 annos, e que, como me lizongeio, hão de adicionar algumas luzes à historia dos indigenas do Brazil. Portanto dezejaria dirigir a attenção de V. S. sobre as generalidades, que puz no introito, e peço a V. S., que permitta-me mais algumas observações sobre os Indios do Brazil.

Quando eu vi os primeiros indigenas (Coroados, Puris, Botocudos), eu vivia debaixo da impressão das idéas do grande Humboldt, o qual (deixando a questão sobre a origem dos Americanos e sem se mostrar ou monogenista ou poligenista) tinha apontado a conformidade dos autochtones do novo mundo, tanto somatica como psichica (exceptuando só alguns povos arcticos). N'este primeiro encontro eu não pensava, que *estes Americanos*, que se aprezentavam n'uma certa solidariedade, *poderiam ser uma população já profundamente misturada.* Não tem duvida, que se póde aceitar os Americanos como uma das grandes raças do genero humano (no senso de Blumenbach); elles aprezentam certa individualidade e unidade. As notas d'elles mais caracteristicas parecem unil-os; ellas lhes foram em grande parte imprimidas pelo antigo modo de viver como nomades e caçadores. Não obstante

isso penso agora (depois de 40 annos de observações e de estudos), que os Americanos são, como todas as outras raças, muitissimo misturados, e que aquella actual unidade, a que se attribue o nome de Americanos, não o é, emquanto nós olhamos a sua origem primitiva.

Penso, que vivem ainda na Azia povos com a maior similhança somatica possivel; que os antigos *Egipcios vermelhos* (quaes se mostram nas pinturas antigas) são do mesmo tronco, e que a população indiana do novo continente é o produto de varias e sucessivas immigrações, antiquissimas ou antehistoricas e recentes tanto de léste como de loéste. Isso me parece o cazo dos povos *semi-civilizados* montanhezes do Perú, de Cundinamarca, Iucatan e Mexico, que George Samuel Morton e a sua escola denominou os Toltecanos (Tolcetat em linguagem azteka quer dizer «architecto»), como com os *barbaros* da maior parte do continente e das ilhas Antillas. Até atrevo-me a proferir a hipotese, que estas immigrações em parte ja tinham tido lugar antes das grandes catastrofes, que deram ao Oceano a sua configuração actual (Cfr. Platão, Timœos cap. 24. 25.), e que diversas ilhas de coral (atol) do grande Oceano serviram de pontes ou de etapes para as pequenas frotas de Indios de léste, pontes que já não existem.

Não entrego-me aos argumentos; mas quero somente commemorar a singular distribuição de muitos vegetaes uteis ou quazi adhezivos ao homem, sobre as varias partes do mundo. Basta aqui dizer, como diversos fenomenos nas outras partes do mundo parecem provar, que o genero humano ja tem padecido immensas revoluções, e grandissimo reviramento. Não será conveniente mensurar os diversos gráos de cultura intellectual, religioza e politica, que offerecem as nações barbaras, e a falta de historia com a mensura applicavel aos povos civilizados.

Aquelles homens barbaros giravam pelo mundo n'um circulo viciozo (i. e. sem fim e sem rezultado), ha muitissimos seculos. A formação ou conglobação em povos e a evolução de linguagens se operava por cauzas e meios totalmente diversos d'aquelles, que se pódem observar em povos, que têm historia e escritura. Seguiam somente

impulsos materiaes e naturaes. A população barbara da America repete para nossos olhos, ha 4 seculos, o mesmo espectaculo. N'este vastissimo campo de ethnologia quazi primitiva não é o historiador, é somente o fizico, o naturalista, o linguista, que póde seguir os obscuros trilhos em busca da verdade. Esta convicção tão penivel ao filantropo, me tem animado a entranhar-me nos estudos abstruzos de linguagens e dialectos, e creio, que alguns rezultados merecerão o interesse dos sabios do Brazil.

Mas marcho mui devagar, tambem em razão das difficuldades na impressão dos vocabulos barbaros. Não entro no organismo sintaxico dos idiomas, que todos, sem excepção, parecem com muitos dos povos meio-civilizados da Azia, polisinteticos ou de aglutinação; mas mesmo a comparação de palavras dá ás vezes rezultados que nos sorprendem.

O caracter polisintetico se demonstra facilmente na lingua galibi, de que reproduzo no meo livro o diccionario na *Maison rustique de Cayenne* (1763), e outros idiomas, que eu ouvi, têm a mesma simplicidade. As artificiozas complicações de grammatica, que se encontram em muitos livros linguisticos da America, se podem d'esta maneira reduzir a uma organização mais simples; nem devemos julgar do estado mais artificiozo da lingua geral do Brazil, pois esta como franca espalhada em todo o Imperio e sobre as fronteiras d'elle (como a kechua e azteka) é muitissimo mudada pelos eccleziasticos que escreveram n'ella ou predicavam n'ella, e pelo uzo vulgar do povo brazileiro mesmo. Com o acento dôce da bella lingua portugueza tem perdido muito da aspreza original e recebido formas européas.

Como o sabio Buschmann tem descoberto vocabulos ou raizes da lingua azteka espalhados até ao alto norte e entre muitos povos diversos, assim a lingua tupi offerece palavras espalhadas entre outras muitas linguagens e dialectos, e ella encerra igualmente palavras alheias, mostrando-se tambem como misturada.

Eis alguns exemplos: *Bubunha* ou *Bubunia* é na provincia do Amazonas a palmeira gailicha speciosa mars. (o gachipaes de Humboldt), cujo fruto é o mais carnozo e

esca commun, com que os Indios engordam. A sua prezença em certos lugares juntamente com as taquaras (Bambusa) que ás antigas povoações de Indios serviram de trinxeiras, é indicio de que ali estavam em outro tempo povos unidos. Pois então este nome é composto de *Bubn* ou *Bubún*, que na lingua dos Araucanos (no Chile) quer dizer *caro fructus*, e de *ia* ou *nha* (*nhua*: Piso) que no tupi quer dizer *fructus*. *Bubun-ia* é então vegetal com fruta muito carnoza. Mas esta palavra *ia*, *nia* não apparece somente entre muitas linguagens americanas; nas ilhas Sandwich, *nia* é a palmeira *cocos nucifera* (que eu penso ter provado ser originaria não da India, mas da costa occidental de Centro-America); e na ilha Mallicolo *nia* é *inocarpus edulis*. Não posso persuadir-me, que estas similhanças sejam fortuitas; como *cavá* japonez *folium* aponta ao *caá* tupi folium, e *manhan* siamez *aqua* ao *manhan* botocudo fluvius. Nem será cazo fortuito, que *jaguar* na lingua kechua diz *sanguis*, na tupi *felis* onça. *Potura* tupi diz *flos*. Este vocabulo está composto de *po manus*, *digitus* e *ur*, *venire*, *erumpere*. Não teria senso, que *flos* é aquelle, que sae do dedo; mas *po* ou *bo* em muitas linguagens do Brazil oriental é *arbor*, *ramus*, e assim explica-se *potura* como o que sae da arvore; provando, com outros exemplos, que o tupi tomou vocabulos de outros povos. *Cari* é no kechua *homo*, *vir*. Os antigos Tupis se denominavam *Carijó*, *Carixô*, homines, viri.

Tenho argumentos, que os Tupis tinham contacto com os Indios, que a monarchia hierarchica de Manco-capac havia unido n'um imperio. Creio, que estes Tupis se devem considerar como uma confederação grande formada contra e em luta com aquelle imperio, e que a sua emigração do versante léste da grande cordilheira dos Andes foi effeito das derrotas, qu'elles padeceram. Os *Chiriguanos*, que no kechua quer dizer *rebeldes frios*, são Tupis. Elles ficaram até hoje na vizinhança do antigo imperio inca (chamei-os: Tupis occidentaes).

Os outros Tupis chegaram por *successivas* emigrações até a costa do Atlantico, onde acharam tribus mais fracas ou de cultura inferior (Trogloditas como os Goitacazes), ou não dormindo na rede (como os Aimorés ou Botocudos)

e o grande povo habitador do centro do Brazil, que eu nomeio os *Ges*, dividido em muitas hordas ou tribus (Caiapós, Xerentes, Xavantes, Xicriabás, Geicó, Masacará, Acroás, Apinagés, Aponegicran, Parecamecran, Caraho, Camacan, Mencens, Cotoxós). Estes Ges occupavam no tempo da conquista a maior parte do continente agora conhecida (serviram de alliados aos Olandezes emquanto os Tupis estavam da parte portugueza), e foram lançados pela organização militar d'estes muito mais desenvolvida *verso loeste*. Por esta razão os Tupis os appelidavam *Tapuia*, que *não* diz *barbaros*, mas os que moram *verso oeste*. «Dejecta membra» d'estes *Ges* foram lançados muito longe. Os Tecunas no alto Amazonas pertencem ao mesmo povo.

Um outro povo é aquelle, que eu chamo os *Coco* ou *Guck*. Elles são os *tios* como os Tupi são os *viri*, pois *Coco* ou *Guck* nas suas linguagens é *tio*. Os *Guck* são muitissimos e divididos em muitas hordas. Parecem ter espraiado do centro montanhozo da Guiana, fazendo seu giro em rumo opposto aos Tupis. Chegaram até Moxos, até a Bahia (Sabuja, que è appellativo ignominiozo, *Ratus*) atè a serrania de Cariri (Cariris). Verso loéste elles estendem-se até o Javari (Maoruna, Caripuna ou Jaunavo, i. e., *viri flavii vel aquae domini*. Verso o norte (no territorio amazonico) ali permanecem os Maranhas, Mocupis, Manáos, Barés, Uainumas, Tarianas, Passés, Cauixanas e muitos outros).

Os Tupis marchando sempre á beira do Atlantico, chegaram até o Amazonas, ganharam o habito de navegantes, e entraram até o alto Amazonas (aonde seos consanguineos os Omáguas tinham talvez vindo por outro caminho (sobre os confluentes mais occidentaes) uzurpando o costume peruviano de formar-se cabeças xatas (*inde* Camperas, isto é: *Acanga peba dicti)*. Chegaram até as bocas do Orenoco. Fizeram-se navegantes e piratas, unindo-se a hordas de similhantes costumes. Misturando-se com diversos formou-se aquella cruel e bellicoza *colluvies gentium*, que chegaram d'uma ilha, e d'uma costa do continente a outra, e inquietavam os pacificos moradores das ilhas Antilhas grandes, aonde em grande extensão moravam os Aruás, Arraiacos ou Aroaquis. Estes piratas,

calàmidade horroroza das tribus fracas, cujas invazões extendiam-se até as costas de Darien, são os *Carahibas*, que se prezume um povo, quando não eram sinão os inimigos de todos os outros : *Cari-aiba*, isto é, *homines mali*. Este prezumido povo de Carahiba reune diversas qualidades de gentes. Os Carahibas do mar antilhano são o mesmo fenomeno, que no Tocantins aprezentam os formidaveis Canoeiros, cujo elemento principal pertence a diversas hordas do povo Ges : Xerentes, Xavantes, Acroás, Xicriabas, etc.

No Amazonas a mesma mistura facinoroza, de costumes nomades e rapaces como os Siganos, são os *Muras*. Este nome diz: *hostis*. Os Muras são tambem compostos de varios elementos, prevalecendo o dos Tupis.

Generalizando o que os meos estudos acharam em diversas populações barbaras da America, constituo-me em crer grandissima parte d'ellas de origem commun. Ellas pertencem todas a um só povo antigo ou ramo da arvore do genero humano. As suas linguas são, na raiz *una*, por varios modos desde tempo immemorial até os nossos dias successivamente transformadas e continuamente desfiguradas. As mutações, que estas linguagens padeceram e ainda de dia em dia padecem, são tantas e tão radicaes, que frequentemente é impossivel reconhecer a dependencia de um vocabulo da sua raiz, mudando-se uma vez as vogaes, outra vez as consoantes, de sorte que a filiação somente se póde reconhecer e a raiz descobrir pela comparação de muitos membros da série. As mudanças são o produto não só da influencia dos lugares e em geral da natureza onde se vive (topicas, geograficas), não só da conformação organica e da *vis inertiæ* do homem inculto (fiziologicas), não só dos seos costumes (ethnologicas), não só dos cazos e accidentes (historicas), opposições ou amizades nacionaes (si se quer attribuir *nacionalidade* á tal gráo de inferioridade), mas ellas são tambem de vez emquanto *espontaneas*, de mutua conveniencia (ou por «ordre de mufti» para não serem intelligiveis a outros povos.

Estas convicções scientificas, que tenho a honra de communicar á V. S. em breve debuxo, me parecem indicar

como seria utilissimo e summamente no interesse do Brazil, que a *lingua geral*, que dois seculos antes foi falada quazi em todo o imperio por muitos brancos, seja ainda agora fomentada por todos os meios e estendida em todos os territorios, aonde vivem Indios. Façam-se todos os esforços para que ella, como lingua verdadeiramente geral e franca, seja substituida a todas as geringonças, e que estas, meio e rezultado das divizões e inimizades perpetuas dos autochtones, mais e mais desvanesçam.

Para trazer á cultura e civilização os Indios, e para os fazer uteis membros da população, suprindo os braços dos negros, nada servirá tanto como a communidade da lingua. Unam-se então as vistas da economia politica a estes de uma verdadeira filantropia, que dezeja salvar aquella infeliz raça de homens, agora abandonada á destruição. Foi esta consideração filantropica, que me conduzio dentro d'estas indagações tão distantes dos outros meos estudos; e si algumas vezes me senti cansado, erigi o animo pela sentença de S. Agostinho (De Civitate Dei, cap. 7): *Linguae unitas et similitudo firmissimum est vinculum societatis humanae et religionis!*

Peço, que V. S. se digne de communicar-me as suas vistas sobre este assunto.

Muitas outras observações, de que não falei, poderão ser objecto de communicação futura, e peço, que V. S. me indique o caminho, que lhe parecer mais seguro para a nossa correspondencia.

Sinto muitissimo, que até agora não podesse aproveitar me de todas as luzes, que emanam da *Revista Trimensal*, pois este periodico preciozissimo e em Allemanha apreciado em seo valor, não chegou completo aqui. Tomo a liberdade de incluir a nota do nosso bibliothecario academico, Sr. Wiedmann, que indica por letras vermelhas o que falta nos dois exemplares da bibliotheca real e da bibliotheca academica.

O exemplar particular á mim é ainda mais defeituozo; pois contém sómente os volumes seguintes:

Serie I. Vol. 1, 2, 3, 4, 5.
Serie II. Vol. 5.
Serie III. Vol. 15 (da 3ª serie 2). 20, 21.

Recommendo-me á bondade de V. S. para, si fôr possivel, suprir estas lacunas.

Tomo a liberdade ajuntar aqui alguns folhetos com assuntos botanicos: 1.°, sobre o caracter do genero da quina (cinchona), cuja cultura nas materias de montanhas do Brazil seria interessantissima, como já foi introduzida pelos Hollandezes em Java e ha de ser introduzida nas montanhas da India pelos Inglezes (cuja expedição já sahio para buscar arvores e sementes no Perú); 2.° sobre um fungo parazitico, que nasce n'uma lagarta de papelão e serve d'isca de fogo no Brazil; 3.° sobre os nomes tupis dos animaes.

As outras minhas publicações menores academicas serão, como espero, regularmente mandadas ao Instituto. Em todo cazo, quando V. S. julgar-me proprio para servir a essa illustre corporação, queira dispôr da minha boa vontade.

Tenho a honra de ser com os sentimentos da mais alta estima de Vossa Senhoria Reverendissima, humilde criado e venerador. *Dr. de Martius*, conselheiro intimo de S. M., Secretario da classe mat. e fiz. da Real Academia de Sciencias.

Munich 8 de Novembro de 1861.

NECROLOGIA

DO

Dr. Jozé Soares de Azevedo *

Sob esta epigrafe abro uma nova secção n'este relatorio, para mencionar as perdas cauzadas pela morte no pessoal docente e administrativo do ensino publico provincial.

E' uma pagina de luto, que aqui intercalo, um tributo de saudade e uma divida de gratidão pagos á memoria d'esses obreiros do progresso, que morreram em seo posto de honra, trabalhando em prol da mais nobre e santa das cauzas.

Em numero de onze foram esses contra quem ultimamente desferio a morte seo golpe fatal e d'esse illustre cortejo de lidadores, cujo obito tenho de registrar aqui, destaca-se o vulto venerando de Jozé Soares d'Azevedo, o décano, que era, dos professores e mestre d'elles, o filozofo, o literato, o poeta, falecido aos 8 de Maio.

Não cabendo n'este lugar a biografia de tão prestante e distinto varão, limito-me a referir as principaes datas e factos d'essa vida toda de devotação aos mais elevados e grandiozos interesses da sociedade.

Nascido em Portugal, na cidade do Porto, no dia 17 de Março de 1800, e havendo ahi começado seos estudos,

---

*-Esta necrologia é extrahida do relatorio aprezentado em 31 de Janeiro de 1877 pelo Dr. João Barbalho Uxoa Cavalcante, inspector da instrução publica de Pernambuco ao prezidente da provincia.

veio, aos 11 annos, para o Brazil em companhia de um seo tio, com quem se demorou cinco annos na cidade de São-Luiz do Maranhão, e voltando áquelle reino, na idade de 16 annos, matriculou-se na faculdade de sciencias naturaes da Universidade de Coimbra. *

Em 1817, deixando seo paiz, que o não teria mais de ver, foi continuar os estudos em Pariz, onde em 1821 recebeo o gráo de bacharel em letras.

Foi na mesma cidade que em 1818 publicou as suas «Considerações sobre a séde da monarchia portugueza», importante memoria politica em que revelou mais uma bella feição de seo talento, e que mereceo elogios de homens competentes.

De volta ao Maranhão, em 1821, sua pena e sua palavra pol-as elle e com vantagem ao serviço da grande cauza nacional, pugnando pela independencia do Brazil, e aos 19 de Junho de 1824 jurou a Constituição, adoptando este paiz por patria de sua eleição.

Associado a uma caza commercial, permaneceo na cidade de São-Luiz do Maranhão até o anno de 1829, em que, mal sucedido nos seos negocios, passou á provincia do Pará, onde na cidade de Belém teve de exercer o modesto lugar de guarda-livros de uma caza de commercio, como unico recurso para manter-se.

Não abandonou porém a politica, a imprensa e as letras, redigindo os periodicos «Opinião» e «Despertador» e escrevendo a broxura o *Pará em* 1832, que lhe creou indispozições e difficuldades, por força das quaes, depois de ter ido ao Rio de Janeiro, em commissão com outros, para reclamar da regencia as providencias politico-administrativas, de que carecia então aquella provincia, preza das paixões partidarias, foi levado a voltar para o Maranhão, retirando-se depois para a côrte.

---

* Uma grande parte d'estes apontamentos são colhidos da importante «Noticia Biografica» pelo Dr. Francisco de Carvalho Soares Brandão, lida na sessão funebre do Instituto Archeologico Pernambucano, celebrada em commemoração e homenagem ao velho professor, prezidente da mesma sociedade, e o resto, parte haurido dos archivos d'esta repartição e da secretaria do governo, e parte proveniente de informações particulares.

Na côrte fez parte muito conspicua da sociedade «Defensora da liberdade e independencia nacional», a cujos intuitos servio com maxima dedicação na imprensa, na tribuna e em clubs politicos.

Em 1834 publicou o livro «Da instituição do jury e seo processo na Europa e na America», que vertera do inglez.

Mas seos destinos o chamavam a uma outra missão não menos nobre e generoza, não menos digna de tão esforçado campeão.

Trabalhára até ahi pela emancipação politica; restava-lhe ainda cooperar na grande obra da emancipação intellectual, que teria de consolidar aquella, e na qual lhe estava rezervado um brilhante papel.

Apostolo da liberdade sabia, que esta preciza ser cimentada e robustecida com a instrução e que a peior de todas as servidões é a ignorancia.

E eil-o estabelecendo o collegio Emulação, que passa por ter sido o primeiro instituto em seo genero regularmente constituido na côrte, onde servio de modelo a instituições identicas posteriormente ahi organizadas, e foi com sacrificio sustentado e dirigido por elle durante trez annos.

Malogrado assim e tão cedo esse seo primeiro tentamen, nem por isso se lhe arrefeceo o animo, e coadjuvado por professores muito habilitados, que contratára em Portugal, veio fundar n'esta cidade o « Collegio Pernambucano » em 1839, que, havendo começado com tão bons auspicios, só pôde entretanto subsistir até 1842, attribuindo alguns este facto, entre outras cauzas, á divergencia e desgosto que lavraram entre o fundador e os mestres do instituto.

No 1° de Março de 1841 o governo provincial, aproveitando sua vocação e provado talento, com muito acerto nomeiou-o lente da cadeira de lingua franceza do Licêo, lugar que exerceo até 1855, quando na organização do Gimnazio provincial de Pernambuco em que aquelle foi convertido passou a reger ahi a cadeira de lingua e literatura nacional, sempre com muito grande aproveitamento de seus alumnos.

Desde o encerramento do « Collegio Pernambucano» e sem prejuizo de suas funções de professor publico, que sabia exercer com vocação e zelo inexcediveis, lecionou particularmente as linguas nacional e franceza, geografia e historia, filozofia e retorica.

Em 1857 publicou na *Revista Brazileira* a importante «Memoria Analitica da Confederação dos Tamoios», muito elogiada pelos entendidos.

Foi o mestre de uma grande parte de Pernambucanos illustres e teve o prazer de contar muitos de seos antigos discipulos entre os individuos que têm occupado e occupam hoje pozição eminente na nossa sociedade. Muitos devem ao seo ensino, e mais que isso, aos conselhos, esforços e animação do sabio e devotado preceptor não pouco do que vieram a ser.

Alquebrado pelo trabalho e vergado pelos annos, foi, a 26 de Abril de 1875, jubilado na cadeira que exercia no Gimnazio, sendo melhorados os vencimentos de sua apozentadoria para receber integralmente os do lugar que deixara, por lei n. 1.213 de 21 de Junho do mesmo anno.

Não foi porém sómente na qualidade de professor, que prestou seus bons serviços ao ensino publico.

Por occazião de reorganizar-se em 1855 o serviço da administração escolar, havendo sido creado o conselho director da instrução publica, foi um dos nomeados (em 16 de Agosto) para com outros compol-o, e a 16 de Dezembro de 1874 foi para o conselho literario, que sucedeo áquelle, tendo sido em ambos um dos mais prestantes auxiliares dos chefes d'esta repartição. Deo 129 pareceres, sendo relator em 73, e comparecendo a 157 sessões e conferencias.

No exercicio de minhas funcções tive muita vez de recorrer, official e particularmente, a seos autorizados conselhos e ultimamente, apezar de já cansado e doente, não se negou a collaborar comigo nos trabalhos da organização do regimento interno do Gimnazio Pernambucano, cujo projecto em boa hora submeti á sua apreciação.

Interinamente exerceo o lugar de director do Licêo, de 23 de Junho a 31 de Agosto de 1855, e o de chefe

d'esta repartição de 16 de Agosto de 1860 a 16 de Janeiro de 1861, de 1 de Abril a 13 de Junho do mesmo anno, de 29 de Abril a 17 de Julho de 1865, de 12 de Fevereiro a 23 de Setembro de 1866, de 17 de Janeiro a 12 de Fevereiro de 1867, de 2 de Março a 24 de Maio de 1868, e finalmente de 4 a 8 de Maio do corrente anno, quando a morte o arrebatou, tendo sabido sempre corresponder á confiança dos que o nomearam e mostrando-se administrador activo, experimentado e de vistas largas, como era de esperar de quem reunia tanta e tão provada proficiencia e habilitação.

Consumado literato, era entre nós como que um oraculo e arbitro em materias de letras.

Mas não era só professor, administrador e amigo das letras : seos muitos e constantes trabalhos não o impediam de dar-se tambem ás muzas, cultivando a poezia apezar d'elles e por entre elles, e brindando os leitores de nossos principaes jornaes, cujas paginas illustrava, com mimozas compozições poeticas e literarias, que tencionou e não pôde colligir e publicar em volume.

Fizera parte da directoria do theatro Santa Izabel, e em muitas commissões scientifidas e literarias prestou ao governo o auxilio de seu saber e illustração. Nos exames e concursos, não só para o magisterio, mas tambem para empregos de fazenda e administração, muitas vezes fez parte das commissões respectivas, e ultimamente fôra relator da commissão nomeada para examinar e avaliar a copioza e variada collecção de jornaes que foram comprados ao capitão Caetano Pinto de Véras para a bibliotheca provincial.

Aos 8 de Maio de 1876 o velho que empregára no sacerdocio do ensino o melhor de sua existencia, o legendario apostolo da instrução, rendeo o alito supremo, abraçado ainda ao lábaro, sob cujas dobras pelejara durante sua longa vida, quando interinamente estava exercendo, por impedimento do effectivo, o lugar, que assumira havia apenas quatro dias de inspector geral da instrução publica.

O Instituto Archeologico Pernambucano, de que fôra um dos fundadores, secretario perpetuo e por ultimo

prezidente, a « Sociedade Propagadora da Instrução » a que pertencia, e o conselho literario deque era um dos mais distinctos membros, fizeram celebrar, em honra sua, sessão funebre e officios religiozos.

Além de um nome muito venerado, deixou por herança unica a seos filhos os livros de sua bibliotheca, que a assembléa provincial por lei n. 1245 de 17 de Junho do anno passado, art. 23 § 20, mandou comprar-lhes para a bibliotheca publica.

VISCONDE DE BEAUREPAIRE ROHAN

(ESBOÇO BIOGRAPHICO)

A's 4 horas da manhã de 10 de Julho do corrente anno de 1894, exhalou o ultimo suspiro em sua residencia á rua das Laranjeiras n. 131, no Rio de Janeiro, o laborioso e puro servidor do Estado, cujo nome encima estas linhas de bem deficiente biographia.

A elle, como resumo de toda a longa existencia, é que bellamente cabe o qualificativo de intemerato, isto é, impolluto, livre de macula, tão frequentemente empregado com significação diversa da que deve ter e feito erradamente synonimo de imperterrito.

Sem mancha, com effeito; chegado aos derradeiros momentos, poderia o illustre varão voltar-se, como que no cimo de elevada montanha e olhar longe, muito longe para traz de si; não enxergaria na espaçada e bem preenchida vida senão actos que grandemente a nobilitaram e de que sempre emergiram, na serena esphera moral, proveito para a patria e brilho para a sua honrada personalidade.

Filho do marechal de campo reformado Jacques de Beaurepaire, veterano da Independencia, e de D. Maria Margarida Skeys de Rohan, senhora de origem irlandeza e nobre ascendencia, nasceu, a 12 de Maio de 1812, em Sete Pontes, municipio de Nitherohy, em uma modesta propriedade, comprada em 1811, pelos pais e que ainda hoje pertence aos descendentes.

Era o primogenito dos mais irmãos, Luiz, que tambem foi militar e falleceu a 6 de Fevereiro de 1889; Amadeu, o qual morreu aos 21 annos em Porto Alegre, quando dava as mais fundadas esperanças de fulgente carreira, e D. Elisa, notavel por sua formosura e virtudes, depois dama da Imperatriz D. Theresa Christina Maria, a quem acompanhára desde Napoles, indo buscal-a na esquadra commandada pelo chefe de divisão e seu tio Theodoro de Beaurepaire, em 1843, posteriormente casada com o diplomata Pinto Peixoto e fallecida a 24 de Outubro de 1873.

Desde muito criança seguio Henrique, por tradição de familia, a profissão das armas, em que tanto se haviam distinguido os conhecidos antepassados. Assentou praça, ou fizeram-lhe assentar praça, aos sete annos de idade, a 9 de Junho de 1819, sendo reconhecido primeiro cadete por decreto real daquella data.

Dez annos depois, foi promovido a alferes a 18 de Outubro de 1829, quando exercia o cargo de amanuense da secretaria do commando das armas da provincia do Piauhy, em cujo caracter se achava o pai, de quem passou a ser ajudante de ordens.

Veio depois estudar o curso da primitiva Imperial Academia Militar, cujo quarto anno frequentou em 1833, distinguindo-se bastante n'elle a par de collegas e companheiros, que entre nós representaram papel bem marcante nas sciencias e nas armas, Antonio Manoel de Mello, depois seu cunhado, Christiano Benedicto Ottoni, o unico sobrevivente hoje daquella notavel turma de alumnos, Albino de Carvalho e outros.

E' d'esse tempo, e foi citada por occasião do seu fallecimento, a seguinte quadrinha charada, que tem o merito de indicar o typo de Beaurepaire Rohan, dando-lhe a feição e a caracteristica physica por elle conservadas no correr de quasi toda a existencia:

« Exprimo belleza em França,
Covil na mesma nação;
Alto, magro, claro, louro,
Os meus signaes aqui estão. »

Tenente a 19 de Junho de 1835 e capitão dous annos depois a 11 de Setembro de 1837, entrou para o imperial corpo do engenheiros, no qual logo prestou os melhores serviços, aceitando, muito embora a sempre debil saude, as mais penosas commissões para pontos distantes da capital do recem-creado Imperio.

Foi por esse modo, que percorreu e, para assim dizer, palmilhou todas as provincias centraes e do Sul, Goyaz, Matto Grosso, S. Paulo, Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul e não poucas do Norte, internando-se, elle sózinho e desprotegido, nos mais fundos e invios sertões, sem olhar a perigos, soffrimentos e sacrificios.

E só quem arrostou as canseiras diarias, as difficuldades de continuo renovadas e os tropeços inherentes a semelhantes jornadas, ainda mais gravosas nos tempos de outr'ora em que as communicações mal passavam da limitadissima faixa do littoral atlantico, só esse é que póde devidamente aquilatar o muito que teve Beaurepaire Rohan que supportar e vencer.

Tambem das dilatadas explorações, que lhe tomaram mais de metade de toda sua carreira profissional como engenheiro militar, resultou estudo tão serio, particular e minucioso do Brazil, que, sem medo de erro, póde asseverar-se ter sido um dos homens que mais larga e exactamente conheceram este vastissimo paiz.

E era de vêr-se o escrupulo que punha ás menores informações, por ventura pedidas. Nunca ficava satisfeito com o gráo de veracidade e exacção que lhes imprimia. Uma vez tambem ministrada, não havia a discrepar, tanto mais quanto, com a modestia que engrandeceu e caracterisou o seu profundo saber, não recuava diante de um conciso e eloquente — «Não sei» — quando é commum proporem-se as mais absurdas explicações para fugir a tão sincera e elevada confissão.

Assim, na lingua túpica, em que era vastissima e solida quanto possivel a sua erudição ; assim em tudo que se referia ás cousas brazileiras e a muitas espheras das sciencias e dos conhecimentos humanos.

Relativamente a tão vasto circulo de instrucção, foi, de certo, limitado o numero de obras e escriptos que

nos legou. Todos elles, porém, se assignalam por esse bellissimo cunho que deixamos apontado. Póde-se confiar cégamente no que affirmam.

Demais, innumeras peças officiaes, muitos relatorios parciaes e pareceres existem mergulhados nos archivos dos diversos ministerios e deveriam ser de lá desentranhados, pois n'elles se patenteiam á evidencia as eminentes qualidades de escriptor e de sabio, que distinguiam Henrique de Beaurepaire Rohan.

Destacaremos os «Relatorios sobre as seccas do Ceará e a Ilha de Fernando de Noronha», de todos os pontos de vista verdadeiros modelos no genero e contendo as mais variadas, uteis e substanciosas noticias em sciencias naturaes e medidas administrativas.

Por ordem chronologica lembraremos aqui—e a lista é incompleta—as principaes publicações com os respectivos annos :

« Viagem de Cuyabá ao Rio de Janeiro pelo Paraguay, Corrientes, Rio-Grande do Sul e Santa Catharina», em 1845 ; « O Campo do Ypiranga», em 1855 ; « Considerações ácerca dos melhoramentos de que em relação ás seccas são susceptiveis algumas provincias do Norte do Brazil», em 1860 ; «A Ilha de Fernando de Noronha, considerações em relação ao estabelecimento de uma colonia agricola penitenciaria», em 1865 ; «Projecto de reorganisação do Corpo de Saude», em 1867 ; « Relatorio da Commissão Geral do Imperio», em 1875 ; «Estudos ácerca da organisação da carta geographica e da historia physica e politica do Brazil», em 1877 ; «O futuro da grande lavoura, da grande propriedade do Brazil», em 1878 ; « O primitivo e actual Porto Seguro» * em 1881; « A emancipação considerada em suas relações moraes e economicas», em 1883 ; « Diccionario de vocabulos brazileiros », em 1889, etc.

Aquella descripção de viagem, o primeiro trabalho impresso de Beaurepaire Rohan, abriu-lhe as portas do *Instituto Historico Brazileiro* a 10 de Junho de 1847.

---

* *Revista Trimensal* do Instituto Historico vol. 43, pag. 5, parte 2ª.

Reproduzida na *Revista Trimensal* * é muito interessante, apezar do restricto quadro em que a encerrou o autor. Dos raros daquella época, fallou-nos do sombrio e mysterioso Paraguay, onde visitou o velho e famigerado caudilho Artigas, retido alli pelo systema governamental do despotico Francia e do astuto Carlos Lopez, assim como o sabio e inoffensivo Bonpland, o sempre lembrado amigo do grande Humboldt.

Foi esta a vez unica, em que o nosso incansavel viajante sahiu do Brazil, atravessando, aliás, e em rapido transito uma nesga de terra estrangeira. Muito embora os vehementes desejos, ainda ha bem pouco tempo externados, jámais transpoz o Oceano afim de percorrer o velho continente, terra dos seus avoengos, e conhecer a sociedade européa, onde não poucos parentes occupam invejavel posição no mundo.

Com o tempo, entretanto, fôra Beaurepaire Rohan subindo de posto, aproveitado na especialidade, em que tanta reputação grangeou, por todos os governos.

Sem exagerações, a que, aliás, se não prestava a sua indole cordata e cheia de doçura, filiou-se, em politica, ao partido liberal moderado e, n'esse caracter vio-se nomeado presidente da provincia do Pará, por carta imperial de 4 de Abril de 1856 e depois da Parahyba, por decreto de 3 de Setembro de 1857.

No Paraná, onde exerceu largo tempo o cargo de engenheiro do governo, deixando o nome ligado a importantes projectos na viação publica e a valiosas obras na estrada da Graciosa, do porto de Antonina á cidade de Corytiba, fôra vice-presidente por nomeação de 27 de Julho de 1855 e concorrera para a definitiva organisação daquella formosa região em provincia autonoma, separada da de S. Paulo a 19 de Dezembro de 1853.

E em todos os pontos que visitou e onde permaneceu mais ou menos demoradamente, por mais remotos e primitivos que fossem ou sejam ainda hoje, decorridos tantos e tantos lustros, é a sua lembrança perpetuada e popular,

---

* Vol. 9, pag. 376.

regalia de que poucos, com certeza, jámais gozaram e que emana directamente de grandes qualidades intimas da alma e do coração, suavidade, lhaneza, condescendencia, affabilidade e incessante altruismo, bem raros no commum dos homens.

Por toda a parte onde esteve Beaurepaire Rohan, ahi ficou uma semente de sympathia de que nasceu mimosa planta, curiosamente vivaz e resistente, não só á acção destruidora do tempo, mas tambem á mudança tão vária das impressões humanas, como que a contrariar a sentença latina *tempus edax, homo edacior.*

Quem escreve estes apontamentos encontrou, com effeito, em pontos bem distantes e obscuros de Matto-Grosso, no anno de 1866, e do Paraná, duas décadas depois em 1886, tocantes provas da fiel estima e extremecido apreço que cercava o seu nome de familia estropeado, pois o chamavam simples e abreviadamente o Sr. *Borpé.*

D'esses lugares, dos sertões immensos, dos seus rusticos, mas leaes habitantes, dos indios com que convivera em plena floresta e na mais primitiva liberdade, fazia elle tambem o circulo das mais gratas e saudosas reminiscencias e zelosamente conservava quanto podia por cartas as relações de amizade conseguidas nos tempos das grandes viagens.

E com que interesse fallava sempre dos silvicolas, com que dôr e indignação se referia ás injustiças e aos padecimentos a que estão tanto e tanto sujeitos os ingenuos e infelizes filhos dos primeiros donos da terra brazileira! Tudo quanto a elles se referia, costumes, linguagem, dialectos, ceremonias, tradições, lhe merecia a maior attenção, os mais cuidadosos interrogatorios e indagações, tendo se constituido n'esses assumptos, e particularmente na glottica dos nossos indigenas, verdadeira e severa autoridade.

Quanto criticava o esforço sem duvida sincero, mas desastrado, do illustre Dr. Carl von Martius no seu *Glossaria linguarum brasiliensium,* em que reunio a esmo as mais suspeitas e levianas informações e, procurando combinal-as umas com as outras, andou a tirar deducções de todo o ponto falsas e abstrusas! No seu afan de deslindar

etymologias indicas, chegou a subordinar ao tupy-guarany appellidos de cidades e povoações do Pará, que são incontestavelmente de méra origem portugueza, chrismadas, como haviam sido, por ordem do marquez de Pombal!

Em todas as provincias que percorreu Beaurepaire Rohan, foram sempre os seus menores lazeres aproveitados em colher noticias individuadas sobre historia e geographia a ellas peculiares, tomando logo apontamentos para depois coordenal-as. Tornára-se já um habito. Tambem devem ser numerosos os manuscriptos do seu archivo.

Se não os entregava á publicidade era pelo exagerado escrupulo, a que já alludimos, e que o dominou toda a vida. Queria sempre e sempre verificar e tornar a verificar factos e datas, cotejar novos elementos de confirmação, ter toda a segurança no valor das origens consultadas, não claudicar no minimo ponto.

Excellente, aliás, o seu methodo de trabalho, a que posteriormente deu maior extensão. Não escrevia seguidamente e em cadernos de papel a summa das suas pesquizas, porém sim em folhas destacadas que dispunha depois em ordem alphabetica, separadas em massos e pastas.

Assim, tudo quanto se referia á lettra A, B, etc., até Z, tendo por isto toda a facilidade para emendar, cortar ou ampliar, sem prejuizo do que já estava feito e em elaboração e andamento.

No meu poder existe um dos seus manuscriptos mais antigos, copioso nas mais curiosas indicações *Annaes da provincia de Matto Grosso*, esse em 18 cadernos de papel almaço *in-folio* com 177 paginas numeradas contendo, anno por anno, desde 1718 até 1824, a relação dos principaes successos que se deram naquella afastada zona, a que Beaurepaire Rohan consagrou sempre particularissimo affecto, como em geral acontece com quantos lá estiveram e a visitaram.

E por que será que Matto Grosso costuma despertar em tantos essa intensa sympathia? Talvez pelas alongadas distancias que o segregam do resto do mundo, tornando-o mais credor de interesse esse mesmo apartamento, a solemne solidão a rodeal-o de todos os lados em suas quasi interminas fronteiras.

Incutindo-lhe este facto um quê de sigillo de envolta com a grandiosidade sempre ligada ao deserto, afigura-se-nos, ainda mais, injustiça da sorte o isolamento a que é condemnado por força das circumstancias.

Ministrou-me Beaurepaire Rohan aquelle manuscripto para me proporcionar mais uma fonte de consulta na feitura do livro, cuja primeira parte publiquei em começos de 1891 e appareceu tambem na *Revista Trimensal* do Instituto Historico — *A cidade de Matto Grosso* (*antiga Villa Bella*), *o rio Guaporé e a sua mais illustre victima* — livro escripto por especial e honrosissima incumbencia de S. M. o Sr. D. Pedro II, já então no admiravel exilio — uma das mais bellas paginas da historia da humanidade — e que por isto foi respeitosa e commovidamente dedicado á sua augusta Pessoa.

Em um trecho, sobretudo, muito me servio a graciosa posse do manuscripto de Beaurepaire Rohan, pois elucidou da maneira mais inopinada e completa, grave duvida com que eu esbarrára e a respeito da qual não havia encontrado nada que me guiasse com acerto.

Tratava-se do seguinte :

De que modo, fallecendo, a 21 de Janeiro de 1809, o benemerito coronel de engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra no forte de Nova Coimbra por elle tão gloriosamente defendido contra os hespanhóes em 1801, foram os seus restos parar na igreja de Santo Antonio dos Militares, em Villa Bella, á margem do Guaporé, centenas e centenas de leguas distante ?

Conservavam-se mudos os muitos e velhos documentos que compulsei, quando á pagina 161 do original em tão boa hora fornecido, se me deparou inteira a explicação.

E seja-me licito, pela alegria que então experimentei e como homenagem ao genio pesquisador do nosso biographado, transcrevel-a aqui na integra :

« 1809

« A 21 de Janeiro morreu em Nova Coimbra o coronel Ricardo Franco de Almeida Serra, que valorosamente defendera, em 1801, aquella fortaleza.

« Quando em Cuyabá se soube que havia enfermado, enviaram-lhe alguns medicamentos; e,bem que a canôa que os levava fizesse em 5 dias a longa viagem de quasi 200 leguas, não foi isso bastante para salvar tão preciosa existencia. O general João Carlos Œynhausen (depois marquez de Aracaty), querendo honrar a memoria desse sabio e illustre official, ordenou que se trasladassem os seus ossos para Villa Bella, onde, com effeito, chegaram a 28 de Julho de 1810. Em 24 de Agosto seguinte, mandou-lhe fazer um officio funebre, a que assistio numeroso concurso, composto das autoridades civis e militares e do povo. »

Encerra esse inedito, incutindo-lhe muito valor, numerosos dados extrahidos dos *Annaes do Senado da Camara de Villa Real de Nosso Senhor do Bom Jesus do Cuyabá*, repositorio ha muito entregue ás traças e á destruição e cuja consulta se vai tornando hoje em dia quasi impossivel, ou, pelo menos, em extremo penosa. Ficarão perdidos, como infelizmente já se perderam os tão preciosos *Annaes do Senado da Camara da Villa Bella da Santissima Trindade de Matto Grosso*.

Quando instei com Beaurepaire Rohan para que offerecesse o manuscripto ao *Instituto Historico*, afim de ser inserido na *Revista Trimensal*, respondeu-me apressadamente e com certo arrepio até : « Ah ! não, assim fôra impossivel. Seria necessario que eu o refundisse todo e averiguasse em regra muitos e muitos pontos de duvida. »

Rapido relancear de olhos agora pela sua vida militar. Nos mais laconicos termos, foi a seguinte :

Praça do exercito, como já dissemos, a 9 de Junho de 1819, promovido a alferes em 1829, a tenente em 1835, a capitão em 1837, a major em 1847, a tenente-coronel em 1852, a coronel em 1858, a brigadeiro em 1864, a marechal de campo graduado em 1874, effectivo dous annos depois, alcançou o posto de tenente general em 1880, sendo afinal reformado no de marechal do exercito a 30 de Janeiro de 1890, depois de 71 annos de serviço effectivo á patria, á nação brazileira. Raros tambem poderão apresentar fé de officio igual á d'elle, documentos em que, a cada passo, rebrilham-os mais calorosos elogios.

Foi, por decreto de 31 de Agosto de 1864, nomeado ministro da guerra, e, da sua passagem pelo poder até Fevereiro do anno seguinte, só lhe provieram dividas no valor de não poucos contos de réis, que depois saldou, graças á economia e ordem a que sempre subordinou os seus haveres sem exclusão de rasgos de liberalidade, quando assim se fazia preciso.

Acompanhou, em 1865, na qualidade de ajudante de ordens, o Imperador Sr. D. Pedro II ao Rio Grande do Sul, assistindo alli á capitulação dos paraguayos em Uruguayana, pelo que tinha ao peito, do lado direito, a medalha de ouro d'essa campanha; mas não era, de certo, o campo das armas aquelle em que podiam expandir-se a gosto o seu espirito profundamente philanthropico e conciliador, as suas maneiras delicadas, os seus habitos cavalheirosos e caritativo sem ostentação, as suas theorias generosas e puras, collimando sempre o bem e a perfeição de todo o genero humano, posta de lado qualquer coacção ou violencia.

Sympathicamente abstracto, chegava a abraçar algumas idéas de verificada utopia, mostrando-se, em certo periodo, adepto decidido de Fourier e julgando realizavel a creação de phalansterios com todo o seu cortejo de vastos e ideaes intuitos.

Quanta amizade por isso não consagrou ao illustre e desditoso Dr. Julio Faivre em sua acabrunhadora tentativa de fundar uma colonia modelo de justiça e felicidade á margem do Ivahy, no meio de infindos e então inhospitos sertões!

Não pôde, aliás, Beaurepaire queixar-se da sorte que, para assim dizer, tomou a peito realçar as bem accentuadas virtudes nativas.

Viveu sempre rodeado da justa estima dos governos, alcançando as mais distinctas recompensas; captou o apreço e o respeito de todos e, no lar da familia, gozou largamente dos melhores thesouros da affeição e do extremecimento, já da virtuosa esposa D. Guilhermina Muller das Chagas, com quem se casou no anno de 1847 e fallecida a 14 de Agosto de 1873, já dos distinctos enteados Barão de Itaipú, general Chagas Doria e D. Carolina

Muller das Chagas, já da adorada e unica filha, casada, a 21 de Fevereiro de 1878, com o prestimoso Dr. Francisco Pires de Carvalho Aragão. D'esse enlace provieram dois interessantes filhos, Henrique e Leonor, netos queridos do idoso marechal e o seu consolo até aos ultimos instantes.

Não o desamparou ainda mais a natureza em velhice bastante adiantada, pois conservava intelligencia em extremo lucida, memoria agudissima, enxergava e ouvia com toda a nitidez e não soffria nenhum d'esses crueis e deprimentes achaques, que tornam, não raro, a ancianidade tão penosa a si e aos outros.

Póde-se dizer que, até tombar no leito da breve agonia, ainda percorria incansavel as mattas dos arredores do Rio de Janeiro, no seguimento dos seus caros estudos botanicos, discreteando com o bom amigo e illustrado Dr. Glaziou, lendo sem cessar, observando e escrevendo. Era de admirar-se o talho firme, elegante e claro da lettra, poucos dias antes do seu desapparecimento da terra, após tão diuturna e laboriosa jornada.

E, em época já de completo descanso, ainda quebrava lanças em prol do que pudesse ser proveitoso ao Brazil. Assim, ultimamente se empenhava com insistencia em tornar bem conhecidas as *guttas perchas* originarias do nosso sólo, enviando artigos aos jornaes e memoriaes aos ministros da agricultura, chamando a attenção do governo para essas *sapotaceas*, que tão uteis poderiam ser, como mais um centro de valioso recurso natural.

Não houve sociedade scientifica entre nós, que se esquecesse de incluir o seu nome como honra especial. Tambem prestou optimos serviços na *Auxiliadora da Industria Nacional*, no *Instituto Historico e Geographico Brazileiro* e nas Sociedades *Vellosiana* e *Central de Immigração*, de que foi, durante todo o viver social, o muito acatado presidente.

N'esta ultima Associação, fundada a 17 de Novembro de 1883, que trabalhou com indefesso ardor, quasi vertiginoso enthusiasmo até 1890 e tanto batalhou pela conquista das mais vastas refórmas no seio da sociedade brazileira, contribuindo, com a maior efficacia, para

amadurecel-as no espirito de toda a nação, jámais se deixou Beaurepaire Rohan vencer em largueza de vistas pelos mais adiantados e valentes companheiros de directoria. Era o *primus inter pares.*

E esta recordação nos leva a fallar do seu intransigente abolicionismo, elle dos primeiros que o pregaram sem receio nem reservas. Atirando-se para frente com impeto positivamente juvenil, tal a consideração que inspirava, que os contrarios, no torvelhinho da tenaz e asperrima lucta, nunca o molestaram ou lhe atiraram o menor doesto. Viam nelle um adversario convencido e nobilissimo, cuja couraça não tinha a menor falha.

Nem podiam lançar-lhe em rosto a pécha de não haver dado, desde bem moço, exemplo proficuo e da maior generosidade. Chamára, de facto, a si todos os escravos da herança paterna e lhes conferira liberdade incondicional, numa época em que tal iniciativa tomava vizos de culposa leviandade, senão rematada loucura e censuravel dissipação de valiosos e legitimos bens.

Entrara, pois, na ardente liça ao abrigo de qualquer accusação ou do mais simples reparo, positivamente intangivel.

N'estes ultimos tempos trabalhava Beaurepaire Rohan com amor na biographia do venerando pai, quando a morte o veio colher e leval-o de manso nos braços, como ente privilegiado pelo destino.

Não sabemos se tem algum fundamento a noticia de que escrevia as suas memorias ; acreditamol-a, antes, de todo ponto inexacta.

Entre as obras que publicou, avulta o *Diccionario dos vocabulos brazileiros* dado á estampa em principios de 1889, livro que será sempre consultado com vantagem e curiosidade, quadro a alargar-se cada vez mais, conforme pretendia elle proprio fazer em posterior edição, para o que ia reunindo grande numero de termos novos a accrescentar. Deve, nos seus papeis particulares, existir já não pequena cópia a additar-se.

« Na minha avançada edade, diz elle no prologo, não é licito confiar muito na vida. Tal qual entrego ao prélo o meu livro, poderá servir de base a obra de

mais desenvolvimento ; e não faltará quem d'isso se encarregue com grande proveito da nossa litteratura. »

Nem se imagina o esforço consciencioso, extrenuo, que aquellas paginas lhe custaram, o labor insano, meticuloso, que a menor palavra lhe impunha. Assim, quanta consulta, quantas viagens a bibliothecas e archivos, quanto poeirento alfarrabio compulsado para affirmar e decidir definitivamente, que o termo *capão* provém da alteração do tupy-guarany *caá-paún* (matto isolado, circumscripto) e não como geralmente se pensa e diz, de *caá-poan* (matto redondo) ?

Do mesmo modo *caipira*, *caipora*, *pombeiro* e muitos outros vocabulos, não poucos derivados de linguas africanas, a cuja fonte genuina queria, por todos os meios, remontar. Sempre o receio de induzir alguem no menor equivoco ou em erro mais sério !

Contém esse diccionario, in-8° grande, 147 paginas em duas columnas, além de um prefacio e da relação dos informantes e autores mencionados no corpo da obra.

E' dedicado a S. M. o Sr. D. Pedro II e sahio dos prélos da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro.

Citemos ainda do prologo o trecho relativo ás etymologias, como testemunho do gráo de veracidade com que assignalou as suas informações em tão delicada materia.

« Não menciono, declara elle, senão aquellas que me pareceram razoaveis. Procural-as na mera semelhança das palavras é um erro que nos conduz a verdadeiros despropositos. Temos um exemplo d'isto naquellas de que tratou Martius no seu *Glossaria linguarum brasiliensium*.

« Martius é um sabio digno da justa veneração de todo o universo pelos seus serviços á sciencia, e nós, brazileiros, lhe devemos particular gratidão pela publicação da *Flora Brasiliensis*, esse soberbo monumento da nossa riqueza vegetal ; mas como etymologista claudicou de um modo lamentavel. O seu *Glossaria*, verdadeiro desserviço á linguistica, é infelizmente norma por onde se guiam certos escriptores, que, sem estudos especiaes, se julgam autorisados a interpretar vocabulos, de que nem sequer conhecem a genuina significação. »

Talvez sejam estas as palavras mais rispidas de todo o acervo litterario e scientifico de Beaurepaire Rohan. E' que sempre complascente, zangava-se, devéras, quando lia ou lhe propunham interpretações forçadas e absurdas de termos indicos.

Nos seus passeios e excursões escogitava de continuo a verdade. Nunca se sentia, pois, desoccupadoe triste.

Tambem foi o primeiro, que engenhosamente buscou contrapôr e acarear as datas dos calendarios juliano e gregoriano para resolver a controversia relativa ao dia exacto do descobrimento do Brazil em 1500, o que deu lugar a uma memoria, incluida na *Revista do Instituto Historico,* de muito breves paginas, da maxima concisão, segundo o seu modo habitual de escrever, mas do maior interesse e alcance. *

No numero dos livros que deixou, não deve figurar o *Diccionario dos termos de Sallustio*, conforme trouxe o sentido artigo necrologico do *Jornal do Commercio* de 11 Julho, dia seguinte ao da sua morte. Pertence esse ao irmão, fallecido cinco annos antes, coronel Luiz de Beaurepaire Rohan, que tanto se distinguio pelo conhecimento profundo da lingua latina, do que ficaram incontestaveis attestados, principalmente no manuscripto in folio sobre Phedro, verdadeiro monumento linguistico e philologico.

No antigo regimen, conselheiro de Estado e de guerra, visconde com grandeza por occasião da lei da abolição em 1888, grã-cruz da ordem de Aviz, dignitario da da Rosa, commendador da de Christo, condecorado com a medalha da campanha da rendição de Uruguayana, gentilhomem da Imperial Camara, fôra ultimamente, em 1893, Henrique de Beaurepaire Rohan confirmada no cargo de membro do Supremo Tribunal Militar, que exercia desde 1866 e onde deixou inconsolaveis os velhos companheiros, pois o consideravam um dos mais preclaros representantes d'essa elevada corporação, a cuja sessão de 7 de Julho ainda assistio, sem mostras de que lá ia pela ultima vez.

---

* Vol. 32, pag. 321, parte 2ª.

Ao voltar para casa, resfriou-se, cahio de cama e ás 10 horas da manhã de terça-feira, 10, extinguio-se placidamente, sem agonia.

Conciliando tranquillo somno, d'elle passou á morte, na formosa phrase da Biblia.

O seu fallecimento pôz de luto, no Brazil, as familias Beaurepaire Rohan, Aragão, Escragnolle, Escragnolle Taunay, Pinto Peixoto, Chagas Doria, Mello e Muller de Campos, estas tres ultimas por parte da condigna esposa, filha do notavel marechal Daniel Pedro Muller e casada em primeiras nupcias com o major Chagas Doria.

Era Beaurepaire Rohan de boa estatura, mais para o alto e que a muita idade não encurvou sensivelmente, bastante magro desde a mocidade, rosto alongado, claro, faces de cutis fina, rosada, um tanto encovadas, barbas e cabellos louros, corredios, a custo trasmudados em brancos. Usou sempre oculos fixos com aros de ouro sobre olhos de um azul pallido, cuja expressão habitual era de grande meiguice e bondade.

Já dissemos, nunca dispoz de saude vigorosa, o que o obrigou a habitos em extremo moderados, afeitos a boas regras hygienicas a que, aliás, obedecia sem exagerações nem ostensivo rigor.

Ao finalisarmos esta succinta homenagem a tão veneravel memoria, seja-nos licito fazer nossas as alevantadas palavras com que o *Jornal do Commercio* terminou a noticia consagrada ao Visconde de Beaurepaire Rohan:

« O seu nome ficará registrado na nossa historia como o de um brazileiro que soube honrar a terra em que nasceu, e entre os camaradas de armas será sempre repetido com orgulho e veneração.»

VISCONDE DE TAUNAY.

Petropolis, Julho de 1894.

MEMORIA ESTATISTICA

DO

IMPERIO DO BRAZIL

Campi sunt latissimi, latissima que pabula profundunt. Portus habet optimos, ignibus naves non facile tempestate jactari, et vadis afflictari possunt. JERON. OZOR.

Uma povoação activa e indrustrioza é o principal agente da riqueza, força e poder de um Estado. O aumento progressivo da povoação é o termometro da prosperidade da Nação.

Em a seguinte memoria se pode observar o progresso do Brazil, servindo de termo de comparação o espaço de 1808, em que a côrte foi transladada para o Rio de Janeiro, até 1823, anno seguinte ao da sua independencia.

Ainda que se não juntem tabelas dos nascimentos, cazamentos e obitos, comtudo se deve considerar como termo medio dos nascimentos 50 em cada 1.000 pessoas,

---

Esta memoria foi offerecida ao Illm. e Exm. Sr. Marquez de Caravellas, Conselheiro de Estado e Senador do Imperio, e foi copiada de um manuscrito existente na Biblioteca Publica da Bahia. Não tem nome do autor, nem traz data; vê-se porém pelo final á pag. 98 que foi escrita em 1829.

A copia foi mandada extrair a meu pedido pelo actual bibliotecario da referida biblioteca, por cuja complacencia aqui me confesso grato.

Rio 4 de Outubro de 1893.

T. A. A.

10 cazamentos, e 40 obitos. Em os campos fóra das cidades é maior o numero dos nascimentos e cazamentos e menor o dos falecidos. Por isso n'aquelles lugares é mais rapido o crescimento da povoação. Concorre tambem para o dito fim o ser o Brazil um paiz agricola, e acharem os braços fóra das cidades emprego para sua industria. Do que rezulta, que o numero dos habitantes das terras de agricultura e mineralização é muito superior ao das cidades, e ainda mais desproporcionado do que na Inglaterra e França, havendo na primeira uma metade da povoação nas cidades, e na segunda uma quarta parte.

Começaremos pela primeira provincia, que se acha ao sul até a ultima do norte.

	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL
Em 1808 o Rio-Grande do Sul tinha habitantes................ 87.167			
Em 1823 contava....... 142.500	142.500	7.500	150.000
N. B. Na cidade de Porto-Alegre existem 10.000 habitantes e os outros se acham espalhados em 10.000 leguas quadradas, as quaes comprehende a provincia.			
Em 1808 em Santa-Catharina se contavam................ 38.687			
Em 1823 mostravam os arrolamentos..........................	47.500	2.500	50.000
N.B. Na cidade do Desterro existem 5.396 e os mais habitam 912 leguas quadradas, extensão de toda a provincia.			
Em 1808 a cidade do Rio tinha 54.255 e toda a provincia.. 235.079			
Em 1823......................	301.099	150.549	451.648
N. B. Na côrte e capital do Imperio se contam 10.053 fogos, 100.000 habitantes, achando-se os outros espalhados em 15.000 leguas quadradas.			
Em 1808 em o Espirito Santo, existiam................. 70.219			
Em 1823......................	60.000	60.000	120.000
N. B. Na cidade da Victoria existem 3.000 habitantes, na populoza e rica villa de Campos 7.000; os mais se acham espalhados em 10.000 leguas quadradas.			

	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL
Em 1808 São-Paulo tinha 200.408			
Em 1823......................	259.000	21.000	280.000
N. B. Na cidade habitam 18.000 pessoas, e as mais em 20.000 leguas quadradas de que consta toda provincia.			
Em 1808 Minas-Geraes tinha 350.000			
Em 1823......................	425.000	215.000	640.000
N. B. Na cidade de Ouro-Preto existem 20.000 habitantes, em Mariana 3.000 e todos os outros se acham espalhados em 17.172 leguas.			
Em 1808 Goiaz contava 50.365			
Em 1823......................	37.000	24.000	61.000
N. B. Na capital de Goiaz existem 9.000 habitantes.			
Em 1808 Mato-Grosso comprehendia.................. 25.000			
Em 1823......................	24.000	6.000	30.000
N. B. Na capital de Cuiabá existem 10.000 habitantes e 3.000 em a cidade de Mato-Grosso. As oito provincias acima designadas e conhecidas na antiga historia, com o nome de capitanias do sul, comprehendem o rezumo da povoação abaixo :			
Livres.................. 1.296.099			
Escravos.............. 486.549			
Total.................. 1.782.648			

	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL
N. B. Estas provincias fazem seu commercio com as nações estrangeiras pelo porto do Rio de Janeiro. Os generos exportados em 1821 importaram, segundo o valor do mercado do Brazil, em..... 12.015.279$165			
N. B. Os generos importados do Rio para Minas avaliam-se em.......... 4.572.000$000			
A importação para São-Paulo foi....... 2.250.000$000 Para Goiaz........ 51.679$091 Para Mato-Grosso... 51.600$000			
Em 1808 Bahia tinha... 335.961			
Em 1823........................	434.464	237.458	671:922
N. B. Na cidade se contam 60.000 habitantes, os outros habitam nas comarcas da Bahia, Ilhéos, Jacobina e Porto-Seguro, constando toda a provincia de 25.000 leguas quadradas.			
Em 1808 a provincia de Sergipe tinha..................... 75.061			
Em 1823......................	88.000	32.000	120.000
N. B. Na cidade de Sergipe habitam 1.000 pessoas, e a outra povoação está difundida em 5.000 leguas quadradas.			
N. B. Estas duas provincias fazem seu commercio com os estrangeiros pelo porto da Bahia.			
A exportação em 1821............... 8.299.945$760			

	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL
Em o dito anno os Inglezes exportaram em especies metalicas, além de outras nações...... 800.000$000			
Em 1808 Alagoas comprehendia............... 116.000			
Em 1823......................	90.000	40.000	130.000
N. B. Na cidade das Alagoas existem 6.000 habitantes e a mais povoação em 5.000 leguas.			
N.B. N'esta provincia é grande a producção de assucar e algodão, e ha commercio directo com os estrangeiros.			
Em 1808 Pernambuco tinha 244.277			
Em 1823......................	330.000	150.000	480.000
N. B. No Recife e Bôa-Vista, existem 50.000 habitantes, e os outros em toda a provincia, que se estendia pelas duas comarcas do sertão hoje annexas á Bahia. E' muito consideravel o commercio externo d'esta provincia.			
Em 1808 Parahiba do Norte tinha..................... 95.162			
Em 1823......................	102.407	20.000	122.407
N. B. Na cidade da Parahiba existem 6.000 habitantes. Toda a provincia consta de 5.000 leguas. O producto d'esta provincia é de 3.000 saccos de algodão e 2.000 caixas de assucar, exportado pela maior parte para Pernambuco.			
Em 1808 Rio-Grande do Norte constava de............. 50.000			

	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL
Em 1823.......................	56.677	14.376	71.053
N. B. Na cidade do Natal existem 5.000 pessoas. A provincia tem 4.000 leguas quadradas. Na mesma abundam madeiras de construção e salinas.			
As seis provincias acima designadas a saber: Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Parahiba, Rio-Grande do Norte, conhecidas antigamente pelo nome de capitanias do meio, ou do centro, têm o rezumo de povoação abaixo declarado :			
Livres.............. 1.101.548			
Escravos............ 493.834			
Total............... 1.595.382			
Em 1808 o Ceará tinha 160.000			
Em 1823.......................	180.000	20.000	200.000
N. B. Na cidade da Fortaleza habitam 3.000 pessoas. A provincia consta de 12.000 leguas quadradas. Exporta 40.000 sacos de algodão, além do outros muitos produtos.			
Em 1808, o Maranhão comprehendia..................... 120.000			
Em 1823.......................	67.704	97.132	164.836
Na cidade de São-Luiz habitam 25.000 pessoas. Sua exportação é de 70.000 sacos de algodão e outros tantos de arroz.			
Em 1808 Piauhi tinha... 70.000			
Em 1823.......................	80.000	10.000	90.000

	LIVRES	ESCRAVOS	TOTAL
N. B. Na cidade de Oeiras existem 3.000 habitantes. A provincia comprehende 8.000 leguas quadradas. Sendo central tem no litoral a villa da Parnahiba, que é populoza.	....	....	
Em 1808 Pará tinha..... 96.000			
Em 1823......................	88.000	40.000	128.000
N. B. Na capital do Pará existem 20.000 habitantes. Esta provincia se dilata por todo o Amazonas e comarca do Rio-Negro, que faz parte da mesma provincia. Na dita comarca habitam 32.000 pessoas. E' muito rica em produtos naturaes, porém despovoada. Promete em os annos futuros riquezas incalculaveis. As quatro provincias do norte, a saber : Ceará, Maranhão, Piauhí e Pará, antigamente conhecidas com o nome de capitanias de norte, têm a somma abaixo :			
Livres.................. 415.704 Escravos............... 167.132			
Total.................. 582.836			

Rezumo da povoação do Imperio do Brazil em 1823, segundo anno da sua independencia de direito, quando já tinha de facto desde 1808, em que a familia reinante passou ao Brazil por cauza da revolução da França.

As oito provincias do sul têm pessoas livres.........	1.296.099
As seis provincias do centro......................	1.101.548
As quatro provincias do norte.....................	415.704
Pessoas livres, somam...................	2.813.351
As oito provincias do sul têm escravos.............	486.549
As seis provincias do centro......................	493.834
As quatro provincias do norte.....................	167.132
Escravos, somam........................	1.147.515

Em 1823: total da povoação do Brazil 3.960.866

Os artigos commerciaes exportados para as nações estrangeiras, entrando em conta os generos levados para a costa d'Africa para resgate dos escravos em 1823 tinham o valor de...................... 40.000.000$000

Este valor dos produtos da agricultura braziliense póde servir de termometro da prosperidade, fazendo-se comparação com Inglaterra, que, tendo uma povoação de 18.000.000 de habitantes, exporta para as nações estrangeiras...................... 160.000.000$000

A maior parte d'esta exportação é produção das manufacturas inglezas, para as quaes servem de materias primas o assucar e algodão do Brazil.

Era conveniente, que ao corpo legislativo do Brazil fosse offerecida alguma proposta para suprir os braços dos escravos, cujo trafico finda no anno corrente de 1829.

Igualmente a paz da Cisplatina requer uma providencia de summo interesse ao commercio do Brazil.

Observamos a sabedoria dos nossos estadistas.

PARTICULAS
Dela Lengua Guarani

Amice Lector.

Si todas las lenguas pidem especial estudio, para saber bien el uzo de las particulas, mucho mas lopide esta, que toda se compone de ellas. De algunas se ha hablado en el Arte, como son las que hazen composicion con los verbos, y por que las mas de ellas tienen otras significaciones y otro uso, bolverê á ponerlas aqui, y todas por orden alfabetico para hallar-las con mas facilidad, pero *ne actum agam*, no bolverê a decir aqui lo que se dixo allá, si no solamente lo que se dexó, pero citarê el lugar para buscarlas en el Arte.

Algunas ay, que yá nolas usan mas, ó noson universalmente usadas, dessas pondrê algunas con essa advertencia, y cencura, para que nolas uzes, ante de averiguar, si en el pueblo en donde estuvieres, las usan ò no.

Advierto tambien que para escusar el repetir muchas vezes la misma palabra en los exemplos que se han de poner, pondre solamente una N maiscula que denota aquella particula que se puso al principio. Sea por exemp. (Abîhareỹ) cosa parecida (quarahī N) cosa parecida al sol, en que aquella N está en lugar de la particula (abîhareỹ) que está al principio. *Et sic de cœteris.*

Vease um Apendix, que se pondrá al fin de este tratado, que es una officina de muchos adverbios. Vale.

A

A — en composicion, coger. (Abecoá) cojole elser, imitole : lo mismo que : (Ahecoăă, Ahecoyogua, Ahecopîhî) (troncar, ò torcer). (Ahumbîa,) le des lome. (Aybîra racănga) torcer gajos de arboles.

A — tambien puede decir : cabeça, fruta de arboles, y calabazas, y raises redondas. *Item* puede ser verbo, y decir, (caer, nacer, embarcar-se). Vease el Thesoro.

A — Pronombre demonstrativo L. (abaé) esto, estas, (A chembaé) estas mis cosas, usado adverbialmente (aqui) (ape), aqui, (acherecohape) aqui en donde estoy.

A — narigal l, âng : sombra, sospecha, reprezentacion. (Quarahîãme) à la sombra del sol. (Che âme checura curatey) me apodo en mi ausencia. (Ybituãme) al abrigo del viento. (Amoâ tataendî ybituagui) defiendo la vela del viento, poniendole antipara ò poniendola atras de alguna cosa. (Anemoã hece) escondime tras el. (Anemoã chugui) rezelome de el como de enemigo. (Ya-ya chebe) se me reprezent, pareceme de verle. Confessando-se um Indio de dos pecados ciertos, nõ se acordaba bien del terzero, y lo explicô de essa manera : (Ynomboapihaba yã yã chebe). Para sospechar, imaginar, pensar dicem: (Aymoã) con la relativa y. (Aymoã cherapichara l. Ambae moã cherapichara l. Ambae moã cherapichara rehe) sospeche de mi proximo. (Cheremimoã) lo que yo imaginê, o sospeché. Tambien lo usan como verbo: (cheremimoâ cherapichara rehe) tuve sospecha de mi proximo. (Chemoingabe ȳ me ayquê) entre sin que lo pensassen. (Aymoángi) lo conjecturo.

A — (L. ãng) tambien significa alma. (Che âho inderehê) vase mi alma trasti, suspiro porti. Band. (Che angog berami ahe herahabo) parece que me há quitado el alma por averlo levado, lodice por grandissima pena, y dolor, pero (cheângaó) dice: murmurõ de mi lo demas. Vease en el Thes.

A. r. — sobre, ò superficie. (Yáramo) por en cima de el (cheáramo l cheari) sobre mi. (Amboyoá yoá) pongo uno sobre outro, amoniono.

A — entero, solamente hallo uzado (oábo), ut: (oáb omocô) lo trago entero, es lo mismo que: (guetêbo).

A ã — semejanza. (Cunumi ã ã abecha) vi una sombra como de muchacho. (Ã ã nungá) lo explica mejor.

Aani — no. V. Ani.

Abá — quien. (Abape Tupã, quien es Dios? (Abambaé pãnga) cuyo es? (Abaètamo paé) quien otro avia de ser?

Abaé — Pronombre demonstrativo: esto, estas cosas. (A'bae catu ayparabo) esto escojo. Tambien dicen: (yabaê) essa (y) antepuesta demuestra senalando, ut: (amotetiro tiroau raco yábae nderecó) Band. en el sermon de S. Pedro, ora lo azem, uno ora otro este tuser, por que unos decian que era Elias otros Juan.

Abé — (abeno, aberano) (tambien) (emonã abé) dessa manera tambien, (cheabeno) yo tambien. (Haé oynupã aberano) y lo açoto tambien.

Muchas vezes los apartan: Ombobiterã teriabe, yrumômo ràno) lo hase durar, ó perseverar, y tambien lo augmenta.

Abẽ — costumbre. (Na charecó abẽ rugũay arecó). Ruiz. Nó estoy como solia se entiende sano. Es poco uzado, mejor será: (na cherecó cueramibe rûguay aycò).

Aberamẽ — como (icoibae rechàca racó yangequi pĩre N. heconi) Nic. Viendo aquello se quedó como muerto, absorto (aberomĩngatu) como aquello puntualmente (N. angau) parecer, y noloser. (Ymarangatubaé N. angau) parecen virtuosos y no loson.

Abĩhareỹ — cosa parecida. (Quarahĩ N.) es parecido al sol. (Abihareỹngatú) muy parecido. V. Ñabé.

Acaĩ — (Acai raré). Interjecion de la muger que se duele (Acácahey) del varon.

Acatuabeỹ — donde menos se piensa. (Cheacatuabeingotí cherepeñá) por donde yo menos pensabame accometieron. Cheñemboçacoi habeyngotĩ, es mas uzado.

Acó — (l. acoy, l. acoibaè). Aquel aquello. (Acó yaguá) aquel perro. (Acoi rechàca raco oñemondỹ ece) viendo aquello se espanto muchissimo dicese, ó de cosas presentes

ó de cosas passadas, que se refieren. Assi (Acoi heconĭ) assi se está, como antes. (A. coibĭte) *idem*. (Acoi pone) assi quisas estará. (A. coiñabengaru, l. acoiramĭngaru, l. acoiyacarú) de aquella misma manera.

(Acoi guarami etey) *idem*.

Deste pronombre salen muchos adverbios de tiempo y de lugar. (Acoipe) es de lugar y de tiempo, alli en aquel lugar, ó entonces en aquella hora, ut: (Haé ace omanōmbocaramo acoipe catu oyeporara catube añă acembotabĭhaguā rehe) Nic. Y estando la persona, ó nosotros para morir entonces sique el Demonio procura con mas rabia enganarnos.

(Acoi pipeĭ, l. acoi erepe) en aquel mismo lugar, ó tiempo. (Acoiguibe) desde alli, ó desde entonces. (Acoipebe quie) desde alli aqui. (Quie agui acoipebe) de aqui hasta alla.

(Acoipeguá) los de alli. (Acoirāmo) entonces. (Acoiramongua) los de entonces. (Acoiguebe, Acoihaguerabe, Acoiramobe) desde entonces. (Acoiramobe) avezes: es lo mismo que (Acoiramongatu) en aquel mismo punto. (Acoigueramibé) todavia como entonces (Acoiguebe, l. Acoigueberami) puede decir (como antes), ut: (Acoiguebe raico na guiyabo ruguaȳ) no por entender que ede bolver á mi estado antiguo.

Ace — la persona. (Acebe, l. aceupe) á la persona; lo demas vease en el suplem. Apendix á los nombres.

Acei — á cuestas. (Ehupi ndeacei) ilevalo á cuestas.

Açoce — l. (Ahoce, l. oce) sobre. (Cheacā ocepe) sobre mi cabeça. (Cheahoce chembaeracĭ) la enfermidad me tiene rendido. (Yeahocecatu) excessivamente. (Ayahoce) le sobrepujo. (Che oce ndipariamo) no ay quien me haga ventaja. (Açoce pebe, l. oce pebe) sobre con ventaja, ut: (Quarahĭ ocepebe, Tupāçi yporāngatu) la Madre de Dios es hermosa con ventaja mas que el sol.

Achè — l. (Achey) del que se duele, y del que teme no venga algun daño á otro. E. G. viendo que el Padre está haziendo cargo á algun Indio, dice: (Ache, Ache) *id est*: (ay, ay) temiendo el castigo que se le seguirà.

Achuu — (Ayun). Interjec. del que tiene frio, l. Ayuuy.

Aé — l. (häé) y, conjuncion. (Che, hae Peru) yo y Pedro.

Ae — l. *potius* (haè) el, ella, ó esse, essa. (Hae oiquaá) el lo sabe. (Opitunueymbae, haé mbaeupe obahe) el que nò descansa el si que alcanza. V. Arte, parte 2. Pospuesto ála particula (ayé) dice : dichoso. V. Ayé.

Aè — mesmo. (Cheahe, l. cheahé tecatú, l. tecatuy, l. tecatuay) yo mesmo (Hae aey, Hae aetecatú) con el mismo, ò esse mismo. Solamente. (Che aé amo pānga ayapó) solamente yo lo avia de hazer. Band. otro, differente. (Ma mbae aé oroetamopaé) pues que otra cosa aviamos de decir ? (Na mbaé aerā reheruguaȳ) nò para otra cosa.

Aé — puede decir affeccion. (Cheae hece) le tengo affeccion. V. Thes.

Aete — l. (ete, l. te) pero. (Cha aete, l. chete ndahaichene) pero yo nó ire. Pospuesto á diccion que acaba con (ȳ), contrata haze (yete), ut : (Na guiyabo ruguay aete, l. ruguay yete) pero nò entendiendo.

Aetete — (au) ó, oxala. (N. guibahemo) ó si yo ilegara, Band. pero poco usado.

Aestepecatú — lo mesmo que : (Acoiramongatu). V. Acoi.

Agui — l. (gui, hegui) cuyo relativo es (chugui, l. ychugui) Recip. (oychegui) (de), ut: (Checogagui ayú) vengo de mi chacra, (ndehegui aypicĭ) recibilo de ti. Sin. (Acarochugui) comi sin el. (Caá eremee mbiáupe chechegui) diste hierba á lagente sin darme ami etc. Y puede servir como de negacion, ut : (Ymarangatubae oho ybape pehegiune) los buenos iran al cielo, y vosotros nò. Mend. Fuera ó lexos de, ut : (cherogagui aico) ando fuera de mi casa.

(Chehegui ere ogueraha) lo ilevo muy lexos de mi. (Checĭ raihu agui aico) estoy fuera, ó lexos del amar de mi Madre, *hoc est*, noja amo lo usò un muchacho confessandose : (Tupā poroquaitabaqui aico, ymboaye eymo), nò cumplo los mandamientos de Dios.

Para nò, para que nò. (Anaretame cheho agui anemombeu) para nò yr al Inferno, me confiesso. (Emoingaruycaniteȳ agui) guadalo, para que nó se pierda.

(Ndeyuca agui oroguereco chepiri) por que nò te maten te tengo ó traigo con migo.

Con la particula (raci) ante puesta, dice: demero de puro. (Tupáraĭhu raciagu) de puro amor de Dios. (Ndenateyraçi agui) demeratu floxedad.

Aguĭ — cerca. (N. ñote emoȳ) ponlo aȳ cerca. (N. ĭma ndehohaba) cerca esta el tiempo de tu partida. (Aguime ĭmi cheretamagui) cerca esta de mi pueblo.

Aguĭye — basta. (N. corae l. N. ycorĭ) basta yá nò gustando de burlas. Acabarse, perficionarse, façonarse. (Y yaguĭye panga) está façonado, ó acabado, ó cumplido. (Amboaguiye cherenbiapo) concluy bien con mi obra. (Marianamo pucuy ndereco pochĭ aguiȳene) quando sehá de acabar tu mala vida. (N. panga peporabiquĭ) Mend. aveis acabado de trabajar. (N. ambĭacique Tupãope) Mart. ya entró la gente en la iglesia. (N. nderenbibiaporae) nó ay mas que dessear, bien há falido tu obra. En esto se funda la interjecion (Aguĭye) quensan quando quierem alabar, y aprobar alguna cosa.

(Ma aguĭye pucuy ndereceporã mombeu aruangatupĭrae, ndehegui nanga) etc. Nic. *Felix es sacra, V. Maria, et omni laude dignissima ex re, enim* etc. tiene esta fuerza: nó puede legar á mas tu ser hermoso, y digno de ser alabado.

(Ma aguĭye angapico cherecoteè quaaparamo ndereco rae Peru) *Beatus es Simon* etc. ha llegado á lo sumo tu dicha Pedro por ser sabedor de mi verdadero ser. Puede regir gerundio por lo qual la oracion susodicha puede decir: (eicoborae) por (ndereto rae). Ser vencido, rendirse. (Yyaguĭye ĭma) estan vencidas. (Amboaguĭye le gane) (Cheaguĭye chupe) me rendi a el.

Aguĭyebete— palabra de agradecimiento, ò complacencia, usanla quando dan gracias, ò parabiens. (N. creyuangá) alegrome que has venido. (N. pendeco aguĭyei catu, l. marã cȳngatu rechaca) alegrome que os veo con salud.

Quando le dan alguna cosa ò lesaludan, dice: (Aguiyebere) telo agradezco, Dios te lo pague. (N. yebĭ yebĭ chemongaruramo) l. N. yebĭ yebĭ aè anga ndebe chemongaruramo) te doy una, y otra vez las gracias por

averme dado de còmer. (Aguĭyebee) es lo mesmo, pero el otro es mas usado.

Aguĭyebē en buen hora. (N. niā ahē ruri) en buen hora, ò conjuntura haviendo. (Aguĭyihape catu) es mas usado.

Aguĭyei — bueno. (N. peereico) estas bueno con salud. (Che N. guitupa) estoy convaleciendo.

Aguĭyei yei aque—assi assi hé dormido.

(N. que toico, hey Peru ndebe) Pedro te embia sus saludes. (N. que toico, hey ndebe, terechupe) dal mis saludes. (Tupā rapemboaguĭyei catu angá que peataharupi) Dios os de buen viaje.

Tambien lo usan por bueno *moraliter*. (Aba N. nico haè) cierto que es hombre de bien, honrado. (Chemboaguĭyei catu Payrobaque) me honrò, ò bolviò por mi ante el Padre.

Aquĭyeramboi — derepente. (N. onianò) murio de repente. (N. ayapo) lo hize de priessa.

Aguĭyetē — dicha sue. (N. mbia heta) dicha ha sido que ya mucha gente, dicelo quando el Padre va à ver la gente que trabaja.

(N. nomombochĕ) ventura sue, que no lo echasse a perder.

Aguĭyètey — bueno, licito, justo, honesto.

(N. nanga yporiahaubae upe ymeembĭ) bueno es y bien empleado, lo que se da á los pobres.

(N. pānga guapicha yucahaguā, tecoyoya parahape ñote, Hubichaguaçu omoguarini ucaramorae). Nic. Es licito matar à otro en guerra justa, quando su Rey los manda guerear? (Añebe N. co ybĭpe onemboarĭbay haguerecorupi tecobe ambuaepe tecoaci porarahaguāma) por esso justo es que la otra vida padesca á la medida de averse holgado torpemente en este mundo. (Mbae aguĭyeteycatu) cosa muy buena, decente honesta. V. Thes.

Aguime— cerca. (N. hĭni cheverā agui) cerca de mi pueblo.

Ah—Interjec. (Ah Tupā cheyara) A Dios mio.

Ahe — el tal, el sugeto de quiem se habla. (Ayete raco ahe yñeengacī) cierto que és pesado en hablar. Se entiende de aquel sugeto, y persona de quien hablan.

(Aye catu raco ahe oyerurebo) Ruiz. Cierto que es pedigueño. (Etiquera marãterã ahê yyapi eỹmo) y como erro el tiro el amigo. Lo dice hazĩendo chisga de el.

Tambien lo usan para llamar. (Ahè eyo quibó) fulano ven acá. Las mugeres nolo usan.

Ahoce — V. Açoce.

Aỹ marapico rarè — Interj. dela muger que se enfada.

Ay — solo. (Ndeaỹ equa) ve tu solo, y nò otro. (Cheay nõró, l. cheaỹ meme peñandu) siempre hè de ser yo el que etc. (Cheaỹ tayuca) yo proprio lo matarè.

Ay — mismo. (Tupã ay, l. Tupãtecatuay) el mismo Dios.

Ay — desmedrado. (Uruguaçu) gallina desmedrada. (Vaca ỹ aybae) vacas desmedradas.

(Eremboáỹ vea ndovi ñembiahỹ pĩpe) has desmedrado los novillos con hambre. Desbaratar (Aba popiriĩcĩ mocoy omboay) desbarataron dos mangas de soldados. Borrar o deslustrar. (Amboay yquatirapèrera) borrè lo escrito. (Omboay gucco marãnguarucue) deslustro su buena vida passada. Si habla de muger dice : que la hecho a perder. Podrido (Yyai) está podrido. (Yyaiguerei mbae oquapa cherope) se estan pudriendo de balde las cosas en mi casa, y quiere decir: que tiene sobrada comida, que por no aver quien la coma se está pudriendo. (Mbae aygue haechupe) le dixe, que era un vil, un hediondo.

Ay—malamente. (Chererecoay) merrato malamente. (Ndemaenduaray) tus malos pensamientos. (Aray) mal dia. (Ayberey cherereconi) malissimamente me trata.

Ay — mucho. (Cheracï ay) estoy muy malo. (Yyĩbateay) está muy allo. Repetido dice muchisimo. (Oñemoyrò ayay) enojose muchissimo.

Com algunos verbos disminuye ur. (Ereñapĩrĩ ayay) lo ataste flojamente, ò malissimamente. (Miniay) es poquisimo. (Ayberey amoco) lo trage com mucha dificultad. (Checaneõ ay aybetey herahabo) me cansè muchissimo en llevarlo.

Ay — Interjecion del que se duele.

Aỹ — l. (Hai) (mi madre) lo mismo que : (checĩ). Siempre incluye el possessivo mi. (Ay upe, l. checi upel) á mi madre.

Ay — puede decir llaga, buche. V. Thes.

Aĭbĭ — vilmente. (Creyapo N.) ruinmente lo hizeste. (Onemboaybĭ) se envilcozo.

Ayb — prestamente. (Areco N.) tengolo pronto á la mano. (Oyápo N.) presto lo hizo. (Yaibi) *idem*. (Peyoraibi) venid presto. V. Raibi.

Aĭpo — 1. (Aypobae) esse, esso, esses. (N. Aba) esse ó essos Indios. (Aipohape) por essa razon. (N. ramo, l. N. rehe) por esso. (Aiporã rehe) para esso. (N. rire yepe) au despues desso, con todo esso. (N. eyramo amo) si esso no fuera. Es tambien adverbio. (N. pecurae) estais ay.

Ayape — superficialmente. (Ndepĭa ayapearamo ñote ererobia) Nic. lo crees superficialmente.

Ayel. — (ayete) verdad, assi es. (Aye l. *potius*: ayete pãnga) es assi, es verdad? (Ayeanga rae) assi es, ò fue. (Ayacaturae) *idem*. (Ayecoreo) (hey ĭmaniy ñemoçaenhague, porãngerecohape) Nic. que bien, esso si, dixeron agradandose delo que avian prevenido. (Aye cunumiramo ndiyaraquabi) Arg. lo cierto es que por ser muchacho no tiene entendimiento. V. Ayete, que es mas usado.

Aye — cumplidamente. (Chererecoaye caru) cumplidamente) lo hizo con migo. (Yyaye) se cumplio. (Reco yyayebaecue) caso acontecido. (Mbae yyayebaerã) cosa venidera. (Amboaye) cumplo, obedezco hago e aso, tengo respeto, *homo*.

Aye — con *ac* pospuesto al nombre, dicha, bienaventuranza. (Aye ndeaè) dichoso tu. (Aye nanga peẽ aè Tupãçiboyo oparacu) dichosos vosotros congregantes de la madre de Dios. (Aye nõamotarey rerequarey aè eguiraminguaniã Tupãrai y abamone) *Beati pacifici, quoniam filii Dei vocabuntur*. (Ayeyporiahubereco hara aè haèbae yporiahu berecopiramo ne) *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur*. (Tecoaye apĭreỹ) bienaventuranza eterna. Mas usado es: (tecoorĭ catu apĭreỹ).

Ayeau — (Ayeautamo, Ayeaupe Ayetamo) oxalá. (Ayeauabiheraibi rae) oxalá llegara luego. (Ayeautamo ndemarãngatu rae) oxalá fueras bueno. (Ayeaupiche areco rae) oxalá lo tubiera yo. (Ayeutamo) tambien

significa por poco lo mesmo que: (ceritamo), ut: (Ayetamo anibō) por poco le flecho. Se puede usar con gerundio.

Ayeamoherã — Ah que fuera si.

Aye ayebaú — nò deveras, por cumplimiento. (N. creyque Tupãope) por cumplimiento, no de coraçon entras en la iglesia. (N. ndemarangatai) por poco tiempo te muestras bueno no es de coraçon. Mend.

Ayeb— aun por esso. V. Añebe.

Ayeboè — es lo mesmo que: (poyye) despues. (Eguinunga etey ràco acoi angaypabiyacue. N. yepe Tupã upeguaramo ñote tayco coyre cá heybae) Nic. Son dessa manera aquellos pecadores arrependidos, que no desde el principio, sno despues de algun tiempo se determinaran a darse a Dios.

Ayeboĭ — l. (ayemoỹ) de veras. (Ayeboĩngãtu Tupã oñemoỹrō pẽeme) de veras está Dios enojado con vosotros. Mend. (Mbae ayeboĩgua) cosa verdadera, nò fingida. (Na ayeboĩguarãguarỹ) nò sen verdaros, como son los deleites mundanos.

Ayepaco — cierto que. (N. chũã yporerequaeatu manderĩ) cierto que Juan nos agasajaba bien. (Ayepaco ỹgapiçae ỹ bae nde). Ruiz. Cierto que crès en malmandado. Otros a estas oraciones le dan este sentidio: Juan fique, Tu fique &.

Ayèraúye — assi dicen, pero ay duda. Por pregunta con duda la usa el P. Mend. (N. aha nderupine) es verdad, que tengo de ir con tigo?

Ayeté — assi es. (N. cherayrera ãngaypaminĩ yepe omorangue Tupãretame açehoboy habangue) Nic. assi es hijos mios aun los pecados leves impiden el yrmos luego al cielo. (N. pãngã) es assi? nò digo bien?

Ayetebĭbĭ — es probable, pariece cierto que. (P. Paỹ rù haguă) pareceme cierto, muy probable es que el Padre venga.

Ayeteraú — es improbable, es dudoso; y puede dicir, ser verdad, pero nò ay que fiar. (Ayete yeteraù ye peracobina quie ỹbĭpeño añgaypabarĩ requareta ohechagi ñote Tupã) etc.

Nic. Es verdad (y lo dize, con hazer poco caso de los pecadores vanamente confiados) que Dios dissimula no mas en esta vida etc.

Ayurĭ — en el cuello. (Cheayuri) en mi cuello. Assi se usa, y nò con (pīpe).

Ambe — l. amberá l. (Amberāngẽ) espera, esperad.

Amboae — l. (Ambuae) otro, otros. (Taba ambuae aèrapi) sue de pueblo en pueblo. En el preterito dice: (amboecue), ut: (Amongue ogueru cobae) Algunos troxeron estos, otros estos. Nota: (ndayeo amboae potari) no quero mudar de vida, ò de modo. P.Gomez. (Ndoũamoaey) nò viène por otra cosa, *idem*.

Amī — l. nami: solia. (Cheamī ayapo, l. ayapo amī carambohe) yo solia hazerlo antiguamente. (Cheamī ndayapoy, l. ndayapoy ami) nò solia hazerlo. (Oñemoñcẽ manī pīhaye Tuyabae orebe) soliamos predicar de noche los viejos. (Cherorī pacamī cheanā rechaca guiata guitecobo carambohe) Arag. solia yo holgarme de yr à ver mis parientes. Tambien se usa en el presente. (Coȳbīpe yepe eguī ararè raçareībae bae au. Tupā omboaraquaa ami herecobo) Nic. aun en esta vida suele Dios etc.

Amyrī — pobre. (Aypo cuña N.) essa pobre muger. (Guāte caru paconde N.) Ah pobre de ti. Difunto. (Cheru N.) mi P. difunto. Muchissimo (anemoȳrō N.) me enojè muchissimo. (Heta N.) muchissimos (amȳrīndetey) muchissimo sobre manera.

Amō — alguno. (Peẽ yrundīano) alguno de vosotros quatro; antepuesto al numeral es partitivo. (Peẽ amo yrundī) quatro de vosotros. (Amongue) algunos. (Amonguerīno) uns pocos. Um cierto. (Yma aracae Aba amō) antiguamente um cierto hombre. (Amö) tambien significa pariente. V. Thes.

Amò — lexos. (Amōaguituri) viene de lexos. (Amongonī) hazia allà. (Amōeteagui) de muy lexos.

Amô — particula que se usa mucho en los tiempos del optat., y subiuntj., y enlas proposiciones ensaricas, como queda dicho en el Arte. Con esta particula tambien dan respuesta como difficultando lo que se les manda. E. G. (Ndouricheamo) aun que vayan por el, nò ha de

venir. (Ndoyapoycheamo) aun que se lo diga, nò lo há de hager. Arag.

Amome — á vezes. (N. yepĩ) casi siempre. (Na N. ño ruguay) siempre. (Amõ amõmeè) algunas vezes si, otras nò. Con (yepi) y verbo negado (nunca). (N. yepe nandemarangatuyenene, l. na N. ruguayche ndemarangatune) nunca seras bueno. Con (ñanonde) y la negacion (na rûguay) para nunca. (Aha na N. pendecha yebĩ nanonde rûguay) me voy para nunca bolveros á ver otra vez.

Amonãmo — jamas. No la usan mas. V. Amome.

Andaubĩ — en ninguna manera. Usanlo quando nò tienen lo que le piden, ò le achacan alguna cosa, y poco usado.

Andey — Interjecion del que teme. (N. pe oubo nanderehene) ay que vendrá para embestirmos, viendo algun toro etc. (N. eico eme ratoỹpipe) guardare no estes al sogon. La muger dice: (Andei pane rarè).

Andibe — Juntamente. V. Ndibe.

Ang — aora. (Angetey curi) aora en este punto. (Ang ñote, l. angbeño) esta vez nò mas. (Angbe, l. Angibe) desde aora, con el verbo negado dice (ni aun aora). (Angbe ndouri) ni aun aora viene. (Angbe rirõ etc) *idem*. (Angbĩreri) hasta aora. (Ang ramó) aora de nuevo. (Angramo ramõngatu) nunca fino aora. (Ang ñore) esta vez nò mas. (Ang ñabe) à esta óra. (Angatu) aora.

(Angè, l. Angei) aora de preterito. (Angegua ebocoi) esso es de poco acá. (Ang gua) lo de aora. (Anguire, l. anguibe) de aqui adelante. (Angeè, l. Angey) aora y nò antes, aora mas que nunca. (Mboriahuberecoyarere nanga Tupã, ma angeeramo pipo hoçamba nanderehe rae) Pom. Dios es misericordiozo, pues aora mas que nunca se le avia de acabar la paciencia con nosotros. (Angey ndereyubey cherechaca) Mareya no vienes mas á verme.

Angá — particula muy usada, que denota affecto. (Eyapo N.) hazlo, ruegote que lo hagas dicho con muestrade amor. (Chemboè N. tamo, l. N. tamo chemboe raè) oxalá me lo ensinara.

Angau — de burla. (Conumi N.) muchacho despreciable. (Mbae mĩrĩ N. omeẽ chebe) medio poquissimo,

(Nambae N. ruguay) nò es cosa despreciable, sino muy importante. (Amoangau, Amoangaubĭ) no le hago caso, lo tengo en poco, lo menos precio. (Teco N.) accion mala, menos preciable. Muchas vezes es lo mesmo que: (Au) usando quando no tiene effecto la cosa, y aunque lo tengo haze poco caso de el. (Amōme raco yagua raangá mbeiamo omoñā matere tere angau osna, acoi guemêmonā rupitĭ harā ramī angau) Mari. (Napchechchay repaco gui mīrā, oçi ambuaeupe omeê potaramo, omaè etè erè angau hechacaba rehe range, obīahati rechacá ramīramo ñote raco onemombó erey angau ohobo, y yībaporamo oupa) Nicol. soçolor. (Heca heca angauhape) con capa de buscarlo.

Angeē — V. Anga.

Ani — nò. (Aniyepe) no cierto. (Anindaey paco chendebe rae) pues nò te dixe, que nó. (Aniete, Ani tirō etc, Avei aȳ, Anij, Aniry) de ninguna manera. (Ani haechepi) digo que nò. (Anique) lo usan talqual vez por: (emeque), ut, (Anique corupi pequa) mas proprio es: (corupi pequaemeque) no passais por aqui. (Aneyramo) quando nò, porque sinò. En que usan (el ani) con la negacion (ey) tambien es reparable el uzar el (ani) con (eme) y no son dos negaciones, que afirmam, ut: (Aneȳme, l. Ani eme) no sea assi. Ruiz. (Ani emeramo rae) oxalá no fuera assi. Mene. Tambien significa (nada), ut: (mbae panga ereipota) que quieres? Y responde: (ani) nada.

Anēbē — l. Ayebe: aun por esso. (N. ndayapoy) aun por esso nò lo hize. (N. ramo) por tanto.

Puede regir gerundio. (N. abe che haihupa) y por esso tambien yo le amo. No sin razon. (N. nderuru, ereñeño tapia equebo) no sin razon estas hinchado de gordo, porque estas siempre hechado durmiendo. (Anebeȳ) *idem*.

Añeȳ — assi es. (N. panga) que assi es, assi passa? (N. parae) assi deve de ser, assi será, lo dice con alguna duda. (Aneȳngatú) es ralmente assi. (N. etegua) cosa verdadera. Estando alguno refiriendo alguna cosa, el que escucha esta diciendo à cada rato. (Añeȳ) aprobando lo que el otro dice, y juntamente do á entender, que no sabia aquello.

Añõ — solo, solamente. (Ore anõ) nosotros solos. (Ndepĩa cheraĩhu añõrenda mimbucu pipe erchaçaucá eicoborae) Nicol. en el serm. de la Passion. *Cor tuum solius tui erga me amoris sedes*. (Yáñõy) el solito.

Ape — aqui. (Ape, l. ame hini) aqui esta.

Apiray — de burla. (Apirayhape ereyopo) lo hiziste de burla. (Che N. chupe) trisque me con el pero. (Che N. hece) dirá: me alabè de ello burlando, como de aver pecado con alguna.

Apĩri — a canto. (Che N. ahẽ reconi) es mi vecino. (Charaha che N.) ayudame á llevardo en un palo, ó cosa semjante. (Apĩri tambien puede decir: en la punta.

Apĩieỹ — sin sin. (Apĩrameỹ) *idem*. (Tecobẽ N.) vida eterna.

Apiteri — l. apitepe en medio.

Apo — bordoncillo del que quiere decir algo, y nò acierta.

Apocue — reciduo. (Çoo apocueño) mas usado es: (çoo rembireno oime) solo las sobras ay de la carne.

Aquĩ — Interjec. de la muger que se duele.

Aracoe — antiguamente, (ỹma N. raco cunumbiçu amo) un cierto moço antiguamente. Quando (N. ouraè) quando vino. (N. ayu nderechacane) Mend. algun dia vendre á verte. (Nda aracaeychene) no tardará. (N. amo ndayapor) en ningun tiempo he hecho tal cosa. (Aracaebe, l. Aracaeguibe, l. Aracachaguerabe) desde quando, ó de quando açã. (Aracaeb, l. Aracaeyabe, l. Aracaehapebe) hasta á quando. (Aracaerupi) porque tiempo.

Negado dice: en brieve tiempo. (Aracaeeỹ, l. ndaracaey, l. nda aracae ruguãỹ ỹñemoñangi) presto, en breve tiempo secria.

Aracabey — algun dia. (N. yepe yyapo yebĩteỹ porareỹmo) no queriendo hacer lo otra vez en algun tiempo. Nunca lo volvere á hazer. Con (ñamonde ruguay) dirá: para nunca. (Na N. yepe yyapo yebitey ñanonderuguay) para nunca bolverlo á hacer otra vez, es lo mesmo que: (Amõme l. ara amo pipe yepe.

Arè — de espacio. (Arecaturire) despues de mucho tiempo. (Arecatuỹ rire) poco despues. (Ndo arerire ruguay erehechane) presto lo verás. (Arebeỹ) presto.

Ari — V. Interjec. (Hari).

Ari — l. ri. V. Posposit. (Rehe). V. A. r.

Arĩmbae — antiguamente. (N. guare nicobae) esto es muy antiguo. (N. omanõ) mucho ha que murio. Las Indias dicem: (yrîmbaè).

Ariré — despues, outro dia. (Arame raico rangẽ arire añemomarãngatume oya oyabau) haga yo esto por aora que despues me haré bueno. etc.

Aroyre — alfin. (N. ybahemicoite) finalmente llegó. y ay lo suelen juntar con (coitè) que ramoien significa: finalmente Pues. por esso. (Ymarangatubae ohecoa, N. oyque Tupã ope) imitalos buenos, pues entra, y por esso entra en la iglesia. (Na y yabay eteybaeruguay yepe paco. Tupãporoquata mboayeba N. chenunga Tupãretãme) Nic. No es difficultoso el cumplimiento de los mandamientos de Dios, pues muchissimos como yo, que los han cumplido á los que dilatan el convertirse á la muerte les dice, y saben essos rales si en la muerte se han de confessar bien; y R. (Ani etc raco, N. raco oaraquaa carupĩri ndoyobujche onemombeú carú pirĩhagã rehene. Tupã ñade araniã etc. y por esso ciertamente no han de hallar etc. porque Dios etc. Usanlo á vezes como diciendo: merecido lo tiene, dandole en cara con su porfia, ut: (Tececaru haé yepe. N. ñembĩahiỹ oyuca) le dixe que comiesse, no quiso, enfin la hambre le mato.

(Eñeme haechupe bina, N. oguerecomeguã) aun que le aya dicho que nolo comiesse, lo comio, y por esto le hizo daño. Con todo esto. (Ndarecoy carmanda, N. ereyerure neçe chebe) no tengo frizoles, y con todo esso me los vienes á pedir. Mend. (Mbaèpohiỹ eỹ repe ebocoy, eremopoã beeramo nucuy, N. co ỹbĩra pohiỹ etc. taraha etereỹ eycobo) apenas puedes con lo que no pesa, y con todo esso quieres llevar este palo tan pesado.

Aruã — Particula que em muchos pueblos la usan por (bicatu, l. bĩbi) probable (ou N. Paỹ). (Nderecháca, l. oubĩbi, l. oubicatu Paỹ nderecháca) es probable, parece me cierto, que venga el Padre á verte. (Ynaruãneỹ reõ pepocohune) os cogerá la muerte quando menos pensais. Mend. (Penemimoã eỹ) es mas usado. (Aruãneỹ reõ ou nande ene) hemos de morir quando menos pensamos.

Band. (Aruãneỹ erehẽndu) lo oyste al reves. (Arũàneỹ ereico) no vives como debieras. Band.

Aruã — hermoso, estarbien. (Yñaruã nãnderetã) esta hermoso nuestro pueblo. (Chearuãngaturu chupe) le paresco bien. (Ynaruà Pay nderrupa uca) justo es, digno eres, que el Padre te haga açotar.

(Cheyara Jesu Christo ninãruãngatuy yepe, chepiá poriahubime ndereyque haguma) Nic. *Domine non sum dignus* etc. (Niñaruãy chebe) no me parece bien. (Amoaruangãru) agradame. (Tupã gracia marangatu omoaruanduçu nande anga) la gracia de Dios haze hermosa agradable digna etc. enobleçe mucho nuestra alma.

Aruãmbeè — como se esperava. (Nde N. ndeporerequa mbia rehe) como de ti se esperava, agasajas la gente. Mend. (Oaruambeè chuã yñangãypa) vellaco es Juan como del se esperava. Otros le dan este sentido: Bien ele acha dever que es vellaco. (N denee oaruambeendereco) tus palavras son como tus obras. Band. (Oaruàmbee oyapo) lo hace como el es, Band.

Ata — Interjec. del que teme le venga algun daño á outro.

Ataỹ — Interjec. del varon que se admira, agradandose de alguna cosa, ut: (N. ao piahu) ó que liendo vestido.

Atĭbĭbĭri — nò significa al revez, sino detraves, delado, y asai para decir ponte esta ropa al revez, no se ha de dezir: (Atĭbĭbĭri sinò: (Hapipe cori, l. guapìpebo). Tambien significa differentemente. (Yyarĭbĭbĭri creyapo) nolo hiziste como se devia hazer, lo hiziste differentemente. (Tupã poroquaytaba N. tequára) los que no viven como Dios manda, que viven differentemente de lo que Dios manda. (Yyatĭbĭbĭriayco heco agui) vivo differentemente que el.

Au — deburla. (Tupã, Tupã aù, l. ndaù) Dioses falsos; suele tomarla final de la diccion a laqual se llega, y assi muchas vezes haze: (ndaù, mbaù, gaù, raù, Tupã porerequa reyhabamoñonay ñaỹndaù). Band. Somos ingratos á los beneficios de Dios.

(Hechaguerano maraney neymbaùbae) los que en la sola apariencia son buenos. Con (etey) en la negacion del

verbo, suele hazer (auyyetey, l. aubetey, l. aùbiy̌e) y niega del todo lo que significa el verbo, ut: (Ndipo ndiporary, yetey mbaè ñamo hece). Band. Es lo mismo que: (ndiposimïni yepe). Muchissimo uso tiene en la repeticion de los verbos negados: (Ndocĭ ndocĩgauy yetey), *id est*: (mêni yepe ndocĭy̌). Band. (Ndipopĭ popĭ aubiye herangico eù ete oho ohoy̌bo, oapĭreyngatu renoyna). Pom. No-tiene *terminus*. Con la maldicion. (C. qua equa aá) vete con la maldicion, en hora mala. Quando se riñe a Indio, ò muchacho se usa mucho. (Ereyapoyebĭ au que none: crehendutey aú cheñee none, eney̌que ereyebî aú none) Arag. Como quien dize: harlo otravez, y veras. Fingir, hazer delque. (Oyaheo aú) finge, no llora de veras. Debalde. (Mbaèramo tepipo hecoquaahá amo yabeca becaaù y aicobo rae) Nic. Por que buscamos debalde testigos? Y lo junta con (tey̌ Ahecá heca aú tey̌) lo busqué debalde. Execracion, en arrependimiento, ut: (cheaú paco) yo que tal hize. (Cheaú aú paco amay̌rōtey̌ Tupã cheyeupe guitecobo) yo que tal hize, que enojé etc. (Cheruy̌baú) ó mi stecha desgraciada, que no acierta. Significa tambien al fin del verbo, ò nombre, no aver tenido effecto la cosa ò duda del, y aunque lo aya tenido, ò aya de tener, haze poco caso del, y aun que no se ponga la segunda oracion se entiende, y para explicarlo mas añaden muchas vezes el (Biña, l. yepe) y repetido el verbo, ò nombre es mas elegante, ut: (Chereytȳ ytȳ aú yepe biña) me quiso derribar, pero nò pudo. (A hupi hupi aú herahapotabo biña) procure levantarlo para llevarlo, pero no pude, y denota no solamente el effecto no seguido, si no voluntade y deseo, de quererlo levantar. De aqui es la particula del optativo (Curiaútamo, Ayeaútamo) etc. que dicen: oxala, y (Ahechangaú) desear al ausente.

Con el verbo (Aè) significa entender falsamente. (Yaguapó aipó aè aú) entendi que era perro, y me engañè. (Cheãargai paramo yepe ndahyche Añaretâmene, erèaú pãnga) entiendes nó yr al Infierno aun siendo vellaco? Pues entiendes mal. (Ayabĩramo yepe nache nupãychene, oya oya baú, entendiendo falsamente que etc. Figurar-se. (Che nongeta ngera aú cheruba amy̌ri chequepe) soñaba que mi Padre difunto me hablava. (Ahendu

aú beramĩ) imaginome, pareceme, de oyrle, y realmente no es assi.

Aú — l. Aubaé, esse. (Aú oguerú) esse lo traxo. (Aùbînî) aqui ò ay está, es demostrativo.

Aubè — siquiera. (Peteỹyebỹ aube ñote yepetamo ndeàngaypapaguera eremboãçî) Nic. Oxala una vez siquiera, etc.

Aubetey — es la particula (au) con el superlativo (etey).

Aubi — un poquillo. (Aque raubi) he dormido un poquillo. (Acaru caru aubi) hago del que come. (Eyapo aubi eme teque ñandu) no lo hagas a poco mas, ò menos, hazlo de veras.

Aubiye — es lo mesmo que: (Aú etc). V. Au.

Auh — Interjecion del que cansado resuella recio.

B

Bae — el, los: es particula que haze participio proprio de los verbos neutros, y absolutos, como queda dicho en el Arte. A los nombres da este romance: el que es, lo que es, ut: (Mocoỹ yebibae) lo que sue dos vezes, y se junta con los nombres ordinativos: (yrundĭbae) el quarto &. *Item* da este romance: (cuyo es) todas las vezes que le precede otro substantivo, ut: (Tupãçĭ marangaru quarahi yyahoyabae) la Madre de Dios, cuyo vestido es el sol.

(Quĭçe y yá yequaaeỹbae) cuchillo cuyo dueño no parece, etc. Pospuesta al participal (Haba) haza participio passivo, ut: (mbaembocohabae) cosa rócada. Vease el Arte, trat. de los participios § 2.

Be — mas. (Erube) trae mas. Haze comparar. Pospuesta al ombre, ut: (ypochĭ) es malo, (ypochĭbe) es peor. La cosa, a quien haze excesso, se pone em abl. E. G. es peor que esto, (ypochĭbe coagui, l. coaguibe ypochĭ). Mucho. (Amõme açe guãngẽberamo) á vezes por tener mucha priessa. (Peyquaabè catu raco) sabeis muy bien. Todavia.

(Oycobêbe pangà) vive todavia? Otra vez. (Ndaya pobeychene) no lo harè otra vez. (Nateō çìcabèramo rūguaỹ ỹche l. Na Teō çìcabamobe ruguaỹ ỹche heconine). Altam. No morirá otra vez. Y tambien se junta con (yebĩ Nomanō yebĩ beỹchene) *idem*. Pospuesta al (ramō) dice: mientras (Quarahĩ ramobe) mientras ay sol. (Chequeramobe) mientras yo durmia lo llevo. (Cheque pĩpebe) *idem*. Luego que. (Chebaheramobe, l. rupibe) luego qūe lleguè. Con el gerundio dice lo mesmo: (guibahemobe) luego que lleguè. Desde (Checunumêramobe ayquaa) desde muchacho losé. Con (haguèra) dice lo mesmo, ut: cunumîhague rabe) con los adverbios de tiempo aun fin (haguèra) se usa: (Aracaèbe) desde quando. (Ãngbe) desde aora. Con los pospos. (Agui) dice lo mesmo, ut: (Acoiguibe) desde alli. Tambien puede decir: desde entonces. (Omĩtãguibe) desde que fue niño. Y tambien: luego despues. (Missa guibe) luego despues de missa. De todo, de puro. (Amboacì chepìaguibe) me pesa de todo coraçon. (Cheñembiahĩỹ guibe chenãgay) de pura hambre estoy estanco. Arag. Con (hape) hasta. (Chemanōhapebe) hasta á là hora de mi muerte. (Aracañỹmbapebe) hasta aldia del juicio. Y tambien sin (hape), ut: (Cherogagui añani ỹ pebe guihobo) de mi casa fui corriendo hasta al rio. Con (pĩpe) mesmo. (Acoiára pĩpebe) en aquel mesmo dia. *Simul*. (Nderupibe) juntamente con tigo. (Tobeticà cheao cherehebe) dexa que se enjugue con migo mi ropa. (Mocoĩbe) entrambos, (mbohapìbe) todos tres. (Hecebe) juntamente com el.

(Cuaybe guenbireco oguereco) nunca dexa á su muger. Tambien lo mesmo que (abē), ut: (nderehebe Pay oporandu) porti tambien pregunto el Padre. (Peēmebe yèni) á todos vosotros tambien lo dice. Band. (Chebebe oñemoỹrô) con migo tambien se enojo. (Tupã chehaĩhuhaguãmari, chugui chequĩhĩye haguãmaribe). Nic. para que yo ame á Dios; y tambien para que letema. Con narigales á vezes haze: (me), ut: (chemonō sirēme) luego despues, que yo muera.

Beèamo — l. (beètamo). Particula del pret. plusquam perfecto del subjuntivo, y optat., como queda dicho en el Arte.

Tambien da este, romance: avia de, ut: (ỹmaqeeamo yñemoñangirea, yabo) etc. Band. Diciendo: desde mucho tiempo antes se avia de aver criado, y tiene fuerza de probar. (Açeraĭhuparere nãnga Tupã, guĩmbaèrĩro acey ecobupatĭ nomañangiche beeamo raè) nos ama mucho Dios, se nò nos amara, no ubiera criado, etc. (Na ypoquaapĭràr ũguay nanga rataguaçu añaretãmengua, rata angaú ã rupĩgua beémo raco açe oguerooçangatu guapĭ carueỹramo yepe) no es sufrible el fuego infernal, si lo fuera, sufriera la persona el fuego de esta vida, aunque lo abrase menos, luego sino puede sufrir este fuego com mas razon nò podrà sufrir el otro. Nic. *Item* explica fut. y pret. misto. V. Supl. cap. 2 num. 4.

Beype — luego luego. Pospuesto al (Raibi), ut. (Raibi beỹpe obahẽ oubo raè) oxala viniera luego luego. El (pe) aqui esta en lugar del (tamõ) pues es lo mesmo, que: (Raibĩbeytamo.)

Beybey — cosa de nada, sen substancia. (Mbaè beybey ebocoy) es cosa de nada esso, lo dicen quando ven, que algunos riñen por cosa que importa nada. Tambien la usan en otras cosas. (Mbaè beybey) dixo una India alas tentejas, menos preciandolas.

Berábõte — en un momiento. (N. aquá) fui en um momiento. Otros usan mas (çabirami ñote) en un cerrar de ojos.

Berami — parece que, (ou N.) parece que viene. (Na N. noteguarũguaỹ ebocoy) esse no es cosa de opinion. Ruiz. Con el gerundio dize: como si. (Mbuyape tapia gua guabaúbo N. mbĩa amo oho orupãrábo) como si fueran á comer pan ordinario, van algunos a comulgar. (Coĩni rae pedembieca oyabo berami). Arag. hablando de la estrella de los Magos que se parò encima del portal de Belen; como se dixera: Aqui esta aquien buscais. V. Nunga.

Bĭ — b. cosa determinada, señalada. (Cherembirecobĭ, aypo) essa es con quien he determinado casarme. (Cheỹbĭrabĭ co yãỹ) aquien está el palo que señale. Dicese de cosa determinada para el que la busca, ò halla, no de dia, ni tiempo, sino de cosa material. Parece que,

indicios ayque). (Ndocarubìbi) parece no comerá. (Ndiquireỹbìbi) parece no quiere yr. (Ybï catu etey Tupã ñanderaihu ndeitee ñanderehe omanômo) Arag. Muy bien se echa de ver, que Dios nos ama, pues muriò por nosotros.

Lo mesmo que (oyequaacatu). (Ybï catu ndearaquaabeỹrae) bien se echa de ver que no tienes entendimiento. (Ybï catu añaretãime yhohaguãma) me parece cierto, que el irá al infierno.

Bia — por. (Ohoydia) fue por el. (Caábiará) los que iran a la hierba. Camino, senda. (Tupã rètãbia) el camino del cielo. V. Pia.

Biarì — derepente, sin avisar. (Oho N.) se fu sin avisar. (Aypïçï N.) lo huertè. (Omanõ N.) murio de repente. (Ayubiarõte), *id est*: (biari ñote) vine sin avisar, &.

Bïbi — apique, ariesgo. (Amanõbïbi) estuve apique demorir. (Cuñarehe chemaẽhague chemoãngaypabibi) el aver mirado una muger, me puso áriesgo de porar.

Biña— pero. Particula muy usada, que haze imperfecta la oracion, y demuestra que no tuvo, ò tendrà effecto, ò se duda dello. (Ayapo N.) hazia lo, pero *subintelligitur* lo dexè porque no saliò bien, ò lo, hize pero no se si sera de tu gusto &. (Ayu ndebiaramo N.) venia porti, pero no sé si quererá, ò podras yr. Mucho uso tiene en el fut. y pret. misto. (Cerïchemanôhabangue N.) estuve apique de morir. Pero nunca la uzan en el fut. del indicativo, en el lugar del (biña), aviendo de explicar imperfeccion usan (yepe Aha yepene) irè pero, etc.

Muchas vezes ponen una, y otra, lo qual es muy ordinario en esta lengua, que juntandosy trez particulas que significan lo mesmo, ut: (Hupigua yepe N.) Es verdad, pero ay su difficultad. (Ayete tequaretá ohechagi ñote Tupã) etc. Nic. Es verdad que Dios dissimula en este mundo los pecadores, pero, etc. Ala particula (biña) se sigue regularmente la otra (aete), quando quieren explicar el effecto, que no se siguio, ò duda de ello. (Ayaporaco N. aete ndoicocatuy) hizèlo pero nò está bien hecho.

Biñae— aun, pues si. (Che N. ndarobraycheamo nde ereinombéu eỹramo amo) aun yo no lo creyera, si tu no lo dixeras. *Idem, ac*: (che yepe) con (bïte) haze comparacion

de minori ad maius, l. è contra. (Tupāraĭ N. racoteō oypotara, bĭterene ñande) pues si aun el hijo de Dios muriò, quanto mas nosotro. La misma fuerza tiene (yepe) (Tupāraȳ yeperaco) etc. Aun sin la particula (bĭte) que regularmente se le suele seguir para la comparacion, se hallará usado. E. G. (Angeles guapicha quarepotiyu rami etey yporāngātubae N. raco S. Mingue marangatu aytĭ ñote ȳbagagui, chupe guoçā teȳ potareȳmo, haèámo pé Aba āngaypa ruyu abáete catu adĭareȳ reco oguerooça ñote ybape herahaborae) Nicol. en el sermon de S. Miguel. No sufrio S. Miguel á los Angeles, etc. y avia de sufir à los hombres que etc.

Biñarà — es particula que usan quando hablan consigo mesmos en cosa que á ellos les agrada, y que la quisieran etc., pero siempre juntamente significa algun genero de imperfeccion. E. G. (Coyepe picoamo ay N.) lo uso un Indio, que buscando un palo, hallò uno, que le pareciò á proposito, pero nole contentaba del todo. (Oupucuy N.) dixo otro viendo un pescado muerto en un rio, y no veia bien se venia nadando hazia á si. (Eupe tucuy N. hey berami oyerobabo chugui) dixo lo de un cavallo, que encontró un genero de hierba quele parecia buena, pero viendo que era mala, la dexo, bolviendose á buscar otra. Y el Padre Bandini en un sermon de la Virgen dize assi: (Cuy quarahĭ rehe cheatĭbaramobe raco, Aye catu pocò guĭ quarahĭ oyapĭraha ete etey yaçĭtata tetĭrō oycobo N. aè yepe, co Tupàçĭ marāngatu reco porāhaba ñabēnguaraȳ tene ebocoy reá, na guiyaboruguāȳ aete).

Bĭre — quanto mas, mucho mas, mejor. (Ndeye erehopota, bĭrereche, l. bĭrebe che, l. biretebe che, l. bĭre renanga che) dicen que quieres yr, mucho mas yo. (Pero oyapoquaā, bĭre tene che) Pedro lo supo hazer, mejor yo. (Bĭre nacó, l. Bĭrebe renecobae) quanto mas esto. (Mbaè aĭbî yepetamo eremocañȳ, haeamo haçĭ ndebe, bĭretamo eguî mbae etè, gracia ya eremocañȳ) aunque fuera cosa vil la que perdias, te avia de pezar, quanto mas si perdieras la gracia, que, es cosa grandiosa.

Bĭte — r. todavia. (Oȳmebĭte, l. bĭteri) todavia ay. (Oubobite) todavia vive, dicese del enfermo que está echado. (Ambobĭteri teri) hago que todavia dure.

Bĭte — puesto al principio haze (mbĭte) medio. (Mbĭterupi aumòbog) partido por medio de los dos. (Oyobĭtepe) en medio de los dos. (Amboyobĭte) partido por medio. (Mbĭtepò) tolondronés. Mend.

Bo — breve es terminacion del gerundio, y supino. *Item*, con este (Bo) tambien se haze la forma del sitio. V. el Arte. suplem. cap. 8 excep. 1.

Bo. r. — Con nombres tiene fuerza de participio (Bae) *per modum habitus*, ut: (açĭbo) el que anda enfermo. (Nembaetebora) los que estan llenos de soberbia. Senal. (Huỹbò) el que está fechado, *continens sagioram*. (Huỹborè) la herida de la stecha ò señal de la herida. (Co ỹbĭ teçaĭbo) esta tierra lugar de llanto, valle de lagrimas. Effecto. (Tupã neémbo) effecto de la palabra de Dios.

Bog — abertura. (Ybĭatabog) abertura de la pared. (Ambobog) partir. V. Thes.

Boy — luego. (Ohòboy) se fue luego.

C.

Ca — Particula que la usan quando se determinan á hazer alguna cosa; no se uza hablando con otros, sino absoluto, y la usan los varones en el numero singular, las mugeres dicen, quĭ, ut: (tahácá) ea vaya yo, dicelo quando se determina á yrse. (Tahayco no cá) me determino à yr otra vez. (Teñemomarãngatu guitecobo coĭtecá, cherecopochĭcue reroyaebĭ potareỹmo, oyabo raco cunumbuçuamo) etc. Pom. Para el plural usan la particula (Pa) V. Pa.

Caáru — tarde. (N. ỹma) es tarde yá. (N. ramo aháne) porl a tarde yré. (N. pitũramo) por la tarde, puesto ya el sol. (N. pĩhayerupi) muy de noche. (N. chupe yboramo memê) anochecido en el camino mientras iba.

Cacá — poco trecho. (Caabiarã reroracocaharera) son los que acompañaron por poco hecho á los que iban al hierbal.

Cacarî — cercano. (Ndemanõ N.) estas cercano á la muerte. (Yhò N.) está a punto de partir.

Cacò — 1. (cacoy) es lo mesmo que: (que acoȳ). (Acoybe caco mbia oyabamo paè, Pay rerobiani) no es como antes la gente que obedecia á los Padres. (Ayè cacoy rea) assi passa; aprobandolo que se dice.

Cacheche — 1. (cachechey). Interj. del que se rie y haze poco caso.

Cami — por ventura. (Ma ndeaè cami rae) anda tu por ventura, has de yr en esso, como medio riñendo, ò espantandose que haga tal cosa. Se suele juntar con (meguay), ut: (Meguaȳcami ahane) quisas irè. Nota. Muchas vezes esta particula (ami) que significa: solia, costumbre, por la sinalefa que haze con ella la diccion, quele precede, ut: (chapacami), *id est*: (chapaco ami) pues ya sabeis que solia. (Chacami aracae) veis aqui, que solia antigamente.

Carambohe — antigamente, (ȳma N. raco cunumbuçu amo) antiguamente un cierto moço. (N. haguerabe) desde mucho tiempo acá.

Catu — que con narigales haze (ngatu) bien. (Ayqua acatu) lo sé bien. (Ambocatu) tengolo por bien, apruebolo. Bueno. (Aycatuog) sacar lo bueno, escoger. (Ombaecatucuè meme omboyaò yaò yporiahubaeupe ymeēnga) repartio todos susbienes á los pobres. Muy. Yporangatu) es muy hermoso. Mucho. (Cheāngapĭhĭ catu) me consolé mucho. (Arè catu rirè) despues de largo rato. Antes. (Nomoñȳroȳ, omoȳrõngatube catu) no le desenojo antes le enojò mucho mas. Mas antes. (Cobaeagui ma baè catu pangã ereypota) destos qual mas quieres. No fino. (Ambuae catu ereruamo biña) no fino el otro avias de aver traydo. (Cangui catu rae) erre pediendo agua, vino quise pedir. Si. (Checaru ay quaa) yo si lo se. Negado dice: no ser bien, licito, justo, y no poder, ut: (ndicatuy cheyyapohaguama) no es bien que yolo haga, no lo puedo hazer. (Yecoacuramo, ndecatuhy coóú haguäma) en dia de ayuno, no es licito, no se puede comer carne.

Con (ete) en los pronombres dice: mesmo. (Checatu ete ahecha) yo mesmo lo vi. (Na haècatu ete hechagirereguāȳ omombeú) lo dice sin haverlo visto el mesmo. (Catuȳ)

disminuye algo. (Tubicha catuỹ) grandecillo. (Arècatuî rire) de aqui á un rato. Con particulas diminutivas, y negacion (eỹ) haze superlativo, ut: (mirîeỹngatu) muchissimo. Pospuesto á la particula (ya) dice: cabalmente, ut: (yyacatu) es a la medida. (Ara yacatu) todo el dia entero. (Ybĭyereha N.) toda la redondez de la tierra. (Cherecobẽ, l. chemanō eỹ N.) toda mi vida. Lo bastante. (Acaru N.) comi lo bastante (l. yyacatuñore acaru).

Catupaco — Interjec. de cosa vista, ò oyda. Un muchacho admirando-se de que su Padre le aya dicho que no le tenia amor, respondio: (Catu anga paco cheruba cheruba a etey ndebe guite cobo yepi) pues de balde te estoy diciendo siempre: Padre mio, Padre mio.

Catu — (pipo) del que se admira de cosa exorbitante, ut: (catu pipo ucúy, çoò rerubo). Tambien dice: es possible. V: Co catu pipo.

Catu — (ānga pipo) del que se admira, agradandose de alguna cosa.

Caturá — es interjecion del que se admira de cosa exorbitante en los martyres, dicen: (yabaerecaturá); a muger dice (carumaē) *item* del que se enfada, ut: (caturá pecẽce ocape) la muger dice: (caturaré). Tambien lo usan en chança queriendo enfadar a otro.

Catutepe — que es possible. (Coára catutepe cheuñeẽngabe rae) es possible que llego al dia en que mi Padre me avia de hablar.

Catupe — en publico. Lo mesmo que: (teiỹpe, l. pabĕrembiecharamo).

Co — toma ò tomad. (Corey) tomad olá, *seu*: esto olá quando quiere dar alguna cosa.

Co — esto. (Co pānga) es esto? Aqui. (Cohini) aqui está. (Conico) veis aqui, esto es. (Conaco, l. cotenaco) ecce, esta aqui. Co nānga, l. cone esto es, es à saber. (Conunga, l. corani) como esto, ó desta manera. (Coñabĕ) otro tanto como esto. (Coramō) esta es la primera vez, lo mesmo que: (āngramō) esta es mas usada. (Coỹmani yquay) aora en este punto passò. (Coherā, l. coypo, l. conipo) ò quisas esto. (Cotera) *vel*, *aut*, *an*, *etiam*, ut: cobae panga ereipota coterā acoibae) quieres esto, ò aquillo, *hoc, an illud*.

(Tou Peru corerã Pauru) *veniat Petrus aut Paulus*. (Tamboyequaa minĩ Tupã upe aceyerureha, corerá yerure eyhá guitecobo range). Nicol. Trat. 4. Doctr. 1°. Permitaseme el explicar um poco primero lo que debemos pedir á Dios, y tambien lo que no debemos pedir. Y en este sentido lo hallo apuntado del Padre Mendoça. (Corireme) de aqui adelante. (Cocuerabe, coguibe) *idem*. (Cocuerabe aha Tupãópene) de aqui irè á là iglesia, sin entrar em mi casa; lo uzo un Indio estando em su chacara. (Coaguibe l. coguibe pepè) desde aqui allá. (Cobae, l. cobeỹ) todavia aqui. (Coetey) aqui cerca, ò á pique, ut: (coeteỹ, l. ceri chemanóhabangue bina) estuve a pique de morir. Talqual vez dicen: (co) por (raco, l. nico).

Coamo — (panga, l. pae) qual estuviera. (N. oico ebapo rae) qual estuviera, si allá estuviera. Band. Pues como avia de). (N. ereho chemongeta eỹmobe rae), pues como te avias de yr antes hablarme? (N. ereho, iña ima ndeẽ eỹmobe raè) como te avias de yr sin despedirte. Dicen tambien: (como pae) por (coamo pae).

Cocatu — (pipo) aora sique. (Cocatu anga pipo guimanõmo rae) aora si que estuve á peligro de morir. (coete pipo) *idem*. Pero en el futuro dice: (es possible) (Cocatu pipo l. herá guimanõmone rea) es possible que me tengo de morir, es lo mesmo que: (Guaete pipo, Hî pipo, *vel*: coeta pipo, l. piche amanõ raene).

Cocatu — l. (coereamõ herã) Ah que fuera si. (N. guîmanõmo rae) ah que fuera si me muriera. (Guaete amo ñerã, Hîamò herà) *idem*.

Cobae — esto. (N. rehe) por esto. (N. cueraçoce) mas que esto.

Coẽramo — mañana. (Curi coẽ) mañana por la mañana. (Coe coáruramo) mañana por la tarde. (Coeramobe, l. coerupibe, l. coecîramobe, l. coẽ y equaaramobe, l. yequaarupibe) en amaneciendo.

Coỹ — cerca. (Coi necomi) aqui cerca está. (Coî coî) aqui cerquata. (Coî coî chepícéri biña) estube yá para resbalar. (Coî-coî amanõ biña, l. coî coî namanoy) estuve a pique de morir.

Repetido tambien dice: frequentemente, pero no muy usado, ut: (coî coî chenupã chererecobo). Arag.

Cōi — puede decir : dos cosos. (Conumī cōî) gemelos, de aqui sale el numero (Mocōy) dos.

Coĩre — aora, y no antes, aora mas que nunca. (N. amo paè cheò chapó) aora yo avia de yr allá, suponiendo, que no quiere. Mas usado es: (angeè amo panga).

Coîri — poco ha. (N. ayu) poco ha que vine. (Na coĩrîgua ruguaỹ aipo) no há poco que esso succediò. (Na N. rûguaỹ yhoni) no há poco, mucho ha que se fue.

Coĭte — finalmente ya. (Cheroçamba N.) finalmente se me acabò la paciencia. (Aru N.) ya lo traego. (Angño N.) esta vez no mas. (Ang N. anibey) de aqui adelante ya no mas.

Copaco — acaso todavia: es pregunta. (N. acoibae Pay reconi) vive, ò está á caso todavia aquelle Padre. Mart.

Coromò — despues. (Coromè tayapo) despues lo hare. (Coromò ameēndebe) despues te lo darè; siempre apela tiempo futuro, aunque el verbo no tenga la particula (nè). (Amocoromò) dilatar á otro tiempo.

Coromongatuĭ—l. (Coromo romoĭ ñote ahana) irè de aqui à un poco. V. Curie.

Core — veis aqui. (N. acaŕuguĭtena) veis aqui que estoy comiendo, dicelo combidandole. (N. mbĭaruri) veis aqui, herelo aqui, estando en esso, vino la gente.

Cote — (ndaye) pero cata aqui. Usanlo aqunlo refierem alguna cosa. (Ndipori mbìa oyaoyabau N. ỹbĭrayyà ocê yeçapìa ypocohubo) dixo no ay nadie, pero cata aqui que salió de repente el alcalde, y lo cogió. (Aicobē pucunche guitecobone, oyo oyabau N. pìhaverupi teō oheçapia) Vivirè, dixo, largo tiempo, pero no fue assi, porque la muerte lo cogio de repente. Arag.

Cotĭ — hazia. (Cacotĭ) hazia açá. (Amōngorĭ) hazia allá. (Checotĭcotĭ peyubopa) *venite ad me omnes*. Band. repetido tambien dice: contra. (Checotĭcotĭ) contra mi.

Cue — r. Particula que haze preterito. V. el Arte parte 3. cap. 1. §. 4. Apend. Haze tambien numero plural. (Coñande procue) como estas manos. Arag. Iren todo lo que es de una especie. (Torocue ñote oyehu) no se hallan mas que toros.

Cuehẽ—Particula que dice tiempo passado. (Conico amboyequaa peẽme guitecobo N.) esto es lo que as estuve explicando los dias passados.

Cuehe — etey, ayer determinadamente. (N. ñanonde) antes de ayer. (Cuehe eteygua) cosa de ayer acà. (Cuehe eteybe) desde de ayer. (Cuehe ambuae pȉpe) el otro dia indeterm. (Cuehegua ara ambuae ae pȳpe) en los dias passados. (Cuehe catu) dias ha, etc.

Cu — esse, essos. (Cú ȳba) esse cielo, ò essos cielos. Con la posposicion (pe) dice allà. (Cú ȳbape) alla en el cielo.

Cuy — l. cuybae, aquel. Mucho se usa adverbialmente, ut: (Cuy beramĩhiĩ) parece que està alli. (Cuybe) veslo ay todavia. (Cuy yquay) allã passa. (Cuycotĩbe) mas alla.

Cupe — lexos. (Cupeguà) los que estan lexos. (N. tequara) los que estan ausentes. (Cupe aheya) lo dexè alla lexos.

Curi — aora. De preterito. (Acaruĩma N.) aora acabo de comer. Rato de tiempo. (N. que eico abapó) um rato no mas, no te detengas mucho allá. (N. ñote l. curiteĩ ñote aico) estuve poco. Despues. (N. aracañȳmbape yahechane) lo veremos despues en el dia del juizo. (N. ambuape) otro dia. (N. coẽ) mañana, por la mañana. N. (coẽramoboe) mañana luego que amanesca. (Na N. ruguay) mucho há. (Curime, l. curimeĩ l. curitei) luego al punto. (Curie, l. curiye, l. curingatuĩ, l. curingatuĩ riré) de qui aun poco. (N. mirinabõ, l. curi curĩñabõ) cada instante. (Curi autamo, l. curi aupe) oxalá.

Curibey — aora poco há, ò de aqui á un poco.

Curicomo — Interjec. (N. ahẽ ymèngua rae) mirenlo otra vez con las chocarrerias con que sale.

Curiè — l. (curiye) dice tiempo futuro. (Meguãycami N. nomeeyebĩbeychene, peyabo) Nic. diciendo quisas nome dará el dia de mañana. (N. ceri) de aqui à un poco. (N. catu) despues de um bueno rato. (N. guarãma) para despues.

Curiî — ámenudo ò presto. (N. añemombeu) me confiesso à menudo. (N. eyebique) mira que buelvas presto.

Curime — l. (Curimeȳ) luego al punto.

Curitey — *idem*. (Tereho N.) vete luego. (N. ñote aycone) estarè un rato. (Ambocuritey cherembiapo) abreviè mi obra. (N. quie ÿbĭpe ereicone) vivirás poco. (N. mbĭrĭ) algo presto. V. Thes.

Çabi — (ñote 1. cabiramĩ, 1. çabirapicha) en un pesteñear de hojos, luego, en un instante.

Çando — (çandohape) interpoladamente. (Oyporari çando geŷngatu oicobone) estará padeciendo sin interrupcion.

Çapìa — 1. (yeeçapĭa) de repente. (Omanō N.) murió de repente. (Añee N. chupe) le hablè apressuradamente. (Yeeçapìahape oremanōramo amō) si ubieras muerto de repente.

Ce — gana, querer. (Ndecaraiçe panga) quieres bautizarte. (Chehoçe catu) tengo mucha gana de yr. Con narigales hazer (nde) (nachecaneōnderi) no tengo voluntad de cansarme. Por poco. (Chereroáce) por poco me derriba. V. Parte. 3. cap. 2. §. 8 *versus finem*.

Ce — 1. (che) particula que se pospone á la negacion del futuro, optativo, y subjuntivo, como queda dixo en el Arte, ut: (namanoŷchena, 1. chene) no morirè etc.

Ce — (que rea). Interjec. Lo mesmo que: (Hee que rea) bien empleado.

Cerĩ — cerca, á pique. (N. chemanō habanguebiña) estuve cerca de morir. Poco. (Açĩri N. chugui) apartame un poco de el. (Ndey N.) poco falta. (Cerĩbey) un poco mas. (Ceriŷ) poquito. Por poco. (N. tamo guicaita rae) por poco me quemo. (Cerĩcerĩ opa oguераha) por poco no lo lleva todo. Brand.

Çî — Particula distributiva. (Moçoîçî) de dos en dos.

Çoce — sobre. V. Açoce.

Çua — lo mesmo que (guara, chepopeçua) por (chepogua) lo que está en mi mano.

Cha — lo mesmo que (ña), nota de primera persona inclusiva del permissivo. (Chamboè) por (ñamboè).

Cha — 1. (chaque). Interjec. del que muestra ò advierte. (Chaque Tupā oñemoŷro ndebene) mira olá que, Dios se enojará contigo.

Chāng — Interjec. del que se admira.

Chapānga — (Chatepaco chatepe) etc. Sirvem para

conciliar la atención. V. el Arte en la nota de las partic. de pregunta. Parte V.

Che — ola, llamando a algun Indio. Es tambien particula de quien se muestra medio enfadado. E. G. dice uno: (emondo ўgayaha) y resp. el otro: (che) no tendras un poco de paciencia; y lo dice con algun tonillo.

Cheau — (paco). Interjec. del que se duele. Ay de mi.

Chi — ola, llamando á otro; y es interjec. del que haze silencio pronunciado con voz baja.

Chuara — lo mesmo que: (guava). (Tobaichua) por (Tobaigua) contrario. (Yoĭpĭrichua) dos que llevan una cosa, como se llade manos. (Haquĭcuerichua) los que estan, o vienen atras.

E

E — particula que tiene varios significados. V. el Arte, parte 3. cap. 2 § 8.

E — decir. V. verbos irregulares.

Eacai — de muger *indignantis*. Arag.

Eacaì — (ãnga pico) de la muger que se admira, agradando-se de alguna cosa; el varon dice: (Ataĩ).

Ebapò — alla. (N. agui agu) vengo de allá. (N. guara) los de alla etc.

Ebocoy — l. (Ebocoybae) esso, essos. (N. catu) esso si. (N. rehe) por esso. (N. rã rehe) para esso. (N. ramĩ) dessa manera. (N. rami etei, l. N. ramingatu) dessa mismissima manera. (Aỹ) (N. ruri) aỹ viene. (N. rupi) por ay. (N. yhomi) allá vá. Muchos despues de haver-se confessado, dicen: (Ebocoe ñote ebocoy) esso no mas tocante á esso.

Ebocoy — (ebocoi) repetido. Interjec. del que advierte. Alerta allá va essa fiera etc.: es muy usado.

Eguã — Interjecion del que desprecia.

Eguĩ — l. (eguibae) esso, essos. (N. rami) dessa manera. (Eguĩ, l. eguĩme) ay en esse lugar. (N. rupi) por ay. Es tambien particula repletiva, como repara el Padre Mendoça, que se pone muchas vezes por ornato. (Ta,

mapehendupotari beramĩ eguĩ Tupãñeẽ) parece, que no quereis oyr las palabras de Dios.

Eguĩaỹ — 1. (egumõte) dice: modo, mañas. (N. mbĭa) essa es la gente, essas son sus mañas. (N. raco mbia reco) *idem.*

Ey — debalde, sin causa. (Cheacacá èy) debalde me tiene. (Ndayapo ey) dexé lo de hazer sin causa, no con mal fin. (Aycó ey) estoy ocioso, desocupado. (Vaca omanõ eỹbae) dicen á las vacas que muerem de suyo. Con el verbo (ae) dice: mentir. (Oyabey nipo) quiças mintiendo. V. (yei). En lo negativo muchas vezes dicen: (yei) con la primera (y) consonante. (Namombabi yei) no lo acabè debalde.

Ey — á caso. (Ayohuey) le hallè á caso, sin buscarlo. (Yeçapĭàhape hechaey ñoteramo aete) Nicol. pero mirandole a caso etc.

Eỹ. m. — Es negacion como queda dicho en el Arte. A vezes la usan en los tiempos del optativo. Con nombres dice: sin. (Angaypa eỹ) sin pecado. (Mbae eỹ) nada. Con otra negacion afirma: (ndaho hubeymĩ) no le dexo de amar.

(Na cheraçĭ cyramoruguaỹ) no estando sin enfermedad, *hoc est*, estando enfermo. (Eyme) negacion de lugar, ut: (Tari eỹme) donde no ay fuego. En el verbal (Haba) da raçon, porque no se hizo alguna cosa, ut: (Chepĭrau habeyme areteramo yepe ambaeapó) por no tener solsiego, aun en dia de fiesta trabajo.

Eỹè — assi como assi. Rige gerundio, ò subjuntivo. (Ma niñangatabeyche tepipo. Aba oãngayparire guembiapo caturà amo rehe? eỹéteniãbae tecobe amboaepe guepĭ eỹramo chebene, oyábo). Band. Doctr. 1 de los sacr. No ha de cuydar mas por ventura de hazer obras buenas el hombre despues de aver pecado, diciendo, assi como assi no han de tener premio en la otra vida? Tarde que temprano. (Ey é tenangã Tupã nde mboaraquoabone) tarde que temprano Dios te ha de castigar. Veras, o vereis como. (Eỹ e. 1. Ei ye tenipo pecaneõ poteỹramne) vereis como os cansareis debalde. Band. nota que (Eỹye) muchas vezes es lo mesmo que: (Eỹndaye) dicen que dixo.

Eỹè — no basta que. En este sentido lo usa el P. Aragona, ut: (Eyê ỹbĭ rupi guitecobo hae amopiche abohìỹ?) no basta que ando ápie, y avia de yr cargado?

Eỹmbe — aunque no. (Eyoquay toya po N.) manda se lo aunque no lo haya de hazer. V. Thes.

Eỹmirē — l. (Eỹ mbite l. eỹ rirè) dan estos tiempos sino voiera, por no aver. V. Arte en el suplem. cap. 3. num. 3. Tambien da este romance: Hasta que no, mientras que no, ut: (angaypa rehe yepoquaahaba açe ymondogeỹ rire, niñangecoi añā) Ins. Hasta que no corre el nilo dela mala costumbre, no se le da nada al Demonio.

Eỹmobe — l. (eymbobe, l. ỹmobe) antes que. (Cheho N.) antes que yo vaya. (l. guiho N).

Eỹco — l. (eynico) como si no. (Ayapo N.) como si no lo ubiera hecho. Poco usado; se puede decir mejor: (cheyyapo eỹramo amopae?)

Eme — l. ỹme, negacion del imperativo ò permissivo. V. Arte.

Emona — assi de essa manera. (N. ramo) siendo assi. (Emonaỹ) dessa misma manera. (N. tequara) los que se portan, ò viven de essa manera. (N. nunga) semejante á esso. (Emonaé pipe) con semejante dicho.

Emonaè— l. emonande (y assi essa há sido la causa). (Hera cherembiapo N. ndahay) mucho tenia que hazer, y por esso no fui. Mend. Mas usado es (haerāmbae, l. Aipohape, l. aiporehe.)

Eney— l. (ney) es particula de animar, suele regir gerundio, ò permissivo. (N. eñemombeguabo, l. tereñe mombeu) ea confiessare. En el plural (Peñeỹ) en hora buena, sea assi). (Peñey herahabo) en hora buena llevad lo.

Eneỹ— (que rea) acaba ya, dice el varon. La muger: (eney que reỹ.)

Epe— (epeyepe). V. en el Arte Transiciones.

Eque— (caturare). Interjec. de la muger que se enfada.

Ete — muy, verdaderamente. (Ycatupĭrĭete) es muy bueno. (Heco ete) su ser verdadero. Nota. Heco ete, l. heco etehaba, tambien puede decir: mucho numbre. V. Tee.

Etey — totalmente. (Opa etey) se acabò del todo.

Solamente. (Nderechaca etey ayu) he venido solamente á verte. Verdaderamente. (Mara eteypa ereico) como estas, como es propriamente tu salud. (Ycarai eteybae) los que son verdaderamente christianos.

Eti— (etiquerà, ti querá). Interjec. de enfado, usan quando oyen... malas, ò pesadas. Corresponde à nuestro romance: dexa esso, basta ya.

Tambien lo usan por enfado reprehendiendo muchachos inquietos: lo mesmo es, y mas usado: (Mará pia rá, l...) son muchos. Si es uno: (Marâ picorá). *Item* quando temen algun daño á otro, como si alguno subiendo un caballo desbocado temiendo que le aya de derribar, dicen: (etieeri etiquerá) y filo derriba, dicen luego, (hĭndotĭp) no lo dixe yo.

Item, corresponde á lo que decimos en romance, aora lo veras. E. G. no puede uno enlaçar algun toro, ó levantar algun palo etc. en tal caso arremangandose dice: (etiquera) aora lo veras. Item, quando yerra en el juego, ó otra cosa, ut: (etiguera marătera ahe yyapieymo raè) y como erró el golpe.

Eu— (acai, l. Eucaí, l. Eu angà panga mae). Interjec. de muger que se compadece, ò admira.

Eupe — l. (eupebae) esse. Es tambien adverb. (Eupe, l. eupepe hîni) vesto aỳ está. (Cupe ocape) aỳ fuera, As vezes es lo mesmo (eupepe) que: Acoiramo.

G

Gaî— l. (Ngai) es lo mesmo que (angá) palabra de amor.

Guá— guá. Interjec. del que espanta. (Gua angamae) de la muger que se enfada.

Guabai— verbal de muchos verbos, ut: (mombeguaba, de Amombeu.)

Guara— es particula usadissima. V. el Arte, parte 1. cap. 1. Apend. y en el suplem. cap. 7. (Guarete) pos puesto al ablat. dice (provecho). (Chereco reheguarete

cherȳmba omanô) murio mi novillo que me hazia mi chacara.

Guaçu— grande. Con verbos dice (mucho). V. Parte 1. cap. 1 § 3, Apend.

Guaete— Interjec. del que se duele, y admira.

Juntar com (pe panga paco) etc. (N. pe nde amȳri) Ah desdichado deti. (N. anhaipa poro mbotadiceray) Inf. ó peccado enganador. (Tu guãetepuguîguaçu guerarāmo) ò que de venados ay. (Tu guaete pic ahẽ Abati rerecobo) O que de mais tiene fulano. No es interjeccion del que se duele solamente, ò se admira con dolor, sino tambien del que se admira aun alegrando se. Por interjeccion de admiracion sin que incluya juntamente dolor, la uso el P. Pomp: explicando pues, ó perifraseando aquellas palabras del profeta Baruch. *O quam magna est domus Domini, et ingens locus possessionis ejus, magnus est et non habet finem.* Dice assi: (Tuma ypĭahȳ nduçu etey renipo Tupã requa rae ráguaete catupico cheya yecoboñagague gubicha poromboeçangopa ngopa eteramo rae reá? Mà ndipopĭ popĭ aúbiyé herà ngico cu etèoho ohoibo, oapĭreingatu renoĭua). Dice tambien: es possible. (Guaete piche guimañomone reà) es possible que me tengo de morir? V. Co catu.

(Haete pico) *idem est, ac*: (Guaete pico), ut: (Haetepico ñande peabĭ abĩho yaicobora) ah que hemos errado nuestro camino.

Guãma— lo mesmo à vezes que (rãma), ut: (Cherembiraha, guãma) lo que dellevar. En el infinitivo equivale al participio futuro. (Mbaepaguama) por (mbae opabarãma) cosa que se ha de acabar.

Gue— r. Nota de preterito, ut: (tendague). V. Parte 2. cap. 1 § 4. Apend.

Guetebo — entero. (Eraha N.) llevalo entero. (Chepĭa N.) de todo mi coraçon.

Gui — es posposicion del ablat. V. (Agui Oyogui yogui) como se siguen.

Guibe — explica el termino *à quo*. (Quieguibe pepè) desde aqui allá. (Aracaheguibe) desde quando.

Guiyaboe — V. Oyaboè.

Guiyaboi — sin causa. (N. ayapo) huzelo sin causa. V. Oyaboi.

Guìrî — muy cerca. (Coẽ N.) muy cerca de amanecer. Debaxo (chepoguìri) lo mismo que (chepoguibe) debaxo de mi mano, de mi dominio.

H

Ha — b. Terminacion de los nombres verbales, como queda dicho en el Arte. Se usa tambien sola, ut: (Yhape) en donde el está. (Yharupi) por donde el estaba etc.

Haçĭpe — con difficultad. (N. caru) con mucho trabajo, y difficultad. (Hemĩmboaçĭpe yepe ahane) iré a su pesar, aun que lo sienta he de yr.

Hae—conjnncion copulativa. (Che, haè nde) yo y tu.

Haè — el, ella, esse, esso. (Hae oyopò) el, ò ella lo hizo. Pregun. (cobae panga) es esto? R. (hae) esso es. V. Art. parte 2.

Haèbae — el, ellos, aquel, aquellos, ello, esso. (Na N. rũguaỹ) no es el, ò no son ellos. (N. panga) ea aquel? Preg. (co pipo hemimombeueue) es esto por ventura lo que el referio? R. (haebae) ello es, esso es.

Haeaè — l. (Haeay, l. Haetecaru, l. te caruay) el mesmo.

Haebé — bueno. (N. panga) esta bueno? (N. eté) excelente. (Ambohaebé) lo abono, lo apruebo.

Haeboỹ — todavia, significa perseverança. (N. che acãngaçĭ guitupa) todavia estoy con dolor de cabeça. Con (ñandu) explica costumbre. (N. guecoaquì terecobo ñandu) todavia es floxo, como siempre.

Haèramo — por esso, por tanto, luego, en conclusion. (N. yayerure Tupã upe) etc. por tanto pidamos á Dios. (N. ndeyapuraa) luego tu mientes. Despues de averlo convencido de mentira corresponde al *ergo* de la lengua latina.

-Haeramobe—desde entonces. Mas usado es: (acoiramobe.)

Haeramoy — por esse fin, motivo, causa. (Mandïyu heta quie, N. ayu) aqui ay mucho algodon, y á esso solo vengo.

Haeramoño — (ỹme) no solamente entonces. (N. peñemboçacoi Portue rehe) Mend. no solamente entonces, quando el Portugues quiere llegar, os aveis de apercebir sino que siempre aveis de estar alerta. El (penemboçacoy) es imperativo.

Haeré — l. (Haereè, l. Haerire) y despues.

Haerepe — y pues. (N. ndereyapoi) y pues no lo has hecho ? (Luego). (N. cheyapurai) luego yo miento ?

Haỹme — apique. (N. ndaari) à pique estube de çaer. (N. ndayapoi) á piquė estube de hazerlo. A' duras penas). (N. ayapo) a duras penas lo hago. (N. açèyepe) á duras penas escapè.

Hîiamo — por poco. Lo mesmo que : (Ceritamo N. cheyucabo rae) por poco me mata, estubo por matarme.

Haya — guarte. (N. ndeangaipa ỹme) guarte, no peques. Quierendo un miño tocar alguna cosa dicen : (haya) dexalo.

Hayè — de traves. (N. y cemi) saliò de traves. (Chevaye ycemi) me saliò traves. (Cheñeẽraye) me interrumpio contradiciendome.

Hayeboe — de poco acá. (N. amo pangã ndendearaquaa quaabaú) aora avias de tener juicio, que no lo has tenido hasta aora. (N. taçi ahé oypotara) de poco acá cayò enfermo. Mart. y Mend.

Hayce — de poco acá. (Ndahaycèruguāỹ he yñangaipa) no lo hà de aora el ser vellaco. (Nda hayeeruguaỹ ndebe requaramo chereconi) no es en mi casa nueba el servirte. (Hayeè ymarànguru) de poco açaes bueno. (Aora mas que otras vezes) lo mesmo que (Angeè, l. Angey). V. Ang.. (N. ruguay acoi ahe ymarã ngatu) no lo há de aora el ser bueno.

Hayei — hazia, por derecho. (Nderayei guaçú amoṇdó) hazia a ti embié el venado. Arag.

Hápe — Por. (Aypohape) por esso. (Aypohapeè) solamente por esso. (Tupãraïhupapeè) puramente por amor de Dios. (Hapeỹ) *idem*.

Hápebe — hasta. (Chemanō hápebe) hasta ala muerte.

Hapĭbe — al revez. (N. cotĭ, l. guapĭpebo eremōndo ndeao) al revez te vestiste la ropa, *hoc est*, lo de dentro à fuera. *Hinc* (Ahapipebāng) lo doblo poniendo lo de dentro á fuera.

— Hari — l. (Ari) del que se admira. E. G. dicen algunos: Arrastramos este palo, y otro viendo que son pocos *vel* palo muy pesado, dice: (tutu, hari ȳbĭra miri). Preg. (Ndenembiahȳîpa) tienes hambre? R. (Harichecaru rirètamo pàe) si como ubiera comido? Dice uno (Pay où) viene el Padre, y R. otro: (Ari hechapĭreȳ) miren lo que nos dice, como si no lo ubieramos visto. Lo usan tambien quando yerran, ut: (Ari, cobae caruraè) errè no, sino otro avia de hazer yá esto. Tambien se reduce lo que oy de un Indio, en circunstancia que sus compañeros se avian ido para traer palos, estando tambien el senalado para ello: (Ari che abê pacò obòbaerà rae). Tambien lo usan, quando quieren significar que no elos, sino los otros que lo dicen ò achacan alguna cosa tienen aquello. E. G. te dice uno à otro apodandolo: Anda que eres un puerco, y R. el otro: (harinde) como si dixera: antes tu lo eres. Dixeron algunos á otro: (Pendecareȳ aete āngau racó mbaè rehe) y R. los otros: (haripee) y es lo mesmo que: Peeugatuye acoipendaca teȳ etey mbaè rehe). Usan lo solamente los varones, porque las mugeres por (hari pee) dicen: (Aipopopeè rae.)

Item, quando ygualan, y hazen comparacion de uno con otro y queiren decir que es como aquello, ni mas ni menos. E. G. viendo un hombre de dos caras dicen: (Hari Judas) como si dixera: cata aqui otro Judas. Aun niño lloron dixo otro: (Hari Andaiaquĭ) y quiso lo decir que era otro andai tierno.

Haube — si quiera. (Peteȳ N. l. yepe) uno si quiera, *unus saltem*. (Peteȳ yebȳ N. yeperamo onemboaçĭ rae) Oxalá una vez si quiera se ubiera dolido. (N. ndaqueri) sin causa, no sè porque no duermo. (N. ndoronupai) no sè que me tenga, que no te açoto. (Haubiehaubi) *idem*. El P. Ruiz, y Mendoza le dan otros sentidos, pero no los hallo usados.

Haúbie— V. Ndahaúbie.

He — olá. (Eyapoque hẽ) miroque le hagas olá, dicelo el varon al varon.

He — comodidad. (Aquehe guitupa) duermo acomodamente. (Cherecohe hape ayco) estoy acomodado. Hine (Tecohe) comodidad. (Amboecohe catu herecobo) le di buenas conveniencias.

He— aỳme. Interjec. de la muger, que se alegra.

Heco— (aỹ l. Heco ñaỹ). Costumbre. (Hecoñaỹgua) cosa ordinaria. (Heco aỹ cherĩaỹ) es mi costumbre el sudar. Band. (Heco ñaỹ cacorá, l. Hecoy naỹ, l. hecoi aỹ cacorá) esta es su maña o costumbre. Lo mismo que: (Hecotĩ ñote, l. yepigua ñote que aypo). Usanlo quando estan enfadados de ver, ò oyr siempre una cosa.

Heẽ — si. Lo usan las mugeres, porque los varones dicen: (Tá.)

Heẽque— (heẽquerarè). Interjec. de la muger que se alegra, assi assi, bien empleado. El varon dice: (Hee que rea.)

Heguã— (ãngaỹ). Interjec. de la muger, quando al que porfia se dice: dale quele darás.

Heguã— (ãng mae). Interjec. de la muger, mire conque tiene otra vez.

He heỹ— Interjec. de muger, que se alegra.

Heybe— (ñote l. hey teĩbe ñote) fingidamente. Rige gerundio, ò subjuntivo. (Heybey ñote ndemarangãtu aúramo) muestras ser bueno, siendo malo.

Heyape — debuelta. (Chereyape) enbolviendo yo. (Gueyapeè ohone) enbolviendo-se irá.

Herã— Es pregunta con duda como queda dicho en el Arte. (Ma hera, l. ma terã, l. huma herã) en donde está? Tambien significa (no se) no solamente quando te pergunto. E. G. (Aracaè N.) quando? y R. (Aracaè N.) no se quando? Sino tambien sin perguntar. E.G. (Ñeeamo mamoagui oubae herã oñeendu) se oyeron unas palabras que no se savia de donde venian. Nicol. Preguntando si los bienaventurados comèn en el cielo, R. (Mbaẽ N. ỹupĩ catucue pabẽ agui haengatubebae pĩpe Tupã nandeyara oyyaçeò moatỹró tĩro) etc. Con una cosa que no se sabe, mas sabrosa y dulce etc. (Abarete N. ohechá) viò como un

cuerpo de un hombre (si) dudando, ut: (equa terehecha ou N.) anda mira se ha venido. Lo mismo que: (nipo) (Tahecha aypo cuehe hemimoumbeú mbeú aú hupigua N.) quiero ver si es verdad, ò no lo que el dixo ayer. (Amohera) lo pongo en duda, ò no hago caso. (Chemoherãni mbïa cherendaguã moỹ eỹmo), Arag. no hizieron caso de mi no dandome assiento. Poco. (Emoatâ herã) tira lo un poco. (Apocoherã heçe) le toquè ligermente. (H. ãneỹ) no poco.

Heruguã — no sè, que se yo. (Heruguã anyguaỹ l. maê). Interjec. de la muger, que no cree.

Hetá — muchos. Es particula que haze plural como queda dicho en el Arte. Con pronombres dice: tener gente, ut: (Chereta) tengo mucha gente. *Hinc*: (Añemboeta) agregar gente para si. V. Thes.

Hetĩp— Interjec. del que no quiere assentir, poco ò nada usada.

Hĩ—Esta particula tiene varios significados segun la variedad de las particulas que se le llegan. (Si) lo mesmo que: (ta), y lo usan, dice el Padre Mend., quando uno hà preguntado con curiosidad. Con (panga, l. paco) sirve de pergunta, y da este romance: (es verdad que) ut: (Hĩ pangã tembiú hetá penetãme) es verdad que teneis mucha comida en vuestro pueblo? R. (Hi, *vel* Hĩ raco) si es verdad. (Hĩ paco ahe oubotae) es assi que fulano vino? R. (Hĩ naco) si assi es.

Hĩpipo — es possible. (N. cherenoĩna oubo rae) es possible que vinieron á llamarme? (N. che guimanomone) es possible que me tengo de morir? Band. (N. Tupã ñandeyara aipo ndeangaipa pichibi catu yepe rerooçanga. tubo oicobo raè). Insaur. Es possible que Dios Nuestro Señor aya suffrido esso tu pecado tan feo. (Hĩ ete pipo) *idem*.

Hĩnangà — cierto que. (N. ndepochĩ) cierto que eres vellaco. (N. ahẽ oñemee Tupãupe coĩte) de verdad que fulano se há buelto yá á Dios. Ruiz. (Hĩ naco) *idem*.

Hĩamo — l. (tamo) por poco. (N. nahendubey ehé Missa raè) por poco no oygo missa. Ruiz. l. (N. Missa rendueỹmo raè, l. Hi piche Missa rendueỹmo raè). Aqui el (piche) está en lugar del (amo, l. tamo) como queda dicho,

en el Arte. Es assi (N. cheyyapobo raè biñã) es assi que lo avia de aver hecho. Band. Mejor, ò bueno fuera, ò ubiera sido. (N. erenemombeú rangè) mejor fuera que te ubieras confessado antes. Ruiz. (N. á rami yepe) bueno fuera si fuera todo assi. Arag. (N. terame herúbo rae range) bueno ubiera sido que lo ubiessen traydo primero al pueblo. (N. paco Pay Abati tỹ uca raibibo carambohe aeamo tubicha rae) bueno ubiera sido que el Padre ubiesse echo sembrar temprano el maiz que ya estuviera grande. (N. paco che guihobo rae biña) mejor ubiera sido que ubiera ydo yo, pero etc. (Hĩtamo) tambien pued edecir : (oxala). (N. hechoca rae) oxala lo ubiera visto. Arag.

Hitamo — (pae l. hî etamo pae) fuera bueno que; avia de ser bueno que. (N. yñangaybae ỹbápe ohoborae) fuera bueno que los malos fuessen al cielo? (N. Abarubicharamo nderecoramo ndecongeỹ) pues avia de ser bueno, que siendo tu cafique no tubieses chacra?

Hĩamope — l. (panga). Ah que fuera sĩ (N. Añaretãmo chobo ree) que fuera de ti, si te fueras al inferno?

Hi amo — (pipo) que será quando. (Hi amo pipo cheyuca ramone) que será quando me maten? Band. (N. hechacane) que será quando viene. Siempre con la particula ne.

Hingãtu — (paco). Es possible; hablando de cosa passada. (Ma N. che Tupã marangãtu ete mbae eỹ agui chemoña yepe añemboçaraỹ teĩ hece hemimbota marãngatu mboayepotareỹmorae). Nicol. Es possible que yo aya menospreciado, etc.

Hĩngatu — (eté herã) es probable (N. ahẽ oubone) probable es que venga fulano. Otros dicen: (Ycatu etè herã).

Hĩngatuamo — (herã) (fuera bueno, avia de ser bueno). (N. pe anga yuca potaha hataurehe pemaeçe çerau peicobo rae). Pom. Avia de ser bueno el estar mirando com gusto a los que quieren matar vuestra alma? Es assi que. (N. guimanomo ràe) es assi que estubo en peligro de morir. Gomez.

— Hĩndo—l. (hiro). No veis, pues no dixe yo. (Hĩndo rip) *idem*. Tambem dice: mirad (Hĩndo, hindo ahẽ ytindĩ tindi teĩ aú oicobo rae) mirad, mirad que corrido esta. Band. (N. ucuy ahẽ onemboẽ mboéau oycobo rae) miren lo, que devotico se haze. Ruiz. (N. pabe yabamo ymoĩngabo) poniendolo por escarmiento ò por exemplar segun la materia de que se trata, de todos, porque puesto por escarmiento, dicen todos: (Hindo).

— Hiyamburu — bien empleado. Se usa tambien repetido (Havia hiyámburu) muy bien, muy bien empleado. (Hiyamburu reá, l. hiyaque reá) ea yá en mala. (Hiyaque rea ndereçabe au amo). Viendo caer á uno le dice: Bien empleado, vieras donde pores los pies, y no cayeras.

Hiña — Interjec. del que otorga, ó anima.

Hip — del que muestra cosa lexana.

Hiro — V. Hindo.

Hing — Interjec. del que descansa.

Hobábo — por enfrente, por delante. (Hobábo aqua) passo por delante del.

Hũen—composicion, pues. (Humabae) pues quien? ò qual?

Huamõ — V. Yoaumo.

Humangãtu — donde pues.

Hupicatuhape — con verdad. (Hupirupi chemopirĩ) Ins. Con razon me hizo temer.

Hupi —V. Rupi. Hupibé. Juntamente con (equahupibé) vete col el. (Gupibe oguerahа) llevo lo consigo. Assi como. (Chebaherupibe ahá missarendubo) assi como lleguè sui a oyr missa. (Hupibe checaá rũpã aytĩ) assi como voy haciendo mi chacra la derribo. Mend. Como se sigue. (Hupibé erahá) llevalos como se siguen, como van vivendo. Mend. (Hupibey raco) en narrativa: luego despues desso, entonces luego al punto. (Orerupi rupibe crenupa) assi como ibamo viviendo nos açotava. (Oyoupibe pibe) *unùs post aliùm*.

Huuyt — Interj del que teme, ò se espanta. Arag.

I

VOCAL

I — *vel* (y). Tiene varias significaciones, que apunté en el Arte, parte 3. cap. 2 § 8. Tambien antepuesta es demonstrativa, ut: (Aipo ari yñandeyara Jezu Christo). Band. Por esso esse N. S. Iesu Christo, como señabaldolo. (Pehecharecó mbia na hembiapocueraybae ruguày ytenicobae Aba). Band. Mirad, no es el que ha obrado mal este hombre.

Ybīri — junto. (Cheĭbĭri) junto àmi, àmi lado, l. (cheiqueĭbīri). V. Thes.

Ybĭcatu — probable. V. Bi.

Ycatuhara — otros dicen: (hingatu te herā) es probable. Rige gerundio. (N. ahe oubo rae) es probable que venga.

Ycatúpe — l. (catúpe) en publico, patente.

Ycó — veis aqui. (Ocombaéapo) veis aqui que estamos trabajando. (Coyoco ayco) veis aqui estoy. (Tu mayco Paȳ ymanōne) valga me Dios, veis aqui, que tambien os Padres mueren. Arag. Ya (Otoho ycó) ya nos vamos, ó veis aqui que nos vamos. Es pronombre de tercera persona. (Namamō yribae ruguāȳ raco yco enereco Tupā chebe ymona eymobe aracae). Band. En ningun lugar estava este mi ser antes que etc.

Yi — Son dos silabas, l. *potius* (mboyi) de espacio (Ahē mbaè mboyi) hombre espacioso. (Eremboii teȳ yyapobone) miraque no lo hagas de espacio. (Cuña omboii omembi) arrullar la muger á su hijo en los braços.

Yyapo — (porahápe) adrede, de proposito. (Na N. ruguāȳ ayapo) no lo hize de proposito.

Yyapuerea — es lo mismo que (heeque rea, l. hygambora) bien empleado.

Yma — antiguamente, (ȳmaraco che cunumīramo) antiguamente siendo yo muchacho, (ȳma aracaeroco) *idem*. ȳmaqeeamo yhoni rae) mucho antes avia de aver ydo.

Con la particula (ne) dice: mucho despues. (Ima ayquaane) con el tiempo lo sabre. (ȳma rireguāra) cosa venidera. Yá, nota de preterito, ut: (Amombeú ȳma) yá selo dixe: (Chemūpā imaramo) aviendo me ya açotado.

Ymani — luego. (ȳmandi) *idem*. V. Thes.

Ymobe — V. Eȳmobe, antes.

Ymboī — es lo mesmo que: (eȳramoi l. eȳramboī). Por no (Aypo ndeé ymboi ndayapoy) por no lo aver tu dicho antes, no lo hè hicho. Ruiz. (Erù ndeé ȳmboī ndarúri) por no aver dicho tu que lo troxesse, no lo hé traydo, *idem*.

Yme — V. Eme, negacion del īmperativo, ò permissivo.

Yndo — V. Hindó.

ȳpe — muchos. V. Thes., pero es poco usado.

— Ypĭ — principio (Yyĭpibae, l. yyipicue) el primero (Amboīpĭ) doy principio. (Añȳpirū) *idem*). (Cheipicue) mis antepassados. (Junto): (Cheipipe oyuca) junto á mi cerca de mi le matò.

Ypo — por ventura. (Aguiyeteiypo) podrá ser que sea bueno. V. Nipo.

Yquij—palabra de enfado que usa la muger.

Yrundī — quatro. (Yrundī rundī) de quatro en quatro. (Yrundī) tambien puede decir: compañero ordinario.

I

CONSONANTE

Yá—Nota de primera persona de plural inclusiva, que con narigales haze: (ña). Muchas vezes es: (yaba) verbal del verbo (Aè) decir, ut: (Moyses yá) dicho llamado Moyses, lo mismo es: (yayabaú) dicho con menos precio, ut: (Herodes yayabaú). Avezes es participio presente, lo mesmo que (yara) (el que, ò los que dicen), ut: (Na checaraycèri ya, Aña raȳramo oyco) los que dicen no quiero ser christiano, son hijos del Demonio.

Tambien significa el que tiene señor, amo, ut: (ȳbirayya) el que tiene vara, alcaide, (āngaypabiya) el que tiene, ò está en pecado, (cheya) el que me tiene, el que tiene dominio de mi persona, mi dueño, señor. Dice tambien (ygualdad) (yyacatu) es á la medida, (ndiyabi) no es cabal, (ndeyabi heçe) no le cabe bien, (yoya) es ygualmente como el otro. (Cherecobeya) toda a mi vida. (ȳbĭyacatu) toda la tierra, (Pecoyoya) justicia, (Amboyoya) ygualar, emparejar. (Cheyabōte acaru) (checaru) comi lo que he menester. Al tiempo, mientras. (Checaru yā abahe) al tiempo, que yo comia llegò. (Pay missa yá obahé) mientras el Padre decia, missa llegò. Con la negacion (eȳ) dize: antes por el tiempo que no, ut: (chemanō eȳ ya, l. yacatu) antes que yo muera, por el tiempo que yo no muera, por todo el tiempo de mi vida.

Yabē—l. ñabē, como. (Chemenō N. eremanōne) morrias como yo muero. (Mará N. pànga) de que manera. (Eguĭ ñabenguaratei) los que son dessa manera (ā N ananō carambohe) como este dia años há muriò, (ā N. crēya oȳrāne) à esta hora has de venir mañana (che N, cremo N. eremanōne) morivas en el mismo tiempo que yo. Band. (Yho N, ayuboy) al mismo tiempo que el se fue, yo vine luego.

Yabēbe— (yabeȳ, yabetey, yabengatu) *idem*. Con mas efficacia (co N.) desta misma manera, puntualissimamente como esto. (Yyabēbe oyupabó) partio en el mismo tiempo que el otro. (Ymboyahu N. erehaā aypo ñeē marāngatu ymongaraybone) al tiempo mesmo que le bautizas has de pronunciar essas palabras santas, haziendo le christiano. Lo mesmo que: (ymboyahurehebecatu). Nicol.

Yabi—es lo mismo que: (yacatu) ut: (Arayabi, l. yacatu) todo el dia. Hasta (Açayeramobe pitū yabi) desde de medio dia hasta á la noche.

Yabĭ— adverbio que denota gusto, y alegria, ut: (Porá yabĭraco. Haèbe etè yabiraco. Ayete yabĭraco) etc. Los usa el Padre Band. V. Thes. No es aora mas usado.

Yabō—, V. Ñabō.

Yaboẽ— yaboī, V. Ooyaboè, oyaboi.

Yabōte— *idem*. *Ac*: (yañore). V. Ya.

Yacatu— igualdad. (Ndiyacatuy) no alcança. (Acoy

N.) otro tanto como aquello, ò en aquel mismo tiempo. Mientras (Ucupe peho N. aico pembae raãromo ne) mientras vais alla, iyo cuidaré de vuestras cosas. V. Ya. V. Catu.

Yae— es particula de duda e se usa desta manera: (Tou eme yaè) aunque no silo comerá. (Aipo taètei, tapehendueme yaè) dire esse aunque no se si lo entendereis. Band. Pero no es mas usado.

Yaèy— lo usavan, por (ndiyaey) pero aora usan: (ndey) impersonal, l. (ndiyaey) *potius*, (ndey). (Panga yabahemo range) aun no llegamos?

Yaibe —l. (ñaĩbe) poco. Es poco ò nada usada. (Yaibe ñoretamo chemboapihini rae) oxalá me ubiera consolado, dando-me alguna cosa, nada me dio. Mart. (Yaibe ñote yaico) bastará lo que hemos estado juntos. Band.

Yande— l. *potius* (nande) nosotros.

Yaquerea—*idem*. *Ac*: (Hyaquereà). V. Hiyamburu.

Yataá— se junta regularmente con la particula (pe) y tiene esta fuerça (Ah que). (Yaraãpe ahe omanõ) ah que se muriò fulano. (Yaraápe herahabo) ah que me pesa que lo ha llevado. Bandini. No la usan mas.

Ye —l. (ndaye) dicen que. (Emouayẽ) assi dicen que es. (Ma mbaeye rehegua ruguãỹ, l. ndayecueruãỹ ebocoy, hupigua catu) esso no es, diceria si no verdad. (Yeguarèño ebocoy) esso es cuentro, no es verdad.

Yeahoçe— (catu, yeahoceretei) con excesso. (Jesu Christo ñandeyara tecoaçĩ tetirõgaiu N. oyporara) Nuestro Señor Jesu Christo padeciò variedad de tormentos con excesso.

Yebĩ— vez. (Peteỹyebĩ) uma vez. (Aguiyebete yebĩ vebĩ) te doy una, y otra vez las gracias, ò parabienes.

Yeeçapĩa — derepente (l. yeecapĩhape, l. çapipe, l. çapĩahape.)

Yey — dice tiempo. (Nderenduy pãnga Pay remimombeú yey raè, l. oyey raè) no oyste lo que el Padre dicho esta mañana? (Yey ĩma ohò) mucho há que se fue. (Yeyderamo amomba) lo acabé esta mañana. (Yeyderamo ahane) irè mañana por la mañana. Es muy usada.

Yeyuca — aybete, adverb. (muchissimo), ut: (Aybota N.) lo quiero ò deseo muchissimo. V. Ayp.

Yepè — tiene varias significaciones, y muy usadas. Aunque, mas que. (Chenuparamo yepe ndayapoy chene) no lo harê aunque me açote. (Yepeamo, l. tomo oyuca, hae amo ndoyapoyche) aunque le mataran, no lo avia de hazer. (Tomanō yepe) mas que se muera, ò dexa que se muera. (Tereyapobeme yepe) mas que no lo hagas. (Yepebe taray) mas que haga mal tiempo. (Yepebe roñemoyró) mas que se enoja. (Yepebe ndenũpã, hae ndeneñe, momarãngatuy) aunque, ò por mas que te açoten, no te hazes bueno. Aun (Cheyepe ahá hechácane) aun yo irè à verle.

(Ybapeguára yepe ramo nãngã ymombeú potaramo yñeẽ rangue cañy cañy) aun á los santos faltaran palabras queriendolo referir. Nic. (Tembiú poreỹramo açe çoō òú yepe) faltando la comida aun carne come la persona, (sin escrupulo puede comer carne: essa fuerza tiene el (yepe) en dicha oracion. Con la particula (Bĭte) haze comparacion *de maiori ad minus, vel contra*, ut: (Tupãraỹ yepe raco omanō, bĭretene ñande) aun el hijo de Dios, se el mismo hijo de Dios muriò, quanto mas nosotros. Es lo mesmo que: (Binae), tambien equivale muchas vezes al (biña) que denota imperfecion, ut: (Ayapo yepe, l. biña) hizelo, pero etc. Muchas vezes juntan uno y otro, ut: (Hupigua yepe biña, ae aete) etc. Es verdad. pero etc. En el futuro del indicativo aviendo de explicar inperfecion no se hà de usar del (Biña) sino del (yepe). (Ahayepene) ire pero etc. Con todo esso, no obstante (Nomeẽychendebene, eyerure yepe) no te lo há dedar, con todo esso pide se lo. Ciertamente. (Ani yepe) ciertamente que no. (Ndayapoy yepe) ciertamente que no lo hize, y regularmente en lo negativo.

El Padre Mendoza lo usa tambien en lo affirmativo, ut: (Ereyequauca yepe Tupã upene) sin duda Dios te há de castigar. Para que no. (Ecarú eremanō yepene) come para que no mueras. Arag. (Peñemomdeú peho yepe añarẽtãme) confessa os para no yr al Infierno. Mart. y Arag. Nosea que. (Eñemombeú eremanō yepene) confiessarte, no sea que mueras. Mend. Primero, antes. (Eremanō yepe ndemarangaru eỹmobene) primero moriràs antes de hazer te bueno.

(Caáru yepe ndeho eỹmobene) primero llegará la

tarde, antes que te vayas. (Eroique ao, oquĭ yepene) entra la ropa, por que lloverá primero antes de seccar-se.

(Tou raiba Pay ymongaraybo, omano yepene) Nic. Ven a luego el Padre à batizar le, por que si tarda en venir, morirá antes que venga. (Ayuby biña, aeto checoē yepe guirubo) me di priessa en venir con animo de llegar antes de amanecer, con todo esso me amaneci antes de llegar. (Pĩtu yeperamo omocoromò). Nic. Por aver les cogido la noche antes de acabar lo, lo dilataron á otro tiempo. (Acoy mburubicha era pĩtũ yeperamo oychugui oyaô yaòbaecue, coetĩramobeoneòmba yebĩ) etc. Nic. Aquellos principalesque por aver les cogido la noche antes de etc. significa tambien: continuacion, ut: (oho yepe) hablando de las vacas, se fueron sin parar. Arag. En este sentido es muy usado el. (Ñote oho ñote) a salvamento. (Abahē yepene) llegarè a salvamento. (Ndayquaay checoè yepe hanguà) no se si llegarè à amanecer. (Aceyepe, Aha yepe) escapò me, librè me. (Chepĩhĩrō yepe) me librò. (Oguenohe yepe) los facò libres. (Eremonoo yepe) hablando de la caça la erraste, no la mataste, la dexaste yr libremente. (Todos de una especie, solo, solamente. Are yepe oroico) estamos los de una parcialidad ò parentela. (Cunumi yepe tou) venga solo los muchachos. (Vaca yepe) todas son vacas. (Abari yepe) maiz solamente.

Yeperami — dice continuacion. (Yeperami pugui ỹbĭraỹya ndenupā, haē naudeporerobiay) parece quel el alcaide no haze mas que açotar te, y no tratas de ser obediente. Mart. (Yeperami puguĩ ereyco Abarembiú ayramo, hàeyepe nandeporerobiay, l. ndaroyai ndeporerebiani) còntinuamente te estan mordiendo, y con todo esso etc. Ygualando á la presa del tigre quela come por varias partes. (Yeperami ao catupĩrĩ arehecha, curimú ereñemombota hece) parece que no haze mas que mirar el vestido bueno, y luego lo deseas.

Yepetepe — se usa con el adverbio (co) y significa que aun aqui donde no pensaba. (Coyepe tepe, l. coyepe tepico, mboi ŕuyrae) que aun aqui donde no pensaba ay vivoras?

Yepe eỹco — Como sino. (Coē yepe eỹco eyapanga) como sino ubiera amanecido, se entiende assi estas

durmiendo, l. entiendes que no ha amanecido, para que estes durmiendo.

Yepi — siempre, de ordinario. (Ereicoteȳ N.) siempre estas ocioso. (Cheçiñee namboayei N.) de ordinario no suelo obedecer à mi madre. Tambien la juntan con (ami), ut: (Añemoȳrō amì yepe) me suelo de ordinario enojar. (Yepi etey) muy de ordinario. (Yepigua) lo de cada dia, lo ordinario. (Yepiguarama, l. guarāmamo) para siempre. Con el verbo negado dice (nunca jamas). (Nandemarāngatuyche yepiguarēmane) nunca jamas seras bueno. (Amome yepi) Can siempre. (Yepi yepi) repetido dice: Continuamente.

Yepotari — tari, continuamente, sin cessar. Oneē N.) habla sin cessar.

Yerobiari — confiadamente. (N. ñote angay papȳpe oyco aú) vive en pecado sin reçelo confiadamente. Lo usan tambien echo verbo. (Onemombeucaru eybae Payupe hemimboyequaacue yepe āngaypa, oyerobiariñote açe angapȳpe oȳna. Nicol. Los pecados aun confessados de los que no se confiessan bien, perseveran confiadamente sin recelo, y temor en el alma. (Checopo yerobiariramo) estando mi chacra lo sana, etc.

Yete — es lo mesmo que: (Aete) pospuesto á diccion, que acaba en (ȳ) contracto, ut: (ndoyabaruguāȳ yete, l. ruguāȳ aete) pero no entendiendo, etc.

Yīpȳbe — desde el principio. (N. aiporami heco) desde sus principios está ò se porta dessa manera. (Ndayȳpȳñote ruguāȳ) no ha dido la primera vez, *hoc est*: muchas vezes.

Yo — que con narigales haze: (ño) es reciproco mutuo, y muchas vezes es lo mesmo que: (tapicha) proximo, ut: (cheyoupe) á mi proximo. (Youbicha) es lo mesmo que (guapicha pabe rubicha). V. Arte parte 3 cap. 2 § 4.

Yoá — uno sobre otro. (Emoȳ yoá yoá, l. emboyoá yoá) pon lo unos sobre otro. (Oyoá yoá) estan unos sobre otros. (Ahepibeē yoa) pague doblado. (Quaria yoá herabae) libro de muchos pliegos.

Yoabȳey — concordemente. (Aypoȳ N.) esso dixeron todos concordemente. (Mbaè, l. Teco N. Pȳpe amboyequaápeēme guitecobone) os lo explicarè con una semejanza, ò parabola.

Yoapĭ — segunda vez. (Amombeú N.) digolo la segunda vez. (Amboyoapĭ) repetir.

Yoapĭrī — dos extremos, ut: (yoapĭri, *vel* oyoapĭri oroguerahá) lo llevamos dos en un palo, ò como filla de manos. (Yoapĭrichua) cosas que estan en los dos extremos.

Yobai — uno enfrente de otro. (Yobaīchua) contrarios. (Chepoyobai, l. yobaibe) mis ambas manos. (Amboyobay) carear, haze sinalefa de la (o), porque avia de decir: (yoobay.)

Yob te — medio. (Yobĭtepe) en medio, (yobĭterupi) por medio, (yyobīterupi obahe) llegò á la mitad. (Amboyobīte) partir por medio.

Yocuè — una, y otra vez, suceder se. (Ohoyocue yocue) fue muchas vezes. Hecho verbo (oyocue yocue) es lo mesmo que (oyopìru) se remudan.

Yocupe — uno tras otro. (Peyocupe cupeĭme) no esteis uno atras otro. (Hogarerá, yocupe cupedae) muchas casas unas tras otras. (Yocupebo emoȳ) ponlos uno atras otros, l. (emboyocupe.)

Yochebe — successivamente. (Yochebē hebē ohò) se fueron sucessivamente unos atras otros. (Acoi Tupā oguçu yporā yochēbe hebebae, Mburubicha Salomon ya rembiapocue). Nic. Aquel la iglesia toda sucessivamente por sus partes hermosa que etc.

Yoguī — (yoguī) uno debaxo de otro, *ac* (yoguī yoguĭ) ropa doblada. (Aba yyáo yoguĭ yoguĭbae) hombre que tiene muchos vestidos, uno debajo de otro.

Yoībī — l. (yoībīri). Junto de las cosas. (Oyoguerahá N.) se fueron juntos. (Yoībīri amoȳ, l. amboyoĭbĭri) lo puse uno à lado de otro. (Arecoguçu yoĭbiȳbī) nuestras chacras unas juntas á otras. (Mbia yoĭbĭ) coraçon doblado. (Opĭa yoĭbĭ aupĭpe) dixo Band., hablando de Judas con su coraçon doblado; (yoĭbĭricua) dicenlo à los hermanos de un parto.

Yoyá — ygualmente. (Ayoĭhuyoyá, l. yoyacatu, l. yoyabeteī) se aman mutuamente con ygualdad. (Amboyoyá) ygualar, emparejar, conformar. (Erehepībē yoya ndeāngaypapaguerane) has de satisfacer al justo por tus

peccados, (yoyabi) ygualmente. (Tupã co ȳbĭmoña eȳmbe yepe yoyabi ñote guecoorĭ apireȳ pĭpe oyco) Nic. Dios sue ygualmente bienaventurado, aun antes de criar el mundo.

Yopara — variamente. (Nde marangatu N.) á vezes eres bueno, á vezes no. (Ao N.) lienço listado.

Yopébo — en ringleza. (Opèbo, l. oyopebo yahá hobaĭcimo) vamos en ala á encontrar le. (Ytabera rendĭya porã hechaca recoe coebae año oyope yopèbo ymbo yapĭre nuguĩ ȳbĭatã recobiaramo ndemamã mamãhá). Pomp. *Lapides presiosi omnes muri tui*, etc.

Yópĭpe — uno dentro de otro. (Oyapĭpe pĭpe) estan unos dentro de otros. (Amboyapipe) poner uno dentro de otro. (Tupão yporã yopĭpe pĭpebae). Nic. Iglesia toda hermosa en lo de dentro.

Yopĭri — juntos en compañia. (Oyopĭri oyco) estan juntos en compañia. (Oyopiruçu) muchos juntos en compaña en habitacion etc.

Yopo — (yopòpe) sucessivamente, de mano en mano. (Oyopó yopópe ereȳ nãnga temimbotara aú chere-reconi). Pomp. Los dolores que padesco se dan las manos unos a otros.

Yotatè — differente. (Oyotate niã açe reconi gua-rĩnĩhãpe) es muy differente el ser de los que estan en la guerra. Erradamente. (Pehaĭhu yocarè tatè mbaè ybi-peguara angaú) amais las cosas de la tierra no deviendo, errais en esso. Mend.

Yohuamo — l. (yoguanõ) muchos juntos de la misma parcialidad. V. Oyohuamõ.

Youpebe — (pebe) añadir unos á otros. (Pay Abareguaçuramo guecó rire rac San Nicolas marangatu omboyoupe pebè etey gueco aguĩyeicatu ymboetabo) Nic. Despues de aver sido obispo, San Nicolas crecio mas en la virtud, añadiendo obras buenas á obras buenas.

Youpi — juntos. (Ooupi, l. oyoupi ohó) fueron juntos.

Youpibe — (pibe) unos tras otros. (ȳba oyoupibe pibe) las frutas se alcancan las unas á las otras sucessivamente.

M

Ma — Interjec. del que desea ó se duele. (Aharamo hechàca raè ma) oxalá se fuera aver. (Cheraȳrĩma) ah! hijito mio. Del que se admira. (Tu ma ypiahaĩnduçu etey tepico. Tupã rendã raera) *O quam magna es domus Domini*. Pomp. Antepuesto regularmente dice; Pues. (Ma ndaha ychetamo herã) pues no avia de yr? Qual. (Ma, l. Mbae pãnga) qual es? (Mbae amo) con verbo negado (ninguno), ut: (mabaeamo ndoi quaaichene). Inst. Ninguno lo sabrá. Donde (Ma, l. mame, l. mapehini) donde está? (Ma herã Pay) donde estará el Padre? (Ma) lo mesmo que: (marã), ut: (manungape, l. marãnungape) de que manera? (Ma ñabē) *idem*.

Ma comopaè — es lo mesmo que (Hĩamopaè) fuera bueno que. Este segundo es mas usado.

Maē — Interjec. de la muger que desea, ò se compadece.

Mabē — no se. Lo mesmo que: (Heruguã). (Mahē angareȳ) Interjec. de la muger que no cree, ò se haze burla.

Mambipe — l. (mambipee, l. Ambipe) despues de algun tiempo, ut: (Mambipeè ahane) iré despues. Se usa tambien en el preterito. (Mambipeè oho) muchissimo há que se fue.

Mamo — lexos. (Na N. eleruguãȳ) no está muy lexos. Lugar donde. (N. ĭgua, l. mamongua pãnga nde) de que lugar eres? (Mamoé) en otro lugar?. (N.tetirō) donde queira? (Mamoño eȳ tequanãnga Tupã reco) lo mesmo que: (Mamōpabēne) Dios está en todo lugar. Puede significar quando, ut: (Mamo herã ndemarãngatu) quando te haras santo. (Mimobe pãnga) hasta a quando.

Manamo — l. manãmo: quando horas. (N. panga ereyume) quando, á que tiempo has de venir? Mend.

Marãnamo — (guarã) *idem est, ac*: (Tecoreberamo guarã) para quando se ofriciere la ocasion ó necessidad. (Marãnãmo guarã pãnga) para quando? (Manãmo panga)

quando? (Maramangatu panga erehone) quando propriamente te irás? Com las particulas (nanonderuguãỹ) dice: para nunca, ut: (Na manamocheçe ñanonde ruguãỹ) para nunca salir. Mas usado es (Na amómecheçe ĭmonderuguãỹ). Tambien dicen: (Na aracaebey yepe, l. na ara amo pipe yepe cheçe ñanonderuguãỹ).

Marã — que; incluye pregunta. Lo usan quando no han oydo bien lo que se les dice, ut: (Marã) que? que es lo que has dicho. (Marãbe) que mas? Se puede poner tambien la nota de pregunta (Marã pangã hey) que dixo? Harás (Marã amo pangã) que avia de aver?

Marã piã rá — (marã piau rá, marã pico rá) que es esso? Dicen lo por enfado á muchachos inquietos. La muger dice: (marã pico rarè, l. aỹ pico rarè); pero si son muchos, en lugar del (pico) usam piã l. puguî).

Marã — como. (Marãpe ndereco ypĭri) como te fue estando con el? (Marãnũnga, l. marãranu pangã ndereconi raè) como te ha tratado? (Marã, l. mararamĩ panga nde angaipapaguera, ndemanõ rinene) como te irá con tus pecados despues de muerto? (Marãramingua tecoaçi catu pipo oñandu acoipe raè) como seria el dolor que entonces sintio? (Marãetype ereype ereico) como estas de salud? (Marãeteyguo catu pico ndereco) qual es tu officio, empleo? etc. (Marãbe) como mas? (Marã oicobo pipo açe ohupitĭne) de que manera portando se la persona lo alcançará? R. (Marãherã) no se como. (Marangatu herã) *idem*.

Marã — daño, mal (N. ndaycoy Abaupe) no hago dáño à nadie. Mart. (Chemomarã) me hizo daño. (Mbaè yromarãmbĭre) cosa dañada. (Mbaè maraney) cosa intacta. (Ndembaè ymorã, chembaè aete namaraỹ, l. namorani) tus cosas han recebido daño, pero mis cosas no estan malas, intactas. (N. chereco eỹramo yepe, l. Na N. cherecoramo ruguãỹ yepe chenupauca) sin aver hecho por que, me hizo açotar. (N. tetĩrô ranguera guimande pìhĩrô) nos librò de todo mal. (Marãberamo yepe tahá) venga lo que vinire hè de yr. (Ymarãmbota) tiene mala intencion. Malo de salud. (Chemará guitecobo) ando enfermiço. Nandemaraî pãnga) no estas malo? Modo de saludar, perguntando: como está fulano? R. (Nimaray) no esta

malo, esta con salud. (Chemarãneỹ guitecobo) vengo con salud. (Aguĭyebete nderecomarãneỹ rechaca). Nic. Alegro me que te veo con salud. Negado. (Namaraỹ) dice: no esta mal echo, está bueno. (Nama raỹchebe) no parece malo.

Marã — culpa, maldad, vellaqueira. (Abamarãneỹ, l. marã tequareỹ) hombre sin culpa. (Machemaraỹ ete co Aba che yyucaucahaguã rehe) *Innocens ego sum a sanguine hujus*. (Tecomarãnday) culpa grave, maldad. (Marã maràhey chebe) dixo me mil oprobios, etc. Calumnia (N. amoheçe ymboyáhaguã ndoyóhubi) no pudo calumniar le, no halló que achacar le.

Marã — afrenta. (Amomarã) le afrentè. (Poromomārāhá) afrentador.

Marãè — l. *potius*. (Marãnungaè) de otra manera. Aeste (marãé). Mart. le do otros dos sentidos; (como es possible), ut: (Marae panga curiteî ereyapo) como es possible que lo ayas hecho tan presto. Quiças. (Marãê carárĭpe eremamōne) quiças moriras en el hierbal. (Meguãi) es mas usado.

Marã yabe — l. (ñabe) de que manera.

Marãnamboè — quando turbio corre. (N. terepĭta) mire que buelvas, y quando turbio corre puedes quedarte. Mart.

Maramo — l. (Manamo) quando. (Maramongātu erehone) quando te iras. (Marãnamo) *idem et citatius*. (Marãnamo guarã) para quando se ofreciere la ocasion, ò necessidad. (Marãnamo erey). Mend. A que vienes, que es la causa de tu venida? (Mbaera rehe panga ereyu) es mas usado.

Marãndeè — differente. (N. amî nderu cherereco) de otra suerte me suele tragar tu Padre. (N. racoherã) no es esse su nombre, es otro. Mend.

Marãngotĩ — hazia que parte. (Marangotĩ agui) de hazia que parte.

Marãnguá — qual, que tal, quem. (N. peereypota) qual quieres? (N. pipo) dicenlo quando oyen algo, y no lo ven, que es aquello? (N. repe Peru) que tal es Pedro? (N. pangã oyapo) quien lo hizo? En este sentido, es poco usado.

Marãngua — porque, como. (N. pipo coaray oŷehechancarey ñote ñnderobábo oquàpa) como, porque las nubes se nos ponen a la vista, y se van sin darnos agua.

Maránguarete — ruim. (Marãnguarî) ruincillo.

Marãramo — porque?

Maratamo — l. (morá amo) como avia. (Matãtamo ayapo raè) como lo havia de hazer, es muy difficil. (Maramungatamo) *usitatius*, (l. marãramitamo.)

Marãtamo paè — Este modo de hablar es muy usado, pero affirma, ò niega, conforme la pergunta que le precede; si la pergunta affirma, la respuesta es negativa *ironice*, y por conseguinte los affirma, etc. é contra.

E. G. (Ogueru pangãne) ha de traerlo? R. (Maratamo paè) por que nò, *id est*, si. (Ereypota panga) lo quieres R. (Maratamo paé) porque nò, *id est*, si lo quiero? Al contrario si la pergunta dixera por lo negativo. (Ndogueruyche pangãne) no lo há de traer? R. (Maratamo paé) porque lo avia de traer, *id est*: no lo ha de traer. (Ndereyporari pangã) no lo quieres? (Maratamo paè) porque lo avia de querer, *id est*: no lo quiero. De lo dicho se saca, que si lo pergunta se haze por la negacion niega, y si se haze affirmando, affirma.

Materõ— pues donde está, que es del dice uno: (Aruima) ya lo traxe, el otro no viendo lo que traxo le dice: (Materõ.)

Matete—mucho. (Erú N.) trae mucho.

(Aba N. oico) ay muchos Indios.

Mbaè—cosa. (Chembaè) mis cosas, mi ato.

(Mbaè eŷ) nada.— (Mbaè eŷ agui) de la nada.

(Nambae ruguay) — no es cosa, no importa. (Nambaeangau ruguaŷ) no es cosa deburla, *id est*: es muy importante, es cosa grande.

(Mbaecué) — despojos. (Amombaé) hazer que tenga algo, dar-le algo. (Ymbaé hetábaè) los ricos. (Mambaerã rehe ruguaŷ) no por interes. (Mbaè) otra cosa. Que (Mbaé Pay) que Padre? (Mbaebe) que mas? (Mbaèra reno pangã) para que? (Mbaèramó) con acento largo, lo dicem ironicamente, quando alguno dice alguna cosa sabida de todos por nueva. (Mbaecuerari panga oinupă) porque causa le acotò.

Mbaè—usanlo tambien para decir una cosa absoluta, *ut*: (mbaé piré) cuero: literalmente dice pellejo de coza. (Mbaé acangue) calabera. (Mbaiaçõ) dolor, etc. En los verbos equivale a la particula (poro), *ut*: (Mbaè-yucá) el matar, *id est*: (Porayuca) la usan muchissimo en los apodos, *ut*: (Mbaènambiqua guaçu) orejudo. (Mbaè mêmba) animal. (Mbaè aygue) vil. Con (eté) pospuesto al nombre adjectivo dice: (que cosa tan). (Mbaé pueũeté cheỹgara) que cosa tan larga es esta mi canoa. Con (meguaỹ cami) dice: algo deve de aver, *ut*: (Meguaỹ cami mbaè) deixo lo un Indio viendo que una muger avia partido um monstruo, y quizo decir: quiças tubo que aver con algun animal.

Mbeguè — de espacio, blandamente. (Mbeguè mbeguè) repetido muy de espacio. V. Thes.

Mbīỹ—V. Pīy.

Mbīpe—es lo mesmo que (pîpe) y haze (mbîpe), quando le precede narigal.

Mbîte—quanto mas. (Mbilebè) *idem*. V. Lite.

Mbo—r. (contentun). (Anaretâmbóra) los que ay en inferno. En la composicion haze (pó). (Ndipori tembiú) no ay comida. (Naembè poreỹ) plato vacio. (Tupãno nãngâ chepīá póramo) a solo Dios tengo en mi córaçon. (Ayporog) vaciar (effecto). (Ambopó) effectuar, cumplir, V. Po.

Mbobî — quantos. (N. pangă) quantos son. (N. yebî pangà) quantas vezes. Algunos. (N. note) algunos. Negado dice, muchos: (Nambobī note rûguaỹ l. nambobirò note ruguaỹ) son muchos.

Mbohapī—trez. (Mbohapīhapi) de trez en trez.

Mboîpiri—en la otra banda.

Mboyepeteỹ — l. (monepeteỹ) uno. (Monepetéỹugatu) un solo. Tambien algunos dicen: (mboyepei, l. monepei.)

Mburú—del que se enfada, *ut:* (Yahamburu) ea vamonos yá, que estoy enfadado de tanto aguardar. (Terebo mburu) vete en hora mala. La uzan tambien animandose en el travajo, *ut:* (Yahupico ỹbîra mbururеỹ) e a levantemos este palo. Se uza tambien com proposicion, *ut:* (Añemombaraete mburu upé) resisti al maldito.

(Amomburu) verbo, tiene trez significaciones: Animar, Amenazar, ò Desafiar, y Detestar.

Me—V. Pe. V. Be.

Mēguâ —l. (mēguâ) malamente. (Chererecomeguā) me tratò malamente. (Ecomeguâ) es lo mesmo que (tecobay) accion mala, y peccaminosa. (Amomeguâ) hecharlo á perder, y destorar doncella. (Mbaè meguâ ndipiçicabi) vienen las desgracias, averias, etc., sin que el hombre las pueda impedir. Band. Significa tambien chocarreria. V. Thes.

Meguâ ete—es lo mesmo que : (Guâete), *ut:* (Meguâ ete piche angayapa reromanōmo) desdichado de mi se muero en peccado.

Meguaỹ — (comi l. namî) quiças, por ventura, podra ser. (Meguaỹ camî reō ndereçapīāne) podrá ser que lamuerte te coxa de repente.

Mehē—V. Pehē.

Memē — todos. (Aba meme) todos los hombres, ó todos son hombres. (Aba pia pee meme chequice oguereco) quien de vosotros tiene mi cuchillo. Suele explicar todos de una especie. (Orememe oroyú) todos desta parcialidad, ò deste pueblo venimos. (Ymemēngue) sus aliados, los que fueron de su casa, ò pueblo, etc. (Chememe ebocaibae) essas son mis parientes, ó de mi bando, etc. (Cheao memenguarè, ndecalso) Arag. tus calsones son deste pano que mi camiseta. (Memengâtu) todos sin quedar nadine todo. (Ndememe ypo ererecone) Band. Os lo dará todo á vos, y nos dexara sin parte. (Ndemarāngatu meméramo) Ins. siendo todo bondad. (Ah cheyara haîhupîrá meme) *idem*. Ah mi senor todo digno de ser amado. Juntamente. (Che meme mbìa chó sape) juntamente con migo fueron á lá chacra, Band. (Mientras) pospuesto al (ramo), *ut:* (chemongetaramo memē) mientras me hablava. Band. (Chehóramo mesmē quarahî oique) Nic. mientras iba, el sol se puzo. (Cherecoramos memē quie, mbîa amboè guitecobne) mientras, yo estuviere aquî ensenārè la gente. Mart. Siempre. (Cheho memē) siempre que yo voy. (Cheay memē pe chequay nandu) siempre hé de ser yo el mandado. Ruiz (Humânfatu paco checî chepîa rendaberey reconi raè, guyabo memē) Band. Deciendo siempre, pues donde está

mi madre assiento de mi coraçon. (Memeÿ) *idem.* (Chememeÿ ayù) siempre ven go yo, y no otro. Band. (Na memeÿ ruguaÿ ace y yap oni) no siempre se haze. Band.

Meteÿ— V. Peteÿ.

Mîchi — poco. (Mîchi ñote aypiçi) un poquitito cogi.

Mînî— poco, (mîrî) *idem.* (Mînî yepe nañanduy) no senti nada, (mînîngue) el menor.

Mo ang — suspecha. V. Thes. fol. 38.

Moã—l. (moaÿ, l. moangî) poco. Mbaè mînî moangî omeẽ chebe) medio poquenissimo. (Cununi moîngi) miño chiquito. (Namoangi ruguaã) no es poco.

Mo ãngabeÿme — sin pensar. (Mo angabeÿme, l. omoangabeÿme teó ñadderecapïáne) cogernos ha la muerte quando menos lo pensamos. (Ñemoã eÿme, temimoã eÿme, mbaè moã eÿme) *idem.*

Mocoÿ — dos. (Mocô mocoÿ) de dos en dos.

Mombĭrī— lexos. (Mombĭrĭgua) los que estan lexos.

Moñepeteÿ — uno. (Monepeteÿngatu) un solo, l (mboyepeteÿngãtu).

N

Na— l. (nda). Particula que precede á la negacion, (y) *vel* (ruguaÿ), *ut:* (ndatĭpiî) no esta hondo. (Na emona ruguaÿ) no es assi.

Na— Terminacion de algunas supinos, *ut:* (honoīna) que sale del verbo (Anoÿ) y del verbo (Ahenoy).

Na — cosa parecida. (Tararina) cosa perecida á numo. Con las diciones que no son narigales dice (rayetīrã) cosa parecida á barata.

Na — esto. (Narine) despues desto. (Omongera na oyabo) le ablo deciendole esto, ò desta menera. (Narami) desta manera. (Tayná repiãraè ra) que assi passa la cosa? Band. (Naÿ l. naÿramî) dice : tan poco como esto. (Naÿ ameẽ chupe) le diran poco como esto, señalandolo. (Naÿbe nõ rarahá) llavãrè este poquito.

Na— Alguna vez es lo mesmo que : (nangã).

Naco— Particula affirmativa compuesta de (nangā, y co). Veis aqui ciertamente, yo ciertamente, veis aqui que yo. (Acoi ñandeỳú haguepe naco ahecha) Arag. alla en donde nosotros bebimos, lo vi. (Bĭte naco) quanto mas esto que veis, ò sabeis etc.

Nambĭỹ — finalmente. (N. ohopota coỹte) ya finalmente se há determinado á yr-se. (Nambĭỹpe ereyu) que assin has venido? Supone que antes avia tenido alguna deficuldad. Aora mas que nunca, aora despues de tanto. (N. panga Ndeñembĭahĭỹ az eicobo raè) aora tienes hambre quando antes no lo has tenido.

Namî— (l. ami) solia. (Ah namî ebapo) solia oy yr allá.

Namo— V. Rano.

Namomeỹ— Interjec del que se acuerda del bien passado. (Namomeî niche cherecombaraete carambohe guitecobo) ah que antiguamente estava yo mas fuerte etc.

Namomeỹ— (cheangaipabeỹramo carambohe) nunca hè pecado. Mart. Mas usada es : (Amomē yepe nacheangaipabi. V. Amomē.

Nanderey — muchissimo. (N. ahaĭhu) le amo muchissimo. (N. yetē erá) trae batatas á bulto, sin quemiùes, ò cuentas. Band. Este (nanderèỹ) no quiere decir demaciado, que esso se disse con : (Nde etey.)

Nanga— Particula affirmativa, como queda dicho en el Arte, y suele suprir el verbo : *Sum, es, est.*

Nani — l. (nandi) sin nada, vacio, assi como está entero). La significacion es indeterminada, explica privacion de cosa en comun, y assi seguna la materia de que se trata se ha de especeficar, *ut :* (Nani ayco) estoy sin nada, sin tener, ò que comer, ò que vestir, ò un vassallos, ò sin muger. (Cambayu nani) caballo sim omillos, ò sin carga. (Caānandi) monte assi como se esta sin roçado, sin chacra. (Moiyape nanî) pau assi como está entero sin ser cortado. El superlativo es: (Nani eté l. nandete, l. nandetey ayco) estoy pobrissimo. (Sin paga). (Nani ayaca taraha rāngè) dexame llevar el cesto sin paga que despues lo paguè.

Ndaè —lo mesmo que (ne, l. nangā). (Nderobamî bamîndetey amondaè, l. amore comîtā marāngatu guinderobaquè

c͡ÿna ãngá, oãnga rembipe guaçu pipe) etc. Band. hablando con el sol, al qual comparando la hermosura del alma de la niña Maria Santissima, le dice: Ciertamente se eclisára con los resplandores de su alma, si estubiera delante de lá esta niña.

Ndáey — l. (ndeỹrange) aun no. Rige gerundio. Desta se habló en el Arte, en los verbos irreg. en el Escol. del verbo (Ae).

Ndaéycetarao — V. el Arte en lugar sobre citado.

Ndaeroyay — l. *potius*. (Ndaroyay) con todo esso no. No por esso. (Cuehe catu yepe erevu. N. erevu cherechára raè) dias há que viniste, y con todo esso no has venido a verme. En el futuro haze (nduroyiche), *ut*: (ouyepe chereraha rehabaú andaromarcho chererahame) aun que aya venido á llevarme no por esso me llevava.

Ndaetey — mucho, ó muchos. (N. ahaihu) amole mucho. (N. cata) muchissimo. (N. ahe eherecoay) con demasia me há mal tratado. (N. panga tayaçu) eran muchos los puercos? (Ndaete ey) algunos.

Ndaeteé — l. *potius* impersonalmente, (ndeyteé) esto es la cauza que yo, y por esso yo. (Ndeneé.)

Ndahayeé — ruguaỹ no lo há de aora. (N. chepo erecuo teco tebebo rehe) no es de aora el ser yo caritativo con los menos terosos. Mend. poco usado. (Na angeé rugûaỹ) es mas usado.

Ndahaúbie — no debalde. (N. noche, ponorequay pondehe, nachembaébey) no sin causa no os regalo, no tengo mas con que. (N. ndahay, cheraquĭramo) no sin raçon. No fue por estar enfermo, es lo mesmo que (no reĭruguãỹ.)

Ndaye — dize que. (Ona hey ndaye) assi diz que dixo.

Ndárayai — con todo esso no, no por esso. (Ayerareboraé yepe haé N. yineengĭ) aun que lo pedi con instancia con todo esso no melo dió. V. Nda eroyai.

Ndateyye — no sin causa. (N. ai por amî oico) no sin causa se porto de essa manera.

Nde — Tu. Pronombre de 2 persona y possessivo. Muchas vezes es lo mesmo que: (ce) precediendo narigale, *ut*: (checaneonde) tengo gana de trabajar. Otras

vezes es : (é) que significa a parte, *ut* : (Amoinde) lo puse a parte.

Ndey — aun no. (Ndey pangã ayĭborange) aun no esta cosido todavia? (Ndeipangã oyĭramorange) todavia no esta duro? (Ndey curuçuya teôngue rerubo range) todavia los enfermeros no han traydo al difunto. (Ndey teôngue gueruramo range) todavia no se há traydo el difunto. En el Arte se habló desta particula. V. Suplm. cap. 4. § 3. (Ndey herá range) apenas. (Ndey herá ye Portué andupa rãnge hae guirapa rehe enangareco): apenas siente el Portuguez, quando luego coge el arco.

Ndeyramo — pues no avia. (N. che ha ubbo) pues no avia yo de amarle, el es tal que nole avia yo amar. (N. chethaihubeyma) pues no avia yo de dexar de amarle. (N. ndeimorare ymbope ndeapibo curi) pues no avia yo de tirarte por querer le amar.

Ndayteó — por esso, y aun por esso. Suele regir gerundio, es el adverbio (ndaetey, ndereteé, ndeyteé) usado impersonalmente. (Ndenipo ndepaye, ndereteé l. *potius*, udeyteé ndecaray potareỹma) tu quiças eres hechizero, por esso no te quieres hazer christiano. (Ndeyteé ymimo) pues por esso lo escondio.

Ndibè — l. (andibe) juntamente con. Es lo mesmque : (hupibe) Perundibe, l. (Peru rupibe ahane) irè junta mente con Pedro. (Andibe oyoguerú) vinieron juntos. (Ndi) es poco usado. (Chendiguára) *idem est, ac:* (cherupiguára) los que vienen con migo.

Ndicatuy — no es bien, ò no es bueno. (Ndicatuy etè) superlativo, de ninguna manera es bien.

Ndicatuy etey — no es possible. (N. cheyyeapohagua) no es possible que yo lo haga, no lo puedo hazer *vel* (ndayapo haguay) que es mas proprio, l. (yyabay eté che y yapo haguá). (Oyeporarã aútey yepe raco oyehegui yapoboi haguã raã raã aúbo, ha éte ndicatubey) Procuró etc. pero no fue mas possible. Nicol.

Nditey — sin differencia, ygualmente. (N. Tupan nanderaỹ-hu) ygualmente Dios nos ama.
(N. y yoaihue) ygualmente se aman. V. Te.

Ndúhey — dicendo al ruido de alguna cosa. (Nduhey mbio aubo) viene tropa de gente.

Ndupé — es lo mesmo que : (Nangã eupè.)

Ne — Adverbio affirmativo. (Cone, l. canãngã) esto es. Avezes es lo mesmo que (nde), *ut:* (Ne mbaè) tus cosas. Es tambien nota de futuro, como queda dicho en el Arte.

Ne˜ — en hora buena, sea assi ; (Neỹ tereho) en hora buena vete, ea vere ; modo de dar licencia. Es tambien particula de animar: (Neỹ yahupi mburu) e alevantemos lo: V. Eney.

Nerá — Son dos particulas (ne) nota de futuro, y (ra), de la qual hablaremos en su lugar. (Haebae renipo ayapo guitecobane rá) esso es lo que hé de hazer.

Neró — pues e apues. Usa-se en el imperativo, y permissivo. (Pehecha ãngá nerô, l. chancro) miradolo pues, como quien vê la cosa . (Peñeỹ nerô) ea pues.

Nga – Terminacion de supino, *ut:* (Ymeênga) dandolo. Avezes es (ca) que haze (anga) por la narigal, *ut :* (Ayringá) le di en los narizes.

Ngaỹ —Particula que denota amor. (Amboaciabe ngai cheangaypa pague) etc. Insaurt. Es lo mesmo que : (ãngã.)

Ngãtu — es : (catu) pospuesto á dicciones narigales.

Nguî— l. (nguîbae) essos, essas. (Gui, l. égui l. eguidae) *idem* etc. *vestatius* (nguî ỹba) essos cielos. Es monosilabo.

Ni — Particula affirmativa. (Arobia niche) yo ciertamente creo.

Ni — pospuesta al verbo da un modo especial de conjugar los verbos. *ut :* (Mamope Tupã reconé) en donde esta Dios, etc. V. Arte, Suplem. cap. 3. num. 3.

Nià— es particula affirmativa. (Cheãngãnia) yo ciertamente. Puede significar: porque. (Ang mbohapê personas nià) por que estas trez personas.

Niche — ciertamente yo. (Ayapò nichene) yo lo hare ciertamente.

Nico — l. (nicobae) ciertamente esto. (Ara tocaìndabari ñotegua ãngá nicobae) esse es dia solo, de alegria. (Chanico)pues veis que esto.

Nipo — quiças. (Ndenipo erehòne) quiças tu irás. Si (Terecha ohò nipo) mira si se fue.

No— tambien. (Emoñano) assim tambien.

Muchas vezes la junta con la otra particula (abe), *ut* : (Emona abeno. l. aberano) assi tambien. Esta particula (nò, i rano) siempre se pone al ultimo, quando las apartan del (abe), *ut* : (cheabe ahánone. l. cheabe ahá ranone) yo tambien ire. Otra vez. (Ayapo rene) lo hare otra vez. Band. (Ambuaè no) otra vez.

Nonbĭj— V. Nanbĭj.

Nucu— l. (nucuy) esse, ò essos. Es demostrativo. (Mbĭa mucuy) essa gente. V. Pronombres en el Arte.

Nûguî— l. (nuŷ). Particula affirmativa que dice: esse ò essas ciertamente, *ut* : (Pey quaa eype nuguî aypobae, ma Páy yepe ymombeú eyramo tamo paè). Pom. Bien sabeis esso como si el Padre no lo dixera continuamente, y junta el (nuguì) con el (Aipobaa). V.Parte V. § 2. *Inten*. Suplem. Apendix. á las particulas affirm. § ultimo.

Nûnga — como. (Co N.) como esso. (Aipo nûnga nûngaraú) los que son, ò se portan malamente dessa manera. En el preterito: (Aipo nunganèraco) han sido, ò se han portado dessa suerte. (Yporã nungareŷ) hermoso sin comparacion. (Onunga rehe omanda) se lo con una como el, semejante a si, la (o) es reciproco. (Nindugári) no tiene semejante. (Diez nunga) como diez poco mas o menos. Avezes equivale al (Berami. Cone penembieer oyabo berami. l. oyabo nunga). Arag. habla de la estrela de los Magos, como si dixera aqui está, á quien buscara siempre de cosas inanimadas que no hablan, y como si háblaran dan á entender con el hecho lo que dixeran si hablaran. (Cheraçĭ N.) estiy medio enfermo. (Pembaèpo N. au) hazeis muestra de trabajar. (Ñeê poraĭ eŷ N. pĭpe omo regta) le ablo con palabras al parecer no amorosas. (Nungarî) poco. (Pira nungari ererú) poco pesado traes.

Na

Nabẽ — l. (nabey) como. (Eguî N.) como esse, ò dessa manera. (Eguîñabẽbe, l. ñabengatu, l. ñabeetey) dessa misma manera, ni mas ni menos. (Eguî ñabẽngatuètey) puntualmente como esso. (Acoiy N.) como aquel, è

como antes. (Yebe) *idem*. (Al mismo tiempo). (Cheyabe ere manône) moriras en el mismo tiempo que yo. (Tu N. ỹbĭ oñemotumù tumûmo) etc. Nic. al mismo tiempo de su venida tembiando la tierra.

Ñabiá—l. (ñabo) cada uno. (Ara N. l. ara yereá Ne) cada dia. (Tabañobō oyme Tupāog, l. Tuba ñabō pĭpe) n. cada pueblo ay Iglesia. (Ore ñabôngua) lo que toca, pertences á nosotros. (Arañabōngua) lo de cada dia. (Iñabō nabô ameē mocoỹ, l. yñabū ñabôupe) di dos à cadauno.

Ñande — nosotros. Pronombre inclusivo, y possessivo. Tambien se usa desta suerte : (ñande aypobae) esse es de los nuestros, es nuestro pariente, ò de muestra parcialidad. *Hinc* : (Tupã oñemoñande) Dios se hizo uno de nosotros, nuestro pariente.

Ñandu — como suele.(Ohō onemboèbo N.) fue á reçar como suele. (Amenda ñandune, l. ñanone) quiero casarme como otra vez lo hè hecho. Con verbo negado no se usa. Con tiempo preterito suelen usar del (ami) y do del (ñandu). (Anemboè amî carambohe) solia reçar antiguamente. En el participio usan del (Ti): (oñemboètĭbae) el que suele reçar. Significa tambien: (yá) (Equa teque N.) quete yá, dicho con enojo, y tambien sin el. (Eyapo āngā reque N.) haz lo yá por tu vida. Ruiz. Tambien es interjec. de quien se compadece. (N. pipo cheru ycaruni) qual estará comiendo mi P. Puede regir gerundio. (N. catúpecheçĭ oicobo) ah qual estará mi madre.

Nanonde — antes. (Ama rú N.) antes que llueva. (Ndeho N.) antes de irte. (Tembiapo tetĭrō rehependeco N. guārâ tapeiquaa catu.) Nicol. sabe bien loque aveis de hazer antes de trabajar. Nota que pospuesto á nombres, y pronombres no se usa, y assi no está bien dicho, (che ñànonde) sino, (cherenonde turi) vino antes que yò. (Mape oico Tupã guî ỹba hemimoñangue renonde) d'onde estava Dios antes de criar essos cielos. En el exemplo puesto arriba el (pendeco) no es nombre, sino verbo, com las dos negaciones (na y rugūaỹ) y con la particula, (Amòme l. ará amò pĭpe, l aracaèbey yepe) significa : para nunca jamas, *ut:* (oho raco na amôme ca ñanderē-tame oyebĭ N. ruguay) se fue para nunca jamas bolver a este nuestro pueblo. Sin el adverbio (Amòme) dice: sin

esperanza, sin alcanzar el fin que pretendio. (Ohòteȳ oicobo coĭte, na guembireco yebè N. rugûaȳ) fue se sin tener esperança de tener otra muger.

Ñembī — abaixo. (Ynembīpe. l. ȳñembīcoti) rio abaixo. (Nuñembī cotīgua) los que estan cuesta abajo.

Ñemême — á escondidas. (Ñemîme l. ñemīhape ohó) se fue. etc.

Ñepiraquandape—confia, però con esfuerço.

Ño — l. yo. Reciproco mutuo. V. part. 3, cap. 2, § 4. Proximo, (cheñombaèrehe apoco) es lo mesmo que: (cherapichambaé rehe). (Cheñomē rehe) dicen tal qual vez las Indias aviendo peccado con Indio casado con el marido de mi proximo. *idem, ac*: (cherapuchame rehe). Muchas vezes la usan en lugar del (Açe l. ñande), porque explica cosa comun de un mismo genero. V. G. (ño anga, l. ñande ānga rehe, l. açe ānga rehe poromomarangatuha nanga co Sacramento marangatu) este Sacramento es el que santifica las almas.

Ño — l. ñota solamente. (Oreño panga) nosotros solos? (Cheñoȳ aico) yo solito estoy. (Mbohapĭño, l. mbohapĭrō) trez, no mas. V. Note, *versus finem*.

Ñoȳrē yrē — unos tras otros, una y otra vez (Erecarú N.) comes a menudo. (Obó N.) fueran se unos traz otros. (Ayebĭ N.) bolvi muchas vezes.

Ñote — solo, no mas. Es particula muy usada. (Hae ñote) el solo. (Peteȳ ñote) uno no mais. (Na peteȳ yebē ñote rugūaȳ) no solamente una vez. Con el verbo negado (y rugūaȳ) denota mas de lo que dice, *ut*: (Peruinachenapā note rugūaȳ) Pedro no solamente me açota, sino tambien me injuria etc. (Che ndoroȳau ñote rugūaȳ) no te amo solamente, sino que te regalo tambien. Se deve ante poner á las particulas del verbo, y particulas que hazen participio, quando el (ñote) es afecion del verbo. E. G. (Amboaye ñoteramo acoy cheruaeramo. Tupaporoquayto marangatu guitecobo aracaè raè, heỳ) etc. Nic. Oxala, dirán los condenados, quando yo vivia ubiera siempre cumplido los mandamentos de Dios. (Conumē oñemombeú ñotebaè) Muchachos que se confessan sin comulgar. Nota como lo usa aqui el P. Band., hablando de S. Miguel, quando arrojo á Luzifer.

(Tataguaçú apireỹ caruhabamoñote ymoîngobo, Hiya hiya mburu, òè yerobiacatu ñote habamo rano) poniendolo por esca del fuego eterno y tambien por ojeto de irrision ó desprecio, deciendole, sin rezelo muy bien, muy bien empleado. Avezes dexa su letra inicial y toma la final de la diccion, á la qual se llega, y assi haze muchas vezes (bōte, rōte, ngōte, l. mòte) etc. *ut* : (eryubōte) estas echado no mas. (Mbobirōte) algunos nomas. (Ayeyìba mopîngôte) braçea no mas. (Peãmore) esta os enpie no mas etc.

O

O — *vel.* org. (quitar). V. Thes.

Olábo—l. (oabari) es lo mesmo que : (guetibo). Este es el mas usado.

Oacãmo — de cabeça, *ut:* (N. oá oubo) cayó de cabeça, vino cayendo de cabeça.

Oayubo— de pescueço. (Emoỹ N. ỹbìraguape) ponle de cabeça en el cepo, y no dirá : (oucãmo).

Oapimo — solo, *ut :* (oapîmo ayco) he quedado trasquilado, esto es : solo, pobre.

Oatucupebo — de espaldas.

Obaĭbabo — l. (guobuĭbado) Boca arriba.

Obapibo — l. (guobapibo). boca abaixo. Los otros deste genero, que explican las posturas de las cosas veance en el Arte, Suplem. cap. 8. Delos recipr. § 3. regla 2. excep. 2.

Obeyá — (bōte munga) en un instante. (N. oqua) passó como un relampago.

Ocápe — fuera (occacori) hazia á fuera.

Oçe — l. (ocepe) sobre, *ut*: (ita oçèpe) sobre la piedra.

Oi — Interjec. de la muger que se duele, ò que se espanta.

Oỹquebo — l. (oatĭbĭbiri). delado.

Oyrã — l. (oyrande) dice tiempo futuro. (Oyrã arete ambuaepe) despues otro dia de nesta. (Oyrà guarãma) para despues para otro dia.

Oyaboè — es lo mesmo que: (ndeyteē, Añebe) por esso, essa es la causa porque. (Tupã gracia marangatu, Tupārayramo mandemoigo. N. reniâ Tupāretame ñandererahā ucarano) la gracia de Dios nos haze hijos de Dios, y essa es la causa porque nos lleva al ciélo. Se puede conjugar (cheyabōe, ndeyaboe, oyaboe), *ut:* (chereco angēegatu, oyaboe, l. cheyaboe cherembiaherá) soy ligero, por esso traigo mucha caça. Impersonalmente es mas usado. No sin causa. (N. ahē rureỹ cuche) no sin causa, por tener que hazen fulano no vino aver. Mart. Muchas vezes es gerundio del verbo (Ae) y particula, (e) que significa despues de aver dicho: (Haèramo Açe: tiya ye emeangá aypo Paỳ chemboapĭçapu hague, oyaboè, oñemoacatyê tyê Tupē gracia marāngatu rehe, óāngagui ymoendaguè poraharaú úpe oicabo angà) Nic. Por tanto la persona despues de aver dicho, no se cumpla, etc.

Oyáboî— sin causa, debalde. (N. pipo ahé ruri) por ventura vendrá debalde. Se puede conjugar, (guiyaboî ayapo) hizelo debalde, sin que, ni para que. (Cheyapeŷ) *idem.*

Oyápe— es lo mesmo que: (oyapanga, l. oyabo panga l. oyapápe l. oyapabamo paè) como si. (Ymbaraete amo peteŷ guarî oyape, l. oyabamo paè, ahē chera angá au) como si fuera algo un hombre solo viene á querer medir fuerças con migo?

Oyeỳ— oy, tiempo passado, y tambien dice tiempo futuro, *ut*: (N. yhoni) rato há que se fue. (N. pĭrì) pocoārá. (N. araya) todo oy yá passado. (Cuehè oyeiberamole) desde ayer por la mañana. (Oyeyberamo aháne) iré mañana por la mañana.

Oyepè— l. (oyepei) sin mescla de otra cosa.

Oyoapĭri — entre dos llevar. (N. perahá) llevad esse pallo, caxa, etc. entre los dos.

Oyoaquique— (quĭquebo) unos tras otros.

Oyobay— V. Oyoabay.

Oyobĭte rupi— por medio. V. Yobite.

Oyocupepĭ pepĭ— unos tras otros se aprietan, se rempujan.

Oyehetè hebè — successivamente. V. Goehete.

Oyohu āmo— l. (Oyoçu amo, l. oyogu āmo) muchos del mismo genero. (Ygari oyoguamo oico) estan juntos los

cedros por ser muchos, *id est*, son muchos. (Oyohu amo oraico) estamos vezinos en la misma parcialidad.

Oyoïbïri — uno junto á otro, á las parejas. (N. pehò) iá uno á lado de otro. V. Yoïbi.

Oyoya — ygualmente. (Oyoy oyepï oyoche) mejor es. (Oyepï yoyá oyoehe) se vengaron ygualmente, y mutuamente.

Oyoobay — uno en frente de otro. (Chepo yobay, l. poyoobay) mis ambas manos, porque está una en frente de la otra. (Bosa yobay) arganas, ò alfoijas.

Oyopèbo — en halera. (Oyopebo, oyapo aquaitaba) todos á una hazen lo mandado, mecaph. Band. V. Yopebo.

Oyopïpe — uno dentro de otro. V. Yopïpe.

Oyopïre — l. (oyopìribe) juntos em compañia Sale de (pïri) n. 4.

Oyopìruçu — Muchos juntos en compañia, en lugar, etc.

Oyopïrupi — uno junto de otro, en habitacion.

Oyotatè – differente. V. Yotate.

Oyoupï — juntos. V. Youpi.

Oñoendague — (ndaguope) successivamente.

Opebo — de plano.

Opemo — de lado. (N. eñono ÿbïrapè) pon la tabla de lado, de canto. V. Thes.

Opibo — desnudo. (Opibogua) los que estan en cueros.

Opïbo — de pies.

Opobo — á gatas.

Opucùbo — de largo.

Orïmo — de narices. (Otî otîmo oña ohóbo) va corriendo dando de narices. Dicenlo quando van con impetu.

Ototoy — Interjecion del que se admira, ò alegra de cosa grande.

Ou — (eutog) *idem*, pero menos usado.

P

Pã — l. (panga). Nota de pergunta. De las notas de pergunta, se hablò de proposito en el Arte.

Pa — Particula de terminacion, que se usa en el plural, (ea), *ut:* (Chahapa) ea pues vamos. (Peñeyque

rorĭguaçupĭpe neme S. S. Maria àhague chamboyerobia yaicobo pa) Band. *Cum circumditate Nativitatem.* En el singular dice : Ca. Significa tambien: ea, dicho con enfado. (Peyapopa) ea, hazedio, ya. (Chañembiaĭjpa l coĭre) ya tengo hambre.

Pa— Interjec. del que se admira, ò se duele. (Hîpipocoi Aba gembiayuca raibibo pá) que presto aquel Indio matò su presa. (Tutú otarà peyupanga mbĭapa) parece que todos soplan fuego. Dicenlo quando la gente anda soplando de frio. (Guaere carupaco cheamỹrî eracaè pa) Pomp. Aydemi. etc.

Pa— Nota de gerundio, *ut:* (Haĭhupa) amandolo.

Páb—pospuesto: todo, todos. (Roguerahapá) llevalo todo. (Tohopá) voyan todos. Con narigales haze (mba). (Ocañỹmba) todo, ò todos se perdieron. Acabar-se. (Cherecobepá rire) despues que mi vida se aya acabado.

Pa aipora— que es aquello ? V. Po. Usanlos quando no oyen bien, ò no saben que ruido es aquelle que oyen.

Pabē— todos. (Pabeŷ, l, pabengatu, l. pabe etey) todos sin quedar alguno. Avezes dicen : (Mabeŷ) .En el Arte se notò que esta particula en los participios se pospone al verbo, y ante pone ala particula del participio, *ut:* (hecha pabēmbĭramo) cosa vista de todos. (Tembiecha paberamo) es lo mesmo que : (Pabē rembiecharamo) viendolo todos.

Pabeỹ — siempre. (Oñemboçacoỳ pabeỹbae) los que siempre estan prevenidos. (Tecobe N.) vida sin sin, eterna, es la negacion de (Pa. b.) acabarse.

Pacami— es lo mesmo que : (Paco amî). V. Paco.

Pacatuỳ — todos. (Oñeē poraĭhucatupĭpe ymoangapĭhĭ pacatuỳ rine, ohobaça) despues que con palabras amorozas los consolò á todos, lhes hechò su bendicion. Nic.

Pace— es lo mesmo que : (pangâ açè). (Ma ogurobia tepace cuña que pegarè) pues hade creer la persona á sueños de mugeres ? Band.

Paco— Nota de pergunta. (Napechechai paco che ymoîramo raè) no lo vistes, quando lo ponia? (Mbae ñeē paco erehãa curi) que palabras dixiste aora ?

Paco— Muchas vezes es particula affirmativa, y equivale al (Raco) y regularmente dice se por contento, ò por

pesar. (Ma aypo tecatuay pacò, Tupãçÿaè chebe abe omboyehu angá cheque pÿpe yeỹ raè). Nic. Pues esso mesmo la misma Madre de Dios etc. (Macocatu pacoy), *id est:* (paco acoy y heque reça posè yeỹ raè) pues esto es ciertamente aquello que yo vi en el sueño. (Cheaú paco l. guaete paco, oyeupe ñote. Tupã chemoña rire yepe, cheremimbota raú rupi ñote ayco) ah desdichado de mi que, etc. (Amboaye ñote tamo acoi cherecoberamo, Tupã poroquaitaba aracaè raé, na yyabay eteybaè rugũaỹ yepe paco ymboayehà) etc. Nic. Oxalá ubiera cumplido, quando vivia, los mandamientos de Dios, cierto que no era difficultoso el cumplimiento delos. (Che paco cheñemombeu eỹmobeyepe amboaçi cheangaipa paguera) Nic. yo ciertamente etc. (Na ayporamî sequarè rugũaỹ pacamî), *id est:* (pacoamî). (Eupe nderetey co cheyÿbapõramo arecaè). Band. Son palabras de la Virgen al pie de la Cruz. Cierto que no estava dessa manera esse tu cuerpo, quando antiguamente lo tube en estos mis brazos. (Pehecha paco, l. cha paco) mirad pues. (Cha tepaco) porque ya sabeis, ò visteis. Muchissimo se usa en cosas de admiracion y aqui nota, que assi el (paco), como (pãnga piche pipo, piâ) etc. se usan tambien por particulas de admiracion, dolor, alegria, etc. como queda dicho en el cap. 9. del suplem. hablando de las oraciones enfaticas.

Pacoy— Compuesto de (pa) y (acoy). (Humangatu N. nderembiapo catucue, Tupã chupe ỹèramabe raco eonico yquay nanga, heỹraibi chupe yquabeenga hetecobo) Band. En donde estan aquellas etc.

Pay— Nota de pergunta compuesta de (pa) y de (eguî). (Ereyapo paè) hiziste esso? Muchissimo uso tiene esta particula en las proposiciones enfaticas, como queda dicho en el Arte.

Paypo—Compuesto de (pa) y (aypo). (Mbaè N.) que es esso?

Pamî — Compuesto de (pa) preg. y de (amî) solia.

Pãnga —Particula de pregunta muy usada. V. Particulas de pregunta en el Arte, parte 9, cap. 2.

Pe— Nota de pregunta. (Abope Tupã) quien es Dios?

Pe—Muchas vezes se pone en lugar del (amo) (l. tamo), *ut:* (curi aupe) por (curi aútamo) oxalá etc.

Pé—Adverbio local: allá, ves le ay. (Pehinî) allá, etc. está. (Pepe) acullá en aquel lugar. (Pe agui) de allá, etc.

Pe—Es posposic. del ablat., como queda dicho en el Arte parte 1ª, cap. 1. Apend. Pospuesta al participial: por. (Omarãngatu ha guepe, l. haguepiè ohò ỹbape) por aver sido bueno se fue al cielo. (Cherecomoã hape) por suspechar de mi. Com. (Che quĭteỹngatu hápe) con gana, con diligencia mia.

Peè— despues del participial: solo por. Nderaỹhepapeè ayu) solo por tu amor vengo.

Pey— *idem est, ut:* (nderaỹhupapeỳ ayu) solo par tu amor vengo. En el mismo. (Cherobapeỳ) en mi misma cara. (Chereçapeỳ) en mis mismos ojos, á mi vista.

Peỳ—ola, lo usan las mugeres. (Aahá yco che peŷ) ya me voy.

Peñeŷ—ea vosotros. (Peñeŷque) idem. (Peñeŷ peaquirime que rey) ea no seais floxos. V. Thes.

Peteŷ—uno. (Petey teŷ) de uno en uno. (Peteŷ rehebe) de una vez. (Peteý guãçu) todo junto, o todos juntos. (Meteŷ, monepeŷ. moñepeteŷ) l. uno. (Petey amo) uno ó alguno de ellos.

Pi—nota de pregunta. (Mbaẽ picobaẽ) que es esto? (Marã piaúra) que es esto? dicho con enfado á los que estan inquietos. (Marapiquie) que ya aqui?

Pĭ—olá. (Ahá yco. chepĭ) olá ya me voy. La muger dize: (Peŷ).

Pĭ—modo, costumbre, traça. (Tupã poraĭhupĭ) modo, costumbre, que Dios tiene en amar. (Cheñemboepĭ) modo costumbre que tengo em reçar. Band.

Pī—particula que usan quando tienen despereços y bosteços. (Pĭchero pehĭj áy) cierto que tengo mucho sueño.

Pi—particula de aseverar lo que ha visto ó vè, *ut*: (Aye copĭ, l. Aye coarè) ciertamente que es así que está bueno. (Ayapoamopĭ) cierto que yo lo hiciera. (Peyapocobae, ae chepî) dicen lo cuando mandan alguna cosa, y no lo han hecho.

Piã—nota de pregunta. (Abatepiã oyaporaẽ) pues quien lo hizo? (Abapiang mbaẽ ogueru raẽ) quien traxo estas cosas?

Piá—l.(Piáỹ) dicen lo al nîno; es palabra de ternura; *ut*: (eyo Piá) ven acá niñito, á las niñas dicen: (tragua l. chami).

Pīa—l. (bia) por. (Ayu ndepiaramo, l. ndebiaramo) vengo por ti, camino, senda. (Na checogapiarã rangẽ) toda davia no tiene camino mi chacra. (Tupã retãbia rupigua) los que andan por el camino del cielo. (Ypia momběrī panga) es grande la distancia del camino. De aqui sale el verbo (Ay prazō) yr por alguno, yr a traer, y tambien lo usan en el sentido de querer hacer presa. El (pia) tiene otros sentidos. V. Thes.

Pîâ—poco; no en cantidad, sino en calidad, *ut*: (cheraīpupîâ pîâ nipo ahe) poco me ama.

Piche—nota de pregunta; sale de (Pi) y del pronombre (che) yo. (Mbaébe piche ayapone) que mas he de hacer yo? (Ohobáèrã ruã piche) pues soy yo el que ha de yr? hablando con sigo mesmo. Tambien la hallo usada por particula afirmativa, como el (paco); hablando Nic. de Lucifer, que no se quiso humillar a Dios, pone en su boca estas palabras: (Ma mbae teco aruangatu etey yarete pinche rae, hae amo pae chupe añemomini tey guitecobo), en que usa (picherae) por: (nico che).

Pico—Interrog. de prezente demostrativo. (Mbaè pico, *vel*, picobae) que es esto? (Marâ pico rá) que es esto? dicho con enfado al que está inquieto. Siendo muchos dirá: (Mbaè piã, l. puguîrá).

Picorá—es de admiracion y complacencia. E. G. viendo alguna cosa hermosa, dice: (Picorá) ó si esto fuera mio. (Tupicorá, l. tu catu picorâ) dicen, quando ven muchos payaros, ó peces, y desean matarlos. (Picora vīrī ypôrândatuy cobae) que cosa tan hermosa.

Pigeỹ—sin cessar. (Tecomarângâtu pipigeỹ perecoramo) viviendo siempre sin ce ssar virtuosos. (Tecoacĭ pigoỹngatu ypochĭbaecue oguereco tata pene) los malos arderan siempre en el fuego.

Pĭhábo—de noche. (Pĭhaye) media noche. (Pĭhaye mbĭtepe) em la media noche. (Pĭhaye mbĭterupī) cerca de la media noche. (Pĭharé) toda la noche. Mend, l. pĭrûnguetebo l. pitû yacatu. V. Thes.

Piỹ—l. (mbĭỹ) frequentemente. (Ahá pĭỹ teỹ guitecobo) frequentemente voy debalde.

(Añeēmbĭȳ mbĭȳ) hablar mucho. (Ndip ȳ ymarāngāu-tubae) raros son los buenos.

Pĭpe — con narigales es (mbĭpe). Pospo sic. del ablat. V. en el Arte, parte 1. cap. 1. Apend. 2. Alguna vez equivale al (ramo) *ut*: (chererecoay pipe aha cope) es lo mesmo que: (chererecoayramo) dentro, *ut*: (ñaembe pĭpegua) lo que está dentro del plato.

(Amboyopĭpe) puse uno dentro de otro, con, de compañia. (Taha nde pĭpe) iré con tigo en canoa ò balsa; pero a pie, o acabalho dirá: (nderupi). El recipr. es: (oye-pĭpe l. gue pĭpe). Relat. (ypĭpe)

Pĭpebe —explica immediacion, ò continuacion. (Gue-cha eȳ pĭpebe oguerahá) assi como viò que nadie le veya lo llevò. (cotecobe pĭpebe yepe) aum estando en esta vida.

Pipo—por ventura. (Oú pipone) vendrá por ventura? (Heē piporae) si es que tiene sal? se está saboroso?

Piporá—que bien, oye uno tocar la caixa, ò clarin, y dice: (Pĭporá) que bien, y R. el atro: (Ta aype mangā mbae poromoeçaîn gatubae) assi es, esto alegra la persona.

Pĭri—*ad*. (Ayer ndepĭri) vengo á ti.

(Ndepĭritapĭta nde ruȳ rerecobo) quiero me quedar contigo para tenerte las flechas.

Pīri—poco. (Eroçĭiī pĭri) aparta lo un poco. (Eñeē mbucu pĭrĭ) habla un poco mas alto. Band. No lo usan mas.

Pĭte—l. (mbĭte) medio. (Chepopĭtè) en medio de mis manos l. (chepopĭtepo ramo).

Piu—Interjec. del que se burla de otro.

Pīûm—explica con esta particula el sonido del arcabuz, y del açote que el cavalleriço usa para hazer caminar los cavallos. (Piupe ayuca) dixo un cavalleriço hablando de una perdiz que la avia muerto con dicho açote.

Po—quiças. (Oupone) quiças vendrá. Es tambien adverbio demostrativo de lo que no veē, pero se oye. (Po pe-quinini chahenducatu) que es aquel ruydo, estad quedos oygamos bien lo que es. (Ypopuhague rupiequaque) mira que vayas por donde está el ruydo. (Pobae) aquel, no viendo lo.

Po— l. (Mbọ) *contentum*. (Ndiporicheróga) mi casa no tiene cosa, está vacia. (Añaretâmbóra) los que estan en el inferno.

(Aba hupiguaño y yurupobae) hombre veridico, que siempre dice verdad.(Caā poramo) por montes sin camino llenos de arboles y maleça. (Ñumbóramo) por campos sin camino, etc. Effecto. (Ndipoiriche ndeñeenguerane) tus palabras no tendran effecto. (Ambopó) hazer que tenga effecto, cumplir.

Po—grossor, y corpulencia de la cosa. (Ypoguaçu ay co ỹbīra) este palo es muy gruesso. (Ao poarâ) ropa gruessa. (Ypoỹ) es delgado. l. (Ypo mini). (Ao Ypoy bai) lienço delgado.

Po— mano. (Chepo eñoỹ) tiene esta fuerça: quanto siembro nace todo. Band.

Pocà— raras vezes, ò hazer ralo. (Añemombeū pocā pocā) raras vezes me confiesso. (Orepocângatu) somos pocos. (Aiquaa pocā pocā) lo sé assi assi. Brand. (Aiqaā quaaú) *idem*.

Poequabamo— mediante, *ut*: (Tupā gracia N.) mediante la gracia de Dios, equivale al (rehe); lo usa mucho Nicol.

Pohĭỹ— es particula de encarecimiento. (Oñeē N. catupĭpe) con sus palabras que son de mucho peso, y autoridad. (Y yapu N.) mucho miente. Mart.

Poiye— l. (poỳ è) despues. (Cobae oyapo range, haè poyye), etc, esto hizo primero, y despues, etc. (N amondone) despues lo embiare. (Poiyegua co cherembireco) esta es mi segunda muger.

Poquabeỹ— intolerable. Lo mesmo que: (porômooçambabaè). *ut*: (heāquandacĭ poquaabeỹ) hedor insofrible. (Aypoquaabeỹ) no lo furto.

Porā— Particula que haze superlativo. (Ndeoapu N.) mientes muchissimo. Venturoso, pomiendo la cosa en que lo es, *ut*: (Cheguĭrá N.) soy venturoso en matar pajaros. (Che éy N.) venturoso soy en la miel. Mend. Bellamente. (Ayohu N.) lo hallè bellamente, dicen lo quando lo cogen con el hurto en mano, y cosa tal. Poco, antepuesto al (tamo pae, puguĭ), etc. *ut*: (ma cuña. reĭỹ porātamo pae Yuquĭ mirî eteru?) como si las mugeres fueran pocas, traes poca sal.

Poraibi— sacudidamente. (Cheñeē poraibi) hablele sacudidamente. Band. en este sentido solo se usa.

Porará— continuamente. (Añeẽ porará guitecobo) ando hablando continuamente. (Ayeruré porará) pedir siempre.

Porẽmô— solo. (Canguĭ ño porẽmõ) vino solo. (Oñoanâ ño porêmô) todos son de una parentela. No lo usan mas.

Porendubeŷ— significa, ser sordo á lo que le mandan, desobediente, y tambien: descuydadamente, *ut*: (Yporendubeŷme l. eŷmobe ŷbĭra ogueroqua heçe, Ynupãbo) le dió de repente, descuydadamente. (Yporendubeŷ l. Yporandubeŷ oque oupa) duerme á sueño sueltro. Lo mesmo que: (oquerãna.)

Poro— l. (mboro). Particula de composicion. V. Arte, part. 3. cap. 2. §. 2.

Porombuco— mientras. (Cheru eŷ N. equa eme) mientras yo no viniere no te vayas. (Amoporombucu) dilatar.

Pota— l. (mbota) es particula, es nombre, y es verbo; como particula de admiracion la usa Mart. (Curiteŷmbota panga ereyu) es possible que has venido tan presto ? Como nombre significa: parte, porcion. (Na chepotabi) no tube parte. (Ambopota) hago que le quepa parte. (Aypotameẽ) le di su parte. (Cheypota peá oporabĭquĭ eŷbae que) apartemos obras para el que no trabajò, dexemos en que se occupe. Como verbo es muy usado, del qual se hablò en el Arte, parte 3. cap. 4.

Pucuy—Pregunta demostrativa. Comp. de (pa) y (ucuy. Aba. N.) quien es aquel, ó esse, si está aỳ cerca.

Pugui—*idem* de plural. (Aba. N.) quienes son essos, ò aquelles, si estan algo lexos.

Tambien la usan en singular: (Mará N. ereico) que tienes, como estas ? y por pronombre sin pergunta. (Mebĭa N. omombeu) essa gente lo há dicho.

Puŷ—nota de pergunta. (Mbaepuŷ) que es esso?

Puŷ—l. (poĭ). Interjec. de admiracion de cosa desastrada, *ut*: (Puĭmará panga) que parece se has lastimado, y R. el otro (cachеché cheruguibe) ay que me sale mucha sangre. Tambien del que queda avergonçado, como salutando uno áotros, si no le corresponden, dice: (puĭ).

Pupe—es lo mesmo que (pa) y (eupe). (Aba N.) quien es esse?

Q

Quapapipe—de passo. (N. ñote aha) voy de passo. (N. ñote onemombeu) confesso se de corrida. (Quapapi) *idem*. (Ama qupapi) lluvia que passa presto.

Que — mira que; se usa mucho en el imperat. (Tereho l. equa eme que) mira que no te vayas. Es particula que hase advertir. (Tupã que tanderarõ angã) e a Dios te guarde: quiere que advierta, que lo saluda. (Peñey que cheraỹreta peñomboyaoyao teŷ) (eme. l. Peñeŷ ch. penomboyao yao teŷ emeque) con hijos mios no os aparteis unos de otros. Dicho con enfasis, aunque se dexe el (eme) en el inperat.— niega, *ut*: (emombuca que co cangui herahabo hẽ) mira que no derrames el vinho. Pero mejor con (emeque.)

Quereme — ven, ó venid. Pidiendo ayuda. Poco usado.

Querõ—comp. de (que) y de (rõ) mira que te embestirá. (Taha querõ) determinadamente me voy.

Qui—l. (quie) aqui.

Quĭ—determinacion de la muger. (Tahaquĭ) ea vaya yo. V. Thes.

Quĭ— son dos silabas. Ah. (Quiayabĭ) Ah que errē. Es poco usado.

Quĭa—muchas vezes es lo mesmo que: (niã), *ut*: (co quí a hemimombeucue rea) esto es fielmente lo que dixo.

Quibô— acá. (Eyo N.) ven acá. (Quibôngotĭ) hazia acá.

Quiche—lo mesmo que (piche). (Aracae N. aret raçani) de quando acá he passado la fiesta. Poco usada.

Quĭchi—l. (michi) un poquito. (N. aypĭçĭ) poco tomé.

Quichi—es palabra de afecto que dice el marido á su muger, *ut*: (ereŷme pa N.) estas? modo de saludar la. Usan mas aora el (râ) (ereime pangã rã?)

Quie—l. qui, aqui.

Quiebe—estando deste tamaño, *ut*: (N. cunumi ñemboeoy quaã) estando deste tamaño, señalando, saben los niños el reço.

Quĭnaȳ—l. (quĭnday) fulana, dice la India. (Eyo quĭnaȳ) ven aca fulanilla. Es palabra affectuosa; la usan como haziendo á la otra sua pariente, aun que realmente no lo sea, assi como nosotros decimos: tia, ò prima, etc.

Quĭp—lexos. (N. yhoni) fuete lexos.

Quî.î—l. (quînî) pequeno, poco. (ỹacâ N.) arroydelo (N. ñote omeẽ chebe) medio poquito; con (yepe) y verbo negado, dice: nada. (N. yepe nomeey) ni un poquito, nada medio. (Quînî tiro, etc.) *idem*. En ninguna manera. (N .ndayapoy) en ninguna manera lo hize. Tambien dice: cosquillas. (Amoquñî) hago le cosquillas.

R

Ra—olá. (Eyapo querá) olá mira que lo hagas. Ea (eñemomarangatu coĭtera) ea haz te bueno finalmente.

Ra—Interjec. de admiracion, *ut*: (Guaete catu paco ñanderaĭhu pipe oyeahoçereteybo oicobo raè rá). Pomp. Del que se agrada de alguna cosa. (Aguĭyetey co na) que bueno esta esto. De quien reflecte. (Ta oñȳbô rá) yá lo flechò. (Ta ohacauca teîngatu pucuy rá) ya lo hecho fuera de la raya. De enfado: (Aguĭye co no rá) lo dicen al que se burla pesadamente, basta ya. De deseo: (Raĭbi beȳpe eupè mĭtoengatu rendápe abahe angá guitecobo rá) Band. Oxalá luego llegára a ese lugar de descanzo.

Râ—cosa parecida. (Yetirâ) cosa parecida á batata. (Cherahã ebocoybae) esse procura parecerseme, pero queda atras. Brand. (Cherĭbĭ cheranaȳ oicó) assi hermano aun que me imita, no llega á lo que yo hago. Brand. (Coranaȳ) cosa parecida á esta. Con narigales dice: (na), *ut*: (Tatatina) cosa parecida a humo: y no lo es.

Ra—m. l. (râma). Nota de futuro, *ut*: (Conicò cherecorã) esto es lo que he de hazer. Para (Erahá co ao

nderetĩma rĩrurama) lleva este paño para tus medias. Lo demas queda dicho en el Arte, parte 3. cap. 1. §. 4. Apend.

Nota que qual quiera materia de la qual se ha de hazer alguna cosa, la explican con esta particula: E. G. queriendo agrandar un çarço un Indio dixo alos otros: (peheca ypopinã) y quiso decir: buscad cañas que han de servir para agrandar este çarço. A un pedaço de hierro, si del ha de hazer algun cuchillo, dirá: (chequïçerâ cobaè) esta es materia de la qual he de hazer mi cuchillo. (Ynangaipabaecue ana rataramamo oico yepiguarâ mane) los pecadores han de ser fuego, lena del Demonio. Con nombres suple el fut. del venga, *ut*: (na ndemarangaturami) *idem*. *Ac*: (na ndemarãngatui chene.)

Raçĩ — (agui) de puro. (Ndetabĩraçĩ agui) de puro tonto, que eres.

Raco — l. (naco). Particula affirmativa. (Ayete raco) assi es ciertamente. (Cheraco haè penembieca) yo soy esse, á quien buscais. No es particula que sirve solamente de preterito, como queda dicho en el Arte. (Cheraco ndehaichene) yo ciertamente no ire. Mend. (aha yepe raco ebapócotĩ, tabahe na guiyabo ruguaỹ raco). Pomp. Fui hazia allá esperanza de llegar tiene la misma fuerza que (nanga), y los Indios la usan a cada passo. (Caco) á vezes es lo mesmo que (raco) (ndeyepe cacoy) *id est*, (ndeyepe raco) (che caco mbae apohá, na eyabo ruguaỹ, che tayabo ere aureỹ) como si supieras hazer algo, dices: yo lo hare Arag.

Raè—es particula affimartiva muy usada, *ut*: (ndeño chemundaha raè) en verdad, que tu solo fuiste el que suspechaste de mi. (Ndemarangatú raé) cierto de verdad. que eres hombre de bien, dice lo como quien aora acaba de saberle. Dudando se si fue Pedro ò otro. R. (Peruraé) cierto es que fue Pedro. Mucho uso tiene en los tiempos del preterito imperfecto, ò plusquam perfecto del subjunctivo, (ndemarangaturamo amo). (Tupãñeẽ eremboaye raé) si fueras bueno cumplieras, ó ubieras cumplido los mandamentos de Dios. Se suele poner al fin de la oracion, pero siempre se antepone á las particulas (ẽma , ra, rèa, ma, ne. Ayuca mburu raè ne) cierto que lo he de matar, etc. Tambien es de pergunta (ereyu raè ? l. ereyu pangaraè) vienes? Modo de saludar quando viene de lexos.

Raibi—presto. (Evaha raibi) llevado luego. Ante puso la al verbo Nic. (Tupāretame qaĭbi herahado coĭte).

Raibibeỹ—luego luego. (Raibibeỹpe, l. Raibibeỹ tamo obahé raè) oxala llegara luego luego. Band.

Rāmbete — comp. de (Rāma) nota de fut. y (eté) nota de superlativo, *ut*: (conico ycaraibaecue recorá mbete) este es el ser proprio, ò esta es la obligacion del christiano.

Rami— semejante. (Aiporami, l. Porami) de essa manera. (Ayporamī ramiy) dessa mismiss. manera. Explica tamaño, calidad, cantidad. (Cherani etey) de mi tamaño; (yramî) como el, (acoyguerami) como antes, como entonces. Como si. (Gueminoña rupitĭha ramĭ eteỹ angaú) como si ubiera de alcançar á lo que corre.

Ramîramo— por ser como, por tener como. (Hobatîngay teóngue N.) por tener la cara blanquisea como muerto. (Añemonde co as rehe carai N.) me vesti desta ropa por parecer como Español. Mend.

Rambóe—V. Ramoé.

Ramò—con acento largo en la ultima sillaba, aora. (Ayuramò) aora acabo de llegar. (Acaru N. curi, baé ame panga chenembĭabĭni raé) aora acabo de comer, y avia de tener hambre? (Peteỹ yebĭ N.) aora es la primeira vez. Muchas vezes toma signal del verbo á quien se llega, *ut*: (Apagamo) aora despierto.

Ramo—ambas breves. Nota de subjunctivo: sirve para el ablativo absoluto. (Chequeramo) dormiendo yo, por dormir yo. Algunos dicen: (Aqueramo) y dice el P. Mend. que es algo barbaro. Suple los gerundios de los verbos neutros de pronombre, como queda dicho en el Arte. Haze tambien (nāmō, māmo, bamo, gamo) segun la letra final del verbo á quien se llega.

Ramo—por. (Caáru N.) por la tarde. (Cheraỹ N. arecó) tengo por lo mi hijo. Suple la particula (en). (Ỹ cangui N. oñemoña) el agua se convertio en vino. (ỹgaramo ayú) vine en canoa, assi se usa, y no (ỹga pĭpe) (mbaè eỹramo cheho yebĭ higui cherecobe ereyocó yocogiñote chererecobo) Nic. por no bolverme en la nada me estas conservando: habla con Dios.

Ramobre—mientras. (Quarahĭ N.) mientras ay sol. Luego que. (Pay ru N. chemo e morandu epe) luego que

viniere el P., avisa me. Desde. Usa se con nombres (checunumi N.) desde que fui muchacho.

Ramã—l. (ramboé) despues. (Chemanõ N.) despues que yo muera; (Bamboé, l. Ramoè) tambien significa: por; denotando la causa porque, *ut*: (Paỳ ndenupã N. ereiapo) lo hiziste por aver te el Padre açotado. Lo mesmo que (ndenupâ haguepeé) dice, solo por essa causa, y no por otra.

Ramoguarã—l. (ramonguarã) para quando. (Chemano N.) para quando ỳo muriere. (Emoyngatu tecotebẽ N.) guarda lo para quando ubiere necessidad.

Ramoŷ—al ponto. (Oyequĭỹ N.) luego al punto que espiró. Por solo. (Haeramoya yo) por esse fin solo vengo.

Ramõmemẽ—mientras. (Chemboè N.) mientra me enseñavas. (Chehó N.) mientras iba; es muy usada. Mend. V. Memẽ.

Ramõngua—para donde ay. (Ao N. tecatunde) tu eres para donde ay mucha ropa: dice se al que la trata mal. (Mbaéapo eỹ N. nde) Mart. Eres um floxo, naço no eres para donde ay que trabajar. (Guarinî e˜ N. nde) eres cobarde, no eres para donde ay guerra. Tambien dá estos romances: (Emoŷ frontal arete N.) pon el frontal de las fiestas. (Embopu itá Missa) toca a missa. (Erú acangao cheata N.) trae me el sombrero de camino: Mende.

Rãnday—l. *potius* (herãnday) parece ó cosa parecida, *ut*: (ycaraybaecue herãnday ñote peé) pareceis christianos, y no lo soys.

Range—primero, antes. (Che N. abahẽ) yo llegué primero. (Emboacu mirî tatape N. haè ymboacú rehebe emboya heçè) calientalo un poco antes al fuego, y caliente pega lo. Con (Ramo) dice: mientras. (Che Missa rangeramo emoŷngatu co mbaè tetirõ) mientras yo dixere missa compon bien estas cosas. Poco tiempo. (Tobe N.) dexa ó aguarda um poco por aora. (N. ñote horĭ yñangaypabaene) por poco tiempo se holgara los palos. Mend. Tiene á vezes esta fuerça que explican los romances siguientes: (ndabĭay N.) ni me hallo, ni me puedo hallar. Arag. (Nañangarecoy heçe N.) ni cuydo, ni pienso cuydar de el, Arag. equivale al miri uepè.

Rangẽ—con la negacion (ndey) dice: todavia no. (Ndey N.) todavia no. (Ndeỳ guecorã rupi oicobo range)

dixo un Indio hablando de una fruta, todavia no está en saçon. V. Arte. Suplem. del verbo irregular (Ae) §. 3.

Rangue — es nota de futuro, y preterito misto (el que avia de ser, y no fue, cosa malograda). (Ombaè N.) el que avia de yr, y no fue. (Omanobaè N.) el que avia de aver muerto y no murio. (Omanobaè rânguereỹ) el que no avia de aver muerto, y muriò. (Cherapicha mbae N. amocañỹ) malogre las cosas de mi proximo, que avian de ser, de mi-proximo, y no lo eran mas, porque los malogre. (Ndirāngueri cheremimbota) tubo effecto lo que yo deseava. (Tupā gracia yranguerameỹbae l. yrangue quaā eỹbae) gracia de Dios efficaz. (Amorāngue) estorvè, frustrè. (Angaypaguaçu Tupāretame acehò abangue omorangue). Nic. El pecado mortal estorva que la persona se vaya al cielo. Con el (habangue) lo usò el dicho Indio, y no con el (haguama), porque estorva la yda que avia de ser, y no será. Poco. (Areco N. cheyrunamo) le tube poco comigo. En este sentido no es muy usado.

Ramo — Tambien, ò otravez. (Ndoyacacay ñote apoquĭhāye eỹ pĭpe abe oynûpangatú herecobo rae) no solamente le rĭñiò, sino que tambien le açotò muy bien. (Ahyco rano) ya me voy otravez. (Aycorano) aqui estoy tambien otravez. Band. Como suelo. (Aha ranone) ire como suelo. Nota que á vezes dicen: (ñañô) por (ranō.)

Rapicha — como. Es lo mesmo que (nûnga), *ut*: (ocho N.) como ocho poca mas ò menos. V. Tapicha.

Rarè — Particula que usan las mugeres con que significan qual quiera affecto suyo. En verdad. (Che áhá rarè) en verdad que me voy. Band. (Ma àguĭye pucuy Cuña nderĭrucuerî ndemocambu harerî abe aracaè rarè) Band. *Beatus venter qui te portavit.* etc.

Rau — Particula que deciendo la con enfado corresponde al (mburu), pero este segundo dice mas que el (raú). (Equaraú) vete dicho con menos precio. (Toberaú) dexa lo con la trampa. Avezes es particula de ruegos: (Emeē raú chebe) dame lo por tu vida. Mart. (Co cunumî tamo raú ereraha raè) oxalá llevaras esto niño. Mart.

Rauye — Particula de duda: dicen que, pero ay duda. (Ohó N.) yá dicen que se sue, pero no se creē. Ruiz. (Che raúyè, Che amunda) dicen que lo hurte yo, y no ay tal.

Con (aracaè) dice: de quando acá. (Aracaè N. ahē guarinî momboyni) de quando acá un ruin como tu, trata de guerras. Mart. (Aracaè N. ahē poromboaguĭyeni) de quando acá un ruin como tu haze alguna acaña. Mart.

Rè — *idem est. Ac*: (cue) con los nombres que tienen por final la (r), *ut*: (Taỹrē) hijo que sue. (Cheygarè cobaè) esta fue mi canoa. (Tayaçu pirè) pellejo de puerco.

Ré—*idem quod*, riré. (Chemanô rè) despues que yo muera.

Ré—Particula que reciben en la composicion los verbos que llaman de (Ro) y algunos nombres que salen del (Temi), *ut*: (Mimoi) flauta; (cheremimbĭ) etc., como queda dicho en el Arte.

Reá—particula de asseveracion, en lo que se dice, ó oye con reflexa, y en particular en modos sentenciosos. (Ayete ye angá reá) assi dicen que es. (Hindo có reá) veis como es lo que dixe. (Hiya que reá) yá con la maldicion. (Hiya mburu reá) *idem*. El P. Band. despues de aver dicho que el sol excedia con su hermosura á todos las estrellas, añade en un sermon de la Virgen alabando su hermosura: (Co ñandeçĭ porā habá ñabenguaraỹ tene ebocay reá na guiyabo ruguay aete). Explicando el P. Pomp. *O quam magna est domus Domini*, etc. (Maypĭahaỹ ndetey tepico Tupā renda raè ra, Guaete catu pico cheyá yeoboñangague gubicha por omboeça ngopa eteramo raè reà) etc.

Recei—l. (rechei) en frente, por derecho (Curuçu N. yquay) passó por en frente de la cruz. (Amboyoehey) poner una cosa en frente de otra. (Acepĭ pĭte reheyguāra) los antipodas, etc. Nic.

Recoete—muchos. (Angeles N.) muchos Angeles. (Hecoete há) muchedumbre.

Rehe—Posposicion del ablativo, cuyo relativo es: (Hece), el reciproco (guecé, l. *potius* oyebe), el reciproco mutuo es: (oyoehe) significa: por. (Aypobaerehe) por esso. (Nderehe ayu) vengo por ti, por tu causa.

Nota que com el verbo (Ayco) hablando de personas, dice: pecar. Contra, *ut*: (opuācherede, l. cheri) se levanto contra mi. En. (Omoî ndeyorobiaha Tupārehe) pon tu confianza en Dios. Es posposicion que piden muchos verbos,

ut: (chemaenduahece) me acorde del, etc. Lo mismo dicen las otras dos posposiciones: (Aril. Ri); el (rehe) es mas universal: con, de compañia. (Abarehe panga erehó pota) con quien quieres yr? Mend. Este con, de compañia, es mejor con (rehebe).

Rehebe—con, de compañia. (Eru ayacá ypó N.) trae el cesto con lo que tiene dentro. (Ombaraete N. y yaguïye) fue vencido con su fortaleza, *id est*: no obstante su fortaleza. Insaur. El relativo (hecebe) reciproco, (guecebe, l. Oyehebe) reciproco mutuo (oyochebr) y significa á vezes *successive*: (Oyoehebe hebeguára) cosas que se succedeu unas á otras. V. Yoehebe.

En el mismo tiempo (Omboyahu nangã, heçebe, Tupã ñeẽ marangatu porubo) le oañõ, usando en el mismo tiempo las palabras de Dios, habla de la forma del bautis. (Chemongetu rehebe, l. reheberamo omañõ yeçapïá) mientras me estava hablando en el mismo tiempo mucho de repente.

Reheguá — pertenecencia. V. Gua. r.

Rehey — V. Reçey.

Reheỳ — á vezes es lo mesmo que: (Rehebe). (Oreñomongeta reheỳ etey Perú ruri) vino Pedro en el mismo tiempo que estavamos hablando.

Reŷ — olá; es muy usada.(Pehoquecï que rey) ataxad lo olá. Acaso. (Ayohu rey) lo halle á caso sin buscarlo? (Mità rey) dixo un Indio, hablando de un niñito de padre no conocido. (Añemombota rey) desse e sin conseguir lo, equivale al (ñote l. tey).

Reyápe — enbolviendo. (Chereyape, l. chereyapeè aya pone) lo harè enbolviendo. (Ndereyape) enbolviendo tu. (Heỳape) relativo, (gueyape) reciproco. Ruiz. Poco usado.

Ri — es lo mesmo que: (rehe) pospos. de ablativo; se suele posponer á los pronombres (Chéri) por mi. (Pendi) por vos otros, dice: (ndi) por la narigal, que le precede. (Ribe) es lo mesmo que (rehebe).

Rie — l. (rúye), es particula que á vezẽs usan en la negacion del preterito imperfecto, ò plusquam perfecto del sujunctivo. E. G. (Ndohoy chérie tamò) nò iria. (Ndoyapoy cherie tamò) no lo haria. El P. Band. la usa en un sermon del Espiritu Santo, y dice assi (aypo penembiyuca teŷngue rehegua reta meme raco orè, ndoropoyŷ cherie

teniâ Tupã eteramo heco rerobia habagui, oreri pepuãra mo yepe, hey yerobiari bee amo, hae aete) etc. El (ndoropyŷ cherie) tiene esta fuerça: no es possible, ò no es facil poder nos apartar, etc.

Rire — despues. (Corire) despues desto, ò para adelante, de aqui adelante. Se suele usar con todos los verbos, pero conjugados por pronombres, aun que en algunas partes, donde no se habla tan pulido lo usan con las notas, y assi (Checarurire) se deve decir, y no: (Acaru rire). (Re) es lo mesmo que (rire), *ut* : (Chemañô rè) despues que yo muera. Juntando-se con alguna diccion, que acaba en consonante, puede dexar la (R.) y tomar la final de la diccion, á la qual se llegare, *ut*: (Hechagirè, l. Hecharire, Oçañŷmbire. l. Ocañĩrire, Hendubire, l. Hendu rirè) etc. Con este (rire) negado y (amõ, l. tamô) se haze el tiempo. sino ubiera, comò se dixo en el Suplem. del Arte, Apend. 3. (Rirè amo) sin negacion dirá: si ubiera, *ut*: (ndemarangatu rire amo, nandenupãicherae) si ubieras sido bueno, no te ubieran açotado.

Rireẽ — solo despues que. (Che onûpâ N. ymarangatu) solo despues que yo le açote, es bueno. (Checaru N. chepiarâ) solo despues de aver comido tengo fuerças.

Rire — (ete) mucho despues que. (Ocaru N. ohò) fue se mucho despues de aver comido.

Rireme — l. (rirebe, l. riremeŷ, l. reme) al punto, luego que. (Haè rireme omano) y luego al punto murio. (Arete rireme) luego despues de la fiesta, etc.

Rõ — Particula de composicion; desta particula se hablò en el Arte. Al fin del verbo dice: pues, olá, mira que; (Ney angarô) ea pues. (Ney eyeobaçá, Curuça apobo, tahecharô) Nic. eapues antiguate á ver se lo sabes ? (Eyapo mbururô) ea pues hazlo en hora mala. (Ehechaquerò, ndereroánc) olá mira que te embestira, se usa con el imperativo, y permissivo. (Rô) narigal pospuesto: poner, *ut*: (Ahecobiarô) pongo trueco. (Ayapearô l. Añapearo) Amontono, Anado.

Roŷrẽ—finalmente. Usa se con dolor pelo que succede : (Eu eme haẽyepe chupe, roire l. aroŷre oguereco meguã) aun que le dixe que no lo comiesse finalmente le hizo daño. V. Aroŷre.

Rombï—finalmente, por ultimo. Nicolas despues de aver referido los varios beneficios que todos los dias recibimos de los Santos Angeles acaba (Romboï ñamanô mbotaramo, acoiramongatu oyeporará catube), etc. y por ultimo estando nos otros para morir, entonces si, etc. (Rombïj) *idem*.

Rû al fin del verbo, y nombre ; poner, anadir. Los nombres los haze verbos activos poniendo les á los que no empezarem por (H.) la relacion (y) *vel* (ñ), *ut* ; (pepo) plumas. (Aypeporû cheruŷ) pongo plumas á mis flechas. (Y ï) princi io. (Añŷpîrû) doi principio. (Apï) punta, (Añapïrû) añado á la punta. Ex. (Acotivû) poner trampa ála caça, etc. *Similia*, que por no tener relativa, son nuetros.

Ruâ—l. ruguâ : si. En duda quando se pregunta, si es esto, si es aora el tiempo, etc. (Ang. N. tepiche a yapone) si lo he de hazer ? (Ãng N. pipo acoi teco aguïyey catu orerubicha ïmande recohápe guaperereco yebïuca orebe). Band. *Nunc in tempore hoc restitues regnum Israel*. (Hae N. panga ogueraha chembaè) si por ventura fue el, que llevò mis cosas. Mend. Pues, *ut* : (Oa ruguā te panga) pues no se cayò ? (Aguïye ruguā pā) pues no basta ? Arag.

Ruguaŷ—es la negacion que ordinariamente incluye el verbo *sum, es, est*, ut: (Na chembaé N.) no es mio. (Na ayporami N.) no es assi. En el futuro, y en el optativo o subjunctivo haze : (ruguaŷchene) no será, ò no fuera, ò no fuesse. (Euriaútamō na chemboèha ruguaŷche raè) oxalá no fuera mi maestro. (Na herobiapī ăma ruguaŷche amo) no fuera creible. En los gerundios, y subjunctivos se pospone désta manera : (Abá hae teŷ chupe, na guiobo ruguaŷ yepe) le dixe debalde que iria, pero no fui. (Nachehaihuramo ruguaŷ) no amandole yo. Tal vez dexan el. (Na) y usan solamente el (ruguaŷ), *ut* : (Añebē teçaorī catu pīpe ruguaŷ hece omaēmo). Band. Por esso no le mira con buenos ojos. (Mbae abai ruguaŷ tepe ndereiquaā quaay au) como se fuera cosa difficultosa no la sabes. Es lo mesmo, que (teçaorī catu eymbīpe, mbae abay eŷ tepe). Mucho uso tiene essa particula con el gerundio (guiyabo eyàbo)

etc. en las proposiciones enfaticas. V. Supl. cap. 9 § 4.

Rui—con tiento. (Epocòrui hece) tocale con tiento. (Ayquerui) medio entrò, assome me. (Añeerui chup) le hable entro dientes medio mascando, y dudando en lo que me hade decir. (Ñeẽ rui rui oguereco chebe) dixo me raçones sin peso. (Cheremimborrá yrui catu chebe) lo que padezco es moderado, me dexa sossegar. (Gueçaў̌pīpe omboruy cheñemoў̃rō) con sus lagrimas me aplacó. Band. (Chemboru mboruy yaguarete) el tigre sinó tras mi calladito. (Oñemboruy chemborabī potabo) es astuto para engañarme. Ruiz. (Rui Ruy) assi assi, (Aycoruў̀ ruў̀) estoy assi assi. Mart. (Acuytá ruy ruy āngau ebocoy) es pela pequeña essa.

Rupi— Por. (Corupi) por aqui. (Tecoquaa eў̃ recorupi) por no saber el estilo, y costumbre. (Tecoquaā cў̌hape) *idem.* (ў̌bī yacaturupigua) los que estan por todo el mundo. Hazia. (ў̌bīrupi omaē yepi) siempre mira hazia al suelo. Con. (Paў̌rupi ahâne) irè con el Padre. (Cherupiguarè) los que vinieron con migo. (Oyoupi ohó) fueron juntos. Segun, conforme. (Tupā remimbotarupi ñote açe oicone) la persona ha de vivir conforme Dios quiere. (Na cheremimbota rupi ruguāў̃) no fue de mi voluntad. (Gurupi ymbaraeté) saliò á su Padre en las fuerzas.

Rupibe—con. (Nde N. ahane) irè contigo. (Gupibe oguerahá) llevalo consigo. (Oyoupibe oico) estan juntos. (ў̌oupibe pibe) unos traz otros. Luego que. (Obahē rupibe) luego que llegò. V. Hupibe.

T

Ta— si, del varon: Preg. (Erecaru pānga) R. (Ta) si he comido, la muger dice: (Heē) (Ta ndacy chupe) no le di el si. (Assi es) Oyen contar alguna cosa y dicen, (ta). Assi es tambien despues de aver dicho ó referido alguna cosa, acaban con (ta). El Padre Pompeyo lo usa mucho en sus sermones.

(Ta emora) si assi passa, de essa manera es. (Ta cheraỹretá Tupã ñandeyara oñemaỹro peẽmene) si hijos mios, assi es hijos mios Dios Nuestro Señor se ha de enojar con vos otros. Despues de averle dicho la causa porque. Tambien la usan quando acaban de hazer alguna cosa contiento, como seria encaxar bien un palo en otro, van provando poco á poco ora de una manera, ora de otra, y assi como el palo entra, y assienta bien en el otro, luego dicen: (Ta) de essa manera, está como deve estár.

Ta— terminacion de gerundio, *ut*: (y yuheyta) deseandolo.

Tã— olá. (Eyotã) ola ven, dice el Indio á su muger; á otro varon dixera: (Eyo rey); si lo dice con enfado, dirá: (Eyo mbururey).

Ta conaco— es cierto, verdad. (Ta conaco Tupã ñanderaỹhu) es cierto, que Dios nos ama.

Taeque— es permissivo del verbo (Ae). Usan lo en las determinaciones de hazer alguna cosa, como queda dicho, en el ese olion de dicho verbo, y tambien quando se despiden y piden licencia, *ut*: (taeque cheretambĭpe herahado) se me permita, de me licencia de llevar lo á mi pueblo. Rige gerundio.

Tag—tras sonido. (Tag heỹ) diò un estallido. V. Thes.

Tague— medio. Hagueĭma cheayaca) yá está á la mitad mi cesto. (Nu rague ohobaytimbĭa) encontro la gente á medio campo. Mend.

Teŷ— esso no, guarda. Ruiz. La usan tambien quando han errado. E. G. haziendo el carpintero la señal con la cuerda moxada en el palo, si al labralo passa la raia, dice: (Tuy yiapa oyabĭ) ah. que erro la açuela. O que. (Tay haèle ñote ndeaorey) o que lindo está tu vestido. Mart.

Tamõ— Particula del optativo. (Aha tamo ebapo rae) oxala fuera allá. Usase tambien antepuesto, *ut*: (Tamo cobae chereça pĭpeỹ ahecha ãnga aipo chepiá hóhacotĭ guitecobo rae ma). Band. Oxalá viera yo con mis ojos esso, adonde suele yr mi corazon. En los tiempos del subjunctivo y en los gerundios lo mesmo es (tamo) que (amo). Desta particula se hablò bastantemente en el Arte.

Tangẽ— (hápe) apersuradamente.

Tapia— r. siempre. (Pemaeñã tapiarique, chaque ñandereçapĭáne) estad siempre en vela, mirad que nos han de coger de repente. (Mbaè tapiã, l. tapiarigua) cosa ordinaria. (Aretetapia) los domingos.

Juntando-se con persona dice: vecino. (Na quiegua tapira ruguaỵche) no soy natural, ò morador de aqui.

Tapicha — semejante, como. (Co rapicha) semejante á esto. (Diez rapicha) como diez poco mas, ó menos. (Cherapicha) mi proximo. No lo dirá varon á la hembra, etc., é contra.

Taquĭcue— r. atras. (N. cotĭ) hazia atráz. (N. pegua l. N. Rigua) los que están atrás. (N. rupigua), los que vienen atras. (Yoaquĭcue quĭcueri ohó) fueron unos trás otros. (Cheraquĭcue rupi oçẽ) salio trás de mi. (Ndahaquĭcue quĭcueri) no dexò rastro. V. Tes. (Yaguarete ohaquĭ querò) el tigre se le acercò, le gateò por de trás.

Tatè — lo contrario. (Emombeú taté emeque cheñeẽ) no digas lo contrario de lo que he dicho. Mend. (Ytaté amombeú inbaè) riferi al revez la cosa de lo que passò. Band. (Oyotaté heco) andan differentes en costumbres. (Amboyotaté) hazer que esten encontrados, como dos palos que no se miran, etc.

Te— pues. (Marã tepe heconi) pues como está? (Marã te pangã na pembaè apoy) pues porque no trabajais? (Cheoramo te, ndeabe equa) pues yo voy, vè tu tambien. (Cheeramote, erobia catú) pues yo lo digo, cree lo. Ruiz. Ciertamente. (N. dete ndereyapoy ndequaytaguera) tu ciertamente no has hecho lo que te mandò, y los otros si. Band. (Cote che ayapo) ves que yo ciertamente lo hago, pero yo hago esto; los otros no. Band. (Cote Peruoú) velo aqui que viene Pedro. (Cote arairuri) ves como viene tempestad. (Cote naco) cata aqui. Aun que. (Oyaporebiña) aun que lo haze pero, etc. Ruiz. Poco usado. En el permissivo se usa, y dice: para que. (Tahate) para que vaya. (Tayapopá, tapĭruúte) quiero hazerlo todo para descanzar. (Emonat tapehó ỹbape). Arag. Paraque dessa manera, os vais al cielo.

Te—Muchas vezes es lo mesmo que: (Aete). (Ahé ypochí' chete, l. cheaete ani) fulano es vellaco, pero yo nó.

Te— differenciar. (Nderobate) pareces otro en el rostro. (Aña oñembote amome Angel marangatu ramî etey oñemõyngobo) transfigurar-se *in Angelum lucis*. (Oñembote Nandyara Jesu Christo). (Tupã ñamo gueco quanbeãnga) transfigurou-se. Nditey Tupã ñanderayhu no se differencia el amor que Dios nos tiene, nos ama ygualmente. (Tupã mbohapì personaramo yepe, aete, áete Tupã namo gueco pipe nditey) *vel* (Tupã mbohapí personaramo yepe, heco aete nditey) aunque Dios es trino en las personas, es uno en la divinidad.

Tecatu—muy. (Yyabeate N. ypochí N. ycatupírí N.) etc., es muy fiero, es muy malo, etc. (Tecatu pico ahe tou yquíra) o que gordo que está fulano. Band.

Tecatu—l. (Tecatuhay) mesmo. (Tupã N.) el mismo Dios. (Tupã guerã mengua tecoorì apírey oyecohuba tecatuay rehe oyecobaerã mamo ñande moña) Dios nos crio para que gozassemos de la misma bienaventuranza que el goza. Nic. muchas vezes lo pone despues de la posposicion, *ut*: (cheñeẽ rehe tecatuay. Cheñeẽ pĭpe tecatuãy) etc.

Teco – Por tener esta diccion variedad de significados se pone en este Tratado, significa pues (ser), *ut*: (chereoco) miser, mi condicion. (Nda tecoruguaỹ ebocoy) no es modo de viver esse. Mend. Se usa tambien como verbo de pronombre, *ut*: (ỹbiraiyaruçurano cherecoramo) siendo yo alcalde. V. verbos irregulares. (Aico l. chereco).

Teco—(angaipa, tecobay, tecotabĭ, tecopochĭ, teco maranday, teco manguangatu) vida mala, ó pecado. Para la significacion de pecado, lo suelen usar de preterito, (ndereco angaipacue, nderecobaygue) etc. (N. marangatu) virtud. (N. poromboé catu) vida exemplar. (N. tapia, l. teçoñaỹ, l. tecoỹñaỹ, l. tecatĭ) costumbrel, maña.(Tecoay) tambien dice costumbre. V. Thes. (Teco ay áy, l. aybaỹ) mala costumbre. (N. aybĭ l. angau) estado, ó condicion vil, ruin. (N. tey) ociosidad. (N. poriahu) pobreça. (N. açy) trabajo ó enfermedad. (N. aquiyei, l. maraneỹ) salud. Este segundo tambien dice pureza, ó virgindad. (N. porendubeỹ l. porerobieareỹ) desobediencia. (N. orĭ apĭreỹ, l. angarurãmbete apĭreỹ l. teçayndabari ñotegua

apĭreỹ) gloria eterna. (N. yoya) ygualdad, justicia. (N. yabay) estado difficultoso, trabajoso, ó pesado. (N. yoabĭ) estado diverso. (Yoecoabĭ) se differencian en las costumbres. (Tecoy yobĩ) conforme, *ut*: (cherecoy yabe aico) ando como sienpre. Es lo mesmo que: (cherecocue rupi ayco. Atecobeẽ) doy leyes. (Ahecobeẽ) le ensenho, ó aconsejo. (N. mañangaba) ley. (Atecomoña) hago leyes, pero: (Ahecomoña) dice añadia ó achaquar o uns mas de lo que ha hecho. (Atecoquaã) soy sabio. (Ahecoquaa) se, conozco su condicion. (Ambotequaã) le enseño. (Amboecoquaã) hago que se pa su officio, ó occupacion. (Aheco moãnga) sulpeché del. (Aheco pia l. Ahecomĭ l. ñomĭ) encubro las faltas agenas. (Ayeecopia, Ayeeco ñomĭ) me escuso. (Ahecoabé l. Ayabí heco) me differencio de el. (Atecoabì) errè, o pequé. (Ayeocoabì) *idem*. (Aheco mboubicha, l. Amboecoubicha) l. engrandezco. (Aheco mboapĭpè, l. Amboecoapipè) le humillo. (Tecoaba) negocio, ò cuydado, ó lugar em que está. (Conico cherecoá) aqui vivo, ò esto es de lo que cuydo. (Peteỹ Tupãraĭhu cherecohaba) solo un negocio tengo, que es amar a Dios. (Chereco recoè habarupi) segun los varios officios ò empleos, que tengo. (Guecohabỹ heconi) se pone en officio ageno. (Tecohabeỹ) tambien dice ausencia. (Cherecoha beỹme nde poriahu catume) en ausentando-me de ti, has de padecer mucho. V. Taquaba: tequabeỹ.

Tecoce — deseo, gana, voluntad. (Na cherecocei ébapó chehohaguarehe) no tengo gana de yr alla.

Tecocue— vida passada, ò caso acontecido. (Pehendu anga N. amo. ỹma Yyayebaecuè) oyd un caso, que acontecio antigamente.

Tecorã — officio, y occupacion que há de tener. (Ndayquaay cherecorã) no sé lo que he de hazer, la occupacion que he de tener. Negada dice: quedar fuera de si por el espanto, ó temor, etc. (Na hecorãi etey aipo rechaca) viendo esso se quedo fuera de si perdido, sin poder hazer acion alguna, como un tronco.

Tecoete— muchos. (Angeles recoete) es lo mesmo que: (Angeles reta, l. reĭ ỹ). (Tecoetèhá) muchedumbre. En lo negativo dice (Tecoete eỹ) pocos, *ut*: (guecoete eỹ oguerogua-rim) van á la guerra siendo pocos. Lo mesmo que (gueta eỹ.)

Tecopa— acabamiento. (Tata añaretã menguá ndaheco pabichene) el fuego infernal no se hà de acabar.

Tecopabẽ— dice junta de muchos, *ut*: (orerecopabe aipo oyapo) esso lo hizimos nos otros todos juntos. Band. (Oserecopabẽ guarãma nico ará) este es el dia en que nos hemos de juntar. Thes.

Tecopĭ— diligencia, *ut*: (cherecopĭ cherubupe) le sirvo, y ayudo bien ã mi Padre.

Tequaba—*idem, ac*: (tecohaba) morada.

Tequara— el que esta, anda, etc. *idem, ac*: (Tecohara. Angaypabari N) el pecador. (Ybĭpe N.) los que viven el mundo. (Ycaray eỹbaeramî N.) los que viven como infieles. (Tupãupe N.) los que sirven a Dios. (Emona N.) los que se portan de essa manera.

Tecohabamo — 1. (tequabamoî) costumbre. (Guequabamoî oho) fue se como acomtumbra. Thes. (Ndereco habano tereyapo) hazlo como sueles. (Guequabamoî ahẽ oico, añemombeguabo) se confiessa solo por cumplimento. Band.

Teco— (tetirò) para todo, *ut*: (heco tetirò chebe) me es util para todo. Tambien puede decir: inconstante, *ut*: (Heco tetirô ahe) no és estable.

Tecoteé— de su naturaleza, de suyo. (Oime abe açe rembiapo amo guecoteè rupĩ ymarangatu ñote bae). Nic. Ay algunas obras que de suy son buenas.

Teè— verdadero, proprio, mismo. (Tupã raỹ teè) el verdadero hijo de Dios. (Na cheanateè ruguaỹ) no es mi pariente estrecho. (Nderetãmenguateè) es de tu mismo pueblo. (Ayuteè) vengo de proposito. (Ndayutèey) vengo acaso.

Teỹ— sin causa. (Chenũpa teỹ aú) me açotò de balde. (Teỹngatu cheacaca) me riño sin causa. (Yaha ñande pinda reytĭca teỹ) vamos á hechar nuestros ançuelos, aunque sea de balde, vamos á provar fortuna. (Añemombeú teỹ) dicen, quando se confiessan, y no comulgan.

(Añemombeú teỹ aú) menti en la confession. Con verbos de decir, significa: mentir. (Oyabo teỹ) mintiendo, ò deciendolo de balde. (Teỹpo oyabo) sin causa, sin verdad lo dice. (Ndateỹy yñangaipa mbĭa guiyábo) no miento en decir que la gente es vellaca. Mend. (Ndateỹ

guara ruguay Tupã, ñee, hupiguara catu) no son de balde las palabras de Dios, ò mentirosas, sino verdaderas. Mend. Pospuesto á narigal haze (ndeỹ), *ut:* (toỹ ndeỹ eme) no está de balde.

Teỹ—(tepanga) tiene fuerça de causal. (Ypochĭ etebae catu nico Aba, ma teỹ tepanga mbĭa opacatu oporombotecoqua au pĭpe ypĭá erobangayni, ymbotabĭbo raè) Nic. Es perversissimo este hombre, pues debalde con su mala doctrina etc.

Tey tey— repetido: siempre, sin que ni paraque. (Ereyu teỹ teỹ chepĭri) siempre vienes averme sin que ni para que. Con la negacion (eme) dice: no diga, no piense. (Ayabĭramo yepe, na chenũpa yche pone, tey teỹ emeque) etc. no diga aunque yo errè, quiças no me açotará, que si será açotado. Aqui el primer (teỹ) es terzere persona del permissivo (Ae) decir, y el segundo (teỹ) es la particula de la qual tratamos. (Tereteỹ eme) no pienses. (Peye teỹ eme) no pienses, etc. Avezes ante-ponen (teỹĭme), *ut*: (teỹ ĭme coteco aguĭyei tareco) en lugar de decir: (tareco teỹ ĭme coteco aguĭyei).

Teỹ ne— Particulas prohibitivas. (Ereyapoteỹne) mira que no lo hagas. (Peyapo teỹne) mirad que no lo hagais. Pero en la terzera persona mejor recurrir la permissiva negado. E. G. (toyapoteỹ eme que) mire que no lo hago de balde.

Tey— Con el permissivo: dexa, dexad. (Teỹ toque) dexa que duerma. (Teỹ tayapo) dexa que yo lo harè. (Tey toho mburu) dexa que se vaya en hora mala. (Tobè) *usitatius.*

Teỹjpe— en publico. (Teỹjtape) *idem*. (Ateỹjpe) aqui en publico. (Abareỹjyuçu) muchissimos Indios. (Chereỹj) los mios, mi parcialidad.

Tembĭ— sobras. (Tembiu rembĭrè) las sobras de la comida. (Amoembĭ) dexè algo.

Tèmî— l. (Tembi). Particula, que haze participio, cuyo relat. es H. recipr. G. corresponde al participio: *dilectus a me, a te, etc.* de la lengua latina, *vel: quem ego diligo, tu diligis, etc.* como queda dicho en el Arte.

Aqui añado, que muchas oraciones de reciproco, las usan tambien por relativo. E. G. Ofrecieron al niño los

dones, que avian traydo de su pueblo. (Ombaèguetá agui guembirurè l. hembirurè ogueropobeē mîtangî upe) assi como en la lengua latina se puede decir: *munera a se allata, vel munera, quœ ipsi attulerunt*) pues una, y otro se explica por el (temi). Con (ramô) haze ablativo absoluto: (cheremienduramo) oyendo lo yo: (nderembie chagamô) viendo lo tu, etc.

Temimboaçĭpe— contra la voluntad. (Hemimboaçĭpe yepe ahā) fui contra su voluntad, a su pezar.

Ten— recio. (Ten eỳ ībira oŷna l. ŷbirarmî) está el palo fixo muy recio. Band. (Ten areco chepópe) tengola assido fuertemente con las manos. Ruiz. (Ten ay amoî ŷbĭraŷbĭpe) fixe fuertemente el palo en el suelo.

Tenonde — adelante del que camina. (Equa N.) vome adelante. Antes. (Areterenonde yhoni) antes de la fiesta, ò visperas de la fiesta se fue. (Peyco quie cherenonde) estaes aqui para quando yo venga. Arag. (Nderenonde ai pota cobae) esto quiero antes, que a ti. Insaur.

Teñōndea— preveèr, prudencia. (N. eŷ hape) sin prudencia. (Ndoguerecoỳ N.) no tiene prudencia, no preveè las cosas. (Ahenondeà guihobo) me adelanto yendo. (Chembae enondeá) preveo lo que me puede suceder. Band.

Tepaco— pues. (Che tepaco amboè raè) pues yo le enseñava? El P. Band. le da este sentido: Es possible que yo enseñava? (Tepacorá) equivale al (Guaete paco). Este es mas usado.

Teque— nō, l. (teque ranō, l. teque no ra. l. teque ñandu) mira que, ea yá. (Tande marangatu teque nora, l. teque ñandu) mira que seas bueno, que no lo sueles ser. Mend. (Toyapo teque ñandu) pues mire que lo haga. (Epuā raibi teque rano) ea yá levanta te.

Terā— pregunta dubitat. (Che terā aháne) si he de yr yo? (Oquie terā quarahĭ) si entrò el sol. Poniendo (haé) por delante, dá este modo de hablar. (Haè quĭçe tera) y mi cuchillo? *id est*, que se ha hecho, ò quien lo há llevado. (Haè Peru ter) y Pedro? que le ha hecho, l. y Pedro no viene? etc. segun las circunstancias. Mend.

Teraè— l. *potius* (teraú), particula que usan equivocando-se en llamar uno por otro. (Caguĭterau, ayerure curibiña) equivoque me, vino quise pedir, no agua. (Perú

teraê, l. teraú) errè, Pedro quiero decir, aviendo le llamado por otro nombre.

Terô— pues. (Ehechaterõ, l. chaterô) mira lo pues. Tiene otro sentido. V. Thes.

Teteaú— Interjeccion del que desea. (Teteaú ahechá) o si le viera, por el amor que le tengo. Band.

Tetîrô— qualquiera. (Embou cunumi N.) embia me un muchacho qual quiera que sea. Varios. (Mbaè N.) varias cosas. (Hecomarãgatu N.) sus muchas, y varias virtudes. (Ereyco N.) ya estas en una parte ya en otra, no assientas el pie. (Aico tetirõ tirõ chupe) le sirvo de todo. (Tetirõ eỹme) en ningun lugar. (Eheça tetîrôngatu) busca lo en todas las partes. (Tetîruaỹ) *idem*. Poco usado. (Tetirongatumeme) todos, con (meme) apartado, lo usa Nic. en un sermon. (Teco marãngatu tetirõ oyehememe etey berami henoỹna.)

Tĭ - que no. (Tĭ oguerobiatepaçe Cuña quepeguare) que no, pues avia la persona de creer a... de mugeres? Band. Es tambien interjec. de admiracion ; usale el que oye algo de que se admira, y de quando en quando repite (tĭ).

Tĭ— ya. (Aha ycótĭ) yá me voy. (Eyapi mburutĭ) e a, (yá) tirale. Ha (Ndebe aoti) ola á vos digo. (Aguaye tĭ) basta olá.

Tĭ— costumbre. (Cherembiporutĭ) lo que yo suelo usar. (Poromboe haratĭ) el que suele enbeñar. (Cheho hatĭ) donde suelo yr. Con ombres talqual vez se usa, *ut*: (quĭçe rĭrutĭ) lo que suele ser vaina del cachillo, lugar de las cosas. (Abatitĭ) maisal. (Trigotĭ) Trigal. (Nombotĭỹ, l. Ombotĭgue mbaè) no ha dexado cosa. (Nditĭbi) no está. (Paỹ tĭbeỹhape) en donde no esta el Padre. (ỹtĭbeỹramo) faltando el, etc. V. Thes. para los otros sentidos.

Ti — se suele juntar con las particulas (Co, po, che, a) y dice: (tico, tipo, tiche, tiâ), etc.; es lo mesmo que: (tenico, tenipo, teniche teniâ) etc.

Ti— (Ami) de ninguna manera, *ut*: (Ereyapo panga) R. (Ti Ami) de ninguna manera impossibilta lo dicho.

Tietepe— (Ah) es lo mesmo que: (Guate), pero poco usado.

Tip—yá. (Hindo tĭp) yá lo dixe yo. Olá.(Curiteỹ eyo tĭp) olá ven presto, y la usan á vezes en los apodos desta

suerte,va uno brazeando,y dicenle:(Oyepĭcuy oicobo ñandu tĭp) parece que va vogando. Chaterō acangaó oya ñandu tĭp) á los que tienen cabellos duros sin tampiar los etc.

Tipo— por ventura lo mesmo que (nipo).

Tiquerá— l. (etiquera) guarda esse no.

Tirô—equival al (yepe) aun; y se usa elegantemente. (Huguĭ marāngatu acerĭaỹ yucu abĭreỹ opup hete pacatuĭ rupi yyao monûmbabo, ỹbĭáramo tirō oçĭrica rano). Nic. Aun corriendo hasta al suelo. (Guarepotiyu Oro yapĭpe yyape rupi, ypĭrupi tirō, ombobera bera herecobòranō) lo doraron por de fuera, y aun por de dentro. Nic. (Pitû-namo tirō ombaè apo) aun de noche trabaja. (Tirō ete) hasta aun. (Cuña tirō oporoỹbō quaa) hasta aun las mugeres saben flechar. (Chitirō eté amo ndayopoycheraé) aun yo mismo no lo ubiera hecho. Qual quiera. (Mbae tirō, l. tetirō) qual quiera cosa. Con la negacion; de ninguna manera. (Ani tirō etè) no, de ninguna manera. (Ndahayche tirō etune) en ninguna manera irè. (Tiruā ete) *idem*; pero menos usado.

Titĭ— del que haze como donayre de lo que dice, ò haze el otro. (Titĭ) miren con que fale. *Item* de admiracion, y complacencia. (Tîtĭ ỹga quānde tèra) a que bien va la canoa. (Tĭti a ó catupĭrī picorá) o que lindo vestido es este.

Tĭti—l. (Tĭtij) temblor. (Chepĭá tĭtĭj) da me latidos el coraçon, teme grandemente.

Tabábo — por enfrente, por delante. (Cherobábo oqua) passo por delante de mi.

Tobay— enfrente. (Cherobai) enfrente de mi. (Chemoîango guobay) puso me enfrente de si. (Amboyobay) carear. (Guarini hape guobaychua oyuca) matò en la guerra á su contrario. (Ahobaychuarô l. Ahobaychuarû) puede decir: le correspondo, y tambien: hago me lo adversario. *Item*. Compañero que ayuda á llevar alguna cosa entre dos. (Cherobaychua reyramo ndarúri haçibae) por no tener compañero no traxe al enfermo. Mendoza.

Tobaĭbábo— boeta arriba, *ut*: (Hobaîbabo, l. Obaibabo heconi).

Tobapĭ— boca de alguna cosa. *Hinc*: (Ta robapĭpe abahè) llegue al entrada del pueblo. (Teô robapĭ yme

nderecoramo nde mbopĭá tĭtĭj ndeangaypa paguerane) quando estarás a las puertas de la muerte, etc. (Ndebahe robapĭȳme omañô) murio poquito antes que llegasses. Mend.

Tobapĭbo— boca ábaxo. (Hobap ĭbo amoȳ) puse lo boca ábaxo.

Tobaque—en presencia. (Guobaque oguerecò) tiene lo junto a si. (Oñembo obaque oãma) puso se le delante. (Tupã rebaquegua) los bienaventurados. (Mbaẽ tepugui haĭhupĭ ȳbĭpegua ȳbapegua, rebaque) que son essas cosas amables de la tierra en comparacion de las celestiales?

Tobe — dexa, dexad. (Tobe yede) dexa lo assi. (Tobe range) dexa esso por aora.

Tog— lnterjecion del que se enfada de las demasias, ó porfias.

Totó—del que da matraca.

Toy — l. (ototoy) del que se admira.

Toú — del que se admira de cosa grande. (Tecatu pico ahẽ toú yquĭra) o que gordo es fulano. Band.

Tu — l. (tutu), admiracion del varon: es muy usado. (Tu ayaca guaçu etè pucuy Cuña ombo obapibo herecobo) ó que lleno, y colmado trae aquella muger su cesto. Y muchas vezes lo juntan con (ma). E. G. (tu, ma ypĭaȳ nduçu etey tepico. Tupã renda rae rá) *Oquam magna est domus Domini*. Pom. (Tucuy) *idem est*. *Ac*: (Tepucuy, l. te aucuy. Tumbĭ) lexos (Humbĭ oĭna) allá está lexos, como un cerro que de lexos apenas se divisa.

(Ahenduũmbĭgi ñote) oylo apenas como de lexos.

Ucú, l. ucuy: lexos. (Ucú agui ayú) vengo de lexos. Allá. (Ucú Tupãretame) allá en el cielo. (Ucuy heconi) allá está. (Ucúpe cherecoramo) estando allá lexos. Aquel. (Abapucuy) quĩen es aquel? Es lo mesmo que: (Abape ucuy?)

APENDIZE

A LOS ADVERBIOS

Puede esta lengua hazer de los verbos adverbios, para lo qual van las reglas seguientes:

1.° Pospuesto lo radical de verbo absoluto, ò neutro (ora sea de pronombre, ora de notas) imediatamente á otro verbo, se haze adverbio. E. G. (cheporiahu) soy pobre. (Ayco poriahu) vivo pobremente. (Apĭta) me quedo. (Añeẽ pīta pīta) hablo á paradillas, tartamudeando.

2.° Lo mesmo se há de entender de los verbos activos hechos absolutos, ò neutros por las particulas (poro, ye l. ñe, yol. ño). E. G. (Aporoaĭhu) amo. (Añeẽ poraĭhu chupe) le hablé amorosamente. (Añemomirîngatu) me humillo mucho. (Ayerure ñemomirîngatu) pido muy humildemente. (Oyoaĭhu catu) se aman mucho mutuamente. (Oñopĭrībō yoaĭhucatu) se ayudan egualmente com mucho amor.

3.° Todo verbo que en la conposicion muda la T *vel* H. en R. tambien aqui la muda en R. De (Tapicha) que dice semejante, sale el verbo (cherapicha) es mas semejante, ò tengo semejante, en que muda la T. en R., pues se dirá: (yporà rapichareỹ) es hermose incomparablemente.

Aqui nota, que tambien dicen (yporâ hapichareỹ); pero parece, que quando el Indio usa de este genero de oraciones con H, no lo haze adverbio, sino que lo dexa verbo, y dice: Es hermoso, sin que tenga egual.

Suele dexar la R, y tomar la consoante final del verbo, á que se llega.

(Amombi gatãngatu) lo apretè fuertemente, Tambien dicen: (ratãngatu, l. hatãngatu) y muchos ay, que la dexas del todo, y dicen: (atãngatu). De este genero de adverbios es el que uso Nicolas en un exemplo hablando de un moço, que assi como acabò de hablar, murio de repente. (Aipo hey recobe maraeỹngatu) esso dixo con vida, y salud. Tambien pudo decir: (hecobe maraỹngatu) haziendolo verbo, como insinuè arriba, que si hubiera querido hazerlo nombre, hubiera dicho con recipr. (Aipo hey guecobe maraeỹngatu pipe). Los que en la composicion no mudan la T. en R. tam poco aqui. (Tabi) tonto. (Chetabi) soy tonto. (Ereñeẽ tabi etè) has hablado tontissimamente.

4.° Si el verbo que se pospone fuere activo, no será adverbio, sino verbo, y el antecedente será el caso paciente del dicho verbo activo, como queda dicho en el Arte, hablando de la composicion de los verbos. (Aypea) es activo, que dice: lo aparto, posponiendo lo á otro verbo desta suerte: (Ahaihypea) dirá: le hé apartado al amor que le tenia. (Ay achupea) he apartado el amor que yo me tenia, mi amor proprio.

Nota que tambien dicen: (Ahaihucañỹ, Ayeaihucañỹ) siendo assi que el. (Cañỹ) es verbo absoluto, y aunque es verdad, que tambien se puede decir: (Ahaihu mocañỹ, Ayeaihu mocañỹ) que son mas proprios, para decir: le he perdido, ò me he perdido el amor, etc.

No obstante á los antecedentes usan en este mesmo sentido. La razon será, por que quando el Indio dice: (Ahaihucañỹ) quiere decir: no ay mas en mi, se acabò el amor que yo le tenia, que equivale al otro.

En las composiciones pues á las quales se pospone el verbo activo, no ay adverbio, sino verbo con el caso paciente que le precede, sin embargo se hallan algunos, que en nuestro romanze los explicamos adverbialmente.

Deste genero son los radicales de los verbos activos que empieçan por H. relativo, que pospuestos la mudan en R., *ut*: (Abendo revooçãngatu) le escuche pacientemente. (Jezu Christo ñandeyara guguï marangatu amombuca raïhubeỹ ñande raïhupape) N. S. Jesu Christo derramò su sangre sin amar la, esto es: liberalmente.

Tambien pueden decir: (heroocãngatu, haïhubeỹ) como queda dicho arriba.

No se puede hazer esta composicion con todo verbo activo, y menos con lo que se hazen activos por la particula (mo), sino con los que fueren capaces de dar el sentido del adverbio que queremos explicar, aunque lo radical nò empieçe por H., y assi bien se puede decir: (Ahaïhu ahocecatu) le amo excessivamente, que esso ratical del verbo (Ayahoce) le excedo, y es lo mesmo que: (Ahaïhuporoahocecatu l. ye ahoce catu).

5.° Del verbal (Haba) salen muchos adverbios, si se ante ponen. mas usados son con la posposicion (pe l. me) y pospuestos mas usados sin ella. E. G. (Poropoihuhabeỹme omongeta, l. omongeta poropoihuhabeỹ) le hablò sin respecto. Y nota que en los afirmativos, si se posponen, no usan del verbal, sino del infinitivo, *ut*: Poropoïhucatuhape añeẽ, l. Añeẽ poropoïhucatu) le hable con respecto, y no (catuha).

6.° Los que se formaren de los verbos activos, si antepuestos no se hizieron absolutos por el (poro) se hande usar con la relacion; por que dicen relacion á su caso paciente, *ut*: (haïhubeỹ l. haïhuhabeỹ, l. haïhuhabeỹme omombuca) dice relacion á la sangre, pero los que no dixeren relacion ante puestos siempre se han de hazer absolutos. (Poropĭhĭbeỹ l. Poropĭhĭcabeỹ l. Poropĭhicabeỹme oçuru) se deslizò sin tener de que agarrasse. Pospuesto mas usado es: (oçuru pĭhĭcabeỹ) que (pĭhĭbeỹ).

7.° Hallo que tal qual vez usan de los participios (Bae l. Pĭra) adverbialmente, *ut*: (yyoyaeỹbae Ahaïhu Tupã, l. Ahaïhumboyoya pĭrameỹngatu Tupã) amor á Dios incomparablemente, y que demorias aqui con Dios, sin passar á otra cosa, á quien oxalá todos amaramos incomparablemente: y ceda todo á maior gloria del mismo Dios, y bien de las almas.

FINIS

EXPLICAÇÃO CONVENIENTE

A S. M. O IMPERADOR O SR. D. PEDRO II.

Senhor

Conforme aos dezejos de V. M. I. aqui se reimprime o *Tratado de particulas*, e em seguida o *Apendice aos adverbios*, do padre Pablo Restivo, tratados que acompanharam a edição de sua grammatica da lingua guarani, publicada em Santa Maria Mayor em 1724, e que estavam quazi perdidos, por não restarem mais de dois ou trez exemplares no mundo, e esses roidos de traça e ennegrecidos por humidades de modo a tornar mui difficil sua eitura.

O unico exemplar que jámais vi está muito damnificado; reproduzi-o na copia para a imprensa com os erros do original na parte hespanhola, e com muitas faltas de assentos nas palavras guaranis; exceptuei d'isto apenas os cazos em que as faltas dos signaes uzados por esse missionario e padre Montoya alteravam completamente a significação das palavras, como nos cazos de *a* simples em vez de *ã*, no mais segui a risca o que V. M. me disse, isto é: reproduzir fielmente o texto para se poderem comparar as raizes como o autor as escreve, com as raizes, como as escreveu o padre Montoya. Nos cazos em que o vocabulo tinha desaparecido ou pelas humidades a que o exemplar original esteve exposto, ou por estas roidas, restaurei o texto pelo sentido; n'esses cazos é possivel que a reproducção contenha uma ou

outra palavra guarani diversa do original; só é possivel verifical-o, confrontando este com algum exemplar conservado n'alguma bibliotheca da Europa, cazo o haja em melhor estado do que o meo.

Em todo cazo está, até onde foi possivel, attingido o fim que me parece, que V. M. teve em vista, isto é, restaurar e pôr ao alcance dos que estudam a antropologia linguistica e geographia americanas uma obra precioza, que se não estava de todo perdida, estava pelo menos fóra de alcance de quazi todos.

Sou, Senhor, com o mais profundo respeito de V. M. I. subdito obdiente.—*J. V. Couto de Magalhães*, relator da commissão de ethnographia do Instituto Historico.

Rio 15 de Março de 1878.

BATALHA NAVAL DE 1631

NOS MARES DO BRAZIL

A collecção denominada a *Brieven en papieren uit Brasilie,* que primitivamente pertenceu ao archivo da Companhia das Indias Occidentaes e se acha actualmente recolhida no archivo real de Haya, contém numerozos e valiozissimos documentos ineditos sobre as lutas dos Hollandezes na parte septentrional do Brazil.

Destacaremos d'esse enorme material para a historia do periodo talvez o mais interessante dos tempos coloniaes os documentos relativos á batalha naval empenhada em 1631 nas aguas do Brazil entre a armada espanhola e a armada hollandeza, aquella ao mando de D. Antonio de Oquendo e esta ao mando de Adriaen Jansz Pater.

Esses documentos compõem-se de cartas officiaes e particulares, dirigidas do Recife aos directores da Companhia, diarios de bordo e interrogatorios de prizioneiros e de officiaes e empregados dos navios hollandezes, dos quaes constam as primeiras noticias ali recebidas e logo transmittidas para a Hollanda acerca do encontro das duas armadas.

Havia perto de dous annos que os Hollandezes estavam encurralados em Olinda e no «burgo» do Recife, sem ouzarem pôr o pé fóra do terreno conquistado. Essa situação precaria, que acarretava enormes gastos á Companhia e a privava das rendas que pretendia auferir do commercio do assucar, prolongar-se-ia indefinidamente, si a armada espanhola conseguisse reforçar o pequeno exercito de Mathias de Albuquerque, desembarcando na capitania invadida as tropas e munições

que trazia. Para impedir a realização do intento do inimigo, fez-se ao mar a armada hollandeza que desde Abril de 1631 estacionava nas aguas de Pernambuco.

Vejamos á luz dos documentos a que alludimos como correu a batalha, qual o seu rezultado e qual a sorte do bravo Adriaen Pater, em torno do qual se formou uma bem conhecida legenda.

Eis a carta do Conselho Politico do Recife aos directores da Companhia, com data de 8 de Outubro de 1631.

« Honrados, prudentes e mui discretos senhores. Apressamo-nos em enviar esta carta a VV. SS. pelo hiate *De Catte* para dar noticia da nossa situação, que mudou completamente depois da nossa ultima missiva, em consequencia da chegada da armada espanhola á Bahia e do seu encontro com os nossos, de que se seguio a lamentavel perda do almirante-general.

«Comquanto os navios *Matanse* e *Campen*, que estão a carga, devam seguir n'estes 15 dias, antecipamo-nos em dirigir estas linhas a VV. SS. afim de que não sejam sorprehendidos (o que ainda bem póde succeder) com a noticia que vão receber da Espanha, e tambem para que possamos mais cedo receber as rezoluções de VV. SS. sobre o nosso estado prezente..

« A armada ao mando de D. Antonio de Oquendo ao partir de Lisboa, em 5 de Maio ultimo, se compunha de 15 navios reaes e de um grande numero de navios mercantes, alguns dos quaes providos de artilharia, e chegou á Bahia a 13 de Junho, quando os nossos navios que ali cruzavam, regressavam para cá forçados pelo escorbuto e outras infermidades.

« O designio do inimigo, como VV. SS. verão das declarações dos prizioneiros que vão juntas, era socorrer com aquella armada a Bahia, que, segundo corria voz em Espanha, seria sitiada pelos nossos, desembarcar aqui 1.000 ou 1.200 soldados com 24 peças de bronze e 250 soldados com 12 peças do mesmo metal na Parahiba e voltar então a Espanha com os assucares. Dos galeões ficaram 700 soldados na Bahia para reforço da guarnição.

« A armada espanhola, tendo aguardado ali o carregamento dos navios mercantes e mais equipamento, zarpou em 3 de Setembro em numero de 53 velas para levar com segurança a Santo-Agostinho os alludidos 1.000 ou 1.200 soldados, peças e mais munições de guerra, o que tudo havia sido embarcado na Bahia em 12 caravelas grandes, e seguir depois para a Parahiba com o reforço respectivo.

« A primeira noticia que recebemos da vinda da armada inimiga nos foi dada pelos prizioneiros que houvemos a 10 de Julho nos Afogados, e assim avizados, expedimos cinco hiates para saberem ao certo o que se passava na Bahia. Conservando-se fóra da vista de terra, mandaram o hiate *De Catte* a observar, e este, voltando aqui a 19 de Agosto, nos referio que estavam surtos n'aquelle porto 31 ou 32 velas, notando-se entre ellas sómente quatro ou cinco galões de consideração, fazendo dest'arte pequenas e diminutas as forças do inimigo.

« Colhidas estas noticias, o Sr. almirante-general Pater partiu daqui no ultimo de Agosto, mas quando lá chegou, soube que a armada já havia partido. Seguio-a e a foi encontrar a 12 de Setembro não longe dos Abrolhos, para onde a havia impellido o vento do norte.

« Comquanto elle tivesse comsigo sómente 16 navios, deu batalha, da qual infelizmente rezultou, além da perda da sua nobre pessoa, a dos bellos navios *Prins Wilhelm* e *Provintie van Utrecht*, que se queimaram. Do *Prins Wilhelm* salvaram-se apenas cinco homens e do *Provintie van Utrecht* 80 ; a perda da nossa gente sóbe a 350 homens, além de 80 feridos.

« Do inimigo mettemos á pique dous galeões, o denominado *S. Jorge* e o do vice-almirante, com 26 peças de bronze, onde morreu o vice-almirante Francisco Balesilla, e tomamos o galeão *S. Buenaventura* com 30 peças de bronze, carregado com.... caixas de assucar e algum sandalo, como tudo consta das relações que seguiram nos primeiros navios.

« Quanto ás particularidades da batalha e os motivos por que muitos dos outros navios não seguiram o exemplo e não cumpriram a ordem expressa do seu chefe,

referimo-nos ao relatorio do Sr. almirante Thyssen, que a este respeito dará a VV. SS. completa informação.

« Depois d'esse encontro, em que a almiranta teve 33 mortos e 28 feridos, o navio *Walcheren* e outras perdas proporcionaes, o Sr. almirante soube dos prizioneiros o designio do inimigo e dirigio o seu curso para cá, no intuito de receber reforço de gente e de navios, atacar de novo a armada inimiga e impedir o desembarque no cabo de Santo-Agostinho. Mas o inimigo, sabendo provavelmente pelos prizioneiros que nós tinhamos outros navios n'esta costa, mudou de plano e mandou seguir immediatamente as caravelas com os soldados e as munições para Porto-Calvo, que fica cêrca de 12 leguas ao sul do cabo de Santo-Agostinho, e fez tal força de vela que precedeu a chegada dos nossos navios a este porto, de sorte que a armada espanhola foi vista, ao pôr do sol, de travez com a ilha de Tamarica (Itamaracá) antes da vinda do Sr. almirante com os seus navios, que só chegaram no dia seguinte.

« E como a nossa frota não podia ser guarnecida com tanta pressa, nem tambem receber, além das sete companhias que n'ella estavam em numero da 664 homens, o necessario reforço de gente, sem abandonarmos a cidade (de Olinda), desistio-se do intento de perseguir o inimigo.

« A cauza d'este nosso insuccesso e de escapar a armada inimiga foi, ao nosso ver, o estarem muito espalhados os nossos navios para guarnição da costa, que deve ser trazida fechada, segundo as ordens de VV. SS., pelo que, estando o inimigo tão perto, não podiam reunir-se em tempo e lugar devidos ; a isto accresce a suppozição em que estavamos, de serem poucas as forças do inimigo, suppozição fundada na parte inexacta dada pelo hiate *De Catte*, de que a armada espanhola contava sómente quatro ou cinco galeõese poucos navios capazes de resistencia, verificando-se depois ser a couza muito diversa.

« O inimigo conseguio o seu intento de fortalecer a praça com gente e munições de guerra, pelo que os nossos adversarios devem estar muito animados ; e si esse reforço nos não os habilita a nos expellir daqui, é certo

que produzirá o effeito de frustrar completamente, e por muito tempo, a nossa esperança de trato com os moradores, e de nos ficar aberta ou franca a terra.

« N'esta conjunctura convocámos uma assembléa geral dos officiaes superiores do exercito para deliberar sobre o que nos cumpria fazer, que mais proveitozo fosse á Companhia. A 3 d'este o Conselho nos deu o seu parecer unanime no sentido de que não podiamos tomar ainda a resolução de abandonar a cidade (de Olinda), indo de encontro ás ordens de nossos amos, e que deviamos aguardar que cauza sufficiente para isto se offerecesse, e tivessemos informações mais completas do estado do inimigo...»

Trata em seguida de outros assumptos, e especialmente da possibilidade de um pacto com os Indios do Rio-Grande do Norte, que lhes haviam enviado um emissario. Esta carta está assignada por Joannes von Walbeeck, D. V. Waerdenburch, S.Carpentier e M. Thyssen.

A carta de M. Thyssen, a que a do Conselho Politico se refere, é a seguinte :

« Honrados, prudentes e mui previdentes Srs. Directores da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes.

« Feitas as nossas saudações, sirvam estas poucas linhas para informar a VV. SS., que a 20 de Agosto ultimo soubemos pelo hiate *De Catte*, incumbido de cruzar diante da Bahia de Todos os Santos, que a armada espanhola sob o mando de D. Antonio de Oquendo havia ali chegado. Fizemos toda a possivel diligencia para reunir com a maior pressa os nossos navios e ir procural-a. No ultimo de Agosto zarpámos daqui com 18 velas no intuito de apanhar a armada inimiga na Bahia, e a 5 de Setembro chegámos felizmente á altura de 12°45' ao sul da linha, onde o Sr. almirante-general expedio os dous hiates *Rotterdam* e *Arke Noé*, o primeiro para observar a Bahia e o segundo para avizar da nossa vinda os nossos navios,que ainda estivessem cruzando n'aquellas paragens.

« A 9 veio ter comnosco na altura de 14º o hiate *Den Drieschen Jager*, e nos communicou já ter partido da Bahia a armada espanhola, e que a 4 estivera n'aquella mesma altura, dirigindo o seu rumo para o sul, porquanto

o vento era léste e não lhe permittio seguir para o norte. Como desde então o vento havia soprado de léste e do nordéste e era de prezumir, que a armada inimiga estivesse ao sul da nossa, o Sr. general rezolveu seguir para o sul na esperança de alcançal-a, como succedeu.

« Com effeito, tendo navegado para o sul até 11, houvemos vista da armada espanhola, cêrca de uma hora antes do pôr do sol d'esse dia, a qual estava a sudéste e sul, quarta a léste de nós, tanto quanto se podia ver dos mastaréos. Andamos toda a noite ao sudeste quarta a sul, de modo que no dia seguinte a tinhamos a oesudoéste de nós. Constava de 53 velas, entre as quaes havia 14 galeões espanhoes e 5 portuguezes; os mais eram navios mercantes, alguns artilhados e outros não.

« Seguimos em direcção ao inimigo, e chegando perto, o nobre Sr. almirante-general fez signal para que se reunissem a bordo da capitanea todos os capitães afim de deliberarmos sobre a ordem a seguir no ataque.

« Ficou assentado, que cada um dos navios grossos do inimigo seria atacado por dous dos nossos, que procurariam tomar ou destruir o adversario, conforme a occazião. E isto assim assentado e por todos approvado, dirigiu-se cada qual para o seu navio e juntos seguimos contra o inimigo.

« Era cêrca de 10 horas da manhan, quando eu abordei o navio do almirante Balesilla, e o Sr. almirante-general Pater a capitanea do general D. Antonio de Oquendo, e já eram passadas as 4 da tarde, quando a almiranta espanhola foi a pique, e tomámos um galeão chamado *S. Buenaventura*, que viera em auxilio do dito Balesilla.

« A rezolução de abordar porèm, que havia sido tomada pelo Sr. almirante-general, e por todos os capitães foi observada por poucos, isto é, sómente por Jan Mast, capitão do *Walcheren*, que devia secundar o Sr. almirante-general, e pelo *Provintie van Utrecht*, que se juntou comigo.

« Este ultimo navio, tendo acompanhado o meu na abordagem ao navio do almirante Balesilla, e tendo estado abordado cerca de meia hora, perdeu o mastro grande,

que foi derrubado e cahio entre elle e a almiranta espanhola, e como atirasse através das suas velas, ateou-se ahi o fogo, que passou-se ao navio e o consumio.

« Si tivessem sido attentos no começo, poderiam facilmente ter impedido o sinistro ; mas como o capitão fôra mortalmente ferido e por isso não havia mais ordem no navio, não se lançou sobre o fogo um só balde d'agua e tambem nenhum homem subio ao convez.

« Durante o combate o fogo ateou-se tambem no navio do Sr. almirante-general Pater. O navio queimou-se, salvando-se apenas cinco homens, que, como ao tempo do incendio o *Walcheren* estava ainda abordado, passaram-se para elle. Suppõem-se porém, que os Espanhoes salvaram a muitos da guarnição da nossa capitanea, e isto parece ser fóra de duvida, pois vimos andar-lhe á roda dous pequenos barcos espanhoes, para o que alguns dos nossos navios tiveram tão boa occazião quanto os Espanhoes.

« Dos nossos ha ainda outros que dizem ter abordado, mas eu nada sei, não tendo podido prestar attenção, pois tinhamos bastante que fazer comnosco. Mas dado que seja como dizem, não podem ter andado abordados por muito tempo, como se está vendo pelos seus mesmos navios.

« Como o cazo realmente foi ha de verificar-se por meio de um exacto inquerito, que será enviado a VV. SS. pelo navio *Campen*.

« Tendo corrido assim a batalha, todos os nossos navios vieram juntar-se com o meu, que havia perdido o gurupé e as velas das vergas. Passamos toda a noite fazendo prôa ao norte, e no dia seguinte não avistámos a armada espanhola.

« Chamei á bordo todos os capitães para deliberarmos sobre o que convinha fazer em serviço da Companhia, e depois de attenta deliberação, assentou-se, que nos conservassemos na defensiva, visto estarmos desfalcados de trez dos nossos navios mais grossos (os dous consumidos pelo fogo e o *Walcheren*, por muito damnificado e incapaz de resistencia), e que seguissemos quanto antes para Pernambuco, onde reuniriamos todos os nossos

navios e nos proveriamos de tropas frescas, e então seguiriamos com toda a diligencia para a Parahiba, pois dos prizioneiros soubemos, que elles deviam lá ir.

« No outro dia fiz vir outra vez os capitães a bordo para com elles deliberar si não seria acertado descarregar o galeão tomado e pôr-lhe fogo, por ser pezado e de moroza navegação, o que foi approvado e devia ser executado no primeiro ensejo, que o tempo offerecesse.

« Na manhan de 15, segunda-feira, vimos a armada espanhola cêrca de 4 leguas ao sul de nós. Ao meio-dia tivemos vento sul fresco e com chuva. Navegámos ao nordéste até 17, ao meio dia. Estavamos na altura de 13° 45' vento sudéste fresco ; navegámos ao nornordéste e norte quarta a léste. A' tarde, uma hora antes do pôr o sol, tornámos a vêr a armada espanhola, que estava a lesnordéste de nós. Chamei á fala o navio capturado e dei ordem que, quando fosse noite, navegasse a sudoéste, e mandei, que Jan Mast o acompanhasse, e com o resto dos navios fizemos diligencia por chegar a Pernambuco o mais cedo possivel.

« Na tarde de 20, sabbado, houvemos vista de terra, que suppuzemos ser o cabo de Santo-Agostinho. Recommendei ao capitão e ao piloto, que tivessem todo o cuidado para não passarmos á noite o porto de Pernambuco (Recife). Na manhan do dia seguinte estavamos juntos de Tamaricá ; vento sudéste e sudéste quarta a léste. Diligenciámos chegar diante de Pernambuco ; pelas 4 da tarde, como trabalhavamos para vir ao porto, tornamos a ver, á lesnordéste a armada espanhola.

« Tinha comigo cinco navios, o meu, o *Hollandia*, o *Dort*, o *Walcheren* e o *Fortuin*; estavam seis adiante o *Amersfort*, o *Goeree*, o *Nien-Nederlant*, o *Mercurius*, o *Veere* e o hiate *Windthoudt* ; e no porto se achavam oito *Niue-Hoorn*, *Hollantsen*, *Tuin*, *Gruningen*, *Olifan*, *Vriese Jager*, *Wapen von Delt*, *Medenblick* e o hiate *Pernambuco*, ao todo 19, dos quaes *Walcheren*, como ficou dito, estava inutilizado.

« Nenhum dos navios que estava no porto vira a armada espanhola, pelo que deixaram-se ficar surtos. Nós continuámos a diligenciar e no dia seguinte, de manhan

cedo, chegámos ao porto. Fui immediatamente á terra para fazer o meu relatorio sobre a navegação da nossa frota aos Srs. conselheiros politicos.

« Reunido o conselho, expuz todo o occorrido e manifestei o meu modo de vêr, e os Srs. conselheiros rezolveram, que eu convocasse o Conselho naval e ouvisse o seu parecer, e que lh'o communicasse, aprezentando, além do relatorio verbal, a opinião por escripto de quatro dos principaes capitães ; o que se fez.

« O nosso parecer foi, como VV. SS. verão da rezolução junta, que se seguisse o inimigo, cazo fossem desembarcados os nossos feridos, e recebessemos 664 homens de tropas frescas, por estarmos muito desfalcados de gente, pois só no meu navio se contavam mais de 60 entre mortos e feridos e nos outros n'esta proporção, bem como que nos despachassem antes de meia noite afim de podermos estar na seguinte manhan sobre a Parahiba ; porquanto o inimigo já tinha sobre nós o avanço de 48 horas e era de receiar, ou melhor, fóra de duvida, que, si nos demorassemos por mais tempo, não o encontrariamos, por não ter elle muito que fazer ali, como sabiamos pelos prizioneiros.

« E assim, sendo a couza tão incerta, e não nos podendo ser fornecida tanta gente sem o abandono da cidade de (Olinda), os Srs. conselheiros politicos não julgaram acertado, que fossemos ao encalço do inimigo.

« Os prizioneiros são em numero de 240 e pela maior parte Castelhanos, entre os quaes se contam um capitão, trez alferes, e o fiscal do almirante F. Balesilla.

« N'aquella data chegou tambem a este porto o navio *Municlkendam*, trazendo uma caravela com farinha e azeite, a qual fôra tomada junto de terra da Bahia.

« A 25 chegou a este porto o navio *Amsterdam*, que a 21 estivera perto da armada espanhola, e trocára tiros com alguns de seus navios. Diz, que não eram então em numero superior a 24 velas e que navegavam a nornordéste.

« A 29 chegou aqui Jan Mey com o galeão capturado. Está artilhado com 24 peças de bronze, que serão divididas *pro rata* entre os navios de cada camara, excepto

duas peças, que serão utilizadas em terra; o pezo de tudo é 64.282 libras. A carga é assucar, fumo e páo campeche; não sei precizamente quaes as quantidades, mas o navio será descarregado na primeira opportunidade e a carga passada para o *Campen*, que seguirá para ahi com a relação de tudo o que se acha no galeão e na dita caravela.

« A 5 de Outubro chegaram ainda a este porto os hiates *Pernambuco* e *Vriesen Jager*, que haviam sido mandados á Parahiba para saber si lá estivera a armada espanhola e quanto tempo se detivera. Falaram com os hiates *Pinas* e *Ouwerkerke*, que disseram ter visto a armada espanhola ou alguns dos seus navios, pelo que é de prezumir, que ella seguio a sua derrota para Portugal, sem ter desembarcado gente ao norte. Mas as 12 caravelas com gente e munições forão ter á Barra-Grande, que fica ao sul do cabo de Santo-Agostinho.

« Guardaremos por toda a parte a costa tanto quanto nos fôr possivel.

« Os viveres da maior parte dos navios estão quazi consumidos, e aguardamos com muito dezejo as ordens de VV. SS. para sabermos onde querem, que os navios sejam utilizados, principalmente os grossos que estão empregados aqui n'esta costa, uma vez que por ora não se esperam forças de Espanha.

« A 4 chegaram a este porto o *Out-Vlissingen* e *Seeusche Jager*, que cruzando diante da Parahiba, foram afastados da costa pela tempestade, descahiram sobre as ilhas do Cabo-Verde, donde foram ter á Serra-Leon e por ultimo aqui chegaram.

O hiate *Nieuwkercke* e uma chalupa grande, seguiram na primeira opportunidade para o Rio-Grande ou para um lugar que lhe fica ao norte 10 ou 12 leguas a ver si podem attrair para o nosso lado os indigenas; porquanto veio ter aqui um indio e nos communicou, que isto póde ser facilmente obtido.

« Envio a VV. SS. a relação dos navios da armada espanhola com a sua respectiva artilharia, segundo as declarações do capitão do galeão tomado *Buenaventura*.

« Fico pedindo que Deos tome VV. SS. em sua guarda, e permitta que possamos desempenhar o nosso

emprehendimento para gloria do seu santo nome, bem-estar da nossa cara patria e proveito da Companhia. *Amen.*

« *Actum* em 8 de Outubro de 1631 no Recife de Pernambuco.

« Vosso devotado servidor. *Marten Thyssen.* »

N'esta carta relatorio, escripta 26 dias depois da batalha, não se encontra uma só expressão do pezar pela morte do bravo almirante-general Pater ; não se aventura nenhuma conjectura sobre o modo porque elle perecera, si foi preza das chammas que consumiram o seu navio, ou si afogou-se nas ondas. Talvez Thyssen duvidasse ainda da morte de Pater, pois bem podia ter sido salvo pelos Espanhóes, como o foram muitos da guarnição do *Prins Wilhelm.* Esta duvida, pelo menos, pairava no animo de outras testimunhas prezenciaes.

II

Joris Adriaensen Calf da guarnição da almiranta *De Vereenighde Provintien*, em carta dirigida aos directores da Companhia e tambem remettida pelo hiate *De Catte*, portador das primeiras noticias, dá conta da expedição da frota hollandeza e descreve assim a batalha:

« A 11, quinta-feira, attingimos ao meio-dia a altura de 15°46', e ao pôr do sol foram vistas, primeiramente do navio do Sr. general, quinze velas ao susudoéste da nossa frota. Isto cauzou não pequeno movimento nos nossos navios, pois durante a noite não se dormio, trabalhando todos em preparar a nossa gente para a seguinte manhan.

« A 12, em começando a romper o demorado e dezejado dia, vimos quatro navios ao sudoéste, e á proporção que o sol subia, fomos vendo tantos que não os podiamos contar por se moverem de uma para outra parte. Endireitou para elles a nossa frota, que se compunha de dezeseis velas, e tendo chegado a um tiro de distancia, assentou-se a ordem em que os nossos navios abordariam

os do inimigo, pois verificamos, que este era muito mais forte do que nos faziam crer as informações anteriormente obtidas.

« Como a vice-almiranta espanhola era o navio, que estava mais proximo, nós (do *Vercenighde Provintien*) fomos os primeiros a abordar, vindo muito tempo depois em nosso auxilio o navio *Provintien van Utrecht*, que estava incumbido de nos dar assistencia. Pouco depois succedeu queimar-se este ultimo navio, que tinha então ao lado dous galeões, um dos quaes, a vice-almiranta espanhola, mettemos a pique e o outro tomamos com promessa de quartel.

« O navio do Sr. general (*Prins Wilhelm*), acompanhado do *Walcheren*, abordou a capitanea espanhola e todos se houveram com muito valor. Succedeu porém a lamentavel desgraça de ateiar-se o fogo no navio do Sr. general, como se ateiára no *Provintie van Utrecht*, os quaes pela tarde voaram (*opvlogen*) um pouco depois do outro.

« A guarnição podia ser facilmente salva pelos navios que estavam perto, mas fugiram todos, permitta-se-me a expressão, como um bando de poltrões (*cen del schelmen*), e d'esta falta e do modo por que se houveram ulteriormente nem hoje nem na eternidade elles se poderão justificar.

« Si se tivessem portado como gente honrada e procedido como lhes fôra ordenado, é certo, que destruiriamos completamente, com o favor de Deos, aquella armada, pois tinhamos o Senhor por nós na batalha. Quanto ao mais, refiro-me ao relatorio do Sr. almirante...»

O *diario* de Jan von Leeuwesen, tambem enviado pelo *Catte* aos directores da Companhia ou a alguma de suas camaras, mostra, que, após o combate, não haviam certeza, na armada hollandeza, da morte do almirante-general Pater.

«Na manhan de 12 (de Setembro, diz o diario) sendo dia claro, avistou-se toda a armada inimiga a barlavento da nossa.

« Houve conselho de todos os capitães a bordo da nossa capitanea e á vista do inimigo; depois do que

avançámos a oessudoéste com os nossos dezeseis navios sobre a armada espanhola, indo á frente o almirante Pater.

« Depois de disparar alguns tiros, elle abordou o navio do almirante espanhol, chamado D. Antonio de Oquendo, Biscainho, e por sua vez recebeu sobre o lado um galeão espanhol, que o *Walcheren* immediatamente abordou, e logo foi o *Walcheren* abordado por um terceiro galeão.

« O nosso vice-almirante M. Thyssen estava a um bom pedaço de nós, e depois de ter feito muitos disparos, abordou o navio do vice-almirante espanhol, chamado Balesilla, tambem biscainho. Após um forte ataque de M. Thyssen, o navio do vice-almirante hespanhol foi a pique e e sossobrou aos nossos olhos. Ateou-se porém o fogo no *Provintie van Utrecht*, bem como no *Prins Wilhelm*, navio do almirante Pater, os quaes queimaram até a tarde.

« *Si o general Pater foi salvo pelos Espanhoes ou si pereceu, como é muito de receiar, não se sabe*, e não appareceu em nossa frota até 15 do dito mez.

« O navio *Fortuin* abordou tambem um dos do inimigo, sendo cercado, depois de um breve combate, por trez navios espanhoes. Seguio-se uma furioza peleja, e logo tivemos cinco homens mortos, o nosso quartel-mestre e quatro soldados, e dez homens feridos, entre os quaes o nosso capitão e o primeiro piloto...

« Tomámos sómente um dos navios inimigos, que carrega, segundo informam os Espanhoes, cerca de 300 caixas de assucar, bem como madeira [illegible] o.

Fariamos damno a um maior numero de navios inimigos, conforme a nossa gente diz, si tivesse havido esforço de todos os nossos navios, como houve da parte de nove ou dez. Posteriormente se poderá verificar quaes foram os que atiraram de longe pelo pouco damno que em si receberam, bem como pelo pequeno numero de mortos e feridos que tiveram...

« E assim, depois de um vigorozo combate que durou quatro ou cinco horas, sendo trez do inimigo contra um dos nossos, apartaram-se elles de nós e nós d'elles, e á tarde

o nosso almirante M. Thyssen nos chamou á fala para recommendar a nós e aos outros navios que não nos desviassemos.»

A carta firmada por Jacques Couwe e por Jan Mast, bravo capitão do *Walcheren*, e dirigida com data de 6 de Outubro á camara da Zelandia, é a mais explicita quanto ao sinistro do navio de Pater.

«...A armada espanhola compunha-se de 53 velas, entre as quaes contavam-se 19 galeões. Tendo-se approximado d'ella, o Sr. general colheu as velas e fez signal que todos os capitães se reunissem a bordo da capitanea para o fim de deliberar-se sobre a ordem a seguir do ataque. Foi rezolvido, que os nossos navios, dous a dous, abordariam cada um dos navios mais grossos do inimigo e fariam por capturar ou metter a pique o adversario, conforme a occazião. Nós (do *Walcheren*) tinhamos de auxiliar o Sr. general na abordagem da capitanea espanhola, e o *Provintie van Utrecht* auxiliaria o almirante M. Thyssen na abordagem da almiranta espanhola.

« Endireitamos pois para o navio do general espanhol, que foi logo abordado pelo general Pater e depois por nós. Immediatamente dous galeões espanhoes vieram em auxilio de sua capitanea, e dest'arte ficaram entre si presos esses cinco navios.

« Um dos ditos galeões, denominado *S. Jorge*, que estava diante da prôa do *Walcheren*, foi mettido a pique, e depois de andarmos abordados desde ás 10 da manhan até ás 4 da tarde, tendo nós muito que fazer de um e de outro lado, a capitanea espanhola afastou-se com o auxilio de um cabo que um outro galeão lhe lançára, e ficaram completamente destroçados os nossos dous navios, o *Prins Wilhelm* e o *Walcheren*.

« Empregámos todo o esforço para separarmo-nos um do outro, pois o fogo manifestára-se com muita força na camara (*cajuyte*) do Sr. general e passaria ao *Walcheren*, si este não se fizesse ao largo.

« Apartado o *Prins Wilhelm* do nosso navio, o Sr. general bradou para nós que chamassemos outros navios a socorrel-o. Isto fizemos nós, mas elles não vieram e deixaram que o fogo consumisse a nossa capitanea. D'ella

recolhemos cinco ou seis pessoas, que passaram-se para o *Walcheren*, emquanto os dous navios estavam juntos. Os Espanhoes porém salvaram-lhe muita gente, visto como dous pequenos barcos espanhoes andaram por muito tempo á roda do *Prins Wilhelm*, e recolheram muitas pessoas ; o que os nossos navios bem podiam ter feito commodamente, si tivessem cuidado d'isto.

«Nós mesmos (do *Walcheren*) teriamos de boa vontade mandado para lá a nossa chalupa, mas, estando o nosso navio muito damnificado, rotas as velas e as cordoalhas, de modo que sò nos podiamos utilizar do velaxo, era impossivel proteger com o navio a nossa chalupa, e por outro lado não duvidavamos de que os outros navios, que não estavam deteriorados e traziam os botes suspensos á pôpa, salvassem o general e a sua gente.

« Si cada qual tivesse cumprido a ordem que recebera e empregado todo o seu esforço, como fizeram os do *Walcheren* e demais cinco ou seis navios, é sem duvida, que a armada inimiga seria destroçada. Mas ha ahi navios que, Deos seja louvado, não tiveram mortos nem feridos.

«Tendo assim corrido o combate, andavam os nossos navios tão espalhados, como si já tivessem sido batidos. Foram-se reunindo a pouco e pouco, navegámos durante toda a noite para o norte, e no dia seguinte não vimos mais a armada espanhola.»

A grave accuzação feita por Jan Mast na sua carta aos directores da camara da Zelandia encontra confirmação no inquerito que desde logo se abrio no Recife sobre o procedimento de alguns dos capitães dos navios da frota hollandeza. Eis o depoimento de Joost Mast, piloto do *Walcheren*:

«Disse ter ouvido o Sr. general chamal-os durante o incendio, mas, como estavam tão destroçados que não lhe podiam dar assistencia, chamaram á fala o *Goeree* para que salvasse o Sr. general ; que este navio tambem lhes falou, mas não entenderam o que dissera ; que o *Goeree* não viera dar socorro, e passára por traz do navio do Sr. general e que estivera a menos de um tiro de mosquete, quando a capitanea se queimava. Disse mais, que o dito *Goeree* podia ter-se chegado ao *Prins Wilhelm*,

porquanto bem podia manobrar as suas velas, e não o fizera.

«Disse ainda, que, como o *Goeree*, os navios *Groeningen*, *Amersfoort* e *Hollandia* tambem podiam ter salvo o Sr. general; que gente d'elles estivera em um bote, mas recolheu-se e lá não foi ter, que o capitão (do *Walcheren*) dissera, que, por muito destroçado que estivesse o seu navio, si soubesse, que não queriam salvar a dita guarnição, elle mesmo entraria na chalupa para ir em seu socorro; como, porém o *Walcheren* estava muito deteriorado e viam no bote gente dos outros navios, suppondo que iam dar assistencia, por isso deixaram de acudir á gente do *Prins Wilhelm*, e ficaram para tomar os buracos que o seu navio tinha abaixo d'agua e reparar as velas, de nenhuma das quaes podiam dispôr. Declarou nada mais saber e estar prompto para em todo o tempo confirmar com juramento o que acima fica dito».

Eis agora o rezultado da batalha, segundo o juizo menifestado por um negociante ou particular de nome L. Doutrelean, em carta dirigida, não sabemos si aos directores da Companhia ou se aos directores de alguma de suas camaras:

« D'essa batalha dependia toda a prosperidade da Companhia. Aquelle dia seria o do jubilo, si cada um tivesse plenamente executado a deliberação que havia sido tomada; seria o dia do trato e do commercio com os moradores da terra e do preenchimento do fim que aqui nos trouxe. Mas succedeu pelo contrario: o inimigo alcançou a victoria, não sem perda de muita gente, é certo, mas realizou o seu designio, desembarcou a sua gente, metteu guarnição na praça, proveu-a de materiaes e outros meios de guerra, e os adversarios cobraram muito animo com a perda do nosso general. Digo, que elles nunca acreditaram, que entre os da nossa nação houvesse poltrões capazes de abandonar tão vergonhozamente nas chammas o seu chefe! Os moradores continuam mantidos em obediencia, e não ha apparencia, segundo o juizo humano, de que tão cedo consigamos trato e commercio com elles, e possa a Companhia tirar algum proveito, a não ser forçar o rei de Espanha a despender

as suas rendas muito escassas para tentar emprehendimentos.» (*)

Os *Annaes da Companhia das Indias Occidentaes*, escriptos por um dos seus directores, o illustre João de Laet, bazeiam-se na correspondencia e mais documentos depozitados no archivo da mesma Companhia.

A singela narrativa da batalha naval de 1631, que se lê nos *Annaes*, foi escripta á vista dos documentos a que nos temos referido, com os quaes está de perfeito acordo, accrescentando todavia uma particularidade a respeito da morte do almirante Pater.

« Sendo chegado a um quarto de legua da armada inimiga, diz o chronista hollandez, o general Pater fez vir todos os capitães a bordo da capitanea e lhes ordenou, que os nossos navios, dous a dous, abordassem cada um dos galeões espanhóes (elle tinha comsigo sómente dezeseis velas e erroneamente suppunha que na armada espanhola havia apenas oito galeões); em seguida mui calorozamente os concitou a que se portassem com valor, pois d'isto dependia todo o bem estar da Companhia, bem como a honra dos nossos marinheiros. Todos o prometteram, poucos o fizeram.

« O navio *Walcheren* tinha de auxiliar o general e o *Provintie van Utrecht* o almirante, e assim por diante.

«Tendo-se agora as duas frotas acercado uma da outra de tal modo que se distinguia claramente o porte dos navios e se podia contar os seus canhões, alguns capitães desanimaram e não ouzaram avançar.

« O general Pater, cuja coragem não soffreu quebra, comquanto elle visse, que a partida era muito desigual, proseguiu valorozamente e pelas 10 da manhan abordou o navio do general D. Antonio de Oquendo, sendo vigorozamente secundado por Jan Mast, capitão do *Walcheren*. Travou-se ahi uma renhidissima peleja e outros galeões vieram em auxilio de sua capitanea.

(*) Crêmos ser este o sentimento d'esta propozição um tanto enigmatica: «*maerwel kominckliche middel te spederen geheet weinichnon e eenighe aensagen te doen.*»

« Nosso Senhor porém quiz punir os nossos, pois no meio do combate ateiou-se o fogo na pôpa do navio do general Pater, e posto que se empregasse toda a diligencia para apagar o incendio, elle tomou tal incremento que a guarnição teve de refugiar-se na parte dianteira do navio, e nenhum outro meio de salvação havia sinão ser recolhida pelos outros navios. N'isto estes se houveram muito mal: não se approximaram, e o general, tendo estado por muito tempo suspenso de um cabo diante da prôa do seu navio, desfaleceu de cansaço e afogou-se (*).

« Do seu navio salvaram-se poucos, e esses mesmos foram recolhidos pelos Espanhoes.

« N'esse entretanto o nosso almirante, auxiliado pelo *Provintie van Utrecht*, atacára o vice-almirante espanhol. Após meia hora de combate, o *Provintie van Utrecht* perdeu o mastro grande; proseguindo o combate ainda por duas horas, o fogo ateiou-se n'esse mesmo navio. Embalde esforçaram-se por abafal-o. A gente, de desespero, saltou na vice-almiranta espanhola, donde foi rapellida, e alguns tiveram de lançar-se ás ondas. O navio abrazou-se, mas de sua guarnição salvou-se um maior numero de pessoas do que da guarnição do *Prins Wilhelm*.

« O almirante Marten Thyssen, teve melhor fortuna: metteu a pique a almiranta espanhola *S. Antonio de Padua*, onde estava D. Francisco de Balezilla, e tomou o galeão *S. Buenaventura*.

« O galeão *S. Juan Baptista* foi tambem mettido a pique. Em quazi todos os navios contavam-se muitos mortos e feridos. Foi pois um combate renhido, e os vencedores não puderam rejubilar-se muito pela victoria, tendo soffrido quazi tão grandes perdas quanto os nossos. A noite fez cessar o combate.»

Assim, segundo a opinião dos Hollandezes, a victoria coube á armada espanhola, que realizou, pelo menos em parte, o seu designio de metter reforços na capitania invadida de Pernambuco e seguiu viagem para Portugal com o rico carregamento que comboiava. Explicam a

---

(*) *De General lang voor aen t'galeon van syn Ship aen eeu touw ghehanghen hebbende, eyndelijck van moedigheyt afschte ende sonch.*

derrota pela fraqueza de alguns dos capitães dos navios hollandezes ao enfrentarem com os grossos galeões espanhóes, fraqueza aggravada pela circunstancia de terem deixado perecer nas chammas ou nas ondas o bravo Adriaen Jansz Pater, quando facil lhes fôra salvar o seu almirante, bem como a guarnição do *Prins Wilhelm*.

Muito menos severo è o juizo dos escriptores nacionaes e estrangeiros.

A victoria ficou indeciza: a armada espanhola aproveitou-se das sombras da noite para esquivar-se á frota hollandeza, e receiando novo encontro, seguiu de rota batida para Portugal, sem deter-se como pretendia, no cabo de Santo-Agostinho e na Parahiba. Quanto a Pater, os chronistas e historiadores portuguezes e estrangeiros, desde Calado até Southey, proclamam, que elle teve a morte digna de um almirante batavo, envolvendo-se em sua bandeira para sepultar-se nas profundezas do Oceano, theatro de suas glorias.

Esta tradição parece ter-se originado na propria armada espanhola; pelo menos a legenda da morte voluntaria de Pater teve curso simultaneamente com a noticia do combate naval por ella levada á Europa.

Verssen, correspondente dos Estados-Geraes da Hollanda em Baiona, transmittiu-lhes com essa noticia, cópia de uma carta de Lisbôa escripta logo depois da volta de Oquendo, onde se lê que Pater, « dando tudo por perdido e tendo recebido muitos ferimentos, se havia lançado ao mar»; e accrescentava o correspondente, que em Baiona corria o boato de que o cadaver do almirante hollandez havia sido apanhado e conduzido para Lisbôa. (*Ryksarch. Register der Brieven nit Frankr*).

A morte voluntaria de Pater é uma legenda, mas, como todas as legendas, tem a sua significação: é, como bem diz Netscher, uma justa homenagem ao valor do almirante que succumbiu na luta.

TESTAMENTO POLITICO

DO

CONDE JOÃO MAURICIO DE NASSAU

Descontente com os directores da Companhia das Indias Occidentaes, fatigado de um longo governo de oito annos, e prevendo o levantamento geral dos moradores portuguezes, Mauricio de Nassau insistio pela sua demissão do cargo de governador do Brazil-hollandez, e tendo obtido, passou a 6 de Maio de 1644 a autoridade suprema da colonia aos seus successores, Hamel, Bullestrate e van der Burgh, membros do Conselho Secreto.

Estes, no final de uma extensa carta dirigida aos directores da Companhia em 10 do mesmo mez e anno, referiram assim a solemnidade da transmissão do governo:

« Além da autoridade que nos competia em virtude da nossa commissão, recebemos de S. Ex. a 6 do corrente o governo e a autoridade suprema sobre esta conquista.

Para este fim S. Ex. chamou á ante-sala do nosso paço primeiramente o conselho de justiça, depois o escolteto, os escabinos, os commissarios e curadores dos orfãos (*wees-meesters*) da cidade Mauricia, os ministros e o conselho eccleziastico, os officiaes de terra e mar, os commissarios da Companhia, os officiaes da burguezia e os principaes Judeus, e lhes declarou, que, tendo rezidido aqui oito annos, obteve permissão de suas Altas Potencias (os Srs. Estados-Geraes), de Sua Alteza (o principe de Orange) e de VV. SS. para voltar á patria; pelo que demitia-se do governo desde aquelle momento e em nome dos ditos senhores mandava e ordenava a todos os prezentes, que nos guardassem, em virtude das nossas commissões,

a mesma submissão, respeito e fidelidade que até então tinham guardado a S. Ex.; agradeceu os serviços, que cada um, conforme sua pozição e emprego, prestára á Companhia e á collectividade, e a obediencia, fidelidade e respeito que d'elles recebera durante o tempo do seu governo.

S. Ex. despediu-se na mesma occazião dos ditos collegios, assim como de nós na camara do conselho, porque não comparecera mais ahi, agradecendo-nos igualmente a assistencia que em todos os trabalhos recebera de nós como collegas seus; ao que respondemos, dezejando a S. Ex. uma boa e prospera viagem e feliz exito em todos os seus negocios, e lhe pedimos, que se dignasse de cogitar do bem e prosperidade d'este Estado em todas as occaziões em que fosse isto util e necessario.

S. Ex. nos deixou tambem uma *memoria* por elle escripta para que nos sirva de instrucção, por onde modelemos o nosso bom governo, mostrando-se prompto a conferenciar comnosco a tal respeito, si o julgassemos necessario. Summamente agradecemos a S. Ex. e nos tivemos por muito obrigados.

Recife 10 de Maio de 1644.

Henric Hamel.—A. van Bullestrate.—D. Codde van der Burgh.»

E' de suppor, que o Supremo Conselho tenha remettido aos directores da Companhia uma cópia d'essa memoria, que o autor denominou *despedida*, e que poderia denominar *testamento politico*, pois n'ella consignou as normas que os seus successores deveriam observar para o bom governo da colonia.

Ou fosse remettido do Brazil para a Hollanda, ou tenha sido ali aprezentado pelo proprio Mauricio de Nassau, certo é que encontramos entre os papeis do archivo da Companhia recolhidos ao archivo real de Haya esse interessante documento, emanado do illustre conde como ultimo acto do seu governo, e agora o damos traduzido.

« Nobres, veneraveis, mui avizados e prudentes senhores.

Seja o ultimo acto do meu governo esta memoria ou instrucção que deixo a VV. SS. como despedida, confiando

que, si VV. SS. a observarem e procederem segundo o seu teor, como fiz durante o tempo do meu governo, os rezultados hão de ser, com o favor de Deos, em todas as occaziões de paz e de guerra, mais felizes de que o foram até o prezente.

VV. SS. ficam a governar um triplice Estado ou communidade, que se compõe principalmente de trez sortes de individuos, soldados, mercadores e moradores de nacionalidade portugueza; o dominio sobre este povo, que deixo ás mãos de VV. SS., comprehende trez materias, de que depende a boa ou má administração, o militar, o civil e o eccleziastico.

Com relação a cada uma d'essas materias, communicarei a VV. SS. em desempenho da minha promessa (posto que o faça sem ordem e confuzamente, por me faltar tempo para lançar no papel alguma couza de um modo acurado) algumas observações que me parecem necessarias e de acôrdo com as quaes procurei até o prezente proceder, tanto quanto me era possivel.

No tocante á gente de guerra, é de toda a necessidade, que VV. SS. mantenham o respeito e a honra que lhes pertencem, e comquanto este requizito seja necessario em relação a toda sorte de gente (pois para aquelle que governa a autoridade é uma das principaes razões de Estado e meio para a conservação da Republica), muito mais o é em relação aos militares, por serem elles mais perigozos. VV. SS. não procedem de troncos illustres a que naturalmente são inherentes o respeito e a veneração; devem pois supprir esta falta por suas acções; com o que, seguindo o caminho que lhes mostrarei, obterão os mesmos effeitos.

A audiencia dos militares e o despacho dos seus requerimentos ou pedidos devem ser de breve expediente, sem que elles fiquem a esperar por muito tempo diante da camara do conselho, o que é particularmente tomado em consideração ainda pelos maiores monarcas, para não cahirem no tédio e na aversão dos seus soldados; e VV. SS. devem tanto mais attender a isto quanto em parte alguma a milicia se resente mais e é mais cedo affectada do que no Brazil, attenta a situação do paiz.

No pagamento da pensão e nos emprestimos as couzas devem ser dirigidas de modo que, por maior que seja a estreiteza, não falte o necessario aos officiaes, porquanto nada ha que mais depressa os faça pôr de lado e esquecer o respeito do que a necessidade e a privação. Queiram VV. SS. tomar em consideração este ponto, pois receio muito uma grande desgraça por cauza do pouco cazo e apreço que d'isto se faz.

Quanto aos delictos dos soldados, convém que VV. SS. não sejam compassivos, pois só pelo rigor se póde manter essa gente dedicada. A impunidade dos soldados, bem como de toda a sorte de individuos os transvia e os corrompe facilmente. Mas, para poder castigar, é necessario não dar-lhes occazião de allegar que são mal alimentados.

Com os officiaes convém, que VV. SS. procedam de um modo cortez e polido, sem todavia admittil-os á familiaridade e a relações intimas de amizade, pois sei por experiencia, que tal convivencia é muitas vezes fonte e origem de muitas desordens.

Cumpre, que VV. SS. provejam sempre os lugares vagos com os mais dignos, não prestando ouvidos a paixões, a considerações de partido, de sociedade, a importunas recommendações e couzas similhantes.

Sem isto VV. SS. não poderão ter milicia digna de alguma consideração e sobre que possam fazer fundamento. A preterição de pessoas que merecem é couza, que produz perniciozos effeitos secretamente e sem que se sinta, principalmente quando (os preteridos) vêem, que foram preferidos sujeitos inferiores. O procedimento contrario (á afilhadagem) não póde deixar de gerar entre os soldados o amor, o respeito, a autoridade e obediencia.

VV. SS. devem impedir, que os militares vaguem pelo interior, pois isto não succede sem gravame dos moradores e ruina da agricultura. E o unico meio, que vejo para obstal-o, é cuidarem da ração que lhes é devida, pois então torna-se facil conserval-os nos fortes pelo freio do castigo. Os Portuguezes se preoccupam summamente com isto, e receiam maior destruição da parte dos nossos soldados em tempo de paz do que tem soffrido do inimigo em tempo de

guerra. Esta materia é de grande relevancia, e VV. SS. acharão, que o (procedimento) contrario dará incentivo para revoltas e para a ruina da terra.

Convém, que VV. SS. procurem angariar e manter, por meio de favores e de dinheiro, alguns Portuguezes particularmente dispostos e dedicados para com VV. SS., dos quaes possam vir a saber em segredo os preparativos do inimigo, os seus novos designios e emprezas.

Esses Portuguezes devem ser dos mais importantes e honrados da terra, e lhes será recommendado, que exteriormente se mostrem como si fossem dos mais desaffectos aos Hollandezes para não cahirem em suspeição. Os mais proprios seriam os padres, pois são elles que de tudo têm melhor conhecimento.

N'este particular não se póde fazer muito fundamento em gente infima, pois si um dia dizem a verdade, em outro enganam com muitas mentiras. Devem comtudo ser admittidos para que VV. SS. aproveitem de suas communicações o que lhes parecer bem, pois ás vezes de algum d'elles se póde tirar alguma couza de importancia.

Mas os avizos e as communicações mais seguras devem ser procuradas por intermedio dos mais qualificados. Um ou dous d'elles bastam para communicar segredos (de couzas) que, a não ser assim, escapariam a VV. SS., ou de que VV. SS. não se aperceberiam.

Cumpre, que n'esta materia VV. SS. andem com particular cautela e perspicacia, não se fiando em pessoa alguma e não dando ao avizo que lhes fizerem sinão aquelle credito donde nenhum prejuizo ou damno possa rezultar, pois a experiencia me descobriu n'isto muito embuste.

Sobretudo não deve ser confiada a tribunal de justiça a investigação de couzas que se premeditem, porquanto muitas vezes se tem achado que as suas informações são cavillozas.

As noticias, que chegarem á VV. SS. procedentes de transfugas do inimigo ou de individuos coagidos á confissão por meio da tortura, devem ser utilizadas ainda com maior cautela, pois aquelles por comprazer e estes para evitar a dôr dos tratos declaram ás vezes couzas, que nunca foram pensadas nem sonhadas.

Cumpre, que VV. SS. cuidem dos fortes e das fortificações que deixo em todas as capitanias, exercendo inspecção para que se conservem e sejam sempre bem providos de viveres, de munições de guerra e da necessaria guarnição, já que d'isto dependem a reputação, a defeza e a estabilidade d'este Estado.

Principalmente devem ter cuidado em que as palissadas e estacadas sejam continuamente conservadas, pois aqui difficilmente se encontrará um forte, que, si cahirem por terra aquellas obras, não possa ser tomado de assalto, por serem secos os fossos.

Entre outras couzas recommendarei a VV. SS. o jardim de *Aryburch* e os viveiros situados junto d'elle, não por cauza do meu particular interesse, mas porque em tempo de penuria se póde tirar dahi uma notavel quantidade de refrescos, ao passo que em outras occaziões foi necessario procural-os alhures com grande perigo e perda de gente.

Outrosim tomem em consideração si não é necessario pôr um reducto diante da ponte da Boa-Vista, do outro lado do rio, para conservar aberta a passagem para a Varzea.

A ponte entre o Recife e a ilha de Antonio Vaz é de grande importancia, não tanto pela commodidade dos moradores e proveito das taxas que rende annualmente, como pela juncção d'esses dous lugares e facilidade de auxiliarem-se reciprocamente em tempo de aperto. Por falta de tal meio o Recife esteve por vezes em risco de perder-se, pois o soccorro de Antonio Vaz, em razão da pouca profundidade d'agua, encalha nos baixos.

Cumpre, que a Companhia se rezolva a conservar a ponte, bem como tome em consideração cuidar do mato cortado e do descobrimento do campo, que fica sobre o rio entre o forte do Bruyn e o das Cinco-Pontas, porquanto ahi muitas emprezas se dispõem e em todos os tempos pódem ser affectadas.

Não convém desgostar o governador da Bahia por couzas de pouca monta, pois a nação portugueza tem muito em attenção correspondencias e cortezias, embora vãs e de pouca importancia. Ponderem VV. SS. a vantagem,

que elle tem contra este Estado, quão dezejozos os seus soldados se mostram de correrias e pilhagens nas capitanias, quão grande é o seu poder e que em um momento e com uma palavra se póde formar com os nossos moradores um exercito, ao qual não faltarão o sustento e a munição necessaria.

Devem VV. SS. proceder com todo o rigor contra os Portuguezes, que forem convencidos de traição. Entretanto póde ás vezes convir por discrição e por certas razões que a mizericordia modere a execução dos castigos, pois d'este modo VV. SS. serão amados e temidos: a mescla d'estas duas qualidades é tão necessaria em quem governa que não durará muito tempo o governo demaziado propenso a uma ou a outra.

Queiram pôr muito cuidado em que os Portuguezes não sejam exacerbados ou irritados, pelo que devem VV. SS. refreiar bem os militares e ter continuadamente os olhos sobre elles, pois se succeder uma revolta ou sedição, nunca mais se restabelecerá a tranquilidade: a experiencia d'estas couzas em outros lugares me dispensa de mais largas razões.

Para o mesmo fim aconselho a VV. SS., que não permittam o uzo de armas sinão a aquelles a quem eu o concedi, e que possam mostrar documentos assignados do meu punho, pois esses são ou Hollandezes, Francezes e Inglezes, que vão ao interior cobrar as suas dividas, ou Portuguezes que moram espalhados a largos espaços pelo paiz e são diariamente atacados pelos negros dos matos, pelos tigres e outros animaes, e de cuja vida, commercio e occupação de algum modo me informei; a outros que solicitarem a VV. SS. licença para o uzo de armas, não as devem conceder para não augmentar o numero das pessoas armadas no seio de um povo em que ha differenças de nacionalidade e de religião.

Quanto á materia civil, é necessario, que VV. SS. mudem o modo e o estilo dos despachos para poderem dar expediente a tão grande cópia de requerimentos, como os que a mim vieram durante o meu tempo: incumbam e autorizem a um do conselho de VV. SS. para, durante mezes ou semanas, despachar e assignar o despacho das

petições, para as quaes não é necessario (o concurso do) conselho pleno. Si não fizerem assim, cahirão no odio e no descredito publico.

Os Portuguezes serão muito submissos a VV. SS., si forem tratados com cortezia e benevolencia, e procedendo n'esta conformidade VV. SS. obterão d'elles em todas as occaziões maior proveito e obediencia do que nos nossos proprios naturaes. Sei por experiencia, que o Portuguez é uma gente, que faz mais cazo da cortezia e do bom tratamento do que de bens.

Convém, que VV. SS., com a necessaria discrição, tenham em todas as couzas por suspeitas as informações dos nossos contra os Portuguezes, principalmente si os informantes forem militares, pois os da milicia são em geral ciozos e a elles desaffectos.

Devem VV. SS. abster-se (tanto quanto o Estado o permittir) de lançar novas impozições, fintas e outras contribuições, ainda que sirvam para pagamento de dividas, pois os tributos geram indispozições no povo e são n'este tempo perigozos pela falta de meios de que toda esta communidade se resente.

O povo, queiram VV. SS. entendel-o, é um rebanho de carneiros que se tosquiam, mas, quando a tosquia vai até á carne, produz infallivelmente dor, e como esses carneiros raciocinam, por isso mesmo se convertem muitas vezes em terriveis alimarias.

O paiz não deve ser esgotado de dinheiro corrente pelas razões que tive muitas vezes occazião de allegar, e sobretudo porque é o musculo e o nervo, sem os quaes este corpo nenhuma força póde ter.

Em materia de justiça, queiram VV. SS. reformar os tribunaes subalternos e com particular cuidado pôr termo á oppressão rezultante dos salarios e esportulas que cobram os secretarios, os notarios, os tradutores, os procuradores, os solicitadores e os meirinhos. A este respeito vinham diariamente ao meu conhecimento dolorozas queixas e não pude remediar o mal por cauza da minha partida.

Convém providenciar tambem para que os processos dos Portuguezes não fiquem por tanto tempo pendentes

do conselho de justiça; o que provoca muitas murmurações. Si o fizerem, VV. SS grangearão entre o povo grande reputação, credito e affeição.

As ordens e rezoluções da Assembléa dos Dezenove devem ser observadas e executadas tanto quanto fôr possivel; quando porém forem incompativeis com a conservação do paiz ou não puderem ser guardadas sem prejuizo e perda da Companhia por considerações de tempo ou outras circunstancias, penso que VV. SS. devem a tal respeito escrever (para Hollanda) sustando no entretanto a execução d'essas ordens, porquanto uma medida póde parecer proveitoza, quando está em deliberação, e ser damnoza, quando se trata de executal-a.

Em relação aos da nossa nação, VV. SS. devem haver-se de modo que não toquem em seus bens, pois elles têm o damno (da fazenda) por maior do que a propria vida, e facilmente esquecem por isso o respeito para com todo o mundo. VV. SS. não devem nunca deixar, que as couzas cheguem a este ponto, pois (o respeito), uma vez perdido, é irreparavel.

Os de nacionalidade portugueza nada acham mais insupportavel do que o tratamento e os processos dos escoltetos; dizem, que elles não fazem outra couza sinão estorquir dinheiro aos moradores e promover o proprio interesse, sem que com isto a Companhia de algum modo se avantage. Cumpre, que (si os escoltetos não podem ser dispensados) se lhes tire a occazião de fazer reprimendas e exacções.

Me quer parecer, que para este fim se deve abolir todas as penas e multas estabelecidas pelos nossos editaes, qualquer que seja o cazo ou facto (excepto em materia de contrabando e fraude dos direitos da Companhia), perdoar absolutamente as infracções até este dia commettidas, bem como ordenar aos escoltetos que d'ora em diante não procedam sinão nos cazos de ferimentos, furtos, homicidios e outros crimes graves, e quando não houver effuzão de sangue, deixarão a denuncia ao offendido; o que convem seja tambem observado provizoriamente pelo advogado fiscal, salvo si VV. SS. entenderem por certas considerações, que devem exceptuar alguns outros cazos.

Os duelos e homicidios perpetrados com dolo e premeditação devem ser punidos sem graça ou commizeração, e sem se ter em attenção o estado, a condição ou qualidade do delinquente; mas os homicidios repentinos, os que forem commettidos *calore quodam iracundiæ et ex justo dolore* em razão de injurias e affrontas recebidas podem ás vezes ser perdoados, pois essa severidade aliada com a clemencia attrae particularmente os animos e n'elles desperta ao mesmo tempo o medo e o amor.

Quanto á cobrança das dividas da Companhia, entendo, que se deve proceder n'este particular com rigor contra os negociantes, porquanto os mais d'elles mercadejam sómente com os bens que lhes são creditados pela Companhia e a que dão sahida com um lucro trez vezes dobrado, e apezar d'isso cuidam mais de remetter o ganho (?) do que de pagar as dividas.

Nenhuma vantagem rezulta dos prazos que lhes são dados até as safras, pois a Companhia não cobra juros, como elles cobram aos lavradores.

Em relação a estes e aos senhores de engenho, convém proceder com mais brandura, examinando-lhes os frutos no começo das safras e concordando com elles sobre a parte que hão de entregar; no que se uzará de moderação, de modo que elles não fiquem inteiramente privados dos meios necessarios para pôrem a moer os engenhos no anno seguinte; mas si faltarem então a seus deveres e compromissos, é de toda a justiça, que se proceda sem compaixão á execução contra elles, para não dar máo exemplo aos outros.

E' uma notoria razão de Estado, que um governo novo deve encaminhar os seus primeiros actos a satisfazer o povo, pois d'esta arte quem governa obtem a tranquilidade entre o povo, a obediencia, a honra e o respeito. Para conseguir isto, parece-me, que VV. SS. devem, depois de minha partida, escrever a todos os tribunaes, scientificando-os de que a VV. SS. foi entregue a suprema jurisdicção d'este Estado, e que rezolveram abolir e annullar todas as penas estabelecidas pelos editaes anteriores e perdoar todos os delictos; que d'ora em vante os escoltetos serão parte sómente nas cauzas acima referidas; que

a toda a pessoa que se sentir aggravada e tiver queixas contra official de justiça ou militar ou contra alguem que exerça autoridade entre o povo é permittido comparecer perante VV. SS., e aprezentar suas queixas afim de providenciarem para que se faça justiça; outrosim que, si alguem tiver questão com a Companhia, será immediatamente e sem dilação ouvido e despachado, conforme as circunstancias da cauza; finalmente que VV. SS. confirmam as licenças concedidas por mim sobre armas, e confiam, que os moradores sómente uzarão d'ellas para aquelle fim que lhes foi permittido e que não violarão n'esta parte o seu dever e juramento.

Estou certo, que VV. SS., publicando por edital estes cinco pontos, o perdão, a abolição das faltas e castigos, o remedio contra as queixas, a promessa da prompta solução dos requerimentos e a permissão das armas já concedidas, começarão o seu governo dando grande satisfação ao publico, conciliarão benevolencia para si mesmos e inclinarão os animos do povo para a paz d'este Estado.

Devem tambem para este effeito prevenir e obviar o trabalho, que as partes têm para tornar a receber as suas petições d'este Conselho. Como agora o supremo governo fica a VV. SS., podem distribuir entre si as petições de consideração, de modo que, examinada e exposta a materia (pelo relator), sejam collegialmente rezolvidas e despachadas.

Contra os bandoleiros que percorrem os matos (*bos-sloopers*) e com os seus assaltos fazem os caminhos perigozos, devem VV. SS. proceder de modo que, sendo algum apanhado, não lhe dêm perdão, qualquer que seja a nação ou qualidade d'elle. E para apanhal-os convém, que empreguem toda a diligencia, não olhando a despezas, por serem elles perturbadores da tranquilidade publica e um obstaculo aos frutos ou sáfras.

N'esta parte podem VV. SS. seguir o parecer e avizo dos Portuguezes e dos indios, que melhor entendem como elles devem ser perseguidos, e o sabem fazer, quando querem. Entretanto si ao tempo em que se trata de seguil-os e executal-os, vierem alguns entregar-se, acho razoavel, que se lhes conceda o perdão. E' por se ter

observado esta norma, que o paiz se acha prezentemente alliviado e expurgado das quadrilhas de salteadores.

Convem, que os premios promettidos pela apprehensão dos roubadores e salteadores sejam satisfeitos promptamente, e que não se adie o seu pagamento, pois o premio estimula a vigilancia e dá gosto para pesquizarem e percorrerem os campos, ao passo que o não pagamento traz a negligencia no cumprimento dos deveres.

No eccleziastico ou em couzas da Igreja, a tolerancia ou condescendencia é mais necessaria no Brazil do que entre qualquer outro povo a que se tenha concedido a liberdade de religião. Si acazo o fervor e o zelo christão pelo verdadeiro culto persuadirem outra couza a VV. SS., convém, que n'esta conjuntura não manifestem tal intuito; cada um de VV. SS. faça-se de insensivel n'este particular, para evitar grandes inconveniencias.

Não convèm por agora, que a pratica da nossa religião seja abertamente introduzida entre os Portuguezes com abolição dos seus ritos e ceremonias, pois nada ha que mais os exacerbe.

Tambem não convém agora, que VV. SS. se envolvam em suas disciplinas eccleziasticas e no que d'isto depende; deixem esta materia, *servatis servandis*, a seus padres e vigarios, porquanto o contrario d'isto é prematuro, sem utilidade ou reputação, e VV. SS. acharão de facto, que nada ha que mais lhes dôa do que metter-se o governo secular e ter que ver com os seus sacerdotes.

Uma tacita permissão ou tolerancia é n'estes tempos melhor que a investigação ou a correcção, pois si VV. SS. procederem a um tal *actum*, deverão necessariamente, para purificar a terra, assegurar-se de alguns ou de todos os padres d'elles, e que será o começo de uma ruina universal.

N'esta e em couzas similhantes não queiram fiar-se na paciencia dos Portuguezes que em outra occazião experimentarão *, porquanto as condições e os humores dos homens mudam conforme o governo e os tempos, e tal

* Allude á expulsão dos frades em 1642.

mudança nos Portuguezes é de receiar agora mais do que nunca, por ser menos esperada.

Por agora e emquanto os tempos não correrem de outro modo, cumpre, que VV. SS. não admittam queixas particulares em materia de religião. Si alguma couza chegar aos ouvidos de VV. SS., respondam, que providenciarão; mas o verdadeiro remedio deve ser o esquecimento, com o qual fiz muito a bem da tranquilidade d'este Estado. VV. SS. bem podem suppôr, que não faltarão logo calumnias e queixas de pessoas zelozas ou desaffeiçoadas, pois a differença de religião produz antipathias entre o povo.

Por agora não convém, que VV. SS. approvem publicamente ou em segredo as affrontas e desrespeitos, que se fizerem ás igrejas e ás ceremonias dos Portuguezes. Qualquer que seja o modo porque isto succeda, reprehendam os autores (do facto), exprobrando-lh'o como uma descortezia e como couza que é um erro em religião. Dest'arte VV. SS. tranquillizarão um e outro (culto), e queiram entender, que o minimo favor mostrado contra esta opinião produzirá um duplo mal, e consequentemente será o começo de grande desassocego e tumulto.

Eis aqui quanto a memoria agora nos suggere.

Podem VV. SS. estar certos de que nada avancei n'este papel que eu mesmo não tenha posto em pratica, salvo no concernente a alguns pontos acima mencionados, cuja reforma, por cauza de minha partida, deixo á VV. SS.

Queiram crêr, que por isso fui respeitado e amado de ambas as nações, que testimunharam gratamente e de bom coração o seu reconhecimento pelo meu comportamento sem que eu tenha exigido, desfrutado ou me tenha sido dada alguma couza para meu proveito por graças, favores ou despachos por mim concedidos, e posso na verdade e em san consciencia (Deos seja louvado) declarar e jurar, que nunca recebi favor ou emolumento, como confio, que VV. SS. procederão do mesmo modo.

Peço a Deos Omnipotente, que abençôe e tome sob sua divina protecção o governo de VV. SS.

Dedicado á VV. SS.—*J. Maurice*, Conte de Nassau.

Recife de Pernambuco 6 de Maio de 1644. »

Si n'este seu *testamento*, Mauricio de Nassau preconiza a politica da espionagem e da dissimulação, aliás no gosto da época e necessitada pelas condições excepcionaes da colonia, elle nos dá tambem testimunho de seu natural bondozo, sempre propenso a alliar o rigor com a clemencia, da lucidez do seu espirito e do seu tino de administrador, recommendando como unicas normas adaptadas a conservar em obediencia ao elemento portuguez—a *cortezia*, a *justiça* e a *tolerancia*.

JOSE HYGINO.

RELATORIOS E CARTAS

DE

Gedeon Morris de Jonge

NO TEMPO DO DOMINIO HOLANDEZ NO BRAZIL

Desde os fins do seculo XVI e durante o primeiro terço do seculo XVII, os inglezes e os hollandezes tentaram estabelecer colonias nas margens do rio Amazonas, que elles remontaram até grande distancia de sua foz.

A invazão de estrangeiros no valle do magestozo rio, sobre o qual Espanha e Portugal reclamavam exclusivo dominio, chamou a attenção dos Portuguezes e os attrahio ao Pará, logo que elles se desapressaram dos Francezes, expulsando-os do Maranhão.

Os Favellas, os Aranhas, os Teixeiras assaltaram por vezes os postos estrangeiros, destruiram fortes, capturaram navios e colonos. Um d'esses assaltos bem succedidos teve lugar em 1628, rendendo-se por capitulação o forte inimigo sito no Tucujú. Cremos, que cahio então em poder dos Portuguezes um aventureiro hollandez de nome Gedeon Morris de Jonge, que veio a reprezentar depois um papel na historia da colonização do Ceará, e cujas informações prestadas aos directores da Companhia das Indias Occidentaes contribuiram para que estes rezolvessem a conquista do Maranhão.

Possuimos de Gedeon Morris dous relatorios e varias cartas, documentos ineditos, mas não destituidos de interesse, que traduzidos daremos agora á estampa.

Em ordem chronologica, o primeiro d'esses documentos é o seguinte relatorio sobre as capitanias portuguezas do Brazil septentrional, que Morris, tendo conseguido voltar á Hollanda depois de oito annos de captiveiro, aprezentou aos directores da Companhia, para o fim declarado de movel-os a occupar o Maranhão e o Pará.

« Breve descripção aprezentada aos Srs. directores da outorgada Companhia das Indias Occidentaes, delegados á Assembléa dos Dezenove sobre os lugares situados no Brazil septentrional denominados Maranhão, Ceará, Cametá, Grão-Pará e outros rios comprehendidos na bacia do famozo rio do Amazonas, onde os Portuguezes tem assento, com toda a dispozição e circunstancias respectivas, como deixei no ultimo de Novembro de 1636.

Nobres e poderozos Senhores.

Os referidos lugares não são desconhecidos a VV. SS., pelo que a respeito d'elles têm escripto varios autores. Como porém o tempo muda a situação e a dispozição (das couzas), e a inspecção occular e a propria experiencia valem mais do que o ouvir dizer, não posso deixar de aprezentar a VV. SS. esta relação especial e verdadeira, tendo frequentado aquellas terras durante oito annos seguidos, esforçando-me sempre por observar-lhes a situação, na esperança de poder vir a ser um dia, instrumento de VV. SS. para n'este particular prestar algum serviço, e para isto mui reverentemente me offereço.

Primeiramente tratarei do Maranhão, que de todos esses lugares é o principal.

O Maranhão é uma ilha situada na boca de dous rios, um chamado *Tapecrone* (Itapicurú) e o outro *Mony*, e fica-lhe perto um outro chamado *Mery*.

Essa ilha demora alguns gráos ao norte do Rio-Grande; é muito fertil, bella e aprazivel, e soffrivelmente habitada, pois contam-se na cidade do Maranhão 500 ou 600 cazas e 700 ou 800 homens entre soldados e burguezes; mas a cidade é aberta sem muralhas, trincheiras ou obras exteriores, e não tem outra defeza sinão

dous fortes que não se recommendam por qualidades especiaes, guarnecidos ambos com 20 ou 24 peças de ferro, pela maior parte pequenas. Em um d'elles rezide o governador, cujo commando se estende sobre as capitanias do Brazil septentrional.

O lugar, pela sua fertilidade e amenidade, bem póde ser comparado no jardim do Eden ; a maior parte das cazas da cidade são aformozeadas com bellos e apraziveis jardins, que dão frutos durante todo o anno, como laranjas, limões doces e azedos, figos, uvas e muitas outras frutas das Indias, que entre nós não são conhecidas, e fóra da cidade, tanto na ilha como no continente, os moradores têm suas cazas de campo com toda a sorte de frutos sadios e agradaveis, abundancia de mantimentos, de animaes domesticos e selvagens, muita variedade de aves, bem como plantações de canna, fumo e algodão, que os escravos dos indios cultivam.

Segundo o meu calculo, os indios do Maranhão, livres e escravos, são em numero de dez mil, os livres pela sua maior parte se distribuem por aldêas, algumas das quaes existem na ilha e outras no continente e no rio Tapecrone.

N'este rio havia um solido forte no tempo do governador Francisco Quelligio de Carvalho *, mas foi arrazado, depois que elle morreu em Outubro de 1626.

O filho d'esse governador ** partio em 1 de Março de 1636 para as Indias Occidentaes, afim de encontrar a frota que cada anno parte de Havana, e levou comsigo duas caravelas carregadas de fumo, muitos escravos, algumas caixas com patacões, grande quantidade de ambar gris, joias, ouro e prata.

Além d'aquelles milhares de indios, que os Portuguezes têm sob a sua sujeição, existem pela terra a dentro, no rio Tapecrone e outros vizinhos, differentes nações de indios, que ás vezes se levantam contra os

* Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, nomeado governador em 23 de Setembro de 1623.
** Feliciano Coelho.

Portuguezes, atacam as aldêas indianas e apprehendem ou matam todos os que elles podem haver ás mãos, e isto feito, retiram-se para os matos.

D'esses indios os principaes se chamam *Corrorics*; são grandes e fortes e de costumes mui estranhos. Ha uma outra nação similhante a esta em costumes, mas não tão forte; os homens são altos e secos, chamam-se *Kakayes*, e moram tambem na vizinhança do Tapekrou.

Esta é a cauza porque os Portuguezes nunca descobriram esse rio além de sessenta leguas para o interior. Eu porém ouvi dizer a um coronel francez chamado Samuel Charles de Hebbert, actualmente ao serviço do rei da Polonia, e outr'ora rezidente no Maranhão, antes de o terem os Portuguezes conquistado, que elle estivera no rio de Tapekron a mais de 400 leguas (da foz), e dahi levara ao rei de França um mineral de puro ouro com perda ou diminuição não superior a 10 %.

Foi então enviado por ordem do rei, um homem nobre chamado La Verdiere, como governador de uma companhia, para fundar uma grande colonia no Maranhão. Vendo Samuel Charles de Hebbert que não fôra elevado a chefe, tendo sómente elle descoberto aquella mina, rezolveu partir immediatamente para a Allemanha, onde desde então tem rezidido, e assim a dita mina nunca mais foi aberta.

O Maranhão tem cinco engenhos, que annualmente dão cerca de 1.000 caixas de assucar; produz tambem mil e alguns centos de rolos de fumo, um anno mais, outro menos. O algodão é ahi abundante e com elle poder-se-ia carregar dous navios por anno.

Ha pouco *annoto* *, porque os Portuguezes não o sabem plantar. Ha porém bastante gengibre, batatas selvagens, que se uzam para purgas, varias especies de oleos e uma especie de balsamo muito preciozo e medicinal, que é tão bom, segundo dizem os Portuguezes,

---

* « En outre il y croist divers fruits qui donnent des teintures fort belles, dont les sauvages sçavent bien l'usage, comme est l'*annoto*, qui d'autres nomment *orellan*, qui teint la laine et principalement la soye en orangé. » Johan de Laet, *Le Nouveau Monde*, pag. 585.

quanto o da Arabia, abundantes sortes de excellente gomma, variedades de madeira, como o páo-brazil, fustete, madeira malhada, guaiaco ou páo santo em extraordinaria quantidade, cedro e muitas outras especies proprias para construcção de cazas e de navios.

No Maranhão e no Pará, bem como por todo o litoral, se encontram em grande abundancia as folhas de certos pequenos arbustos, que dão um anil purissimo; o que não muito antes da minha partida foi ahi verificado e experimentado por um Inglez de nome Roger Freye, e depois da partida d'elle, por outros; de sorte que poder-se-ia fazer e exportar annualmente anil em grande quantidade.

Quanto a mantimentos, ha em abundancia, a saber: animaes domesticos, como vacas, porcos e cabras (alguns cavallos para trabalho), e silvestres, como porcos bravios, javalis, veados, lebres, coelhos, tatús, tartarugas e muitos outros, e tambem aves gallinaceas, perús e certo passaro similhante ao pavão, chamado *moutoc*, grande quantidade de rôlas e muitas outras especies entre nós desconhecidas e que longo seria enumerar.

Os rios são abundantes de mais de vinte especies de peixes bonitos, sadios e frescos, pouco conhecidos entre nós, notando-se entre outros a vaca-marinha, o *piera pimini* similhante á lagosta (?): excellente para comer-se, *paratí* a modo do arenque, caranguejos de mar e de rio, ostras extraordinariamente grandes e mui boas.

Além dos frutos a que já nos referimos, ha mais doze differentes especies de frutos de arvores e outros, que, pelo seu delicado e agradavel sabor, são mui dezejados e de que se fazem doces; bem como, frutos de terra, a saber, toda a sorte de raizes e grãos, como mandioca (*cassave*), batatas, carás e outros mais, milho, feijão e arroz em abundancia, couves, mostardas, salsas, salvas, beldroegas e outras hervas.

Capitania do Ceará. Fica ao sul, entre o Maranhão e o Rio-Grande. Propriamente falando, não é mais do que um pequeno forte construido na costa sobre um monte de terra vermelha, habitado e guardado por cerca de

vinte Portuguezes para, em cazo de necessidade, defenderem-no.

Esses vinte Portuguezes têm sob a sua sujeição uma grande nação de indios mui habeis e espertos no achar o ambar gris, que é lançado em soffrivel quantidade, um anno mais outro menos, na costa entre o Maranhão e o Ceará.

De ordinario ahi vão ter os navios, que se dirigem para o Maranhão afim de tomarem conhecimento da terra, e em seguida navegam ao longo da costa para o lugar do seu destino.

Os proveitos que se póde obter e esperar do Ceará são ambar gris, alguns rolos de fumo, uma sorte de madeira que é excellente mercadoria, e certa quantidade de algodão.

Esse lugar é tambem muito fertil e a terra propria para canna de assucar, fumo, algodão, tintas, gengibre e tudo o mais que se queira plantar; o seu ar é saudavel e ha abundancia de mantimentos.

Do Maranhão para o norte, a cinco dias de viagem em canoa, fica um rio chamado *Mereketscme*, em cuja foz ha uma ilhazinha, que os Portuguezes chamam *Ilha do Ouro*. Segundo dizem pessoas fidedignas, assim Portuguezes como Inglezes e outros, existe ahi uma rica mina de prata, e para exacta confirmação d'isto, declaro ser verdade o seguinte facto. Um certo Inglez chamado Raph More, que servio o governador durante oito annos, me affirmou e jurou, que elle vio e tratou, na caza do mesmo governador, um mineral da dita mina, e apurado o mineral vio-se, que rendia e produzia boa quantidade de prata pura.

Continuando a seguir a costa para o norte fica, a quatro ou cinco dias de viagem, a capitania de Caieté (Caeté),* onde ha apenas um fortim situado em uma angra ou enseada (*Kreke*) a 10 ou 12 leguas da costa. Tem duas pequenas columbrinas de ferro, e o lugar é occupado por não mais de quinze Portuguezes, que têm

---

* Bragança.

sob a sua sujeição cerca de mil indios, uns livres e outros escravos. Os escravos fazem annualmente cerca de 30.000 libras (?) de algodão e algumas centenas de rolos de fumo. Dá grande quantidade de laranjas, e differentes especies de bellas madeiras. A terra é tambem propria para canna de assucar e tudo o que ahi se quizer plantar, ha muitissimo mel e cêra, e grande abundancia de carne, peixe, vacas marinhas, etc.

Seguindo sempre a costa para o norte e em distancia de oito ou dez dias de viagem de Caeté fica a capitania do Grão-Pará, que tira o seu nome de *Grand Prairie*, o que significa grande planicie, dando-se com isto a entender, que é um grande ajuntamento das aguas dos differentes rios que ali vão ter.

E' esse o ultimo lugar situado na costa do Brazil septentrional, ou melhor è o primeiro lugar situado na bacia do famozo rio Amazonas, cuja ponta meridional é como a separação entre a agua salgada e a doce.

Tem um forte com uma meia lua á borda do mar, e está guarnecido com 16 peças de ferro.

O forte e a cidade ficam bastante altos. A cidade, segundo conjecturo, conta 300 ou 400 cazas, e 500 Portuguezes entre burguezes e soldados, e ha seguramente 10.000 indios, tanto escravos como livres, dentro da comprehensão do Pará, os quaes se acham distribuidos em derredor por varias aldêas e cazas de campo, de sorte que podem reunir-se em 24 horas, si a occazião o pedir.

Ha ahi abundancia de algodão, fumo e laranjas, o que dá para carregar fortemente dous navios por anno. Tambem dá em grande abundancia a canna de assucar, bastante para alimentar continuamente dous engenhos. A gente do Pará porém não faz assucar por falta de caldeiras e de outros utensilios.

Queiram VV. SS. notar, que a canna de assucar é ahi mais grossa e melhor do que em qualquer outro lugar; alonga-se muito, attingindo altura superior a de um homem alto, e é mais grossa do que o meu braço. Tenho ouvido muitas vezes os Portuguezes e outras pessoas dizerem, que o solo n'essa região é muito mais

proprio para a industria do assucar do que Pernambuco ou Bahia.

O ar é muito ameno e saudavel, nem muito quente nem muito frio.

Dá tambem varias sortes de madeiras, amarella, vermelha, preta, malhada, guáiaco, muito cedro e uma especie de madeira cheiroza.

Quanto á fertilidade, excede muito em excellencia e uberdade o Maranhão, tendo em muito maior abundancia toda a sorte de mantimentos e de frutas agradaveis; e, segundo dizem varios Portuguezes dignos de fé e de consideração, ha nas cercanias minas de prata.

Mas para não entreter VV. SS. com noticias de ouvir dizer, declaro por verdade pura e não duvidoza ter eu visto em caza de um certo Alexandre couza de meia libra de um mineral, que um Portuguez ahi levara, afim de saber o que continha, e esse mineral, segundo o meu juizo, era mui rico de prata, aprezentando o aspecto de limalha de prata em uma massa cozida, mui preta e quebradiça. Um ourives inglez, mui perito em apurar mineraes, e por isso geralmente afamado, achando-se tambem ahi prezente, quando trouxeram o dito mineral, igualmente julgou, que era mui rico de prata. Essa mina dista cerca de quatro leguas do Pará.

Posteriormente, estando eu alojado em certa aldêa de indios, chamada *Orytupe* ou mato de corvos, e achando-me em certa igreja velha feita pelos indios, cujo soalho fôra elevado um pé por meio de certa terra vermelha, apanhei com as minhas proprias mãos cêrca de quatro onças de mercurio puro, que procedia da dita terra e havia sido lançado fóra.

Cerca de 24 leguas do Pará, para o lado do noroéste, fica um bello rio chamado Cometa (Cametá), que é habitado por 15 ou 20 Portuguezes e 1.000 indios, livres e escravos, distribuidos por seis aldêas e algumas cazas de campo. As terras d'esse rio são mui proprias para fumo e canna de assucar; ahi se fazem annualmente cêrca de 2.000 rolos de excellente fumo. Dá muita canna, e quando eu ahi estava faziam-se grandes preparativos para o levantamento de um engenho, que já estava meio feito.

Vem d'esse lugar o melhor fumo, que o Brazil produz. Tambem dá muito algodão e laranjas.

O rio Cametá e suas dependencias podem ser facilmente conquistados, porque não tem forte e é muito pouco guardado.

E' em Agosto ou Setembro, que embarcam as mercadorias em caravelas para Lisboa.

Como o Cametá é muito aprazivel e fertil, costumava rezidir ahi o filho do governador, mas depois da morte do pae partiu para as Indias occidentaes como já foi dito.*

Finalmente esse rio é muito abundante de mantimentos e de peixes bonitos e sadios.

Couza de seis dias de viagem para o lado de noroéste de Cametá fica a capitania de *Corpanie*, que é uma aldêa de indios, onde os Portuguezes fizeram um pequeno forte guarnecido com duas ou trez columbrinas de ferro; é defendido por trinta soldados, que têm sob a sua sujeição mil indios distribuidos por diversas aldêas e cazas de campo.

Annualmente fazem-se ahi mais de 1.000 rolos de fumo. Dá em abundancia algodão e *annoto*, varias sortes de madeiras e o sólo é excellente para canna de assucar, o gengibre e tudo o que se quizer plantar. E' tambem abundante de mantimentos.

Tenho assim tratado rezumidamente de todos os lugares do Brazil septentrional e do rio Amazonas, onde os Portuguezes habitam. Pedirei agora a attenção de VV. SS. para os seguintes pontos geraes.

A conquista do Maranhão importa a de mais de 400 leguas de costa, segundo a conta dos Portuguezes, e n'essa extensão existem quando muito 1.400 ou 1.500 Portuguezes e cêrca de 40.000 indios, que se acham sob o seu dominio e sujeição; o que tudo, com o favor de Deos e um milhar de homens, VV. SS. poderão conquistar; e isto por muitas razões:

1°. Todos os fortes e fortificações (os de que tratei) são pouco defensaveis. 2°. Os Portuguezes não têm as suas

---

* A capitania ou sesmaria de Cametá pertencia a Feliciano Coelho, que ahi fundou a villa do mesmo nome.

forças reunidas, mas espalhadas e disseminadas por largos espaços. 3°. Aquella grande multidão de indios lhes é sujeita mais por medo do que por amor. E' até prezumivel, que os indios suspirem, e com todas as veras dezejem e aspirem ver-se livres da oppressão e jugo tiranico dos Portuguezes, como ainda recentemente (16 mezes antes da minha partida d'ali) ficou bem patente, pois quazi todos entre si concertaram e juraram destruir os Portuguezes de uma vez, e teriam realizado o seu intento, si não fosse este revelado por certa india concubina dos dominadores.

Tambem a mim os mesmos indios e outros inquiriam com muito calor e interesse: por que razão os nossos amigos (a nossa nação) não vêm repellir e sujeitar os Portuguezes, como fizeram em Pernambuco? Que, si os nossos tal fizessem, elles abandonariam os Portuguezes e voluntariamente sujeitar-se-iam á nossa obediencia.

Passo em silencio a grande discordia, as murmurações e rebeldias, que muitas vezes se manifestam entre os soldados portuguezes por cauza do máo governo e falta de pagamento; o que por vezes os tem levado a levantar-se contra os seus chefes, e até, tomados de desanimo e desespero, a prorromper em blasphemias e injurias, dizendo que si os Hollandezes os viessem procurar, elles saberiam o que haviam de fazer.

Além da dita multidão de indios, que os Portuguezes têm sob a sua sujeição, ha no rio Amazonas e outros rios vizinhos mais de 100.000 indios, que ás vezes levantam-se e fazem grande guerra aos Portuguezes, e todos elles, por intermedio de VV. SS., poderiam ser em breve tempo trazidos á nossa obediencia e voluntaria sujeição, por serem a nós mui inclinados, porquanto já anteriormente trataram com os nossos, assim Francezes, como Hollandezes e Inglezes.

E' pois de suppôr, que, vendo elles os Portuguezes, seus inimigos, conquistados, viriam voluntariamente pôr-se sob a nossa protecção e amparo.

E bem podem VV. SS. claramente entender os proveitos, que tirariam d'essa grande còpia de indios, si elles forem empregados em beneficiar todos os frutos

que as ditas terras dão. O trabalho d'esses indios, que não são escravos, é retribuido com uma mesquinha paga, pois por um machado e um facão trabalham voluntariamente um anno inteiro, notando-se que os Portuguezes não costumavam dar-lhes mais do que trez varas de panno ou um machado, e muitas vezes nada absolutamente lhes davam.

Os frutos que VV. SS. obteriam dos referidos lugares são, como fica dito, bellos assucares, fumos (que eu ha trez mezes, vendi em Hamburgo por 28, 30 e mais *stuivers*) algodão, laranjas, anil, bella tinta, côr de laranja, varios oleos e preciozos balsamos, gengibre, gomas e varias sortes de excellente madeira. Accresse, e isto é fóra de duvida, que com diligencia e industria varias minas de prata e outras poderão ser descobertas, bem como achar-se-á annualmente certa quantidade de ambar gris.

E' digno de particular consideração, que VV. SS. poderão traficar com milhares de escravos das nações estrangeiras (indianas) que ali são circumvisinhas, e si VV. SS. não os quizerem empregar na terra, poderão mandal-os para Pernambuco, como os Portuguezes faziam outr'ora, antes de começar a guerra n'aquella capitania, e este era o seu maior negocio.

Em segundo lugar, queiram VV. SS. considerar o grande auxilio, que esses lugares lhes prestariam, podendo todos os navios que partissem de Pernambuco a sotavento ir ahi refrescar e abastecer-se, e podendo-se até enviar dali pará Pernambuco navios carregados de viveres, servindo assim os ditos lugares de celleiros (*brootschapray*) do Brazil.

Releva acrescentar, que ha ainda differentes regiões e rios que nunca foram descobertos, a não ser em parte, e em primeiro lugar o afamado rio Amazonas, que tem suas origens nos montes auriferos do Perú, onde certamente mais thezouros se acham occultos do que os que até o prezente têm sido descobertos, pois os Portuguezes affirmam ser verdade, que os indios da parte superior do rio têm muito ouro e muita prata. São esses os montes de que o rei de Espanha tem tirado os seus innumeraveis thezouros, e com elles vexado e perturbado o mundo inteiro.

Espero, que VV. SS., pelo decurso do tempo, tirarão proventos taes das mesmas terras que todos os Paizes-Baixos ficarão ricos, e officiozamente offereço estas informações para mover VV. SS. a conquistal-as. Poderá então o rio Amazonas ser facilmente descoberto, e dest'arte VV. SS. dominarão os muitos milhares de indios, que n'elle habitam.

E para que VV. SS. melhor e mais claramente comprehendam e com o seu sabio criterio apreciem as vantagens do dito commettimento, não devo deixar de mencionar o proveito das mercadorias, que VV. SS. acharão indubitavelmente promptas no Maranhão e no Pará, chegando-se ali em Maio ou Junho, antes que os navios as tenham levado.

Primeiramente, grande quantidade de patacões, que os moradores do Maranhão houveram pelo commercio com os de Pernambuco, enviando-lhes de quando em quando escravos, antes de começar a guerra n'aquella capitania; 2°. certa quantidade de ambar gris; 3°. cerca de mil caixas de bellos assucares; 200.000 libras (?) de preciozo fumo; 10.000 varas de panno de algodão; 50 fardos de algodão; grande quantidade de annoto; grande quantidade de varias sortes de madeira, como amarella, malhada, guaiaco, páo-brazil, madeira cheiroza, cedro e outras; quantidade de gomas, oleos e preciozos balsamos, bons para medicamentos e outros uzos; muita munição de guerra para prover 2.000 homens e uma porção de canhões de ferro que os Portuguezes tomaram á nossa e a outras nações, cujas colonias elles por vezes destruiram.

Tudo isto bem considerado, convém, respeitozamente falando, não dormir por muito tempo sobre feito tão notavel, pois em que parte do mundo inteiro se poderia conquistar com mil homens terra tão grande, bella, rica e fertil, entrecortada e regada de formosissimos rios e angras, cercada e cheia de tantas ilhas proveitozas, habitada por tantos milhares de indios, que em mui breve tempo submissamente trabalhariam para VV. SS.?

Em que outro lugar conquistar-se-ia indubitavelmente, tão depressa ahi se chegasse, todo aquelle retorno?

Tudo isto é incentivo e auxilio bastante para compensar trez vezes as despezas.

Nem VV. SS. devem receiar, que os Portuguezes destruam os ditos bens, como fizeram os de Pernambuco. Não succederá assim por esta razão, que lhes é bem conhecida.

Quazi toda a costa do Brazil foi conquistada por VV. SS., e si lugares tão poderozos, como Pernambuco, Parahiba e Rio-Grande, não puderam rezistir ás armas de VV. SS., muito menos resistirão aquelles que não têm mais do que dous ou trez fortes, e esses pouco defensaveis. Por isso elles não ouzaram destruir os ditos bens de medo que nós tambem os destruamos, quando os tivermos a nós sujeitos. Tambem elles não podem fugir para outro lugar, pois, si fugirem para os matos, correm o perigo de serem victimas dos indios selvagens, e até dos seus proprios indios.

Em segundo lugar VV. SS. salvarão cerca de 100 prizioneiros, hollandezes, inglezes e irlandezes, que podem prestar ahi muitos serviços, porque todos elles falam a lingua do gentio, e a portugueza, e servem como de commissarios aos Portuguezes para a industria do assucar e do fumo por meio dos indios que os Portuguezes d'isto incumbem.

Além da minha pessoa, todos estes prizioneiros pedem a VV. SS., que tomem entre mãos esse notavel emprehendimento na primeira opportunidade, e antes que o inimigo se faça mais forte, e isto por quatro razões importantes: 1°. essa empreza redundará em honra de Deos, pois por esse meio não sómente terminará a execravel idolatria, o atheismo e a impudicidade e muitas outras abominações que ali reinam, sinão tambem muito gentio cégo será convertido; 2°. trará grande proveito a VV. SS. e prosperidade á patria; 3°. libertará tantos pobres prizioneiros christãos, alguns dos quaes sahirão em serviço de VV. SS.; 4°. servirá para abater os nossos fidagaes inimigos e para tomarmos vingança das colonias e navios nossos, que elles destruiram.

E recommendando-me ás boas graças de VV. SS., rogo, que se dignem de tudo aceitar com a mesma

dispozição e obsequiozidade com que lhes é offerecido por quem é e será sempre de VV. SS. humilde servo. *Gedeon Morris de Jonge.*

Entregue em Middelbourg a 22 de Outubro de 1637 *. »

II

O segundo relatorio de Gedeon Morris foi aprezentado dous annos depois do primeiro. Deram-lhe occazião as ultimas noticias do Maranhão recebidas por intermedio de um outro aventureiro de nome João Maxwell, que tambem lá estivera durante annos como prizioneiro.

« Breve relatorio acerca do Maranhão aprezentado a 3 de Fevereiro de 1640 por Gedeon Morris e Jean Maxwell.

Respeitaveis, poderozos, avizados e mui prudentes senhores directores da Companhia geral e outorgada das Indias Occidentaes,delegados á camara da Zelandia.

Meus senhores :

Aprezentei e entreguei a VV. SS., ha dous annos, uma expozição ou relatorio por mim escripto a respeito das couzas do Maranhão, Grão-Pará e lugares vizinhos situados a oéste de Pernambuco, entre o Rio-Grande e o afamado rio do Amazonas, onde estive detido perto de oito annos, como prizioneiro ; o que é a VV. SS. bem notorio.

N'esse relatorio por mim aprezentado tratei não sómente da situação e das fortificações, sinão tambem da fertilidade e do notavel prestimo de ditas regiões para assim mover VV. SS. a conquistar esses excellentes lugares na primeira opportunidade, e o meu escripto agradou tanto que VV. SS. me deram cartas de recommendação dirigidas a S. Ex. (o Conde João Mauricio) e aos altos conselheiros secretos do Brazil afim de que eu lhes expuzesse igualmente o negocio, e isto fiz eu com

---

* Extrahido do registro da Comp. das Ind. Occ. ns. 258, 1636 – 1643 · real archivo de Haya.

toda a diligencia, logo que ali cheguei ; mas como os senhores (do Supremo Conselho) estavam n'essa occazião muito occupados com a expedição para a Bahia, e o que eu propunha não vinha então muito a propozito, recebi a seguinte resposta : « que S. Ex. tomaria opportunamente em toda a consideração e levaria a effeito esse negocio, e que, quando fosse tempo, me convidaria a comparecer perante SS. SS. para tratar do assumpto. » *

Tendo eu sido desde então enviado ao Ceará para levar a Pernambuco uma certa preza, ventos continuos do sul me afastaram do costa do Brazil, de sorte que a couza, com grande pezar meu, ficou até agora sem seguimento.

Como prezentemente sou de novo admittido ao serviço de VV. SS. com destino a Pernambuco, não posso deixar de, ainda uma vez, avivar a memoria de VV. SS. e de algum modo tratar d'esse negocio, já que não pouco d'elle depende a prosperidade da vossa louvavel Companhia, e obsequiozamente peço, que VV. SS. se dignem de tornar a recommendar a S. Ex. e aos altos conselheiros secretos do Brazil queiram tomar em toda a consideração tão importante assumpto, porquanto, depois de minha partida d'aquelles lugares, occorreram mui notaveis mudanças, principalmente no Maranhão e lugares vizinhos, que fazem o dito commettimento ainda mais recommendavel e proveitozo ; e isto sei, porque m'o affirmaram não só varias pessoas fidedignas, recentemente vindas do Maranhão e que por lá andaram muito tempo, sinão tambem e particularmente um amigo meu, pessoa de mim muito conhecida, o Sr. Johan Maxwell, irmão de Maxwell do *Lirio Florentino* de Middelburg, o qual de prezente aqui se acha, tendo vindo ha dez mezes do Maranhão, depois de haver passado dez annos seguidos ahi nas terras confinantes e observando cuidadozamente as suas couzas.

---

* Em carta de 19 de Março de 1838 o Supremo Conselho do Brazil acuzou a recepção da carta da Companhia de 15 de Dezembro do anno anterior, recommendando o serventuario da igreja do Westwood (*den commys van westwou derkerk*) Gedeon Moris, que, tendo habitado por muito tempo no Maranhão e observado com attenção toda a sua situação, podia prestar ahi serviço. Nós o examinaremos sobretudo, diz o Conselho, e em tempo opportuno (que agora não é) d'elle nos serviremos; no entretanto o empregaremos aqui em outra couza.»

Com muito zelo e dezejo Johan Maxwell quer ter a honra de ser comigo empregado nó mesmo commettimento, e para isso offerecemos e aprezentamos a VV. SS. com toda a officiozidade as nossas pessoas e serviços. E querendo, podem VV. SS. (cazo recebam bem a proposta empreza) inqueril-o e interrogal-o attenta e circunstanciadamente a tal respeito.

As principaes mudanças occorridas nos referidos lugares me foram por elle declaradas verbalmente e eu tomei as seguintes notas, a saber:

Que, depois da minha partida, levantaram nas cercanias do Grão-Pará mais trez engenhos. *Ergo* esse lugar se tornou por isso mais notavel e proveitozo.

Que pelo mez de Novembro de 1637 chegaram do Maranhão oito Espanhoes da provincia de Quito do Perú, sendo dous padres, um mineiro ou afinador e cinco soldados. Essas oito pessoas vieram miraculozamente de Quito pelo rio do Amazonas e ao longo d'elle até o Maranhão, e são os primeiros descobridores ou melhor inventores d'essa passagem de Quito para ali.

Não me parece escuzado, antes julgo necessario fazer uma breve narração historica a este respeito, e espero, que a leitura da seguinte expozição não será desagradavel aos olhos e aos ouvidos de VV. SS.

Como o mineiro espanhol estava infermo em consequencia dos prolongados trabalhos que passara na viagem, foi-lhe recommendado, que se alojasse para tratar de sua saude na caza de Johan Maxwell no Maranhão, porquanto Maxwell, attento a sua experiencia tanto em medicina e cirurgia, como especialmente em farmacia, gozava ali de muito boa reputação, e era geralmente conhecido e estimado por todos. Alojado pois o mineiro em caza de Maxwell para curar-se, referio cordialmente a este a sua admiravel e aventuroza viagem de Quito pelo modo seguinte :

Fomos enviados pelo governador de Quito com cerca de quarenta homens a uma provincia, que fica a léste de Quito, para abrirmos certa mina de prata, a qual, não havia muito, tinha sido descoberta. Sendo nós chegados a esta nova mina, os moradores da mesma provincia fingiram,

que lhes era agradavel a nossa prezença, e nos deram todas as mostras de amizade até que viram ensejo de surprender-nos, e então com medonha grita e de todos os lados nos assaltaram e atacaram com tal furia e presteza, que não tivemos tempo para deliberar ou tomar dispozições conforme a occazião pedia. Puzemo-nos em desordem, cada qual procurou a sua salvação na fuga, e elles mataram todos os que não puderam fugir.

Nós oito, fugindo, tomamos por uma estreita vereda, e fomos ter a um pequeno rio, onde felizmente encontramos uma canôa, e n'ella nos mettemos e avançamos á força de remos até pormo-nos fóra do perigo do inimigo que tão duramente nos perseguia. Respiramos então um pouco e lamentamos a morte dos nossos amigos, que tinhamos por certo haverem sido cruelmente mortos.

As sombras da noite nos serviam de manto para nos occultarmos aos nossos inimigos, e posto já estivessemos muito fatigados, o medo não nos permittia descançar, e vivamente puzessemos em movimento as mãos e os braços para avançarmos.

Ao romper do dia chegámos a um rio bastante largo, cujas aguas desciam um tanto tezas. Vimos ahi varias correntes d'agua, as quaes todas vinham despejar n'aquelle grande rio, de modo que ficamos confuzos, sem saber que caminho tomar para melhor podermos voltar a Quito. Remando contra a corrente na direcção de oéste não podiamos avançar muito, por sermos inexperientes em tal officio e não estarmos bem apparelhados de remos, sendo os que tinhamos apenas acommodados a nossa necessidade e situação.

Vendo-nos pois em tal apuro, rezolvemos entre nós deixar que a corrente nos levasse e ver que sahida Deos nosso Senhor nos depararia *. Derivamos assim durante alguns dias, nutrindo-nos com o alimento que então podiamos haver, entre outros alguns frutos saborozos, sendo os rios piscozos o nosso armazem e maior consolo.

---

* « Dos religiosós legos llamados fray Domingo de Brieva y fray Andrés de Toledo com seis soldados en una embarcation pequeña se dexarom llevar de la corriente rio abajo.» Acuña, *Nuevo descubrimento del rio de las Amazonas.*

Afinal chegámos á vista de uma aldêa de indios. Estando nós sem viveres e postos em tal aperto, assentamos vêr si por supplica ou por donativo poderiamos obter algum mantimento. Quando alcançamos a dita aldêa, estavam numerozos indios na praia armados de arcos e setas; de medo quazi perdemos o animo e teriamos succumbido, si um dos padres (que sabia habilmente fingir ao modo dos jezuitas) não nos désse coragem. Pondo elle a nossa cauza nas mãos de Deos, tomou para servir de prezente a melhor vestimenta que tinhamos, saltou em terra, e lançou-se (segundo o modo da terra) aos pés d'aquelle que lhe pareceu ser o chefe; este o recebeu bem e repartio os viveres que tinha.

Os indios contemplavam os Espanhoes com admiração, e por signaes davam a entender que nunca tinham visto nem ouvido falar de taes homens brancos, e estavam em duvida sobre si esses estrangeiros eram ou não deoses.

O mineiro affirmava, que esses indios traziam pendentes das orelhas brincos ou arrecadas de ouro fino e de varias feições.

Sendo muito longa a narração de todas as circunstancias e particularidades d'essa aventuroza viagem, referirei sómente o que importa ao meu propozito.

Os oito Espanhoes, depois de alguns dias de demora, partiram dali, rio abaixo, sem saber que rio era nem onde iriam ter. Foram assim navegando com a corrente durante cêrca de dous mezes, e de passagem viram muitas aldêas e differentes nações, algumas das quaes os trataram bem e outras lhes tomaram as roupas.

Os campos que durante a viagem observaram eram mui ferteis e de aspecto aprazivel, como o de um paraizo terrestre; viram tambem numerozas ilhas, bem como rios e ribeiros, os quaes todos affluiam para aquelle grande rio e n'elle despejavam.

Pelo fim do segundo mez já se haviam adiantado tanto que encontraram a maré, e n'essa paragem descobriram e vizitaram dous montes, mui ricos de prata, segundo declarou o mineiro, dizendo que elle empenhava a sua cabeça em como os ditos montes eram abundantes de prata.

Sendo chegados mais abaixo, dous dias depois que d'esses montes partiram, encontraram uma nação de indios que nós chamamos *Tapajóes*, atiradores de setas hervadas. Esses indios, vendo os oito Espanhoes assim desprovidos de tudo e em estado de mal poderem cobrir a sua nudez, converteram a propria crueldade em compaixão e amizade, e communicaram aos fugitivos, que dentro de poucos dias chegariam a lugares onde haviam homens brancos, como elles eram; com o que os Espanhoes cobraram animo, e partindo dali, foram ter a uma aldêa chamada *Matrou*, onde encontrou Portuguezes.

D'esse lugar passaram-se ao Grão-Pará, e dahi foram levados ao Maranhão para irem ter com o governador, que os recebeu e tratou de modo muito amistozo, entretendo diariamente muitas relações de amizade com os dous padres e o mineiro.

E depois de ter o governador conferenciado e praticado com os dous padres pelo tempo de dous mezes ou mais, fizeram-se preparativos no Maranhão (para uma expedição) e assentou-se, que cincoenta dos primeiros burguezes partiriam em quarenta canôas para verificarem si era possivel seguir viagem do Maranhão até Quito e de lá voltar.

A expedição partio do Maranhão a 28 de Janeiro de 1638, com os oito Espanhoes que tinham vindo de Quito e um experimentado piloto portuguez para tomar as alturas e observar tudo o que necessario fosse para descobrir e assignalar o dito caminho *.

Pouco depois de nove mezes da partida da expedição chegaram dous mensageiros ou proprios *par poste* e a toda pressa com a dezejada e grata noticia de que o verdadeiro caminho estava achado e que elles tinham viajado sem grande trabalho pelo rio do Amazonas até Quito, onde

---

* Segundo a padre Acuña, a expedição partio do Pará « a los 28 de Outubre de 1637 años con 47 canôas de buen porte y en ellas 70 soldados portuguezes, 1.200 indios de boga y guerra, que com las mujeres y muchachos de servicio passarian todos de 2.000 pessonas ». N. D.

foram recebidos pelo governador, a quem traziam cartas do do Maranhão *.

Quanto ao modo por que elles descobriram e abriram essa memoravel passagem, nunca dantes achada, manteve-se muito em segredo, mas a grandissima alegria da burguezia do Maranhão revelava o segredo do cazo, bem como que os expedicionarios, de caminho, tinham encontrado couzas muito estranhas e notaveis. Os modos dos burguezes eram todos os dias prazenteiros, e este o seu estribilho: « Somos bastante ricos, podemos traficar com os de Quito, pois lhes venderemos o nosso panno de algodão por patacões ! »

Note-se, que os moradores do Maranhão e do Grão-Pará fazem todos os annos grande quantidade de panno de algodão, com que carregavam caravelas inteiras e as mandavam para as Indias Occidentaes.

O dito commercio com os moradores de Quito era tão dezejado e importante que o governador do Maranhão despachou immediatamente um navio (comquanto estivesse á carga) com cartas a S. M. o rei de Espanha, para communicar-lhe aquelle descobrimento e pedir licença para commerciar com Quito.

Indubitavel é, que esse commercio fará o Maranhão mui rico de dinheiro, como bem se póde conjecturar pelo exemplo do Rio da Prata.

O tempo dirá si elle será permittido; mas creio, que não dormirão sobre o cazo.

O que tenho em vista com a narração d'esse facto e de suas circunstancias é affirmar e fazer sentir, que na verdade existe uma passagem commoda pelo rio do Amazonas para Quito, e consequentemente de Quito para todas as provincias do Perú. E sendo assim, segue-se nacessariamente, que a conquista do Maranhão é um negocio da mais alta importancia e de mais subido interesse para a louvavel Companhia de VV. SS. Conquistado o Maranhão e as

---

* O padre Acuña não diz, que tivessem sido mandados esses mensageiros.

A viagem de ida durou cerca de um anno, e a de volta cerca de dez mezes, recolhendo-se a expedição ao Pará em 11 de Dezembro de 1639. N. D.

suas dependencias, com o favor de Deos, pela Companhia, VV. SS. terão não sómente obtido um bom porto, como terão achado uma entrada e em caminho commodo, por onde, com o andar do tempo, alcançarão até o coração de Quito.

Cumpre notar, que as fronteiras do lado de cá do Perú não se acham fortificadas, e assim por nenhum modo convém demorar o feito do Maranhão, mas pelo contrario realizal-o quanto antes, pois é de receiar que o rei de Espanha, tendo em attenção a passagem recentemente descoberta, faça brevemente guarnecer e fortificar bem o Maranhão; o que já se deprehende da terceira mudança ali occorrida, a saber, o governador do Maranhão, depois do descobrimento do dito caminho e por deliberação propria, assegurou e contornou com uma muralha de terra metade da cidade por traz, a qual antes estava em aberto.

A quarta mudança é, que, depois da minha partida, chegou ao Maranhão uma soffrivel leva de soldados com o novo governador Bento Maciel. Houve porém no Maranhão e no Grão-Pará uma grande mortalidade, que os enfraqueceu tanto quanto o referido socorro os tinha fortalecido.

Rezumidamente expostas, são estas as principaes mudanças ou alterações occorridas no Maranhão depois que de lá parti.

Vindo agora ao meu propozito, que é mover VV. SS. a tomar a peito o dito commettimento, devo responder a uma objecção, que VV. SS. poderiam com razão oppôr, isto é, si a conquista do Maranhão cobrirá as despezas a fazer com a execução da empreza, e que proveitos poderá a Companhia ali obter.

Sirvam de resposta as considerações, que faço sobre estes seguintes pontos, as quaes VV. SS. apreciarão, segundo o valor que tiverem:

1.° Que condições ou privilegios serão guardados aos Portuguezes por occazião da conquista?

2.° Qual a dispozição e fertilidade de todos esses lugares?

3.° Quaes os proveitos que de prezente se obtem ahi annualmente?

4.° Que proveitos se deve esperar dos mesmos lugares, quando VV. SS. os tiverem conquistado ?

Quanto ao 1.° ponto, são estas as condições ou previlegios, que os Portuguezes conservaram por occazião da conquista.

Podendo ser perfeitamente postos sob a obediencia de VV. SS., com o favor de Deos e 1.000 ou 1.200 homens, o Maranhão, o Grão-Pará e lugares vizinhos (os quaes todos estão sob o governo do Maranhão), não é razoavel, que aos Portuguezes d'aquellas regiões se concedam privilegios, izenções ou liberdades identicas ou similhantes ás que foram por VV. SS. concedidas aos Portuguezes de Pernambuco, notando-se que quazi tudo o que os do Maranhão uzurparam e possuem por violencia é esbulho ou preza tomada a nós e a outras nações amigas e alliadas nossas. Não sómente elles colheram o que nós semeamos, e arruinaram, ou se utilizaram dos nossos fortes e fortificações, sinão tambem violaram as suas promessas juradas perfidameute e contra todos os uzos da guerra, e além d'isso, cruelmente mataram e assasinaram mais de trezentas pessoas, cujos corpos sem cabeça foram lançados nos rios para servirem de pasto aos peixes. Essa barbaridade clama ainda vingança, e por esse respeito os Portuguezes do Maranhão não merecem, que se lhes conceda mais do que a vida, e os meios de vida, que é ainda tratal-os mui favoravelmente. Quanto á posse de todos os ditos lugares, por elles uzurpada, é justo, que seja convertida e applicada em proveito e vantagem de VV. SS.

2°. Com relação á commodidade ou fertilidade d'estas terras, refiro-me ao relatorio que já aprezentei, no qual tratei da situação e dispozição d'ellas, bem como ao que a tal respeito escreveu o Sr. Johan de Laet * na sua descripção do Brazil.

3° Quanto aos proveitos, que actualmente ali se obtem cada anno, consistem nos seguintes artigos e mercadorias, que, alèm de outros, são os principaes frutos annualmente produzidos e obtidos n'aquellas terras:

---

* Refere-se á *Historia do Novo Mundo ou Descripção das Indias Occidentaes* de João de Laet.

1°. mais de 1.500 caixas de assucar; 2°. mais de 5.000 rolos de fumo (cada rolo peza duas arrobas), pela maior parte tão bom como o melhor fumo do Brazil; 3.° cerca de 100 fardos de algodão; 4.° mais de 100.000 varas de panno de algodão; 5.° grande quantidade de laranjas, *annoto* ou certa tinta vermelha assim chamada; 6.° uma boa quantidade de varias madeiras tanto para tinturaria como para construções.

Passo em silencio a abundancia de grãos, arroz, favas, farinha e outros frutos similhantes e o mais (que é tambem excellente) já mencionado no meu alludido relatorio.

Releva particularmente notar, que, quando se quizer levar a effeito a empreza, se deve guardar a quadra opportuna, de modo que se encontre a maior parte dos fructos acima mencionados, preparados e promptos e sejam logo embarcados, e assim facilmente tomados; o que, com o favor de Deos, não póde falhar.

4.° Para dar a conhecer claramente os proveitos e as vantagens, que se póde obter depois da conquista, devo mostrar primeiramente e de um modo breve o que se entende por Maranhão, e o que a conquista d'elle em si mesmo comprehende.

O Maranhão leva os seus limites ao rio do Amazonas, estendendo-se até uma certa aldêa chamada *Matrou*.

Segundo a conta dos Portuguezes, essa região comprehende 250 leguas de costa; em muitos lugares excede pela sua fertilidade os campos e as provincias de Pernambuco; é geralmente regada por innumeros rios piscozos e cercada de ferteis e bellissimas ilhas.

Aqui poderá alguem perguntar porque então não se fazem no Maranhão tantos assucares como em Pernambnco? A resposta é facil; ha 150 annos que Pernambuco é habitado e cultivado, ao passo que a cultura do Maranhão não conta mais de 40 annos.

No ambito d'essa região existem dous lugares, que tem o nome de cidade, a do Maranhão, que é a cidade capital e tão grande quanto a Parahiba, e a do Grão Pará, um pouco menor, menos edificada e povoada. Na mesma região contam-se cerca de 40 aldêas, que estão sob a sujeição dos Portuguezes, além d'aquellas que contra elles

fazem guerra. As herdades ou cazas de campo e plantações são innumeraveis, e não se póde fazer um calculo exacto a tal respeito; entre ellas contam-se oito engenhos, muitissimos cannaviaes e bellos terrenos com plantações de fumo.

Os moradores portuguezes, que occupam todo esse paiz, não excedem de 900 homens em estado de trazer armas, ou aptos para a defeza, e tem sob a sua sujeição cerca de 7.000 escravos e 14.000 indios livres, habitantes das ditas aldêas, os quaes por uma mesquinha retribuição prestar-se-iam a lavrar a terra para a cultura de todos os frutos que podem dar proveito.

Por ahi podem VV. SS. facilmente julgar dos grandes proveitos e vantagens, que depois da conquista esses lugares ferteis e populozos proporcionariam, e com o favor de Deos e 1.000 ou 1.200 homens, elles podem ser conquistados e postos sob a nossa obediencia, como já foi dito.

Convém tambem lembrar, que, feita a conquista, VV. SS. poderão guarnecer os referidos lugares com 500 ou 600 soldados, e assim somente á custa do soldo de tão pequena guarnição VV. SS. gozarão da plena posse e de todos os proveitos e rendas d'essas terras ricas com suas cidades, aldêas, engenhos, escravos e outros accessorios e dependencias.

E sobretudo deve-se notar, que VV. SS. não somente terão a posse e a propriedade d'essas terras, sinão tambem dominarão e possuirão todo o rio do Amazonas e as innumeraveis aldêas das nações indianas, que n'elle e nas suas cercanias habitam e dest'arte em poucos annos as nossas fronteiras se estenderão até os limites ou dentro dos limites da provincia de Quito, de que acima tratei; tanto mais quanto todas essas nações, que têem algum conhecimento dos Portuguezes (mesmo diminuto), se acham tomadas de odio mortal contra elles, e pelo contrario tem particular affecto e amizade para com a nossa nação, visto como anteriormente tratámos e praticámos com muitos d'elles de um modo affavel e amistozo, pois é notorio que a 16 annos (antes de serem destruidas colonias ou plantações nossas e de outras nações) trez ou quatro navios faziam annualmente excellentes viagens, explorando

somente o commercio das laranjas, do algodão e do fumo ali produzidos e obtidos.

Assim deve necessariamente seguir-se, que, depois da conquista, embarcaremos annualmente muito mais mercadorias do que os Portuguezes o fazem agora, por terem elles tantos inimigos. Affirmo eu ser fóra de duvida, que em poucos annos, e pelas cauzas já referidas, obteremos e embarcaremos de anno a anno mais do triplo do que os Portuguezes actualmente embarcam cada anno.

Por outro lado, não são desconhecidos a VV. SS. os proveitos e as vantagens que a Companhia tiraria dos colonos dezejosos de fundar e assentar ali colonias, principalmente dos amadores e aventureiros, tanto da Hollanda (provincia), da Zelandia, como de outros lugares, os quaes folgariam de estabelecer-se em tão dezejada situação, seguros de que as suas colonias não seriam mais (como outr'ora) perturbadas e destruidas pelos Portuguezes.

Passo em silencio o grande e notavel proveito, que VV. SS. poderão obter com o trafico dos escravos, porque já tratei particularmente d'este ponto no meu primeiro relatorio.

Tambem é certo, que ha toda a apparencia da existencia de minas de ouro e prata n'esses lugares descobertos, que, a não ser assim, devemos ter por falsas as asserções de tantas pessoas fidedignas, assim Portuguezes como Hollandezes. Si VV. SS. quizerem interrogar muitas pessoas que de lá vêem, verão, que unanimemente e como por uma só boca affirmarão, que na verdade lá existem minas de ouro e prata, principalmente minas de prata, de que eu mesmo tive varias vezes bôa amostra, vendo e tratando o mineral, como mais circunstanciadamente referi no relatorio por mim aprezentado, ao qual me reporto.

Dezejamos pois de coração, que se realize a empreza do Maranhão (e quanto mais cedo melhor), afim de que por factos se torne patente o que aqui reprezentamos simplesmente por palavras, tanto mais quanto a situação nol-o está indicando e a isso nos convida, quer por cauza da fraqueza e desordem do inimigo, quer pelo nosso poder e dispozição de gente e de navios.

Aqui poderão VV. SS. objectar-me, que, comquanto a empreza do Maranhão seja conveniente e deva ser effectuada quanto antes, todavia a situação da Companhia não permitte, que ella o faça agora, visto como tem de attender a outros negocios de maior importancia, de que a mesma Companhia depende.

A isto respondo, que, si VV. SS. querem empregar as forças de que prezentemente dispõem no sul (do Brazil), aquella empreza póde ser convenientemente executada sem impedimento ou prejuizo dest'outra, isto é, com alguns hiates ou navios ligeiros, quando as forças tiverem feito o seu dever e as suas provas no sul.

E si VV. SS. pretendem mandar as prezentes forças para o occidente (Indias Occidentaes), tambem podem ellas, de caminho, effectuar commodamente o dito commettimento, porquanto todos os navios que vão para o occidente devem passar por aquelles lugares.

Recommendamos pois outra vez este importante negocio a vossa attenção e consideração, não duvidando que vós, meus senhores da camara da Zelandia, tereis em tudo particular cuidado para a prompta realização da empreza, pois que *ella particularmente interessa a vossa Companhia e mais de perto lhe toca do que a qualquer outra camara, por pertencer e estar sob o departamento da Zelandia (segundo me consta) a maior parte dos ditos lugares, e principalmente o rio do Amazonas, de sorte que o melhor dos frutos vindos de lá será trazido para a Zelandia; o que certamente provocará um grande commercio aqui no paiz e concorrerá para augmentar o seu florescimento* *; e firmemente confiamos, que o Senhor (pois esta empreza serve á propagação do seu santo Evangelho e reverte em honra sua) a levará ao termo feliz e dezejado; o que de todo o coração pedimos.

Recommendando VV. SS., nossos amos, á protecção do Altissimo, e offerecendo nossos serviços n'esta e em

---

* Na margem do trexo sublinhado lê-se a seguinte nota: «as palavras sublinhadas devem ser supprimidas na copia.»

Os directores da camara da Zelandia acharam indiscreta ou inconveniente a reflexão do autor do relatorio.

outras occaziões, em que VV. SS. nos queiram dar as suas ordens, ficamos sendo, emquanto vivermos, de VV. SS. fieis e submissos servidores. *Gedeon Morris. John Maxwell.*

Flessinga 3 de Fevereiro de 1640. » *

III

Abrimos aqui um parenthesis para dar noticia da occupação do Ceará, segundo documentos officiaes de origem hollandeza.

Em carta de 25 de Agosto de 1637 o Conselho Supremo do Brazil escreveu aos directores da Companhia das Indias Occidentaes :

«Chegaram aqui, ha algum tempo, dous indios do Ceará, ** cujo bando em numero de cerca de quarenta pessoas ficára no Rio-Grande. Declararam ter sido pelos seus enviados para pedirmos, que tentassemos um emprehendimento, pois elles queriam entregar-nos o castello do Ceará, ajudar-nos a expellir os Portuguezes e fazer-nos senhores d'aquella região ; e para mais nos animar, disseram, que havia n'aquellas cercanias bellas salinas, que podiam dar muito sal, bem como se encontrariam tambem muito ambar e algodão. Estavamos bem dispostos a tentar o commettimento; mas como todos os nossos navios se achavam no mar diante da Bahia, e ainda não estava finda a nossa expedição a Mina, pelo que então a occazião não era opportuna, nem o foi desde então, contentamos os indios (com prezentes) e dissemos, que voltassem a reunir-se com os seus no Rio-Grande, promettendo-lhes que, apenas nos pudessemos preparar, enviariamos uma frota ao Ceará ; e assim partiram. Entretanto aguardaremos uma occazião opportuna para de passagem apoderarmo-nos

---

* Extrahido do registro da Companhia das Indias Occidentaes. n. 258, 1637—1643; real archivo de Haya.

** Os Hollandezes escreviam *Syara.*

d'esse lugar e assim repellir os Portuguezes para mais longe das nossas fronteiras. »

Essa occazião não se fez esperar muito, e em carta de 17 de Novembro do mesmo anno de 1637 o Conselho Supremo communicou o seguinte:

«Em nossa carta anterior avizámos a VV. SS., que um bando de indios do Ceará aqui viera ter para pedir alliança comnosco e nos mover a expedir tropa que tomasse o castello e vencesse os Portuguezes, e assim fazermo-nos senhores d'aquella capitania, promettendo elles o auxilio e assistencia de todos os indios, que habitam no Ceará e nas suas vizinhanças.

Por muito tempo os detivemos com boas palavras, esperando occazião opportuna, mas como elles continuaram a insistir, e finalmente pediram, que rezolvessemos, pois queriam voltar para a sua terra, examinámos mais attentamente a importancia e a exequibilidade da empreza, e achamos, que podia ser effectuada com uma pequena força, cuja auzencia não nos enfraqueceria aqui, bem como não nos pareceu conveniente despedir esses indios mallogrados no seu intento e portanto descontentes. Assim rezolvemos mandar ao Ceará os hiates *Brack* e *Camphaen* com 126 soldados sob o commando do major George Gartsman. Fizeram-se daqui a vela em 14 de Outubro. Queira o Senhor Deos conceder-lhes a sua protecção! Aguardamos todos os dias a noticia dos acontecimentos, a qual não póde tardar muito. » *

---

* Os *Dagelykshe Notulen*, actas ou registro diario das rezoluções do Conselho Supremo do Brazil e dos principaes acontecimentos da colonia, contém o seguinte sobre o mesmo assumpto:

«Tendo, ha algum tempo, chegado ao Rio-Grande uma partida de indios do Ceará, enviaram dahi primeiramente deputados á S. Ex. e aos altos conselheiros para saudar-nos e offerecer o seu auxilio, e pedir que nós os livrassemos dos Portuguezes que occupam o forte do Ceará, depois veio todo o bando com o seu chefe e renovou instantemente o mesmo pedido, reprezentando-nos que a empreza poderia ser effectuada com pouca gente, e os lucros de ambar-gris, algodão, tintas, etc., a obter no Ceará, compensavam as despezas, e cazo aos nossos negocios não conviesse expedir tropa para lá, pediam que os provessemos de todas as armas de mão, polvora e chumbo, pois queriam entregar-nos o forte.

Por então não se achou conveniente expedir tropa, nem tam pouco despédir os indios sem contental-os; foram detidos durante certo tempo

A carta de 13 de Janeiro de 1638 dá noticia do exito feliz da expedição:

« Escrevemos na nossa carta anterior à respeito da expedição do Ceará; Deos fez a graça de abençoal-a. Tendo os nossos sarpado a 22 de Outubro do Rio-Grande, ancoraram a 25 na bahia de *Marcoripe* (Mucuripe), e na tarde d'esse mesmo dia começaram a desembarcar, mas como os botes viraram com a arrebentação do mar, tiveram de adiar o desembarque para o dia seguinte, em que todos effectivamente desembarcaram e seguiram para o Ceará com os indios sob o mando do seu rei Algodão, que á noite viera ter com os nossos. Ali chegaram pelas quatro da tarde e primeiramente atacaram algumas cazas situadas sobre uma collina junto da cidadezinha de... *

---

com promessas, até que ultimamente tornaram a insistir, e como as nossas couzas o permittissem, rezolvemos tentar um commettimento contra o castello do Ceará para d'elle nos apoderarmós.

Foi pois rezolvido empregarmos n'esta empreza a seguinte força de soldados e officiaes:

Da companhia do capitão Hous com officiaes....	35	homens
» » » major Bayer..................	14	
» » Bylart..........................	13	
» » Jan Ernst.	14	
Ao passar no Rio Grande tomariam............	50	
Soldados..........................	126	

Essa tropa, com os viveres e munições necessarios e préviamente ordenadas embarcaram com destino ao Ceará, nos hiates *Camphaen*, capitão Claes Arentz Langmau, e *Brack*, capitão Teunis Janaz, tripolados ao todo por 58 marinheiros. Embarcaram tambem nos mesmos hiates 25 indios do Ceará.

O commando superior da tropa e a direcção e execução do feito foram confiados ao major George Gartsman; annexou-se-lhe o capitão Hous. O tenente Ham teve tambem ordem de seguir, para, depois do bom exito da empreza (Deos o permitta), lá ficar de guarnição com 30 ou 40 homens e commandal-os. O commando dos hiates e marinheiros foi dado ao capitão Langman. Rezolveu-se prover a tropa com os seguintes viveres...

S. Ex. e os altos conselheiros deram ao major Gartsman, aos capitães dos hiates e ao tenente van Ham as respectivas instrucções por onde têm de regular-se, e cujas cópias constam do registro.

Com essas provizões e providencias sobre tudo dadas, os hiates se fizeram á vela a 14 de Outubro. O Senhor Deos seja servido guial-os.

Esta expozição não foi lançada *in actis* a tempo, e antes de decorrer um ou dous dias da partida dos hiates, para melhor guardar-se o segredo da expedição.»

* A lacuna é do texto.

de onde podiam descobrir o forte, viram, que este era quadrado, sem flancos especiaes, tendo duas torres nos dous angulos, e o atacaram por dous lados. A muralha do forte era de pedras soltas sobre postas sem cal, da altura de homem e meio ou dous homens, e foi immediatamente assaltada pelos nossos soldados. Apezar de alguma rezistencia opposta pela guarnição do forte, os nossos o tomaram, ficando alguns mortos do inimigo e da nossa gente poucos feridos.

A guarnição inimiga compunha-se de 33 homens, que os indios, já rendido o forte, queriam matar, tomando-os aos nossos soldados e officiaes, e foi necessario empregar a força para salval-os.

Acharam-se no forte quatro peças de ferro de quatro libras e uma de duas libras, com alguma polvora e munições. Ficou ahi de guarnição o tenente van Ham, com 45 soldados.

O major Gartsman, com uma parte dos soldados e indios e alguns prizioneiros (entre elles o governador e o sargento-mór) veio para cá por terra, vizitando de caminho diversos sitios onde se dizia existirem salinas, e achou lugares apropriados, mas que devem ser fechados, porque com a maré ficam inundados. Em alguns achou tambem sal, mas como a quadra era de maré viva, estavam debaixo d'agua.

O capitão Hous embarcou com o resto da tropa e dos prizioneiros nos dous hiates, um dos quaes, o hiate em que elle se achava, chegou aqui a salvo, mas teve de atravessar a linha, subindo até a altura de 25° antes de poder regressar.

O tenente van Ham teve ordem de informar-se mais circunstanciadamente, e veremos o que a experiencia nos poderá mostrar, pois, a não ser assim, não sabemos de que proveito esse lugar nos será. E' certo, que ali se acha ambar, mas por isso não vale a pena manter uma guarnição no Ceará, si abaixo d'elle não se encontrassem salinas.

Tomado, como se acha, o Ceará, o inimigo ou os Portuguezes não occupam nenhum uutro lugar até o Maranhão.

Ha ali varias aldêas de Tupis (*Brasilianen*) e Tapuias, aos quaes na primeira opportunidade enviaremos faquinhas de ferro, tezourinhas, espelhinhos, coraes, etc., a ver si podemos obter alguns bons artigos e ambar gris.» *

As informações prestadas trez mezes depois pelo tenente van Ham na seguinte carta eram pouco favoraveis e confirmaram o fraco conceito que o Supremo Conselho formava a respeito do Ceará:

«Bem nascido conde e graciozo senhor.

O major Gartsman, que partiu daqui a 11 de Novembro do anno passado, ha de ter, sem duvida, prestado minuciozas informações a V. Ex. a respeito da situação d'este forte, d'esta terra e de seus habitantes. Depois que elle partiu, tenho tambem procedido a indagações sobre o

---

* Os *Notulen* consignam as seguintes noticias sóbre a tomada e a occupação do forte do Ceará.

«26 de Dezembro de 1637.— Cartas do major Gartsman, em data de 15 de Dezembro e enviadas do Potosi, capitania do Rio-Grande, communicam, que elle chegou a 25 de Outubro na bahia *Macoripa* que fica tres leguas ao sul do Ceará. Immediatamente enviou trez indios ao chefe chamado Algodão para informal-o de sua vinda, e na seguinte noite Algodão veio ter com elle. Dali partio a 25, marchando ao longo da praia para o Ceará e levando comsigo uma das pequenas peças. Sendo os nossos chegados perto do forte, os Portuguezes oppuzeram certa rezistencia com os seus canhões e mosquetes, mas os nossos, notando que a fortificação nada tinha de particular, a atacaram e d'ella se apossaram. Gartsman partio dahi em... Novembro com 33 ou 34 soldados, 50 indios e 18 prizioneiros para o Rio-Grande, e o capitão Hous com o resto da gente embarcou no mesmo dia nos dous hiates e se fez á vela para voltar ao Recife. Deos seja louvado pelo bom exito da empreza!»

« 30 de Dezembro de 1637.—Compareceu (perante o Conselho) o major Gartsman, que veio da conquista do Ceará. Referio á que fez-se á vela do Rio-Grande a 22 de Outubro e a 25 chegou ao porto *Macoripa* sito trez leguas a léste do Ceará. Os indios aprezentaram-se na praia com bandeirinhas brancas, e os nossos começaram a desembarcar, mas como o mar rebentava com muita força, foram ao fundo os dou botes e só saltaram em terra n'essa tarde nove pessoas, ás quaes se reunio á noite o rei Algodão com 200 indios. A 26 a nossa tropa, então em numero de 400 homens, marchou para o Ceará, e ás 4 da tarde chegou ahi ou ao forte chamado S. Bastian (S. Sebastião).

A guarnição inimiga defendeu-se pelo melhor modo, mas os nossos tomaram o forte de assalto, pois não era mais do que um muro quadrado de pedras empilhadas sem cal com cerca de 10 pés de altura. Do inimigo morreram dous e foram feridos oito; eram ao todo 33 homens. Os indios queriam matar a todos, e não foi facil impedir que o fizessem. Os nossos tiveram sómente cinco homens feridos.»

mesmo assumpto, tanto quanto me era possivel, e outra couza não posso infromar a V. Ex. sinão que a terra é arenoza e de ruim montanha, impropria para o plantio da canna de assucar e levantamento de engenhos, não tem madeira nem outras couzas que dêem proveito.

Tambem não existem absolutamente salinas. Ha, é certo, alguns lugares no interior onde se acha sal, mas de pessima qualidade, bem como outros junto da praia, que não produzem sal bastante para um carregamento. Quanto ao ambar-gris, os indios foram muito exagerados nas declarações, que fizeram a V. Ex. e aos altos conselheiros; não tenho visto até agora mais do que quatro pedacinhos com o pezo de cerca de trez onças, que me trouxe o principal da aldêa pequena, chamado Koyaba.

Tenho tratado os indios daqui o melhor que posso, dando-lhes comida, bebida e toda a sorte de prezentes, para que elles, tanto quanto é possivel e mais diligentemente, percorram as praias á procura do ambar; mas voltam sempre pretestando nada ter achado.

Os habitantes têm duas aldêas, uma grande e uma pequena. Uma d'ellas está a duas horas de viagem daqui e a outra a quatro, cada uma tem o seu principal; o da aldêa grande chama-se Diogo Algedor, o da pequena Koyaba.

A 10 de Janeiro elles festejaram o seu *Arele Tijisado* (?) junto a uma grande lagôa, que é muito piscoza.

Celebram todos os annos essa festa, a que todos devem assistir. Fui convidado, e chegando ahi encontrei reunidos mais de 2.500 indios, entre pequenos e adultos, homens e mulheres, além dos velhos que ja não podem andar.

D'esses indios a terça parte não habita nas aldêas, mas em varios lugares, onde têem as suas roças ou plantações de mandioca. E' uma turba de gente moça, selvagem e impia; os homens têm duas ou trez mulheres, nada fazem sinão comer e beber, durante todo o correr do anno ingerem toda a sorte de bebidas, com que costumam embebedar-se, isto é, vinho de cajú, e tambem de batata e de milho.

Alguns têm roças, mas os mais d'elles procuram o alimento nos matos.

Não posso obter d'esses indios o minimo serviço ou auxilio sem pagar.

Dizem, que nada absolutamente fizeram para os Portuguezes e muito menos hão de fazer alguma couza para nós, porquanto a terra lhes pertence. Tenho por certo, que elles acham muito ambar-gris; mas levam-o para o Rio-Grande e outros lugares, pois andam todos os dias a correr acima e abaixo sem sciencia minha.

Não são poucos os indios, que aqui chegam da Parahiba e do Rio-Grande e fazem esta viagem para levarem o ambar-gris; conviria, que V. Ex. mandasse para cá alguns indios antigos das aldêas da Parahiba e do Rio-Grande, que cohecessem a sua gente passada e reenviassem todos esses adventicios.

Póde-se levar dos indios daqui uns cem ou trezentos para reforçarem as aldêas do Rio-Grande.

Tambem não seria máo (si V. Ex. o approvar), que se ponha em cada aldêa um capitão da nossa nação ou que eu seja autorizado a escolher uma pessoa para isto capaz. Poder-se-ia assim ter melhor inspecção sobre tudo, fazer voltar um ou outro indio que viesse em correria do Rio-Grande ou outros lugares e trazer os indios daqui sob melhor direcção, afim de percorrerem as praias. *

Além de ditos indios, habitam aqui duas sortes de Tapuias, que são amigos nossos. O principal chamado Kitayo mora a sete horas de viagem do forte; tem uma grande aldêa que se compôe de bonitas xoupanas. O outro principal, que se chama Jercheria, veio, ha poucos dias, habitar aqui com toda a sua gente, e até o prezente tem-se conservado na aldêa grande junto de Algodão; mas querem fazer tambem uma aldêa n'esta terra.

E' gente de quem pouco ou nenhum proveito se póde esperar; nada sabem fazer, a não ser correr pelos matos á procura do alimento. Vêm vizitar-me todas as semanas, ficam um ou dous dias a comer e a beber, e retiram-se, declarando que querem estar sob a obediencia da

---

* *Brasilianen* é a denominação com que os Hollandezes designavam em geral os Tupis.

Companhia e de V. Ex., e a bel-prazer deixar-se empregar em seu serviço.

Depois da tomada d'este forte, o major Gartsman, tendo ouvido dizer que alguns outros indios habitavam mais para o oéste, cerca de trinta leguas daqui, em um lugar chamado *Juriquagua*, e que eram amigos nossos, enviou para lá alguns indios afim de saber si esses taes queriam entreter amizade com a Companhia e com V. Ex., mas não pôde esperar a resposta, porque os enviados demoraram-se muito.

Depois da partida do major, chegaram aqui a 19 de Dezembro dous principaes, um chamado Tiogo Demerethie e outro Filipe Amiassú com 150 indios, bem como dous principaes dos Tapuias chamados Itbeapebuca e Watickene com 70 Tapuios, os quaes passaram aqui dez dias e offereceram os seus serviços á Companhia e a V. Ex., e dezejam estar sob a sujeição e obediencia de V. Ex. no que os quizer empregar.

Dão a entender, que nas cercanias de sua habitação ha abundancia de madeira, de que provavelmente V. Ex. ha de ter recebido uma amostra pelo major Gartsman, e dizem mais, que outr'ora os Francezes com isso carregavam navios inteiros.

Quanto ao gado que aqui existe, fiz o possivel para reunir 221 cabeças. Segundo dizem os Portuguezes, deviam ser 227; mas o major Gartsman mandou matar algumas e os indios mataram outras. Reparti o gado por trez curraes, e puz em cada um d'elles um indio para servir de guarda. Actualmente ha 250 cabeças, contadas as rezes e as crias, e augmentam diariamente.

Depois da partida do major Gartsman, fiz cercar o forte com palissadas. As baterias são más e não podem ser remediadas por falta de carrinhos de mão.

Toda a gente que aqui está goza ainda saude, excepto dous homens que se acham muito fracos. Falta-nos um cirurgião. O commandeur Verdoes tinha dous no Rio-Grande, mas não os quiz deixar vir.

Envio a V. Ex. a relação e distribuição (dos viveres) do nosso armazem.

Encarreguei a um *conducteur* de dar a ração á tropa, conforme a ordem deixada pelo major Gartsman.

Quazi todos os barris de carne trazidos pelos capitães de navio estavam sómente cheios até a metade, como toda a gente póde testimunhar.

A rede de pescar, que nos foi dada pelos senhores altos conselheiros, não valeu nada, como o major Gartsman bem viu. Os soldados não puderam servir-se d'ella durante quatorze dias, pois apodreceu completamente; com o que augmentou o encargo de nosso armazem.

Estamos ainda soffrivelmente providos de polvora e chumbo, mas a mexa não tardará a faltar-nos, pois o major Gartsman não nos deixou mais de 400 libras, e não tenho pasta (?) para fazer uma só mexa brazileira (*eem saaem brasiliche lont*).

Si aprouver a V. Ex., que aqui nos demoremos, o armazem não nos poderá alimentar por muito tempo. Aguardo as ordens de V. Ex., pois não posso contentar os soldados com a ração ordenada; procuram forçar-me a matar gado, e até vão aos curraes e a tiro deitam por terra as rezes.

Peço, que V. Ex. queira enviar-me uma ordem expressa, por onde eu me tenha de regular no dar a ração e com relação ao gado.

A farinha tambem breve faltará, porque todas as semanas tenho necessidade de 12 alqueires e em 23 semanas consumiram-se 300 alqueires.

Convém pois fazer quanto antes novas roças e plantações de mandioca, as quaes só podem ser feitas pelos indios, visto como os soldados nenhuma intelligencia tem d'esse mister.

Anteriormente os Portuguezes tinham 12 indios especialmente incumbidos do mesmo serviço e para isso os pagavam; e si eu os quizer empregar, deverei tambem pagal-os.

Peço pois, que V. Ex. se digne de enviar-me panno para o pagamento d'esses indios, e necessarias são, pelo menos, 300 varas, porque elles pedem mensalmente trez varas.

Poderei assim pagar tambem os que guardam os curraes, aos quaes tanto prometti; elles insistem diariamente pelo seu pagamento, e faltando este, não os poderei por mais tempo conservar no serviço.

Tenho tambem necessidade de ferro e de machados para abater o mato (e preparar o terreno) para plantações. Aos soldados é muito penozo o preparo da farinha, porque não têm uma roda; a que havia aqui os indios fizeram em pedaços para tirar o cobre. Quebrei o meu proprio caldeirão, e d'elle fiz um ralador, que, a não ser assim, teriamos de comer as raizes inteiras.

Rogo pois, que V. Ex. me proveja de uma roda ou cobre, visto como o ralador arruinou-se.

Os soldados pedem humildemente a attenção de V. Ex. para a roupa; os mais d'elles têm estado desde muito no exercito, e andam quazi nús.

Depois que aqui estamos tem passado varias vezes navios perto de terra para o Maranhão. No dia 1 de Novembro passou um, a 6 de Dezembro dous, e a 17 de Janeiro dous, que estiveram fundeados cerca de trez horas de viagem daqui. Mandei immediatamente um sargento com dez soldados e quarenta indios para lá, mas, quando chegaram, viram, que tinham levantado ancoras e partido. Si eu dispuzesse de um bote havia de tel-o guarnecido como me fosse possivel.

Como disponho de pouca gente peço, que estes soldados (portadores da carta) voltem na primeira opportunidade, pois já dei dous dos meus commandados ao major Gartsman para verem um certo passo, e segundo me consta, o capitão Verdoes os reteve e não os quer deixar voltar. Dei a um d'elles um arcabuz novo de armazem. Chama-se Andries Braner, é da companhia do major Bayer; o outro chama-se Jan Poulusen, é da companhia do capitão Verdoes, V. Ex. queira sobre isto rezolver como entender melhor.

Actum no forte de S. Sebastião do Ceará a 19 de Abril de 1638. Hendrick van Ham.»

Dous mezes depois o tenente van Ham escrevia de novo ao Supremo Conselho do Brazil, fazendo sentir a inutilidade da occupação do Ceará.

« A' 8 do corrente, diz o Conselho em carta aos directores da Companhia de 29 de Junho de 1638, chegaram do Ceará cartas do tenente Jan (aliás Hendrick) van Ham, que ali tem o commando, mostrando que a Companhia nenhum proveito tem a esperar do Ceará, e pedindo para ser retirado com a sua guarnição. Adiámos a solução d'este negocio até recebermos ordens de VV. SS., que aqui esperamos. Enviamos pois a VV. SS. cópia da carta do tenente van Ham àfim de verem o que elle escreveu e sobre isso mandarem-nos VV. SS. a sua rezolução.»

Na collecção dos documentos que temos sob a vista, não encontrámos a segunda carta do tenente van Ham, nem a resposta dos directores da Companhia á consulta do Supremo Conselho do Brazil sobre o abandono da capitania do Ceará.

Certo é porém, que o tenente van Ham conservou o commando da guarnição do Ceará ainda durante mais de um anno, e foi substituido por Gedeon Morris, que para este fim partio do Recife a 23 de Novembro de 1640.

Em carta de 10 de Janeiro de 1641 o Supremo Conselho communicou aos directores a partida de Gedeon Morris n'estes termos:

« A 23 do dito mez de Novembro partiu daqui Gedeon Morris na galeota *Fuymsluyper* para estacionar no Ceará como *commandeur*.

Desde muito a guarnição do Ceará e o tenente van Ham, que a commandava, nos tinham pedido para serem dispensados, porquanto ali estavam desde a conquista d'aquella capitania, e como esse Gedeon Morris (que nos fôra summamente recommendado pela camara da Zelandia em attenção á reprezentação por elle aprezentada á respeito da situação do Maranhão e do Grão-Pará, onde elle assistira por muito tempo) offerecia-se para o dito commando, e pelo seu bom comportamento e pelas suas boas qualidades o merecia, confiamos-lhe o cargo com vencimentos de tenente.

Acreditamos, que elle prestará ali mui bons serviços á Companhia, e si VV. SS. tentarem um dia algum commettimento contra o Maranhão e as regiões confinantes, podem esperar d'esse individuo optimos serviços por cauza

de sua experiencia e conhecimento das linguas. Agora elle tenciona descobrir a costa ulterior do Ceará até o cabo Piriá e entrar em communicação com os indios d'essas regiões.»

Gedeon Morris correspondeu a essa espectativa, descobrindo as salinas do rio Upanema (Mossoró).

IV

O tenente van Ham, substituido no commando da guarnição do Ceará por Gedeon Morris, recolheu-se ao Recife, e foi portador de uma carta do seu successor com data do 1° de Janeiro de 1641, em que elle annunciava a existencia das salinas do rio Upanema.

Do conteúdo d'essa carta temos apenas noticia pelos *Bagelyksche Notulen*; mas possuimos a segunda que Gedeon Morris dirigio ao Conselho Supremo, dando conta de sua viagem áquelle rio. E' a seguinte:

«14 de Fevereiro de 1641, rio Janduwassou.

Laus Deo. Saúdo e dezejo felicidade a V. Ex. e aos nobres senhores (membros do Conselho).

Confio, que a minha ultima do 1° de Janeiro, de que foi portador o *commandeur* Hendrick van Ham, já tenha chegado ao seu destino.

N'ella tratei do que se passou e da minha rezolução de ir observar a situação das salinas do rio *Iwypanim* e de outros lugares.

Isto fiz com toda a diligencia, e Deos seja louvado por as ter achado taes que admira-me já não se houvesse feito maior diligencia para examinal-as, porquanto é de V. Ex. e de VV. SS. bem conhecida a importancia da navegação do sal, negocio este que em summo gráo interessa á patria e á Companhia, sendo para dezejar que os navios de Pernambuco, que devem seguir vazios para as Indias Occidentaes e para a França afim de receberem carregamento de sal, vindo aqui, o pudessem tomar.

A Companhia ganharia milhares no afretamento de navios, e além d'isto que grande proveito não tiraria dahi?

Que grande damno não cauzaria aos nossos generaes inimigos, si o sal d'elles (pois o sal é uma das principaes minas de Espanha e de Portugal) não tivesse mais consumo, e os nossos navios evitassem os milhares de perigos provenientes dos Turcos a que se expõem para buscal-o?

Tudo isto é melhor conhecido de V. Ex. e de VV. SS. do que de mim; mas essas considerações actuaram em mim com tanta força, que com o favor de Deos formei o proposito de não dar descanso aos meus membros antes de ter levado, no todo ou em parte, este negocio á perfeição, si V. Ex. e VV. SS. me quizerem conservar, pois, tendo eu anteriormente reprezentado á camara da Zelandia e aqui a V. Ex. e a VV. SS. sobre a utilidade da conquista do Maranhão, nunca pude obter satisfação; o que attribuo sómente aos penozos trabalhos, que têm sobrevindo e que por diversas vezes o têm impedido.

Como porém a execução da empreza requer pouca couza, confio, que V. Ex. e VV. SS. a tomarão a peito, e passo a referir em termos breves como achei, depois da minha partida do Ceará, a situação das salinas do rio Ywipanim e de outros lugares.

Tendo partido do Ceará para ahi a 4 de Janeiro, encontrei ventos tão favoraveis ao longo da costa que em oito dias cheguei ao rio, comquanto n'esse espaço de tempo estivesse parado durante trez dias por impedimento occorrido entre nós.

Tendo chegado ao dito rio, e depois de dous dias de indagações, tomei o verdadeiro braço, que me levou ás salinas, de que anteriormente tinha tido noticia, como communiquei a V. Ex. e a VV. SS. na minha descripção do Ceará.

O rio *Ywipanim* demora cêrca de 50 leguas a léste do Ceará e cêrca de 60 a oéste do Rio-Grande. A salina fica no braço occidental do rio, couza de 3 $^1/_2$ leguas da foz e a trez quartos de legua da margem, de sorte que os barcos e os botes que vierem tomar sal poderão approximar-se até trez quartos de legua da salina.

Esta tem de extensão a distancia que eu pude percorrer em meia hora, e de largura um tiro de mosquete, aprezentando-se o sal tão branco como a neve e em alguns

lugares com a espessura de 1, 2 e 3 dedos; pelo que calculei, que vinte navios não poderiam carregar todo o sal ahi existente.

Aquelle bello espectaculo satisfez os meus fatigados sentidos, mas não completamente, porque o sal fica muito longe do rio e è incommodo embarcal-o. Pensei então si não approuveria a Deos, que eu descobrisse n'essa região uma salina melhor situada do que aquella, e caminhando assim cêrca de uma hora para o occidente ao longo da margem da campina (*Campine*), vi tudo branco diante de mim, justamente como si tivesse nevado. Segui para ahi, e encontrei uma optima salina com a extensão de quazi uma legua (que percorri caminhando sobre o sal), e tendo de largura seguramente a oitava parte de uma legua. Em alguns lugares o sal tem a espessura de um, dous ou trez dedos e no circuito de um quarto de legua a grossura de uma mão; pelo que supponho, que 50 navios não poderão carregar o sal que vi n'essa salina; e o que mais é, esse sal é tão bello que excede o de S. Fouvris. * Pelo portador d'esta envio a V. Ex. e a VV. SS. uma amostra do sal d'essa salina e tambem de uma outra pequena.

Descoberta essa excellente salina, segui para o rio afim de vêr quanto d'elle dista, e verifiquei, que dista apenas uma meia hora de marcha, e que com poucas despezas poder-se-ia fazer um canal até a salina, porquanto em razão de ser a terra baixa, toda a maré viva cobre com um ou dous pés d'agua a planicie, que fica entre a salina e o rio.

Tendo assim achado a dita salina, parti immediatamente para a foz do rio afim de sondal-o, e não só o sondei, como o assignalei com pequenas balizas, de sorte que, com o favor de Deos e uma maré viva, eu ouzaria mettter pela barra um navio que não demandasse menos de 15 pés d'agua. E no rio ha agua bastante para subir por elle até legua e meia de salina, onde o navio receberia a carga em poucos dias com o auxilio de uma galeota ou barco (que demandasse sómente dez pés d'agua) e do seu bote.

---

* Talvez *St. Ubes*

Para V. Ex. e VV. SS. melhor apreciarem a dispozição do rio e da salina, eu os dezenhei, conforme pude, no pequeno mappa junto; e para mais propriamenteinformar a vossas nobrezas sobre o que puderam fazer fundamento, abalanço-me a dizer, com o favor de Deos, que um navio poderá carregar em 14 dias, uma vez que V. Ex. e VV. SS. mantenham aqui constantemente uma galeota com dez homens experientes e despendam 200 florins no carregamento de cada navïo com o pagamento dos indios, que se empregarem no transporte do sal da salina para a galeota.

Para maior segurança verifiquei, que um indio póde em um dia levar cinco alqueires de sal da salina para a galeota; portanto cem indios podem em um dia pôr a bordo 500 alqueires de sal; o que corresponde, segundo supponho, a 10 lastos, e por ahi V. Ex. e VV. SS. podem calcular em quão poucos dias um navio carregará na referida salina.

Releva especialmente notar, que em todo o mundo não se póde encontrar um rio mais proprio para fazerem-se salinas, havendo lugares onde os navios podem atracar e levar as suas pranchas (*stellingen*) até a salina mesma, e isso não só por cauza da tranquilidade (das aguas) na margem do rio, como porque o mesmo rio tem, de todos os lados, bellas varzeas de sólo plano e argilozo e de duas, trez e quatro leguas de extensão, que as marés vivas cobrem com um ou dous pés d'agua. Essas planicies são por natureza tão inclinadas á producção do sal, que vi em diversos lugares, onde havia apenas alguns pequenos poços razos, a agua em repouzo congelar-se em sal, e até nas pègadas deixadas por pessoas que por ahi andaram; de sorte que no espaço de poucos annos, emquanto se levar o sal já feito nas salinas para bordo dos navios, poder-se-á fazer outras junto ao rio, por existirem ahi lugares tão capazes, como fica dito.

Tambem esse rio se recommenda pelas suas boas pescas: com uma rêde podem alimentar-se constantemente de peixe fresco cem pessoas; e n'elle abundam os porcos selvagens, os veados e as avestruzes; o que será um grande supprimento para a alimentação dos que se empregarem no trabalho das salinas.

Exposta assim a situação e as boas qualidades do rio Ywypanim, devo tambem fazer conhecido de V. Ex. e de VV. SS. o que o mesmo rio tem de máo. O seu defeito não passa de um unico, a saber: não ha nas cercanias do rio e até a distancia de quatro ou cinco leguas agua doce; pelo que é necessario manter ahi um bote grande sómente, e para prover d'agua ás pessoas que trabalharem no sal. Espero porém, que esse inconveniente no decurso do tempo será remedeado, cavando-se ou descobrindo-se poços capazes.

Isto é, rezumidamente, o que tinha a dizer sobre as salinas e a situação do Ywypanim.

Segue-se a situação da salina do rio Meiritupe. Comquanto seja grande e boa e vinte navios não possam transportar o sal que rende annualmente, está situada muito para o interior, de modo que não se póde contar com ella.

A salina do rio Wararocury está situada cêrca de cinco leguas rio acima e no braço mais occidental d'elle; tem apenas um tiro de mosquete de comprimento e oitenta pés de largura; mas é muito boa e copioza de sal, e póde dar carga annualmente para alguns navios.

Poucos dias antes da minha vinda, o sal ahi existente tinha bem dous pés de grossura, mas como havia chovido muito, tambem dias antes de chegar eu aqui, metade do sal se fundira. Todavia o encontrei ainda com a espessura de um pé debaixo da salmoura, que se elevava sobre o sàl mais de pé e meio.

Esta salina offerece boa commodidade de agua doce, que se encontra do lado opposto e em distancia não superior a um tiro de columbrina do rio. Este porém é tão razo que o sal deverá ser levado em grandes botes.

Não sei si podem entrar navios n'esse rio. Fui forçado, por falta de viveres, a regressar ao Ceará, e não tive tempo para examinar a situação; mas sei ao certo, que podem subir o rio até a distancia de uma legua da salina barcos que demandem sómente oito ou nove pés d'agua.

Eis ahi em termos breves a minha informação a respeito das salinas situadas a léste do Ceará, as quaes nunca

foram anteriormente examinadas pelos nossos, nem eram conhecidas no tempo dos Portuguezes.

Peço pois officiosamente a V. Ex. e a VV.SS., que, á vista d'esta carta, queiram enviar-me os seguintes necessarios auxilios para secar o mais depressa possivel o sal e assegural-o, antes que venham as chuvas imminentes e que já começam a cair aqui diariamente.

Não ouzo pedir ainda navio, porque não estarei seguro do sal antes que o tenha posto a seco em montes.

Primeiro que tudo tenho grande necessidade de um dos botes grandes com seis homens experientes e os respectivos viveres para seis mezes, de modo que eu possa prover de agua os indios, que, de quando em quando, puzerem o sal a seco; são necessarios cem alqueires de farinha de 64 *kannen*, da qual precizarei para fazer aguada; e mais seis barris de centeio e um *oxhoft* ou barril de aguardente, e tanta cevada, ervilhas, favas, carne e toucinho, quanto V. Ex. e VV. SS. quizerem enviar-me, considerando que eu terei de alimentar todas as pessoas que empregar no trabalho do sal, pois actualmente os indios em toda a capitania do Ceará não têm um punhado de farinha. Quatorze pessoas que comigo trouxe para o descobrimento das salinas, tive de alimental-as do meu armazem. Para concerto do armazem das cazas e baluarte do forte, precizo de 2.000 pregos de toda a sorte.

Tão depressa esses objectos me cheguem ás mãos, empregarei toda a diligencia para pôr o sal a seco, e então avizarei a V. Ex. e VV. SS. sobre a quantidade de navios que convirá primeiramente enviar.

Não posso deixar de dizer uma palavra sobre um assumpto que quizera antes passar em silencio, pois prefiro louvar a acuzar alguem. O *commandeur* Ham prejudicou muito á Companhia e ao Estado do Ceará com tirar das aldêas mais de sessenta dos melhores indios para acompanhal-o e á sua gente, bem sabendo que estavamos na melhor quadra para o trabalho de secar o sal.

Si eu tivesse disposto d'esses homens, asseguraria o carregamento de vinte ou trinta navios com sal. Além d'isto, é agora o melhor tempo para plantar roças, de que elles ficaram tambem privados.

O capitão da galeota *Tuynsluyper* commetteu tambem uma grande falta, porquanto no primeiro dia em que se fez á vela e com infracção das suas instrucções afastou-se da costa para atravessar a linha. Entretanto eu declaro em consciencia, que, si elle se tivesse conservado ao longo da costa, poderia em trez semanas chegar ao Recife, pois durante seis semanas tivemos aqui ventos do norte; espero porém, que n'esta data já tenha ahi chegado.

E' portador d'esta Jems Hester, um bravo soldado, que ha muitos annos serve á Companhia; vio toda a situação das salinas, a cujo respeito V. Ex. e VV. SS. podem interrogal-o. Dignem-se de prezentear-lhe uma alabarda, * si suas informações o merecerem, bem como queiram deixal-o voltar no bote grande, que elle ajudará a bem conduzir ao seu destino.

Tambem vai com o meu irmão o individuo Daniel Jans, que, por certa pequena falta commettida em Tamaracá, veio de lá fugido para o Ceará com medo do castigo. Peço, que V. Ex. e VV. SS. o queiram perdoar, tendo em attenção que elle prestou aqui bons serviços á Companhia, sondando e examinando os rios acima mencionados, e que para o futuro poderá servil-o n'essas paragens.

Concluindo assim, etc. *Gedeon Morris.*»

O Conselho Supremo do Brazil apressou-se em transmittir aos directores da Companhia a noticia do descobrimento feito por Gedeon Morris.

« A 15 do corrente (escreveu o Conselho em carta do ultimo de Março de 1641) recebemos de Gedeon Morris, *commandeur* do Ceará, uma carta com data de 14 de Fevereiro e escripta no Jandouwassou, na qual trata da situação das salinas por elle de novo descobertas nos rios *Upanema, Waeruvery e Meirituppe.* Como por certas commodidades recommenda de preferencia ás outras a salina do

* A alabarda era o distintivo do sargento.

Upanema, d'ella nos enviou um dezenho. Junto remettemos as cópias da carta e do dezenho, afim de que VV. SS., devidamente informados de tudo, rezolvam applicar as despezas ás salinas, que julgarem ser mais uteis e proveitozas á Companhia.

As boas qualidades, a vivacidade e o cuidado d'esse *commandeur* nos dão grande esperança de que achará alguma couza excellente a fazer em proveito da Companhia n'estas dilatadas regiões, sobre que se estende a sua direcção. Si houver ahi alguma couza a fazer, acreditamos, que elle porá em evidencia o seu esforço e seu conhecimento de ditas regiões.»

Entretanto o Conselho havia dado um despacho, que vivamente contrariou o explorador do Ceará. Nos *Dageysche Notulen* de 4 do mesmo mez de Março, lê-se: «Andries Oloffs diz, que ha no Ceará uma innumeravel multidão de indios, que se acham divididos em varias aldêas. O seu grande numero é para elles uma cauza de incommodos, ao passo que poucos existem no Rio-Grande, e por isso os dahi pequena rezistencia podem oppôr ás invazões do inimigo.

O supplicante offerece-se para levantar uma aldêa no Rio-Grande, onde ha muitas arruinadas e abandonadas. Observa, que os da aldêa *Consava* ou pequena aldêa situada no Ceará dezejam muito habitar no Rio-Grande, que anteriormente foi o lugar de sua rezidencia. Além d'isto muitos dos indios, que no Ceará habitam, iriam de bom grado para o Rio-Grande; o que redundaria em proveito da Companhia, pois em occaziões de aperto e de guerra é necessario ir procurar os indios com grandes despezas até o Ceará, ao passo que no Rio-Grande estariam á mão; pelo que pede ser nomeado capitão da pretendida aldêa.

O pedido do supplicante é deferido; tirará do Ceará tantos indios quantos julgar convenientes para levantar uma aldêa, cujo capitão será.»

Autorizado por este despacho, Andries Oloffs aprezentou-se no Ceará para recrutar indios, sem contar com a rezistencia de Gedeon Morris.

Este dirigio ao Conselho a seguinte carta.

« *Laus Deo*. Forte de S. Sebastião no Ceará 4 de Agosto de 1641.

Illustrissimo conde, graciozo senhor, e nobres senhores do Supremo e Secreto Conselho.

Dezejando felicidade a V. Ex. e a VV. SS., saúdo.

A 24 de Julho ultimo chegou aqui o capitão Andries Edolffes com um acto de V. Ex. e de VV., o qual reza, que, entendendo vossas nobrezas haver aqui grande abundancia de indios, podiam elles ser transportados para a capitania do Rio-Grande.

Afim de verificar isto com segurança, fiz a 28 e a 29 de Julho uma revista dos indios de toda a capitania e publicamente os interroguei si havia algum que estivesse disposto a ir com o capitão Andries morar no Rio-Grande, e ordenei, que os que o quizessem declarassem os seus nomes. Dentre elles não se acharam mais de 22, que com o capitão quizessem partir, cujos nomes vão mencionados na relação junta.

Ordenei então ao capitão Andries, que dentro de 14 dias seguisse com esses indios, posto que eu não tivesse recebido ordem de V. Ex. e de VV. SS. para transporte de taes voluntarios, nem a carta de 28 de Maio, que recebi de vossas nobrezas, continha a minima referencia a tal acto, pois, pelo contrario, recommendam-me, que promova o povoamento d'esta capitania.

Não ficando contente com a minha ordem, o capitão Andries disse-me, que queria demorar-se aqui, pelo menos, um mez, esperando entretanto persuadir ainda a umas trinta pessoas; a isto respondi, que de nenhum modo era intenção de V. Ex. e de VV. SS., que elle tirasse daqui os indios inconstantes por meio de falas doces ou de grandes promessas; que fizesse o seu esforço, mas que não havia de levar um só dos indios antes de ter eu recebido ordem especial de V. Ex. e de VV. SS. . . . . . .

Assim pois, si é intenção de vossas nobrezas tirar daqui alguns indios, queiram enviar-me ordem a tal respeito, mas V. Ex. e VV. SS. considerem, que isto concorrerá grandemente para prejudicar e embaraçar o meu

plano, porquanto n'este verão pretendo seguir com 150 indios para o rio Iwypanema afim de pôr o sal a seco. O auxilio d'esses indios nos é muito necessario, e devo tambem deixar ficar gente aqui para fazer as plantações, de modo que por falta de viveres não venhamos a soffrer penuria.

Eu esperava, que V. Ex. e VV. SS. me prestariam todo o auxilio e assistencia a bem do meu intuito, como vossas nobrezas já o tinham começadoa fazer, enviando-me o barco *Schevelling* e os viveres que já chegaram.

Confio, que não me retirarão nenhum indio, e pelo contrario, para o andamento do negocio das salinas, me restituirão os individuos que foram levados d'esta capitania pelos Portuguezes e pelo *commandeur* Ham.

Os chefes (dos indios) me têm pedido, que de sua parte eu aprezentasse a V. Ex. e a VV. SS. a petição junta, e muito humildemente rogo, que se sirvam attendel-a. Si alguma couza ha que a isto os possa mover, reprezentem vossas nobrezas a esperança, que eu já tinha concebido a respeito d'esta capitania ; pois que podem os indios fazer no Rio-Grande que aqui não possa ser feito ?

Têm elles ali sal ? Eu tenho aqui ainda mais.

Tem ali um engenho ?

Eu espero dentro de trez annos e com o auxilio dos meus amigos ter um outro ; para esse fim já plantei mais de trez tarefas (*terreffen*) de cannas, e agora fiz vir um barco e bote com cannas de meu irmão.

Plantam elles fumo ? Nós tambem.

Têm páo-brazil ? Nós temos páo violeta, o unico conhecido, mas espero com o auxilio de Deos fazer outros conhecidos.

Si no decurso de seis mezes eu não satisfizer a vossas nobrezas de modo a formarem um bom conceito d'esta capitania, V. Ex. e VV. SS. estarão sempre em tempo de chamar estas aldêas.

Observo ter sido a expozição do *commandeur* Ham, que fez crer a V. Ex. e a VV. SS. haver aqui alguns indios que pediam para serem transportados ; mas a verdade está tão longe d'isto que a metade dos indios levados por

elle á força voltaram para aqui antes de chegarem ao meio do caminho.

Pezou ao *commandeur* Ham não ter podido arrastar comsigo toda a capitania, e da memoria junta podem V.Ex. e VV. SS. ver si elle tratou sinceramente com vossas nobrezas.

Depois da minha ultima carta conclui o forte e reparei o barco em todos os sentidos, apparelhei-o com mastros novos, guarnecio-o com escoas, de sorte que agora está prompto para velejar.

Tenciono partir dentro em quatro dias para Commeci (Camucim), afim de examinar a situação de certas salinas e fazer cortar uma porção de páo-violeta, e indagar os demais proveitos que ali possam ser obtidos para a Companhia ; pois, como aqui ainda chove todos os dias, decorrerão bem dous ou trez mezes antes de poder pôrse algum sal a seco.

Entretanto rogo a V. Ex. e a VV. SS., que me enviem o bote grande e as outras provizões requeridas.

O portador d'esta carta é Jems Regs, pessoa capaz para ter mando sobre os indios, cuja lingua sabe soffrivelmente falar. Si V. Ex. e VV. SS. annuirem ao pedido dos principaes, peço que o tenham como recommendado e o provejam de um acto (de nomeação); o que será para mim particular favor ; porquanto com essa gente eu começaria a levantar uma aldêa na vizinhança das salinas e em sólo fertil para n'ellas poder empregar os indios em todas as occaziões.

Com Jems Regs vai Fernandes, tenente da aldêa *Opavapin*, que é um indio de muitos serviços. V. Ex. e VV. SS. queiram recebel-o amistozamente.

Pedirei a vossas nobrezas, que me remettam uma duzia de lanças para prezenteal-as aos sargentos das aldêas, afim de que elles possam manter maior autoridade entre os seus.

Terminando assim, encommendo V. Ex. e VV. SS. á protecção do Omnipotente, para que os abençôe agora e sempre. Amen.

De V. Ex. e de VV. SS. fiel servidor. *Gedeon Morris*».

V

Rezolvida a conquista do Maranhão, o Conselho Supremo do Brazil quiz utilizar-se dos serviços, que Gedeon Morris tantas vezes lhe offerecera em suas cartas e reprezentações.

Nas « instrucções dada a 28 de Outubro de 1641 ao almirante Jan Corneliszoon, ao coronel Hans van Koin e ao conselheiro politico Pieter Jansen Bas sobre a conquista do Maranhão » lê-se a seguinte recommendação :

« Art. 9°. Na execução do que fica dito ouvirão particularmente o parecer do *commandeur* do Ceará, Gedeon Morris, que, tendo frequentado durante muito tempo todas essas regiões, é n'ellas muito versado, e como conhece a lingua dos indios, á força mantidos na escravidão dos Portuguezes, os moverá a vir em nossa assistencia. E para ainda mais predispol-o a isto, conferimos-lhe o commando de todos os indios por um acto expresso, e se lhe dará assento no conselho ao lado dos capitães.»

« Art. 28. Como o *commandeur* Gedeon Morris conhece a situação do Maranhão e dos lugares vizinhos, mandamos, que elle lá fique até ordem nossa ulterior para assistir o Sr. director com os seus conselhos e pareceres, e terá o commando dos indios ; mas os indios que forem levados do Ceará serão enviados para as suas aldêas. »

Antes de passar a expedição pelo Ceará, Gedeon Morris dirigira ao Supremo Conselho uma carta, de que os *Dagelysche Notulen* de 28 de Novembro de 1641 dão noticia.

Ahi se lê : « Recebeu-se uma carta de Gedeon Morris, *commandeur* do Ceará, com data de 8 de Outubro, na qual nos communica ter descoberto mais uma outra boa salina junto de Commeni (Camucin). A salina dista apenas 1.700 passos da borda do mar, e ha ahi um bom porto para navios, de sorte que podem carregar convenientemente. A certo Jacob Cryniz, que estacionava em Commeni por parte da Companhia, já havia elle ordenado, que

puzesse a seco uma boa quantidade de sal, afim de que os navios, que lá fossem ter, pudessem encontrar carga.

Communicou mais, que esforçar-se-ia por descobrir as regiões internas, pois havia nas vizinhanças seguramente trinta nações diversas de Tupuias, das quaes apenas dez viviam em amizade comnosco. Elle procuraria com affabilidade e bom tratamento attrair para o nosso lado todas as outras, e assim viria melhor a conhecer toda a situação d'essas regiões.

Tinha tambem mandado preparar uma certa quantidade de páo-violeta, afim de ser remettido nos primeiros navios para Hollanda.

Quanto á nossa ordem sobre os indios (que deviam seguir para o Maranhão), elle a tinha plenamente observado, pelo que não duvidava, que ficassemos contentes.»

D'esta vez os actos não corresponderam ás palavras: nem Gedeon Morris aprezentou tantos indios quantos lhe foram pedidos, nem pôde prestar as informações que d'elle se esperavam.

A carta de Lichthart, van Koin e Bas, dirigida ao Supremo Conselho do forte de S. Luiz do Maranhão em 3 de Dezembro de 1641, dando noticia do exito feliz da expedição, contém o seguinte curiozo trexo relativo á passagem da armada pelo Ceará:

« A tarde de 5 (de Novembro) a galeota *Amsterdam* veio do Ceará ter comnosco, trazendo Gedeon Morris, *commandeur* dos indios. Chegando á fala, disseram, que, havia muito, tinhamos passado o Ceará e que estavamos seguramente a 30 leguas a oéste d'esse lugar. Morris, vindo a bordo, declarou depois de algumas considerações, que não podia fornecer o numero determinado de indios, tanto por cauza das bexigas que os assolavam, como porque as suas salinas, então bonitas, segundo a sua expressão, tinham necessidade de muitos indios e até de 150, e não os podiam dispensar sem prejuizo da Companhia; entretanto trazia 70 e mais alguns Tapuias e Tupis (*Brasilianen*) obtidos em caminho de uma aldêa que fica perto de Comestry, (Camucin). Assim Morris nos trouxe, quando muito, 80 homens, numero muito inferior ao que fôra fixado.

Sobre a situação do Maranhão, o melhor modo de entrar no canal e penetrar no rio, os baixos e as profundezas e o melhor lugar para o desembarque da tropa, pouca ou nenhuma informação Morris podia dar, pois elle mesmo nunca ahi estivera ; alguma couza sabia por ouvir dizer, mas não fazia n'isso fundamento, de sorte que nós não podiamos absolutamente confiar em taes informações.

Trouxeram de Comestry um capitão dos indios chamado Jacob Crynis, que conhecia bem a terra e não ignorava completamente os baixos e os lugares profundos ; elle porém não quiz tomar sobre si o encargo de servir de piloto para metter os navios no rio do Maranhão, incumbindo-se sómente de proseguir na viagem, depois de entrarmos, e de indicar os lugares profundos e levar os navios diante do forte. Faltava-nos pois um piloto. »

Esta communicação de nenhum modo abalou a confiança, que o Supremo Conselho depozitava em Gedeon Morris.

Em carta de 21 de Janeiro de 1642, dirigida para o Maranhão e em resposta á que annunciara a victoria, ordenava o Supremo Conselho :

« Rezolvemos enviar para ahi, como *commandeur* dos indios do Maranhão e suas vizinhanças, Johanes Maxwell, que nos prestou bons serviços na expedição de Angola e São-Thomé, e confiamos, que ahi particularmente nos servirá por ter anteriormente frequentado esses lugares e por ser conhecedor de linguas ; na sua auzencia commandará os indios Jacob Crynis, que por isso ordenamos ahi fique.

VV. SS. deixarão, que o *commandeur* Gedeon Morris volte ao Ceará, afim de que elle administre essa capitania, na expectativa que d'ella tem e a bem do serviço da Companhia, porque receiamos, que, indo outrem que não conheça toda a situação da mesma capitania, possa ser commettido algum erro. »

E a 18 de Fevereiro de 1642 o Conselho escrevia aos directores da Companhia :

« O mal, que soffreram as outras capitanias com a mortandade dos negros, sobreveio a esta capitania (do Rio-Grande), bem como á da Parahiba e de Itamaracá

com a morte dos indios, pois a infermidade das bexigas (a mesma que nos tem levado os negros) grassou tão violentamente entre elles que aldêas inteiras quazi se extinguiram de todo , retirando-se os sobreviventes para os matos, por não ouzarem permanecer por mais tempo em suas habitações. O seguinte facto patentêa quanto esse mal se tem generalizado na America : ao passo que a Bahia não está livre d'elle, a galeota *Amsterdam*, indo do Maranhão a Cammuci (aldêa que fica no meio do caminho entre o Ceará e o Maranhão) para, de passagem e segundo suas instrucções, tomar carga de páo malhado, não encontrou ahi um só homem são, e forçozo foi, que partisse sem nada ter feito.

Essa infermidade tambem deu cauza a que os trez navios, de que tratamos na nossa carta anterior, não pudesse haver sal em Ipanema, pois os indios, que foram para ali mandados afim de secar o sal e pôl-o a bordo dos navios, fugiram com medo da doença. Qualquer que seja a probabilidade de estabelecer-se a navegação do sal ahi ou em Marituba, ultimamente descoberta pela gente de Elbert Smient, nada se póde esperar sem o auxilio dos indios ou dos negros.

VV. SS. encontrarão nas nossas notas de 4 do corrente o relatorio, que Elbert Smient nos aprezentou a respeito das salinas situadas na costa noroéste do Brazil.

Em substancia esse relatorio nada mais contém sinão a grande salina e a pequena, *Aguamara* e *Carwaratama*, conhecidas desde tempo antigo, sendo providas de gente bastariam para fornecer sal a esta conquista por um preço razoavel, e que tal foi a intenção d'elle Smient, contratando com VV. SS., segundo diz, e não cogitou de fornecer sal bastante para os navios alugados, que daqui partem vazios.

Que o rio Marituba, sito a cinco leguas a oéste da salina grande, tem na entrada com a maré doze pés de agua, e pois não passa de um porto dependente da maré ; a meia legua porém da foz do rio para o mar ha bom ancoradouro, onde os navios bem podem surgir para carregar.

A salina fica meia legua rio acima e do lado oriental; não ha mais de 200 ou 300 passos a percorrer para o transporte do sal; pelo que se suppõe, que com o auxilio de 10 a 12 brancos, de 10 a 12 negros e 20 a 30 indios, achar-se-iam ahi annualmente 200 lastros de sal.

No rio Ipanema ha o inconveniente de que o sal seco da salina deve ser transportado por uma distancia de 2.700 a 2.800 passos; o que é um longo caminho. A experiencia cedo mostrará qual das duas salinas é a mais propria e util, uma vez que se disponha de gente para trabalhar n'ellas.

Gedeon Morris, *commandeur* do Ceará, nos pedio, que como primeiro descobridor da salina de Ipanema e em reconhecimento d'este serviço, lhe fosse permittido transportar constantemente sal para aqui em um barco sem pagar recognição. Submetemos o seu pedido á consideração de VV. SS., e acreditamos, que, em attenção á sua provada diligencia, VV. SS. lhe concederão o que pede ou alguma outra couza razoavel.

Queiram VV. SS. tambem mandar-nos suas ordens a respeito do nosso modo de proceder para com o *commandeur* Elbert Smient, porquanto, em razão das chuvas e de lhe terem fugido os negros, a sua estada na pequena salina em nada tem aproveitado á Companhia. Como o afastamento dos nossos limites até o Maranhão nos promette (o descobrimento) outras salinas, não sabemos onde será mais conveniente empregal-o. »

Em Abril de 1642 Gedeon Morris se achava ainda no Maranhão, donde escreveu a seguinte carta á camara da Zelandia, explicando porque a conquista do Maranhão não correspondera ás esperanças por elle dadas.

« *Laus Deo*. S. Luiz do Maranhão em 7 de Abril de 1642.

Dezejando felicidade a VV. SS., saudo.

Sabem VV. SS. quão solicito eu fui em persuadir essa camara a tomar a peito a rezolução sobre a conquista do Maranhão, e aprezentando para este fim a VV. SS. varias reprezentações, em que tratei da situação, da fertilidade e utilidade d'esta região, bem como da probabilidade

de obter-se com a conquista um bom retorno; mas como de facto não se achou tanto quanto eu por escripto annunciara, faz-se necessario, que eu dê as razões porque o effeito não correspondeu ao promettido, para que não pareça, que illudi a VV. SS., quando aliás procuro respeitar a verdade em todas as minhas accções.

A primeira razão é, que não effectuamos a *conquista do Maranhão*, como eu a reprezentei, pois por conquista do Maranhão se entendem o Grão-Pará e o rio do Amazonas, que pertencem ao mesmo governo, e tão necessarios são entre si que um não póde bem subsistir sem o outro.

Na primeira occazião, com os mesmos navios e a mesma gente, podiamos facilmente ter conquistado o Grão-Pará e o rio Amazonas, depois de tomada a ilha (do Maranhão); mas parece, que S.Ex. (o conde João Mauricio) e os altos conselheiros não estavam perfeitamente esclarecidos sobre a correspondencia, que necessariamente deve haver entre a ilha do Maranhão e o Grão-Pará e o Amazonas. Adiante tratarei mais largamente d'essa correspondencia necessaria.

A segunda razão é, que deixamos aos Portuguezes o gozo de demaziada liberdade, ficando elles completamente na posse e occupação de todos os seus bens, e não é de admirar, que, tendo-se-lhes deixado quazi tudo, pouco tenha cabido á Companhia. Pois onde se vio em todo o Brazil que um Portuguez, tendo sido a terra tomada ha apenas quatro mezes, embarcasse por sua conta cem caixas de assucar, como fez o provedor-mór Ignacio do Rego, que se passa n'estes navios para as Indias?

Si prevalecesse a minha opinião, ter-se-ia feito uma conquista absoluta de todas as posses dos Portuguezes para a Companhia; seriam expulsos da terra os mais ricos e nas posses d'elles pôr-se-iam como feitores os pobres, que perceberiam annualmente uma certa quantia pelo seu trabalho, e por este meio a Companhia rezervaria para si todas as posses e obteria annualmente todos os frutos que aqui se obtem.

Provavelmente alguns politicos, em razão das suas particulares opiniões, zombaram da minha propozição; eu porém digo, que, não se adoptando aqui um outro modo

de governo, não posso atinar onde virá (renda) para manter-se uma guarnição dispendioza. Não serão o dizimo e a recognição de 1.000 a 1.200 caixas de assucar, produzidas annualmente aqui no Maranhão, que cobrirão as necessarias despezas, que a Companhia fará.

Outros consideraram um cazo de consciencia privar-se os Portuguezes de tudo, e não me terão na conta de christão, porque o proponho ; mas a esses taes responderei, que ignoram o rigor com que os Portuguezes d'esta região trataram a nós e a pessoas de outras nações no Amazonas ; quantos innocentes colonos elles assassinaram, quão perfidamente violaram os seus compromissos jurados !

A posse d'elles teve começo em um roubo sobre os da nossa e de outras nações, e eu entendo, que é melhor que a grossura da terra locuplete a gente de fé do que a um grupo de impios, idolatras, pois muitos d'elles, possuindo de 20 a 30 escravos, outra couza não fazem sinão levar uma vida indolente e regalada, ao passo que aqui os nossos soldados apenas recebem o necessario para matar a fome.

E com isto, dignos senhores, tenho dado as razões por que não coube maior proveito á Companhia na conquista do Maranhão.

Vou agora tratar da correspondencia necessaria entre o Maranhão e o Grão-Pará e o rio do Amazonas, o qual consiste no visto : o Grão-Pará e o rio do Amazonas são os unicos lugares donde os do Maranhão recebem a remessa dos escravos, com que cultivam as suas terras e fazem moêr os seus engenhos. Faltando esse fornecimento de escravos e perecendo os que cá estão, os engenhos, no decurso de 4 ou 5 annos, terão de parar, maxime dando-se mortandade como a que entre elles tem havido desde a nossa vinda, pois creio terem morrido de bexigas no espaço de quatro mezes 1.000 individuos entre livres e escravos, e ainda morrem diariamente de um modo lamentavel.

Aqui surge a questão de saber si o nosso governo permittirá, que nós compremos e vendamos os indios, como fazemos com os negros, porquanto os indios no Brazil são reconhecidos como livres.

A isto se póde responder, que não sómente é muito proveitozo á Companhia, sinão tambem christão, tolerar-se tal commercio n'estas regiões, uma vez que d'elle não se abuze, porquanto no rio do Amazonas existem mais de trinta diversas nações de indios, que fazem guerra entre si. Os prizioneiros que fazem de parte a parte, elles os comem, não havendo quem lh'os queira comprar. O trafico deve pois ser permittido para conservar-se a vida de taes escravos, e com este intuito o rei de Espanha o tolerou.

Os Portuguezes porém, pela sua avidez de escravos, abuzaram cruelmente do trafico, visto como, não achando escravos a seu contento, forçam muitas vezes os indios livres a lhes vender os proprios filhos, e tiram os indios livres de suas aldêas e os levam ao Maranhão para vendel-os.

Tratando d'esta materia de escravos, não posso deixar de trazer ao conhecimento de VV. SS., que aqui entre os Portuguezes existe um grande numero de escravos da nação dos Arrouwaens, Fokans e Wackeans, que conjuntamente foram escravizados por nossa cauza, porquanto, quando estacionavamos no Amazonas, elles nos deram auxilio e assistencia.

Peço pois humildemente, por amor d'elles e por serem das referidas nações, que se lhes restitua a sua anterior liberdade, que perderam por nossa cauza, afim de que os gemidos d'esses pobres escravos não sejam lançados a nossa conta.

A liberdade d'elles não póde em couza alguma prejudicar á Companhia; os que são livres só têm o nome de livres, e de facto são escravos, pois é bastante servo quem está obrigado a trabalhar um mez por trez varas de panno, que tal é aqui o seu salario ordinario.

Com relação á utilidade e proveito que se póde esperar do Grão-Pará e do Amazonas, cazo os conquistemos, eu considero esses lugares de maior importancia do que o Maranhão mesmo, comquanto lá existam sómente dous ou trez engenhos; pois os campos são mais ferteis e proprios para o fumo e a canna de assucar. Além d'isto, a terra é mais populoza, por existir ahi uma innumeravel multidão

de indios, os quaes podem ser utilizados para a cultura da terra. Lá se faz o trafico de escravos, como fica dito, e o de vacas marinhas, de tintas e de algodão, e á procura d'estes produtos numerozos navios fizeram anteriormente boas viagens. Tambem é lá, que mais provavelmente se encontram minas de ouro ou prata, e se estabelecerá o commercio do ouro, que os Portuguezes viram no descobrimento do caminho do Quito.

Um certo capitão chamado Bento Rodrigues, que tambem foi a Quito pelo rio do Amazonas, me referio como couza verdadeira, que cêrca de 100 e de 60 leguas do lado de cá do Quito elle fez trafico de ouro com os indios, ouro affeiçoado de fórmas diversas para ser trazido nas orelhas ou em outras partes do corpo.

Os Portuguezes levaram oito mezes n'esse descobrimento, porque muitas vezes se desviaram do caminho por cauza da multidão dos rios ; mas póde-se ir commodamente a Quito no espaço de trez mezes.

Pareceu-me necessario communicar isto a VV. SS. para que tenham inteiro conhecimento de quanto interessam o Grão-Pará e o Amazonas, afim de que esses lugares sejam postos sob a nossa obediencia por guerra ou por compra ; e sendo elles a nós sujeitos, eu dezejava que VV. SS. se dignassem de favorecer-me, confiando-me a direcção d'essa capitania para que eu mostre por factos o que aqui tenho escripto. Procuraria demonstrar o meu reconhecimento por leaes serviços, e asseguro, que ninguem poderá tomar mais a peito o serviço de VV. SS. do que aquelle que durante os seus sete annos de prizão n'estas regiões observou com exactidão tudo quanto pudesse ser proveitozo á Companhia.

E como supponho, que as regiões do Amazonas estão sob o departamento da Zelandia, parece razoavel, que sejam governadas por um zelandez.

S. Ex. e os altos conselheiros me conferiram o commando dos indios, e tenho assento no conselho de guerra como capitão mais moço. Levado porém por certas razões, eu lhes pedi para voltar á minha antiga (?) administração do Ceará ; o que me foi concedido.

Para lá seguirei dentro de quatorze dias, e n'este verão espero conseguir, que vinte a trinta navios possam annualmente tomar ahi carga de sal.

Antes da minha partida do Ceará, havia nas salinas do Wypanim carga para quatorze navios ; ignoro o que se fez depois que de lá me auzentei. Ouvi dizer, que trez navios lá foram carregar.

Ia-me passando communicar, que ha trez semanas trouxemos prezos dous Portuguezes, de um lugar chamado Cajete (Caeté) que fica no meio do caminho entre o Grão-Pará e o Maranhão. Declaram elles, que os Portuguezes do Grão-Pará estão constantemente com as armas nas mãos, esperando cada dia ver-nos lá chegar, e dezejam sómente um bom acôrdo; mas até o prezente não temos ordem para tentar couza alguma.

Tambem vieram ter comnosco os indios de Cajete (uns 230 individuos). Alguns (indios) do Grão-Pará teriam sem duvida vindo, si não fóra o cuidado com que são vigiados.

Sobre a situação e o estado das couzas n'este lugar, VV. SS. serão amplamente informados pelo Sr. director Victor Bas.

Na convocação (?) dos indios achei 2.300 e tantos individnos, comquanto um grande numero d'elles tenha morrido depois que aqui chegámos.

E assim concluindo, encommendo VV. SS. á proteção do Altissimo para que abençõe a VV. SS. agora e sempre. *Amen.*

Fico sendo

De VV. SS. fiel servidor.

GEDEON MORRIS.

NOTA

Eis a informação por Smient, conforme consta dos *Dagehysche Notulus* de 4 de Fevereiro de 1642.

«O assessor refere, que pela expozição do *commandeur* Elbert Smient se informara da dispozição das salinas situadas na costa noroéste do Brazil, a qual é a seguinte :

A salina denominada por Smient, *Caza do dezerto (Huys der Woestyne)*, onde elle tem rezidido, está situada trez ou quatro leguas a léste do rio *Aguamara*. Um dos braços d'este se prolonga pelo interior

VI

Si a Companhia das Indias Occidentaes pretendia alargar as suas conquistas na America, razão tinha Gedeon Morris em aconselhar-lhe, que occupasse o valle do Amazonas.

Seguindo esse avizado conselho, ella viria a dominar uma vasta e riquissima região, atravessada pelo maior rio do mundo e situada relativamente perto da Hollanda; expelliria dali o elemento portuguez, então muito fraco;

---

até a dita salina, onde com a maré se encontra a agua do rio, e isto principalmente succede na lua nova, conjuntura em que as aguas mais sobem ali. A salina dista do mar 500 ou 550 passos; o solo é de areia, de modo que elle não póde obter agua si não do dito braço do *Aquamara*.

O porto d'esta salina não tem abrigo ou defeza, o fundo é bom, mas razo, tendo de maré baixa trez braças a menos de... leguas da costa. Quando a briza, que ahi sopra ordinariamente na estação seca, acalma sobre a tarde, tem-se ensejo para carregar os navios desde o anoitecer até de manhan.

Esta salina faz sal todos os mezes, comtanto que se tenha o cuidado de deixar n'ella correr a agua salgada no tempo seco, e se conservar em seguida fechados os esgotos ou regos; mas si não houver ahi constantemente alguem que isto faça, nada se póde esperar com segurança d'esta salina, porque o sal já feito trasvaza com proxima maré e se reduz a nada.

Podem ser vistos d'esta salina os baixos que lhe ficam a léste e que se estendem da terra firme até trez leguas mar em fóra; mas a uma legua da costa, onde fica a verdadeira passagem, não se encontram de maré baixa dez pés. Nas marés mortas as aguas descem oito pés; a lua a sudoéste faz ahi as marés mais altas. Esses baixos são parceis, que se descobrem de maré baixa.

A cinco ou seis leguas a oéste do *Carwaratama* ou salina grande fica o rio chamado Maritomba, que é o segundo d'esse lugar para o lado do occidente. Ahi foi recentemente descoberta pela gente de Smient a nova salina.

De maré viva e com as aguas mais altas este rio não tem na entrada mais de 12 pés; é pois um porto dependente da maré. A meia legua da foz do rio para o lado do mar ha bom ancoradouro, onde os navios bem podem surgir de maré baixa em trez braças.

A salina fica couza de meia legua rio acima e no lado oriental d'elle; o sal tem de ser carregado pelo espaço do 200 ou 300 passos. A salina é mui propria para fazer sal, e segundo se suppõe, póde fornecer 200 lastros de sal por anno com o auxilio de 10 a 12 brancos, 10 a 12 negros e 20 a 30 indios.

A cinco ou seis leguas da *Caza do dezerto* fica a salina grande chamada *Carwaratama*, onde, para fazer uma experiencia, elle introduzio por meio de um rego agua do mar na altura de 1 1/2 pé, e fez sal no espaço de trez mezes.

Nenhum conhecimento tem da salina do Ipanema,».

tiraria proveitos immediatos dos produtos espontaneos do sólo e asseguraria pelo lado do norte a posse das capitanias já conquistadas na parte septentrional doBrazil.

Vistas bem diversas porém predominavam no Conselho Supremo do Brazil hollandez, que, de acordo com a Assembléa dos Dezenove, preparava-se para conquistar Buenos-Aires e occupar o Rio da Prata, sem attender que a Companhia não tinha forças bastantes para disseminal-as por tantos e tão distantes lugares situados na Africa e na America.

O forasteiro hollandez foi mais perspicaz do que o habil e experimentado governador do Brazil.

João Mauricio não cogitou de occupar o Pará, ao passo que ligava summa importancia á conquista de Buenos-Aires, e tinha tal pressa em levar essa empreza a effeito, que superou todas as difficuldades provenientes da falta de viveres, de soldados e de navios, estimulado pelo receio de que os Portuguezes precedessem os Hollandezes no Rio da Prata.

A expedição contra a colonia espanhola teria partido do porto do Recife no fim do anno de 1642, si a noticia da revolta dos moradores do Maranhão e da ilha de São-Thomé e o receio de um levantamento geral dos moradores das outras capitanias não o obstassem.

Estes factos se acham autenticados por um notavel documento inedito, as *actas secretas do Conselho do Brazi* (*Secrete Notulen Gehouden by syn Excellentie ende de Ed. necren van den Hoge ende S creten Raed* *) das quaes transcreveremos as seguintes *soluções* concernentes á expedição destinada ao Rio da Prata.

« Quinta-feira, 21 de Agosto de 1642.—S. Ex. observa, que, approximando-se do seu termo a estação invernoza, convinha cuidar na execução do commettimento contra... *, a respeito do qual deramos esperanças certas aos Srs. directores na carta que lhes enviamos por intermedio do Sr. coronel Koin ; e que tanto mais conveniente era darmos seguimento á dita empreza, quanto

---

* Arch. de Haya. Coll. do Inst. de Pern.
* A lacuna é do texto.

podiamos ser prevenidos pelos Portuguezes, que têm tambem esse lugar em vista.

« Tomando em consideração a nossa situação, verificamos, que dispomos de navios bastantes para o transporte da gente destinada a apoderar-se da praça ; que estamos bastante providos de hiates e embarcações pequenas (o que sobretudo importa) para navegarem rio acima e darem desembarque á tropa ; e que se póde de algum modo tirar (da guarnição) a gente necessaria para o commettimento. A lista porém do commissario dos viveres mostra, que nos armazens da Companhia não ha prezentemente mais do que 200 barricas de farinha (de trigo), 200 barris de carne e 100 de toucinho ; o que apenas nos póde dar alimento para um mez. »

As circunstancias, a que as *rezoluções* alludem, não deixam duvida sobre a praça a conquistar. Era uma colonia espanhola, situada na America Meridional, á margem de um grande rio, no caminho do Chile e do Perú e na vizinhança das possessões portuguezas.

« Não permittindo pois os nossos armazens o pretendido equipamento, rezolvemos que ficasse a empreza sustada até que, em razão da nossa carta á Assembléa dos Dezenove, tenhamos em depozito maiores provizões. »

« Sabbado, 22 de Novembro de 1642.—Hoje S. Ex. lembrou ao Conselho, que desde muito, isto é, quando se approximava o verão (segundo consta da rezolução secreta tomada a 21 de Agosto) ella fizera sentir quão conveniente julgava ser n'esta conjuntura para a Companhia o commettimento contra..., e a boa vontade com que o faria executar, si então não o impedisse a falta de toda a sorte de viveres e principalmente de farinha ou pão. Como porém os navios *Elias* e *Utrecht*, chegados hontem da metropole, não só nos trouxeram alguns viveres, embora escassos (bem como o fizeram outros navios recentemente chegados), sinão tambem uma boa leva de gente, não podia deixar de pôr de novo em deliberação, emquanto a estação ainda o permitte e afim de não sermos prevenidos pelos Portuguezes, si é possivel, sem prejuizo da segurança d'esta conquista, organizar uma expedição

com tropa, viveres, navios e embarcações, que seja capaz de conquistar e conservar o dito lugar.

Lidas e bem consideradas as memorias e as noticias que d'elle temos, bem como examinadas as listas da nossa tropa, viveres, navios e embarcações, etc., rezolvemos deixar a materia em consideração até segunda-feira para então expendermos os nossos pareceres. »

« Terça-feira, 25 de Novembro de 1642.—Hoje foi de novo considerada em conselho a nossa situação sobre a possibilidade da expedição contra..., tendo sido exhibidas as listas dos soldados e marinheiros, navios e embarcações e viveres, que os respectivos commissarios possuem..

Tendo primeiramente em attenção a fortalezas dos lugares (a conquistar) e o numero de homens em estado de trazer armas que o inimigo póde reunir para a defeza, entendemos, que, para poder atacar com probabilidade de bom rezultado, nos são necessarios mil soldados e quinhentos ou seiscentos marinheiros. E como a fraqueza das nossas guarnições, cauzada por expedições e occupações fóra da terra, não permitte, que d'ellas levantemos tanta gente, sem pôr em perigo este Estado, consideramos, que, para achar e formar a força de que precizamos, pudemos lançar mão da leva de 100 homens, que os navios *Elias* e *Utrecht* ha poucos dias trouxeram e dos mais que forem chegando em virtude da rezolução ultimamente tomada pela Assembléa dos Dezenove, bem como que algumas guarnições podiam ser feitas por indios.

Quanto á falta de marinheiros, em grande parte póde ella ser supprida por pessoas de trem, que em muitas das guarnições d'esta conquista se tem por inuteis e por isso são chamadas..

Ha bastantes navios grandes á dispozição para o transporte da tropa expedicionaria ; mas o principal e o mais necessario para a execução do commettimento vem a ser os hiates e embarcações pequenas, nas quaes a tropa deve ser levada ás obras (do inimigo), pois os navios grandes não podem chegar a 40 ou 50 leguas do lugar, e achamos, que ha grande escassez de taes vazos pela maior parte navegados e estragados em consequencia

das anteriores expedições, não existindo n'esta costa mais de quatro hiates e quatro galeotas. E para que similhante falta não seja estorvo (á empreza), entendeu-se, que o remedio, está no afretamento ou compra de barcos pertencentes a particulares, porque ha muitos que dos seus barcos querem dispôr.

A maior difficuldade se aprezenta na materia dos viveres ; porque, segundo a praxe ordinaria, são necessarios para 1.400 homens pelo tempo de seis mezes 127.400 libras de pão duro (ou na falta d'elle 351 barris de farinha) 83 barris de carne, 61 de toucinho, 18.200 libras de peixe seco (*stochvis*), 115 barris de centeio, 92 de ervilhas, 91.000 pintas de vinho de Espanha, 4.550 de azeite, outras tantas de vinagre, e para esta provizão não se encontra nos armazens da Companhia nenhum vazo de ervilhas, de fava ou centeio, e apenas 90 barris de toucinho, 200 de farinha de trigo, bem como não se encontra aqui na terra provizão de pão duro.

Nada obstante, querendo nós n'esta occazião levar ao extremo o nosso esforço e fazer tudo quanto de algum modo estiver ao nosso alcance, entendemos, que não é conveniente adiar o commettimento para a primeira opportunidade, sendo de receiar que os Portuguezes nos precedam ou que lá cheguem socorros taes de Espanha que nada mais possamos tentar.

Primeiramente mandamos, que, para supprir a falta de pão, os padeiros da Companhia cozam constantemente tanto pão duro quanto lhe fôr possivel, e que os navios grandes sejam providos de fornos para o fim de utilizar-se a farinha e os hiates e embarcações pequenas terem pão duro. A farinha de trigo que faltar será supprida com a de mandioca, e os alimentos que se guardam em vazos (*potspysen*) pelos que se puder obter aqui ou na Bahia, e dar-se-á em maior quantidade o bacalháo em lugar de peixe seco, toucinho, e o que faltar em outros viveres.

Vemos, que nos faltam provizões de trens e equipagens ; mas como é de esperar, que o lugar seja conquistado por assalto, pareceu conveniente reunir todo o material que por ahi exista e o que ainda acazo venha da metropole e com isto contentar-nos.

Podendo remediar assim as difficuldades que surgem, rezolvemos fazer empregar toda a diligencia para reunir e aprestar os navios e as embarcações necessarias com a possivel pressa, antes que sobrevenha e nos estorve a proxima estação invernosa. »

« Sexta-feira, 12 de Dezembro de 1642.— Hoje foi posta em deliberação a carta recebida hontem á tarde do Maranhão a respeito da revolta dos Portuguezes.

Estes, apezar de já terem sido publicadas as treguas dos dez annos, não sómente mataram em Tapicurú os soldados, que se achavam espalhados pelos engenhos, e se apoderaram do forte Monte-Calvario, como tambem puzeram cerco ao forte ou cidade de São-Luiz, de sorte que si os nossos não forem socorridos a tempo, o dito lugar cahirá necessariamente em poder dos revoltozos ; com o que ficará perdida toda aquella conquista.

Tomou-se tambem em consideração a situação de todo este Estado do Brazil, pois os moradores portuguezes, pela differença da religião, da lingua, dos costumes e por outras cauzas, têm aversão ao nosso governo e sómente por violencia podem ser mantidos em sujeição.

Considerou-se, que, sob o pretexto de se defenderem contra os bandoleiros, elles já estão providos de armas, e com a noticia de ter sido bem succedida a revolta do Maranhão poderão ficar attentos, e conforme a occazião, procurar meios para tambem se revoltarem, ao que parece, que são induzidos da Bahia, pois o governador se mostra pouco propenso para o nosso lado.

Que prezentemente, por falta de farinha, somos suppridos pelos da Bahia com o melhor d'este genero ; e que as nossas guarnições, em razão da occupação de lugares conquistados fóra da terra, estão bastante enfraquecidas.

Que a tudo isto acresce o que o commissario Grewinek, o capitão do *Blauwe Haen* e outros, souberam na Bahia, isto é, que estavam prestes em Lisboa 22 navios, 8 no Porto, 7 em Vianna, 4 na ilha Terceira, formando todos juntos uma frota de 41 navios que viria ao Brazil, e que Camarão partira com um troço de indios para o Rio-Real, sito nas nossas fronteiras.

Todas essas apprehensões são de tal importancia que convém bem e avizadamente considerar si temos prezentemente tantas forças que possamos assegurar esta conquista de todo o assalto de dentro ou de fóra contra nós tentado, enviar aos nossos no Maranhão o necessario socorro para o estabelecimento d'aquelle arruinado Estado, e além d'isto ainda poder effectuar o commettimento contra...; para o que já temos feito tão grandes preparativos.

Tratando-se de deliberar sobre a materia e considerando-se as difficuldades que se offerecem de um e outro lado, o enfraquecimento das guarnições n'esta occazião ou o abandono de um feito tão util ao nosso estado, e de tanta probabilidade de bom exito na execução, pareceu a deliberação de tanto pezo e consequencia que se rezolveu reflectir até amanhan (o cazo do Maranhão não soffre mais longo adiamento) para então assentarmos finalmente o que julgarmos mais conveniente n'esta situação para a Companhia e levarmos a effeito a rezolução tomada.

« Domingo, 14 de Dezembro de 1642.—Examinadas de novo todas as razões ante-hontem allegadas, tendo nós bem reflectido sobre tudo quanto concerne á materia e considerando que, apezar das difficuldades que podem rezultar do enfraquecimento d'estas guarnições, já grandes despezas se fizeram com a expedição, e que a expedição mesma é de tanta importancia para a Companhia; que a remessa da gente de guerra, que de quando em quando se deve esperar da metropole, segundo a promessa da Assembléa dos Dezenove, sómente isto viza (?); que não é de crer, que, vigente o tratado das treguas dos dez annos e pendente a solução do pedido feito a suas altas Potencias sobre a solução de Angola, os da Bahia attentem contra nós; que a isto acresce, que, sustarmos n'esta occazião a execução do dito commettimento, seremos no anno vindouro prevenidos pelos Portuguezes, ou acharemos o lugar de tal modo occupado e fortificado que com as nossas forças não o possamos tomar, rezolvemos desarmar para maior segurança e com toda a diligencia os moradores portuguezes e proseguir no nosso equipamento

para emprehendermos a expedição com Deos e quanto antes. »

« Quinta-feira, 25 de Dezembro de 1642.— Tomada a nossa rezolução de 14 do corrente, sobre a prosecução da expedição contra...... recebemos a 21 pelo navio *Gulde Rhee* avizo de São-Thomé, que aportaram em Santa-Anna duas caravelas com soldados de Portugal, os quaes se fortificaram e animaram os moradores a subtrahirem-se á nossa obediencia ; de modo que os nossos tiveram de retirar-se da cidade e de recolher-se ao castello, onde se tem mantido encerrados, sem ouzarem entrar pela terra.

Tambem chegaram aqui na quarta-feira ultima os navios *Amsterdam*, *Endracht e Abrahams Offerhand* com o Sr. Hendrick Brouwer, que traz ordem da Assembléa dos Dezenove para, no desempenho da commissão a que foi despachado, ser aqui auxiliado com um hiate e a gente de guerra que faltar ás guarnições dos navios *Amsterdam* e *Endracht*, e com mais dous navios devidamente providos e guarnecidos, si a situação o permittisse; no que o dito senhor tem insistido com muito afinco para melhor poder corresponder á intenção dos Srs. directores.

Pelo que foi hoje posto em deliberação (só hontem a tarde os Srs. Bullestraten e Codde voltaram de sua excursão á Varzea e a São-Lourenço para o desarmamento dos moradores) o que devemos emprehender á vista do estado das nossas forças em gente, navios, hiates, etc., afim de ficar seguro o que se ganhou para este Estado, e fazermos ainda os progressos que o serviço da Companhia prezentemente mais exigir.

Primeiramente e antes de tratar de novos designios, assentou-se, de acôrdo com a nossa anterior rezolução, socorrer os nossos no Maranhão com 300 soldados e 200 indios do Ceará, que para lá irão sob a direcção do tenente coronel Hinderson no navio *Blauwe Haen* e em 7 barcos, visto como é sabido, que summamente interessa á Companhia reduzir os moradores do Maranhão pela força das armas á razão e de novo pol-os sob a nossa obediencia, não só porque as regiões do Maranhão são contiguas a esta conquista, sinão tambem e principalmente

para que a impunidade e o exito da revolta contra o nosso governo não animem os moradores das outras capitanias a fazer outro tanto; por onde se vê, que o restabelecimento do Maranhão no estado anterior deve ser considerado como uma couza de grande consequencia para toda esta conquista.

Outrosim tomou-se em consideração o socorro levado de Portugal aos moradores de São-Thomé, os quaes, assim reforçados, se retiraram da nossa obediencia, e fazendo-se fortes em Santa-Anna (como se sabe que assim succedeu), obtiveram um porto livre para navios, trato e commercio, donde rezultou tornar-se infructuoza e de nenhum prestimo a nossa occupação da fortaleza.

N'esta materia ha principalmente a considerar, que o attentado de São-Thomé não podia dar-se sem conhecimento do rei de Portugal, donde se deve concluir, que o tratado das treguas dos dez annos não é entendido em Portugal de modo que em virtude d'elle os Portuguezes não possam emprehender commettimentos contra as nossas conquistas recentemente feitas do Maranhão, São-Thomé, Angola e capitania de Sergipe d'el-rei; e assim temos plauziveis razões, a julgar pelo que succedeu em São-Thomé, para recear que outro tanto succeda em relação a Angola, pois elles têm summo interesse no commercio com o dito reino.

N'estas condições poz-se em deliberação si é mais util á Companhia proseguir na nossa empreza contra.... para a qual já tão grandes preparativos e despezas se fizeram e foram pedidos 800 soldados, ou adial-a para a primeira opportunidade e auxiliar o nosso collega o Sr. Brouwer com os dous navios e o hiate, que as suas instrucções recommendam, afim de poder elle com maior reputação executar o seu designio, pois effectuar ambas as emprezas ao mesmo tempo não é possivel com as forças que temos, sem expormos a extremo perigo esta conquista.

Quanto ao primeiro ponto, teve-se em attenção a importancia do lugar pela sua capacidade e incorporação de terras vastas situadas na parte meridional da America, pela passagem do Perú e do Chile, e pelos muitos proveitos que dahi provirão, assim como considerou-se a

necessidade de preceder os Portuguezes, que têm tambem os olhos fitos n'essa região, e que podem estar promptos antes de nós no anno vindouro, e n'esse entretanto o dito lugar póde ser guarnecido e fortificado de modo que depois seja difficil conquistal-o.

Em contrario a isso ha a ponderar o desprovimento completo do nosso poder naval e de marinheiros, o perigosissimo enfraquecimento das nossas guarnições, pois, além dos 300 soldados para o socorro do Maranhão, levantar-se-iam mais 800 (para o alludido commettimento); o adiantamento do anno e a escassez de embarcaçõe pequenas, já desfalcadas dos sete barcos que levaram o socorro ao Maranhão.

Quanto á expedição do Chile sob a direcção do Sr. Brouwer, foram considerados os motivos e as razões, que moveram a Companhia a effectuar o dito equipamento, e especialmente considerou-se, que bem póde ser que por esse caminho obtenhamos o effeito dezejado e pelo qual nos esforçamos com o commettimento contra...

Além d'isto, sendo nós informados pelo nosso collega que a Companhia, para sustentar-se n'estes tempos, tem necessidades de emprezas, que promettam proveitos promptos (razão porque a Assembléa dos Dezenove as considera de maior importancia), e suppondo e intendendo a mesma assembléa que, conforme todas as apparencias, deve-se esperar esses proveitos antes da navegação e trato da costa do Chile do que da conquista de.... e (por outro lado) podendo nós formar a frota sob a direcção do Sr. Brouwer, como recommendam os Srs. directores, com menos perigo para esta conquista, ao passo que (no outro cazo) arriscariamos tudo, rezolvemos sustar por este anno o commettimento contra... e accrescentar aos navios *Amsterdam* e *Endracht*, que S. S. trouxe, os navios *Flessingen* e *Orangeboom* e o hiate *Dolphin*, os quaes serão guarnecidos e providos de acôrdo com as instrucções dos mesmos directores, para que assim o Sr. Brouwer possa com maiores forças executar o designio da Assembléa dos Dezenove sobre o Chile ».

A pequena frota, que levou ao Maranhão as forças sob o mando do coronel Hinderson, partiu do Recife a 31

de Dezembro de 1642, e chegou ao seu destino a 15 do seguinte mez, tendo tomado no Ceará 200 indios capitaneados por Gedeon Morris.

Este communicou na seguinte carta ao Supremo Conselho o primeiro encontro com os revoltozos:

« Dezejando felicidade a V. Ex. e aos nobres Srs. membros do alto Supremo Conselho, saúdo.

Servem estas poucas linhas para communicar a V.Ex. e a VV. SS., que, dous dias depois de chegarmos ao Maranhão, fizemos uma sortida contra inimigo com 420 brancos e cerca de 160 indios. Vinte arcabuzeiros e 12 indios, sob o mando do alferes do capitão Sanderlans, formavam a guarda-avançada, que eu seguia a certa distancia. O capitão Wiltschut me auxiliaria com 400 mosqueteiros.

No primeiro commettimento entrei nas trinxeiras do inimigo e lhe tomei uma caza forte, que nos fazia muito damno, matando 8 Portuguezes e alguns indios. Isto feito, avancei com os indios até a obra proxima, onde o inimigo tinha o melhor de suas forças. Os indios e os brancos que eu tinha comigo deram tão furiozamente sobre a obra que muitos chegaram até acima d'ella; com o que os Portuguezes já começavam a retirar-se.

O capitão Wilschut, que me auxiliaria com 400 mosqueteiros, avançou e chegou tão perto da dita obra que a alcançaria, atirando-lhe o caximbo; e ahi esteve em batalha, avançando ou retirando-se até que tivemos cerca de 100 homens entre feridos e mortos.

Como eu fui gravemente ferido e o foram quazi todos os meus officiaes, começaram os indios a retirar-se de junto da obra, pois viram, que os mosqueteiros não atacavam. (3)

O inimigo está fortemente entrinxeirado em todos os lugares; os brancos são pouco mais ou menos tão fortes quanto nós, e têm muitos indios do Grão-Pará.

Quizera ter ainda 200 indios de Pernambuco; com o auxilio de 400 brancos faria o inimigo abandonar apressadamente as suas pozições.

Hoje passou-se para nós um indio dos Portuguezes. Disse, que, quando atacamos, os Portuguezes e os indios fugiam, e que levaram a sua artilheria, as suas mulheres

e meninos em canoas. Prezumimos, que pretendem retirar-se para Tapicurú.

Assim terminando, encommendo V. Ex. e VV. SS. á protecção do Altissimo. *Amen*

Maranhão 18 de Janeiro de 1643. *Gedeon Morris.*»

Onze dias depois, Gedeon Morris escrevia de novo ao Supremo Conselho:

« *Laus Deo.*—S. Luiz do Maranhão 29 de Janeiro de 1643.

Dezejando felicidade a V. Ex. e a VV. SS., saúdo.

Na minha carta anterior informei claramente a vossas nobrezas sobre o rezultado do primeiro encontro; resta referir o que se passou a 25 do corrente.

Era insupportavel aos rebeldes estarem ao alcance de nossa artilharia, e na noite de 24 retiraram-se para fóra dos limites da cidade, abandonando as suas obras. Sendo de prezumir que elles se retirassem com todas as suas forças para Tapicurú, assentamos mandar o capitão Jacob com 100 indios verificar ao certo para onde o inimigo tinha ido.

O capitão Jacob internou-se cerca de duas leguas, e chegando ao mesmo lugar onde o capitão Sanderlans fora batido, deparou com o inimigo fortemente emboscado.

Ou por descuido ou por obstinação, o capitão não observou a ordem e encargo que eu lhe dera, pois lhe foi pozitivamente recommendado, que fizesse seguir duas guardas avançadas diante de sua batalha na distancia de um quarto de legua, cada guarda composta de seis indios, indo uma á direita e outra á esquerda do caminho através do mato, sem se approximarem do caminho um tiro de mosquete, e que assim seguissem diante da batalha para descobrirem todas as emboscadas; mas elle apenas poz uma guarda avançada, e esta seguia pelo caminho e tão perto que podia ser vista da batalha.

Deste modo marcharam, até que cahiram completamente na emboscada do inimigo. Este cortou aos nossos o passo pela retaguarda e então deu bravamente sobre os nossos de todos os lados.

Os da nossa retaguarda, voltando á direita, atacaram com muito valor e coragem os contrarios, que lhes tinham cortado o passo por traz, e depois de um rude combate os romperam.

Os da vanguarda, vendo-se separados em razão da estreiteza do caminho e grande aperto do inimigo, retiraram-se á direita para o mato, procurando cada qual o melhor meio de escapar. Emfim os nossos chegaram com perda de 19 mortos e com 35 feridos, cujos nomes vão na lista junta.

Si n'esses dous encontros não tivessemos tido tão máo successo, creio que viria logo pôr-se sob a nossa direcção o troço dos indios do inimigo ; mas observo, que Deos nos castiga por cauza da grande e oppressiva impiedade aqui praticada pelos nossos para com os moradores.

Como V. Ex. e VV. SS. me recommendaram, que eu indagasse donde rezultou a aversão contra os nossos, sou em consciencia obrigado a revelar a verdade: A origem de todo mal é sómente a cubiça da inconstante riqueza.

Por cubiça têm sido de tal modo vexados e constrangidos os pobres indios, homens e mulheres, a trabalhar para os Portuguezes (e isto sem o devido pagamento), que os indios, em vez de receber de nós allivio, ficaram sujeitos a maior capitiveiro.

Por cubiça o capitão Schade extorquiu 80 arrobas de assucar ao padre Barreto, porque um seu escravo comprara o facão de um soldado. Por cubiça fizeram extorsões a outros moradores (extorquiram a um 40 arrobas e a outro ainda mais), por terem em suas cazas a peça de uma lança, visto como no edital não se fez menção de lanças.

Por cubiça deixaram armas nas mãos dos senhores de engenho.

Estes e muitos outros factos que taes deram-se aqui, e a seu tempo virão á luz por meio de inquerito.

Não podia calar isto a V. Ex. e a VV. SS., pois não sei si aprouverá a Deos, que eu os torne a vér, estando a gente na guerra exposta a todos os perigos.

Peço a V. Ex. e a VV. SS., que não deixem de socorrer-nos com indios e soldados, afim de não largarmos

este lugar com quebra da nossa reputação, tanto mais quanto temos agora uma boa occazião para pôr sob a nossa sujeição os do Grão-Pará, visto como elles soccorreram os rebeldes. E tendo posto sob sujeição o Grão-Pará, vossas nobrezas poderão gozar dos frutos da terra.

Os indios pedem instantemente, que lhes sejam dadas armas brancas ou de ilharga, que aqui não ha. V. Ex. e VV. SS. queiram enviar na primeira opportunidade 160 *pedarmes*.

Si Deos permittir, que derrotemos siquer uma vez os Portuguezes e apprehendamos uns 40 ou 50 d'elles, tenho fé, que os indios (contrarios) logo se reunirão comnosco. Até agora só se passaram dous.

Hoje mandamos seis espiões a observar o que o inimigo faz.

Assim concluindo etc.

GEDEON MORRIS.

VII

Em carta de 12 de Junho de 1643, o Supremo Conselho expunha assim a situação do Maranhão aos directores da Companhia:

« Antes de chegar aqui o navio *Witte Hoope* (pois o navio *Brouwer* fretado pela camara de Groninga, em vez de trazer-nos seis lastros de farinha, como reza a carta da mesma camara, entregou-nos apenas uma barrica) estavamos em uma grande penuria do viveres.

Tendo-nos sido avizado de Porto-Calvo, do cabo de Santo-Agostinho, de Iguarassù, de Itamaracá e de Parahiba, que, na impossibilidade de obter-se por mais tempo dos moradores fornecimento de farinha, não se poderia prevenir o perecimento das guarnições, si não fossem de prompto socorridas com farinha de trigo, nós não pudemos dar-lhes assistencia, e além d'isto seriamos forçados a conservar surta aqui a ultima frota com despezas excessivas para a Companhia.

Os viveres que recebemos pelo dito navio, consistentes em 298 barricas de farinha, 100 de cevada, 30 de ervilhas, 120 de carne e 40 de toucinho, nos tiraram de difficuldades quanto á frota, e de algum modo nos proporcionaram meios para prover, ainda que por pouco tempo, as guarnições das mencionadas praças. Achamo-nos porém completamente embaraçados, e não vemos probabilidade de enviar aos do Maranhão, na penuria em que estão, a pedida provizão de viveres.

A 15 de Maio nos foi descripta a situação do Maranhão pelo tenente-coronel Hinderson e pelo ministro van der Poel, especialmente delegados para este fim pelo director e pelo conselho de guerra d'aquelle lugar. Disseram-nos, que, quando de lá partiram a 7 de Fevereiro ultimo, deixaram alimento sómente para oito semanas, e esse mesmo tão exactamente contado, que cada homem não poderia ter por semana mais de dous vazos (*kànnen*) de farinha e duas libras de bacalhão.

Tendo-lhes sido n'esse entretanto apenas remettidos pelo barco de pesca *Sperwer* 15 barris de farinha de trigo, 10 de cevada e 25 de carne e toucinho, e havendo lá cerca de 950 pessoas, contados os indios e os Portuguezes com suas mulheres e meninos recolhidos ao forte, era duvidozo si os nossos já tinham abandonado ou não a praça, porquanto o director Bas rezolvera esperar o socorro até restarem-lhe os ultimos quatorze dias de alimento, e não recebendo até então viveres, partiria a sotavento com toda a sua força para as Indias Occidentaes, onde procuraria servir a Companhia conforme as occaziões que se offerecessem.

A 18 de Maio tinhamos rezolvido, a bem da conservação do Maranhão, enviar para lá todos os viveres, que de algum modo pudessem ser aqui dispensados; mas provendo esta frota e cuidando das guarnições de fóra acima mencionadas (o que não podiamos deixar de fazer), não nos foi possivel realizar o nosso intento antes de tomarmos para a Companhia os viveres do navio *Engel Gabriel*. Tivemos assim ensejo de enviar para lá o hiate *Brack* com os viveres, que as nossas actas especificam, esperando conservar ainda o dito lugar para este Estado, e entretanto

dar conhecimento a VV. SS. da situação em que elle se acha, afim de verem si podem chegar a um acordo a respeito d'elle com o rei de Portugal ou com o seu embaixador.

O tenente-coronel Hinderson pensava, que os nossos eram bastantes fortes para defender esse lugar ou cidade de São-Luiz contra as forças dos moradores portuguezes, como ellas então se achavam; mas não sabia, que proveito pudesse dahi advir á Companhia emquanto não nos assenhoreassemos, como o fizemos dantes, do rio Tapicurú (pois os engenhos estão situados ao longo d'elle), e bem assim do Grão-Pará, para o que offerecia os seus serviços, incumbindo-se de executar a commissão, si lhe fossem dados mil soldados, além da maruja para a condução das embarcações precizas. Como porém, ainda pondo de parte todas as difficuldades rezultantes das tregoas, não temos comnosco meios para o commettimento, deixamos até agora a couza ficar n'isto.

Juntas vão as copias dos papeis e documentos, que nos foram enviados do Maranhão, bem como a copia da carta que para lá dirigimos pelo barco *Sperwer* acerca da ordem, que provizoriamente estabelecemos sobre o governo do Maranhão.

Confiamos a Gedeon Morris, com o titulo de subdirector, a inspecção dos prepostos, afim de que os artigos da Companhia sejam devidamente administrados e (os agentes) por elles respondam; e como Morris conhece a lingua e os costumes dos indios, demos-lhe tambem o encargo especial de declarar livres os indios (que estão com os nossos?) e de tratal-os bem para predispol-os para com este Estado e poder com o auxilio d'elles repor tudo na situação anterior. »

Gedeon Morris apressou-se em agradecer a honra, que lhe fôra conferida, dirigindo ao Supremo Conselho a seguinte carta :

« Illustre conde e graciozo senhor, e nobres senhores membros) do alto Supremo Conselho, etc.

Dezejando felicidade a V. Ex. e a VV. SS., saúdo.

Chegou-me ás mãos a carta de vossas nobrezas de 23 de Abril, a qual me obriga a demonstrar-vos a mais

subida gratidão, que cabe nas minhas poucas forças, por me terem julgado digno do honrozo cargo a que me promoveram.

Confio, que o bom Deos me ajudará a preenchel-o condignamente.

Como vossas nobrezas declararam apenas em dita carta os cargos, que o *commandeur* Wilschut e eu assumiremos, peço, cazo entendam que eu continue aqui, queiram prover-me com um acto (de nomeação) e com instrucções, afim de que, sabendo eu qual é o meu encargo, possa dignamente desempenhal-o, e nenhuma desintelligencia surja entre mim e o *commandeur* Wilschut sobre as nossas funcções, tanto mais quanto estamos longe do Recife, e em prazo breve não podemos receber avizo de vossas nobrezas.

Noto tambem, que alguns procuram falsear a seu talante a intenção de V. Ex. e de VV. SS. expressa em dita missiva; sobre o que queiram providenciar.

Quanto ao páo-violeta, fal-o-ei cortar quanto antes, pois tenciono partir na primeira opportunidade com a metade dos indios para o Ceará, afim de providenciar sobre todos. Desde 8 de Janeiro nos temos servido aqui no Maranhão de quazi todos os indios do Ceará e elles podem instantemente para irem ter com suas mulheres e meninos, e que se lhes paguem os serviços prestados; o que em parte tenho feito; mas como o armazem está apenas provido de *cassave* (farinha de mandioca) corrompido, queiram vossas nobrezas enviar sem falta, no primeiro ensejo, o resto do pagamento, de acordo com a memoriazinha junta, afim de que eu possa, em obediencia ás ordens de vossas nobrezas, continuar a têl-os dedicados para comnosco e animar e attrair os extranhos, com verem que tratamos com elles de boa fé, pagando os que nos servem, como se fazia antes de vir eu para aqui com os indios.

A cauza (d'esta impontualidade) é, que o estado do nosso armazem não permittia, que elles recebessem a devida ração, de sorte que ás mais das vezes tive de alimental-os com boas palavras, e não obstante elles têm prestado aqui muitos serviços á Companhia. Desde 1°. de

Abril têm feito seguramente 710 alqueiros de farinha, além de fazerem (pela falta já apontada) o seu proprio serviço e ração.

A 10 de Maio, precedendo consentimento do Conselho, parti na velha embarcação para Tapicurú com o capitão Vries, 100 brancos e 80 indios, para observar como as couzas ahi estavam dispostas. Em caminho encontrei uma das canoas do inimigo, que persegui com duas outras que commigo tinha e a alcancei, mais os individuos (que n'ella estavam) a desampararam e fugiram para o mato não pude apprehender nenhum d'elles.

A 12 chegámos ao forte Monte-Calvario, que o inimigo havia abandonado. As cazas por toda a parte queimadas; os engenhos do rio Tapicurú completamente arruinados, com excepção dos de Antonio Teixeira, do governador e de Antonio Muniz, que ainda em parte existiam, mas estavam queimadas as argolas (*argoles*) e as moendas, e tinham sido levadas todas as obras de cobre, de sorte que este Estado está todo arruinado.

De volta ao Maranhão, chegámos a Tapitapera, onde achamos o inimigo sob a protecção das obras novas que fizera. Como eramos muito fracos para tentar alguma couza contra elles, o Sr. Bas pedio-me, que me approximasse com uma bandeira branca a ver se o inimigo queria vir á fala comnosco. Sendo isto observado por elles, acudiram immediatamente, vindo á praia tambem com uma bandeira branca.

Perguntaram o que queriamos; respondemos, que o Sr. Bas dezejava conversar com elles, e si a isto estavam dispostos, podiam mandar á bordo um capitão, em troca do qual mandariamos outro á terra. Retorquiram, que, si o Sr. Bas tinha alguma couza a pedir-lhes, o fizesse por escripto, que elles responderiam. E isto se fez immediatamente.

A nossa carta e a resposta, que lhe deram hão de ser enviadas a vossas nobrezas pelo Sr. Bas ou pelo *commandeur* Wiltschut.

Quanto ao valor da resposta do inimigo, que é um tanto absurda, descutio-se em nosso conselho si deviamos responder ou não ao que elles nos disseram.

O Sr. Bas e a maioria dos votos entenderam, que a carta do inimigo não merecia resposta; eu e outros porém sustentamos, que convinha responder por varias razões, visto como elles nos accuzavam : 1°. de termos sido tão vilões para com elles; 2°. de termos tomado o Maranhão illegalmente ; 3°. de que nenhum d'elles tinha conhecimento de algum acordo concluido de parte a parte.

Si não respondessemos a estas graves acuzações, suspeitar-se-ia, que assim é, pois, segundo um proverbio vulgar, quem cala consente: seria pois acertado, ao meu ver, responder ao escripto do inimigo.

Onde elles se queixam do gravame, que se lhes fez, e de terem sido maltratados pelos nossos, como escravos (o que em parte bem póde ser verdade), lhes pediria, que nomeassem as pessoas, e declarassem o lugar, o tempo e os cazos, em que foram maltratados afim de podermos devidamente informar a V. Ex. e a VV. SS. a respeito das pessoas, que deram cauza aos aggravos e á revolta; nem o que eu propunha eram couzas sòmente particulares.

Quanto a termos tomado o Maranhão illegalmente, era um negocio este que devia ser rezolvido por suas altas potencias os Srs. Estados Geraes e por Sua Magestade (o rei) de Portugal.

O não terem conhecimento de algum acordo concluido entre elles e nós, parecia haver n'isto muita odiozidade. Porque então prestaram elles o juramento de fidelidade?

Era pois meu voto, que nós os esclarecessemos com um pouco de doçura, tanto mais quanto prezentemente pouco damno lhes poderemos fazer pelas nossas armas, attenta a força que aqui temos.

E ao meu ver, não seria desacertado convir em uma suspensão de armas até ordem ulterior, mas não sob as condições escandalozas, que elles requerem.

Para informar a V. Ex. e a VV. SS. sobre a situação d'este Estado, direi, que ha sómente dous meios pelos quaes esta terra póde ser outra vez posta em ordem. O primeiro e o melhor é sujeitar com maiores forças o Grão-Pará, e dahi prover de novo com escravos o Maranhão para que os engenhos possam ser restabelecidos no seu

estado anterior. O segundo é fazer acordo com os Portuguezes, afim de que elles habitem em suas fazendas para conserval-as.

Si nenhum d'estes dous meios póde ter lugar, a Companhia ha de despender aqui annualmente mais de trez toneis de ouro sem proveito algum: a guarnição é grande, os lugares se acham situados a grande distancia uns dos outros, e devem ser abastecidos de quando em quando á custa de grandes despezas, pois, si esta guerra durar ainda seis mezes, não haverá sementes para semear-se, nem se poderá obter uma raiz de mandioca.

Dezejo (como disse) resposta sobre a missiva, que o tenente-coronel (Wiltschut) tambem recebeu.

Outrosim peço humildemente a vossas nobrezas, que não disponham do meu lugar no Ceará, de modo que, si succeder sermos chamados aqui, não fique eu d'elle privado.

Porei todo o cuidado como dantes, em que essa capitania seja bem regida pelo substituto, que ahi deixarei.

Mandamos aqui, ha tres mezes, o *commandeur* Johannes Maxwell em um barco com dez brancos, dez indios do Ceará e cerca de trinta do Maranhão, para pescar e apanhar vacas marinhas na ilha de São-João, sita couza de 18 leguas a oéste do Maranhão. Como sabemos, que Maxwell seguiu com o barco e os indios para a ilha de São-Christovão ou Barbadas, onde provavelmente venderá os indios como escravos, queiram vossas nobrezas escrever-lhe pelos primeiros navios que sahirem, ordenando que sejam os indios devolvidos, pois os amigos muito lamentam, e póde isto dar cauza a maiores desgostos entre elles.

Guarnecemos o forte Monte-Calvario para guarda do rio Tapicurú.

Pedirei tambem amistozamente, que, como approuve a vossas nobrezas promover-me, queiram animar-me, melhorando-me o soldo, pois até esta data tenho direito apenas a vencimentos de tenente.

Queiram tambem communicar-nos, quando deixarão partir os restantes indios do Ceará, que ficam aqui em serviço, pois elles dezejam muito ir ter com suas mulheres e meninos, e nós mal os podemos dispensar (?)

Queiram ainda enviar-nos, de quando, em quando, socorro de gente e de viveres, tanto mais quanto estamos longe e nada ha a obter.

Convèm, que o barco que trouxer a paga dos indios toque no Ceará, pois é possivel, que eu então ahi esteja.

Dignem-se de prover de farinha por alguns mezes a guarnição do Ceará, que a não ser assim, converteremos em farinha e consumiremos as roças novas; o que será muito prejudicial a Companhia.

Com permissão dos chefes partiu daqui, ha alguns dias, o bote *Blaewe Haen*, guarnecido por 12 pessoas, para ir buscar algum reforço; como ha mais de 12 dias que está auzente, prezumimos ter sido atacado pelo inimigo, pois esperavamos, que não se demorasse mais de dous dias.

Estou tambem inquieto, porque o inimigo receberá agora de tudo noticia, donde maiores difficuldades provirão; pois temos nas roças 50 soldados e 50 indios, que facilmente podem receber um insulto. Pedi pois ao *commandeur* e ao Sr. Bas, que, havendo ainda farinha de trigo e de mandioca no armazem por um mez, fossem elles chamados por 14 dias; mas o meu pedido não foi attendido.

A 15 o Sr. Bas e o *commandeur* me communicaram, que os indios não podiam receber ração do armazem, de sorte que devem fazer farinha para elles mesmos e fornecer alimento para toda guarnição e para si.

Queiram vossas nobrezas considerar os fracos meios, de que disponho para animal-os!

Sobre outras occurrencias o Sr. Bas, que está a partir, informará verbalmente vossas nobrezas.

No (papel) junto vossas nobrezas poderão vêr os meios, que offereço para evitar todos os desgostos entre mim e o *commandeur* Wiltschut.

Assim etc.

Gedeon Morris » (sem data.)

O director Bas partiu para o Recife a 20 de Julho de 1643, deixando o Maranhão entregue aos cuidados de Wiltschut e Gedeon Morris.

Este foi ao Ceará, e se achava ahi em fins de 1643, segundo consta de uma carta de Wiltschut ao Supremo Conselho com data de 18 de Dezembro do mesmo anno.

E de lá não mais voltou, por ter perecido ás mãos dos indios, sobre os quaes suppunha exercer tanta influencia.

Os seguintes documentos dão noticia do fim desastrozo da guarnição hollandeza do Ceará.

« Actas *(Notulen)* de 8 de Março de 1644.—Foram lidas em Conselho as cartas e papeis do Maranhão com data de 4 de Dezembro ultimo. Descrevem a situação dos nossos, e dizem, que, para salvarem-se, tomaram diversos viveres e dinheiro a particulares; pedem, que aqui sejam pagos.

A' vista dos poucos viveres, que lá existem, rezolveu-se despachar immediatamente para o Maranhão o hiate *Hasewint* com algumas provizões. Logo que se tenha prompto um navio grande, seguirá com os outros socorros pedidos.

E como de todas as circunstancias que temos sabido, é de suppor que o forte do Ceará tenha sido saqueado e a guarnição morta, julgou-se conveniente, que o mesmo hiate tocasse de passagem no Ceará. e deixasse ir á terra alguns indios a observar ou informar-se do estado das couzas, e vêr si ha meio de aquietar (os indios levantados) e attrail-os á nossa amizade, para de tudo levarem avizo ao Maranhão. »

« Quarta-feira, 9 de Março de 1644.—O escolteto e os escabinos do Rio-Grande avizam-nos por carta de 16 de Fevereiro, que o hiate *Hasewint* ahi estivera, vindo do Maranhão, e de que referia á sua gente não podiam inferir outra couza sinão que os indios do Ceará se revoltaram, assaltaram e trucidaram a guarnição do nosso forte ; que isto mesmo tambem lhes fôra communicado por alguns Tapuias, que ultimamente estiveram n'essa capitania.

Como esses mesmos Tapuias levaram dali uma grande quantidade de cannas para flexas, pretestando que com ellas pretendiam fazer guerra a uma outra nação de Tapuias, os nossos no Rio-Grande receiavam, que o intento

fosse contra elles, e tendo mui pouca defeza em consequencia do afastamento de suas habitações, pediam, que fossem postas de guarnição em Mapabú (Mipibú), sito no meio da capitania, alguns soldados para manter em respeito e incutir medo aos indios da mesma capitania.

Rezolveu-se, deferindo este pedido, mandar pôr da guarnição em Mapabú 25 soldados sob um bom chefe para assistir aos moradores contra todo o attentado. »

« 20 de Março de 1644.—Chegou do Maranhão o hiate *Brack* de Nova-Zelandia com carta do *commandeur* Wiltschut, de 18 de Novembro, dizendo que então tinham apenas alimento para oito semanas.

Este hiate tocou no Ceará, e indo o bote á terra na ignorancia de inimizade, foi atacado pelos indios e mortos Lubbert Dircks, capitão do hiate, o capitão Ghim, o tenente Gras, tenente Kockgtien, o alferes Pyron, e mais cinco pessoas.

Dos que foram á terra escaparam sómente trez, e estes, voltando a bordo, referiram, que o nosso bote foi saqueado pelos indios, e estava vazio.

Os indios tentaram tambem saquear o hiate, indo a bordo sob capa de amizade, e mataram ahi quatro homens; mas foram repellidos, deixando dous mortos.

Os barcos de Gedeon Morris e do mestre de equipagem Emor de Bonte estavam destroçados na praia, donde se deve inferir, que toda a gente fôra morta. »

« Segunda-feira, 21 de Março de 1644.—Como de todas as circunstancias (conhecidas) não podemos outra couza inferir sinão que a desintelligencia e a inimizade dos indios do Ceará e costas adjacentes contra a nossa nação originaram-se do máo tratamento que lhes deram, e sobre tudo de não terem sido devidamente pagos dos seus serviços no trabalho das salinas de Marituba e do carregamento dos barcos nas salinas e em outras partes, comquanto tivessemos enviado de quando em quando para esse fim pannos e outras mercadorias, bem como recommendado que mantivesse os indios em boa dispozições, tratando-os cortezmente e pagando-lhes os serviços, rezolvemos remetter para o Maranhão 4.000 varas de panno de Osenburg, com que sejam plenamente pagos e

satisfeitos os indios do Ceará, que estão de guarnição no Maranhão, e que, si pedirem para partir dahi, sejam todos licenciados a ver si por este meio podem mover á paz os animos irritados dos seus amigos e compatriotas, e de novo aquietar toda a nação, porquanto pouco se póde fazer empregando a força contra uma nação tão selvagem e em tão ampla região. »

Em carta aos directores de 5 de Abril de 1644, o Supremo Conselho referia e commentava assim o cazo do Ceará :

« Do Maranhão chegaram a 29 de Fevereiro o hiate *Hasewint* e a 30 (aliás 20) de Março o hiate *Brack* com carta do *commandeur* Wiltschut, que VV. SS. encontrarão nos annexos.

....

Os ditos hiates *Hasewint* e *Brack*, vindos do Maranhão, quizeram tocar de passagem no Ceará, como é costume, para tomarem agua e refrescos, mas acharam ahi a situação bem diversa d'aquella que suppunham.

O capitão do *Hasewint*, saltando em terra trez leguas ao norte do Ceará, foi assaltado pelos indios e morto.

O capitão do *Brack*, ignorando isto, e dirigindo-se tambem para terra perto do Ceará com o capitão Ghim, os tenentes Kockgien e Gras, o alferes Pyron e mais oito pessoas afim de irem a pé ao forte, não suspeitando inimizade, foram todos assaltados e mortos pelos indios, com excepção de trez dos ditos oito que dahi voltaram a nado.

Tambem procuraram os indios saquear o hiate *Brack*, indo a bordo sob mostra de amizade para negociar papagaios e refrescos ; mas, apezar de já terem morto quatró homens, foram repellidos, deixando ficar dous mortos.

Os trez que escaparam puderam referir-nos, que o forte estava sem guarnição, e que o barco de Gedeon Morris e um outro que do Maranhão para ali tinha ido estavam destroçados na praia, donde se infere, que o forte e os barcos foram saqueados e todos os nossos mortos pelos indios ; e o mesmo succedeu a um outro barco, que carregava sal nas salinas.

Não sabemos ainda qual a origem d'essa inesperada inimizade ; mas supeitamos, que os indios não foram

tratados e recompensados pelo seu trabalho nas salinas e em outras partes, como as nossas ordens recommendavam; o que cauzou a desintelligencia e inimizade d'elles contra a nossa nação.

Como nenhum proveito podemos tirar, fazendo guerra a uma nação tão selvagem, que se recolhe immediatamente aos matos, rezolvemos escrever ao *commandeur* Wiltschut, recommendando-lhe que pagasse plenamente com panno de Osenburg, que lhe remettemos, os indios do Ceará então em guarnição no Maranhão, pelos seus serviços, e que si elles pedissem, os deixasse partir dahi satisfeitos e ir ter com os seus amigos a vêr si por esse meio se póde obter, que essa nação volte á paz e á reconciliação.

A propozito d'este cazo dos indios do Ceará, não podemos deixar de advertir a VV. SS. acerca dos indios d'esta capitania (os quaes são da mesma natureza e condição), que pouco confiança se póde depozitar em suas dispozições para com este Estado, porque de ordinario elles não tem outro fito e intuito sinão viver em liberdade, não servilmente, isto é, podendo levar uma vida ocioza e indolente, consumindo o resto de suas roças ou trabalho em aguardente, sem por isso serem castigados. Quem n'isto mais gosto lhes dá, póde fazel-os partidarios seus.

Pouca inclinação têm a que separem d'elles os filhos e os mandem á escola, segundo propoz a assembléa sinodal, para ensinar-se-lhes a religião christan e artes e officios; e para não terem aversão a este Estado, é melhor deixal-os ficar no mesmo teor (de vida) e mandar, que os ministros e os infermeiros empreguem os seus esforços nas aldêas para o fim de instruil-os na religião e na vida civil, tanto quanto fôr isto possivel. »

D'esta data em diante nenhuma outra menção de Gedeon Morris encontramos na collecção dos documentos hollandezes.

José Hygino.

IMPOSTO DO VINTEM

PELO

DR. MOREIRA D'AZEVEDO

A lei de 31 de Outubro de 1879 lançou o imposto de transito sobre passageiros de ferro-carris e sobre passageiros de vias ferreas do Estado. Em 13 de Dezembro do mesmo anno foi expedido o regulamento para arrecadação d'essa taxa.

Esse regulamento começaria a vigorar em 1 de Janeiro de 1880.

Aprezentado no parlamento pelo ministro da fazenda Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo, hoje visconde de Ouro-Preto, não houve quem combatesse similhante imposto e nem a imprensa achou palavras para censural-o, apenas o *Jorna' do Commercio* publicou artigos verberando o projecto. Parecia ser couza de merecer o consenso de todos, e aproveitavel e util providencia. Mas logo que foi votado e entrou em execução o imposto, ergueu-se o povo contra a praticabilidade da idéa.

Posta em execução em 1 de Janeiro de 1880 a taxa de 20 réis por passageiro, que circulasse nas linhas ferreas da cidade do Rio de Janeiro e suburbios de tracção animada ou de vapor, levantou-se grande alarma entre o povo, e houve agitação geral.

Em verdade era severa, desigual e incommoda similhante taxa.

Era severa, porque, circulando n'essa época cerca de trinta milhões de passageiros no Rio de Janeiro, ficou só n'esta cidade a circulação sobre carris de ferro tributada em seiscentos contos de réis, somma assás avultada, tirada de ricos e pobres, e estes em maior numero, como sempre acontece.

Era incommoda, por que, não se prestando a nossa moeda subsidiaria com facilidade a dividir-se em fracções de 120 e 220, era um vexame para o povo este imposto.

E era desigual, porque pagavam a mesma taxa os passageiros de 100, 200 e 400 réis.

Tendo convidado o povo para reunir-se ás 10 horas do dia 1 de Janeiro, na praça D. Pedro Segundo, hoje « Quinze de Novembro », orou o Dr. Jozé Lopes da Silva Trovão profligando o imposto do vintem e aconselhando a massa popular, que rezistisse a essa contribuição, recuzando o pagamento.

Já nos ultimos dias do anno de 1879 fizera o mesmo orador um longo discurso na praça de Pedro Primeiro hoje campo de São-Christovão, em que censurava a politica do governo.

A's 5 horas da tarde do referido dia 1 de Janeiro, reunida na rua da Uruguaiana grande multidão popular, começou a vociferar contra o imposto do vintem. Principiaram alguns mais exaltados a arrancar os trilhos, a quebrar os bondes, e a lutar com os coxeiros e conductores. Foi crescendo o tumulto, e chegou-se a descalçar as ruas para levantar barricadas.

Avizado do perigo, enviou o governo o 1° batalhão de infantaria de linha, commandado pelo coronel Enéas Galvão, que recebeu ordem de dispersar o grupo, que se entrinxeirara na rua da Uruguaiana, e outros que encontrasse em outros pontos da cidade. O povo rezistio tenazmente á força publica, que teve de fazer fogo, rezultando, da luta a morte de quatro cidadãos e ferimento de muitos.

Durante os dias 1, 2, 3 e parte do dia 4 a policia, o batalhão naval, os imperiaes marinheiros e a força do exercito foram empregadas em manter a tranquillidade publica, repellindo os perturbadores em differentes pontos da cidade.

Foi o povo subjugado, e continuou o imposto do vintem, bem que de modo irregular, pois recuzavam-se muitos cidadãos sujeitar-se a tão vexatoria, desproporcional e irregular taxa, que se limitou só á cidade do Rio de Janeiro. Similhante recuza dava lugar a frequentes contendas entre os passageiros e os empregados das companhias de bondes, que exigiam a cobrança, sendo necessaria a intervenção da policia varias vezes.

A companhia de bondes da linha de Botafogo tomou a si o encargo de entrar para o thezouro com a quantia correspondente para livrar seus passageiros da impertinente taxa do vintem.

N'esse tempo começaram a apparecer na cidade moedas de vintem envolvidas em papel com o distico: « Esmola para os mendigos de casaca. » *

O motim popular do vintem precipitou a queda do ministerio Cansanção de Sinimbú, sendo chamado para organizar novo gabinete, em 20 de Março de 1880, o conselheiro Jozé Antonio Saraiva.

Continuando os conflictos populares pela cobrança do imposto do vintem, aconteceu, que no mesmo anno que entrou em execução cahio similhante imposto.

Bastou, que em sessão do senado fizesse o prezidente do conselho de ministros Jozé Antonio Saraiva a declaração de ser incobravel essa taxa, para que a cobrança deixasse de tornar-se effectiva.

Já dissemos, que a taxa de 20 réis por pessoa, que transitasse a toda hora nos bondes, quer pagasse 100, 200 réis ou mais de passagem, era vexatoria e desproporcional, mas cumpre reconhecer, que terminou de um modo inconveniente e irregular.

Estando o parlamento aberto, em exercicio as duas camaras de deputados e senadores, era a assembléa geral que competia revogar similhante imposto, não bastando uma simples declaração do chefe de gabinete ministerial. Só a assembléa geral, que votou o imposto, é que tinha a faculdade de revogal-o, porém não o governo.

---

* Possuimos uma d'essas moedas.

Essa taxa não foi, como já vimos, lançada somente sobre passageiros de ferro-carris, porém tambem sobre os de vias ferreas do Estado. E n'esta parte ainda se acha em execução.

Além de diversos artigos, que publicaram as folhas da capital contra o malfadado imposto do vintem, appareceu um lundú intitulado « Por cauza do Vintem » e uma scena comica com o titulo : « Sô Zè Povinho » ou o Imposto do Vintem.

D'essas compozições transcrevemos alguns versos apenas como curiozidade historica.

Lundú

Si o povo se levantou,
Fez o povo muito bem,
Si depois se acovardou,
Foi por cauza do vintem.

Si nos bondes a passagem
Pagar mais o povo tem,
Si brigarem na viagem,
Foi por cauza do vintem.

O Brazil adiantado
Caminhava muito além,
Si hoje vê-se atrazado,
Foi por cauza do vintem.

Foi tudo de cabo a rabo
Por um dinheiro xenxem,
Si o povo fez o diabo
Foi por cauza do vintem.

Adeos, amigo Xingú,
Requiescat in pace, amen ;
Si escrevi este lundú,
Foi por cauza do vintem.

Na scena comica « Sô Zé Povinho » composta por Faustino Manoel Soares, lêem-se estes versos :

Vive o pobre amargurado,
Mas vá pagando o vintem,
Si quizer ser transportado,
Quando vae e quando vem.

Bondes, estradas de ferro,
Até o fumo tambem,
Não tem que dizer : Não quero.
Hão de pagar o vintem.

Sempre o forte contra o fraco,
O grande contra o pequeno,
Si não tem para tabaco,
Tenha o vintem pr'o governo.

Ainda agora esse vintem
Tantas desgraças cauzou,
Guerra vae e guerra vem,
E afinal continuou.

Maldita praga rateira
De tempos a tempos vem,
Não podem roer algibeira,
Mas vão filando o vintem.

Em 1890, decorrido um decenio, que se dera o motim popular originado da decretação do imposto do vintem, rezolveram alguns patriotas commemorar com brilhantismo a data da campanha popular de 1 de Janeiro de 1880. Seria dividida a festa commemorativa em trez partes, a saber, passeata civica, sessão solemne e publicação de um jornal historico literario.

A intenção dos patriotas era talvez recordar com louvor o civismo do povo da capital do Brazil. Dera-se o motim popular do vintem no tempo da monarchia, porém estando já em 1890 proclamada a republica,

dezejava-se lembrar a perseguição do governo ao povo, que viera reclamar na praça publica contra tão irregular e incobravel imposto. Dezejava-se memorar a independencia, a dignidade e altivez popular, e prestar culto civico, na aurora da formação da Republica, aos cidadãos que haviam reagido contra uma medida injusta e vexatoria do antigo regimen. Mas a projectada commemoração não realizou-se.

MOREIRA DE AZEVEDO.

Nota.—Esta pequena memoria foi remettida ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 1891, lida em sessão a pedido do autor.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

DO

DR. NICOLÁO MOREIRA

Tracejando o esboço biographico, com que pretendemos significar a homenagem publica de nossa admiração á memoria de um dos mais illustres filhos do Brazil, sentimos o natural embaraço, a hezitação caracteristica de quem aventura o seu nome obscuro e modesto em uma tentativa, que reclama, por sua transcendencia, as energias de um espirito de eleição.

Demais, sei não nos é dado evidenciar em seguros traços todas as grandes virtudes, que aureolaram o espirito do illustre morto, todos os attributos que constituiram o seu maior thezouro, não nos parece facil recompôr, pelo estudo sucinto de uma vida dedicada em extremos de amor á cauza publica, a personalidade de um homem recentemente morto, e que nos merecera sempre o cunho de veneração, com que a mocidade deve sagrar os velhos patriotas.

O illustre publicista Guizot, que consagrara a Sir Robert Peel, de par com o mais legitimo affecto, a admiração a que se impozera, em face do mundo culto, o notavel membro da camara dos communs, não emprehendeu a grandioza obra de trazel-o á memoria da posteridade, sem que largos annos passassem sobre o tumulo que guarda os despojos d'aquelle grande homem de governo, porventura um dos mais fortes sustentaculos do sistema reprezentativo na Inglaterra.

Para justificar-se d'essa delonga, que exprime a sensibilidade moral, o criterio acurado do memoravel biographo de Carlos I e de Ricardo Crommwel, dizia elle, que é muito difficil falar dos mortos, mesmo dos melhores, em prezença dos sentimentos que se manifestam em torno de seu tumulo, e quando parece, que elles ainda estão ahi e ouvem as palavras que lhes são dirigidas.

O mesmo escrupulo nos domina, o mesmo embaraço nos coarcta a expansão de nossos sentimentos intimos, diante ao tumulo que encerra, na quietude apparente da morte, velados pelas lagrimas amarissimas da saudade, os restos do Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, em cuja existencia afanoza e util ha muita lição de civismo a ser ministrada á geração, em cujo seio elle viveu e sentio.

E' cedo, em verdade, para reunir o espolio de sua utilissima obra, e não seremos nós que possamos fazel-o, mesmo porque o silencio indulgente, que se fez em torno de sua memoria, contrastando com nosso empenho em enaltecel-a, averbará de parcialidade affectuoza, diante d'aquelles que não privaram em seu convivio, que o conheceram como sabio, mas desconhecem o que foi aquelle coração amoravel e terno, este preito modestissimo, que reprezenta uma pequena parcella do reconhecimento, que o Brazil devia tributar-lhe em homenagens solemnissimas.

Não se comprehende e chega a repugnar ás consciencias, que guardam em toda sua nitidez a noção generoza do reconhecimento, o olvido que se atira, a poucos passos da sepultura, sobre um nome que devia fluctuar em todos os labios, vibrar em todos os corações susceptiveis de amor, imprimir-se com o cunho indelevel de um simbolo querido, em todas as intelligencias que foram beber nos livros que elle escreveu, nas idéas que elle apostolou, o que ha de mais edificante na abnegação, de mais persuasivo no patriotismo.

Não seria apenas um conforto com que fossemos dulcificar a magoa, que enluta o seu lar, porque nas homenagens que se tributam aos homens notaveis ha profuzos ensinamentos, para os que se acham em meio da longa jornada da vida publica, energico incitamento para os que trabalham e porventura, correctivo efficaz para os que se

deixam ficar no abandono da inercia, perdidos para a patria e para a familia. Nada mais bello, mais edificante do que esse culto á memoria dos mortos, que procurámos eternizar na rigidez incoercivel do bronze, na brancura nevada do marmore, na verdade imperecivel da historia.

Elles hão de sugestionar as gerações que se lhe succederem a seguir-lhes os passos, imitar-lhes os exemplos, dignificar-se pelo trabalho, que é o germen da aristocracia moderna—a dos eleitos do talento, dos privilegiados da virtude e do patriotismo.

Os monumentos levantados pelas nações cultas, como preito a seus filhos dilectos, são livros abertos aos olhos da mocidade, valem por dezenas de lições proferidas nas escolas, falam mais alto do que a eloquencia dos mestres e reprezentam, porque assim o digamos, altares erigidos á sagração dos grandes homens. O Dr. Nicoláo Moreira foi uma d'essas organizações privilegiadas, e não poderemos esquecel-o, sem que consagremos como verdade incontroversa a fraze memoravel inscripta por Nordau nas paginas de um livro celebre: A gratidão não existe.

D'elle não se póde dizer, que foi uma funcção de seu meio. Tão rigida a compleição de seu caracter, que elle jàmais subordinou-se á influencia mesologica, guardando, como em um santuario, a firmeza de seus principios, a limpidez de suas convicções. Tendo passado a melhor porção de sua vida entre aquelles que mais deificaram o throno, foi republicano, convivendo com escravistas, fez-se coripheu da redempção dos captivos.

Acompanhemol-o pois na longa trajectoria de sua carreira publica, sigamol-o desde o periodo inicial da sua vida até quando a fragilidade da materia, cedendo á lei inelutavel da destruição, fez repouzar na algidez do tumulo aquella cabeça nevada pelos annos, e que trazia latente a incandescencia da primeira idade: era um velho com cerebro de moço, gigante com coração de criança.

Filho legitimo de Nicoláo Joaquim e de D. Carlota Maria Gonçalves, nasceu o illustre homem de letras n'esta capital, em 10 de Janeiro de 1824, á travessa da Gambôa n. 3, onde mais tarde construiu-se a estação maritima, na Estrada de ferro central do Brazil.

Educado no seio de uma familia, em que as tradições da honra constituiam um de seus maiores titulos honorificos, cercado de todos os elementos capazes de desenvolver a vitalidade de seu espirito, bem cedo despertaram-se-lhe as aptidões, de modo a entrever-se n'elle uma organização predestinada ás lutas do trabalho, ás conquistas gloriozas da intelligencia.

Encetando, ainda muito joven, sua carreira literaria, elle o fez dominado por amor estremecido ao trabalho, sugestionado pela sêde de saber, e na soffreguidão de quem procura approximar-se de um ideal que vê pairar ao longe, como a illuzão fugitiva de um sonho, fez em rapido tirocinio o seu curso de preparatorios, entregou-se com perseverança ás locubrações da vida academica, nobilitou-se pela continuidade dos triunfos, e aos 23 annos, recebia na Faculdade d'esta capital o laurel de medico, por entre assignalados encomios de mestres eminentes e de collegas que o admiravam.

A medicina foi-lhe, desde então, verdadeiro sacerdocio. Elle não a exerceu como mera profissão material, pingue de rezultados, mas como um apostolado de caridade, d'essa caridade evangelica, que não foge aos reclamos da mizeria, antes se condóe dos proscriptos da fortuna, dos que se debatem no antro das mais fundas agonias, sem um raio de luz a adelgaçar-lhes a nevoa do soffrimento.

Elles o chamavam *medico dos pobres*, e n'esta expressão dulçoroza e terna sente-se a vibração suavissima do conhecimento popular, a gratidão dos que, em transes amargurados, experimentaram o conforto de sua palavra, a efficacia de seu saber profissional. Sob aquella apparencia severa e pouco communicativa, havia a cordura, a docilidade captivante de uma alma bem formada. Era tão bom, tão delicadamente sensivel que ao falar nos thezouros mais opulentos de seu affecto, na espoza, a quem queria tanto, em uma filha, que era o encanto de sua velhice, a auxiliar solicita de seus trabalhos literarios, avelludavam-lhe o olhar as lagrimas da mais intima emoção, sentia-se, que aquella organização de athleta abalava-se no intimo como as grandes arvores se agitam ao sopro rigido do vendaval.

Em 1854 cazou-se o Dr. Nicoláo Joaquim Moreira com a Exma. Sra. D. Maria de Jezus Pinheiro Moreira, de cujo enlace proveio a digna prole, a quem elle devotava todas as caricias, todos os extremados desvelos de que era capaz sua grande alma, aberta a todos os sentimentos bons, inclinada ao bem, esmaltada ao brilho de attributos nobilissimos, enaltecida pela intuição correcta e impecavel de seus deveres sociaes.

Na vida publica, como na domestica, nas labutações diuturnas do trabalho, como no remanso da familia, na quietude imperturbavel do lar, elle foi sempre a mesma personalidade, sem desvios de caracter, sem tergiversações no cumprimento do dever civico: trabalhador, generozo e honesto.

Tendo seguido a carreira medica, foi impellido, entretanto para as grandes questões economicas, que se agitavam, com vivo interesse, no seio do paiz e de par com a sciencia que professava. entregou-se com tão acrisolado amor á investigação de problemas industriaes e scientificos, que o Brazil teve de inscrevel-o em o numero de seus mais notaveis naturalistas, de seus mais illustrados homens de sciencia. Vastissimo o seu repozitorio de conhecimentos technicos, não lhe eram estranhas as questões mais complexas da agronomia moderna, as doutrinas mais transcendentes da sciencia economica, como não escapava á sua percepção os mais intrincados processos biologicos.

N'uma idade em que a memoria obedece á influencia deprimente do depauperamento senil, elle a conservava tão nitida como em pleno vigor da juventude, e era para sorprender ouvil-o citar sem discrepancia as familias, generos e variedades das plantas de nossa riquissima flora, todos os caracteres especificos da fauna brazileira; o que acentuava a profundeza de seus estudos scientificos.

Contam-se por dezenas os trabalhos que deu á publicidade, a partir de 1847, quando aprezentou á Faculdade de Medicina a sua theze inaugural, que versou sobre o estudo da escarlatina. Desde então iniciou-se para elle um periodo de actividade, pouco commun entre os nossos homens de letras.

Subordinando ao titulo « A moral é a baze da civilização » publicou, em 1861 valiozo estudo sobre questões sociologicas, e um anno depois, dous trabalhos dignos de menção «Diccionario das plantas medicinaes brazileiras » e «Considerações sobre o maravilhozo e o exercicio illegal da medicina e da pharmacia», producções assás festejadas e que são o mais eloquente attestado de sua illustração aprimorada e da pujança varonil de seu radiozo talento.

Uma circunstancia, que reclama ser rememorada, fêl-o distribuir sua actividade entre a medicina e a sciencia agricola, que passou a ser o ponto de convergencia de seus maiores esforços. Em 1863 a « Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional», teve a fortuna de inscrevel-o na lista de seus associados, e o Dr. Nicoláo Moreira foi encontrar no seio d'aquella corporação, que póde offerecer confronto com suas similares do velho mundo, campo apropriado á explanação de suas aptidões. Nomeado logo depois consultor technico d'aquella instituição e redactor do « Auxiliador da Industria Nacional », em 1864, o Dr. Nicoláo Moreira revelou-se um espirito superior, constituiu-se um dos seus mais vigorozos sustentaculos, o homem necessario, para cujos conhecimentos se appellava nos momentos difficeis, o patriota capaz de todos sacrificios no cumprimento do mandato que lhe fôra confiado.

Para salientar o seu papel proeminente como arbitro das deliberações d'aquella agremiação de homens de sciencia, faz-se precizo lembrar, que a Sociedade Auxiliadora constituiu-se, desde o inicio de sua fundação, que remonta aos primeiros dias de nossa vida de povo autonomo e independente, parte integrante do ministerio da agricultura, porque ali partiam todos os pareceres sobre concessão de patentes e privilegios; o que reclamava de seus associados grande competencia profissional.

Nas paginas d'aquella revista sempre laureada, sustentou elle a necessidade inadiavel da abolição do elemento servil, como condição necessaria ao povoamento de nosso territorio, a urgencia de levantar-se, pela applicação do imposto territorial, a pequena propriedade, de que se fizera patrono o legendario Baurepaire Rohan, e

que se lhe afigurava incentivo efficaz á immigração espontanea.

Republicano por indole, amigo extremado de seu paiz, elle quizera expurgal-o de todos os elementos contrarios a sua evolução e n'esse intuito patriotico condemnou sempre a immigração chineza, sobre a qual colhera informações detalhadas em São-Francisco da California, quando exerceu em 1876 as funcções de membro da commissão brazileira na expozição de Filadelfia.

Quem quer que se proponha a estudar assumptos de colonização no Brazil, encarando-a sob a feição mais consentanea com os interesses nacionaes, ha de encontrar nos trabalhos do Dr. Nicoláo Moreira a melhor fonte de informações e conceitos que possuimos ao lado das publicações da « Sociedade central de immigração », que infelizmente mallogrou-se, deixando-nos proseguir nas praticas condemnaveis da immigração official.

Ninguem melhor estudou entre nós o problema economico do trabalho, que se tornou de mais urgente solução, após a extinção do elemento servil, cujas consequencias já estariam removidas si abandonassemos o regimen da immigração por cabeça, tão pernicioza e inutil como o trafico de africanos.

As doutrinas de Nicoláo Moreira, Escragnolle Taunay, Beaurepaire Rohan e outros propagandistas ficaram esquecidas ; mas os milhões do thezouro, absorvidos pelas emprezas de colonização, ainda não solveram a crize da lavoura, nem conseguiram melhorar a produção nacional.

Uma das maiores preoccupações do Dr. Nicoláo Moreira era a divulgação do ensino agricola, e n'esse intuito escreveu obras didacticas sobre differentes assumptos de agronomia, publicou artigos e panfletos de propaganda, estudou demoradamente as culturas de diversas plantas, apontando os meios de melhoral-as e de beneficiar de acôrdo com os preceitos modernos, os principaes produtos de exportação nacional. Ninguem entre nós, que se tenha empenhado n'essa luta, revelou ainda melhor orientação, porque o illustrado propagandista, pretendendo operar a transformação do trabalho rural, pensava disseminar por todo o paiz as instituições de ensino

profissional mais compativeis com os nossos recursos e com o gráo de instrucção das classes produtoras.

Elle bateu-se varonilmente pela creação das fazendas escolas, julgando ainda cedo para adoptarmos um programma de ensino tão complexo como o promulgado na França em 1848, ou como os da Allemanha, Austria, Belgica, Suissa e outros centros europeus, onde esse ensino se acha organizado de modo a servir ao desenvolvimento das fontes de producção.

Confiado em sua notavel competencia, commetteu-lhe o Instituto fluminense de agricultura a direcção do Jardim botanico e da Quinta normal, onde revelou, além de muito tino administrativo, comprehensão exacta da difficilima tarefa que lhe fôra destinada.

Circunstancias especiaes privaram-n'o de elevar a Quinta normal ao nivel de suas congeneres no estrangeiro, mas de seu empenho em reorganizal-a, amoldurando-a ás exigencias do ensino pratico de agricultura, se póde inferir o devotamento patriotico, a boa orientação technica com que elle assignalou sua passagem por aquelle orfelinato. Conhecido o seu grande cabedal sobre a materia, confiou-lhe o governo a tarefa de traçar um plano de organização do ensino agricola em todo o paiz, e o relatorio então apresentado testifica a nossa affirmativa, relativamente á latitude de seus conhecimentos sobre tão importante ramo do ensino publico.

Em 1883 o ministro Henrique d'Avila o nomeou para examinar a Escola agricola da Bahia, a qual pretendera reformar, o que nos offereceu ensejo de conhecel-o de perto, de admiral-o como homem de sciencia.

Temos nitidamente impressa a recordação do dia memoravel, em que elle, acompanhado do maviozo poeta Pedro Luiz, então prezidente da provincia, percorreu aquelle grande estabelecimento, assistindo ás prelecções do dia, acompanhando com decidido interesse, nas aulas como nos laboratorios, todos os trabalhos escolares. Perante a congregação reunida solemnemente expoz o notavel agronomo a reforma que havia elaborado, revelando todos os recursos de sua admiravel illustração, mostrando-se ao corrente da evolução pedagogica nos paizes mais civilizados.

De volta d'aquella commissão, lhe foi conferido o titulo de Conselho, que elle aceitou por mera condescendencia, como anteriormente havia feito em relação aos de cavalheiro da Ordem de Christo e commendador da Ordem da Roza, com que o governo imperial entendeu significar-lhe o elevado apreço, que lhe mereciam os seus trabalhos scientificos.

Possuindo outros titulos honorificos, entre os quaes o de cavalleiro da Legião de Honra, que lhe foi conferido, em 1889, como prezidente da Expozição preparatoria para a Expozição de Pariz, não se desvanecia com elles, antes procurava occultal-os á sombra de sua modestia, collocando em nivel superior os titulos de diversas sociedades scientificas do Brazil e do estrangeiro, taes como o de socio dos Comicios agricolas da Italia, da Sociedade de geographia de Lisboa, da de sciencias naturaes do Mexico e da Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes.

Como si não bastassem para sagral-o patriota tantos serviços prestados com dedicação a seu paiz, approuve ao governo da Republica investil-o, em 1891, das funcções de prezidente da Intendencia municipal, cargo que elle aceitou com grande sacrificio seu, e no qual revelou-se administrador honesto e criteriozo, não conseguindo porém realizar o seu plano de reformas, attenta a rezistencia do meio.

Escolhido para a commissão do planalto de Goiaz, o illustre director das matas e jardins publicos d'esta capital, apontaram-n'o para substituil-o e n'aquelle honrozo encargo foi a morte victimal-o aos 70 annos de idade.

O Dr. Nicoláo Joaquim Moreira não foi portanto um homem obscuro, d'esses que atravessam a vida, circunscrevendo na esfera dos affectos intimos a vitalidade de seus esforços, a firmeza de sua dedicação.

Elle não conheceu esse excluzivismo: amava a familia como a patria; a uma consagrava o devotamento affectivo de seu coração de ouro, encrustado de sentimentos bons, a outra dispensou, desde a mocidade até á velhice em que a morte foi sorprendel-o, o cuidado incessante, o esforço

ininterrupto de sua actividade febril, de seu vigorozo talento.

Intelligencia ductil, que se amoldava, sem reacção nem constrangimento, ás mais diversas adaptações, medico e jornalista, literato e homem de sciencia, elle trabalhou, no percurso de quazi meio seculo de vida publica, pela grandeza de seu paiz, enriquecendo-o com as limpidas fulgurações de seu espirito. *

DOMINGOS S. DE CARVALHO.

---

* Publicado no *Jornal do Commercio*.

NOTICIA BIOGRAPHICA

DO

General Antonio Maria Coelho

Faleceu em Corumbá, na idade de 67 annos, no dia 30 de Agosto ultimo, o general de divizão reformado Antonio Maria Coelho, o qual prestou durante a sua carreira militar assignalados serviços á patria, maxime ao Estado de Mato-Grosso, donde era filho, no memoravel dia 13 de Junho de 1867, em que gravou em caracteres diamantinos o seu brio, a sua honra e a sua inquebrantavel bravura de reivindicação da sequestrada Corumbá aos barbaros e traiçoeiros Paraguaios, que haviam profanado os penates de suas fronteiras do sul.

Nasceu este general a 8 de Setembro de 1827 na cidade de Cuiabá, sendo seu pai o tenente-coronel reformado do exercito Vicente Coelho, brazileiro adoptivo, e sua mãe D. Maria Agostinha Carolina de Almeida, oriunda de uma das mais distintas familias d'aquella cidade.

Aos 12 annos de idade, revelando já uma intelligencia lucida, assentou praça voluntariamente a 7 de Abril de 1839 no exercito como simples soldado em um dos corpos de artilharia da provincia.

A 2 de Novembro de 1840 foi promovido no posto de 2°. sargento e reconhecido cadete de 2ª. classe aos 10 de Janeiro de 1842. Em 10 de Fevereiro de 1843 teve licença para estudar na Escola militar do Rio de Janeiro,

para onde seguiu por terra, permanecendo aqui até principios de 1849. Por decreto de 7 de Setembro de 1847 foi promovido a alferes para o corpo de caçadores de sua provincia natal.

Tendo completado o curso de infanteria com approvações plenas, e em 31 de Maio de 1849 o 3°. anno pelos estatutos a que se refere o decreto n. 404 de 1°. de Março de 1845, aprezentou-se no seu corpo, onde passou logo a exercer as funcções de ajudante.

No exercicio d'estas funcções acumulou, no primeiro semestre de 1850, o serviço de agente do conselho administrativo e o commando interino da 2ª. companhia, e no principio do seguinte semestre destacou para a fronteira do Baixo Paraguay, onde prestou bons serviços até 1856, tendo servido desde 6 de Março de 1855 de ajudante de ordens do commando das armas, cujo quartel-general era no forte de Coimbra.

Promovido ao posto de tenente por decreto de 2 de Dezembro de 1855, foi classificado no 6°. batalhão de infanteria e ficou addido ao batalhão de caçadores com a mesma commissão de ajudante do commando das armas, da qual foi dispensado a 2 de Novembro de 1856 e elogiado em ordem do dia pela intelligencia, zelo e circunspecção com que desempenhou as suas funcções.

Por decreto de 2 de Dezembro de 1860 foi promovido á capitão, e n'este posto prestou inolvidaveis serviços na coadjuvação da defeza do territorio de sua provincia natal.

Tendo sido nomeado pelo prezidente da provincia major em commissão para fiscalisar o batalhão de Voluntarios da Patria, em attenção ás suas habilitações e merecimentos, foi desligado do corpo de artilharia, onde então servia, e louvado em ordem do dia, marchando logo para o Mutum, donde regressou com o batalhão em Fevereiro de 1867.

A 15 de Fevereiro do mesmo anno (1867) foi nomeado pelo prezidente da provincia, o Dr. Jozé Vieira Couto de Magalhães, e que organizava a expedição para desalojar os Paraguaios do territorio brazileiro, para commandar as forças destinadas a estas operações de guerra, que foram coroadas do mais brilhante successo, depois de percorrer

a expedição dezenas de kilometros através de matas virgens e terrenos escabrozos.

N'este brilhante feito de armas realizado em Corumbá, em poder dos Paraguaios, raros foram os inimigos que escaparam com vida, ainda mesmo protegidos pelos vapores *Apa* e *Anambahy*, que ali se achavam fundeados.

Em novembro do anno seguinte, publicava o commando das armas da provincia o avizo do ministerio da guerra de 13 de Agôsto, em que, em nome do Imperador, era elogiado e louvado o distinto Matogrossense, commandante d'aquella expedição, *pelo grandiozo feito de Corumbá*, e bem assim outro do ministerio do imperio, em que se consignava, por igual motivo, *um voto de gratidão e de reconhecimento* da camara dos deputados.

O decreto n. 4201 de 6 de Julho de 1874 fez-lhe extensiva a medalha *Constancia e Valor*, pelo brilhante assalto á Corumbá, sendo ainda agraciado com o officialato da Imperial Ordem da Roza pelos serviços prestados no combate do Alegre.

Em 24 de Outubro de 1875 foi nomeado commandante da fronteira do Baixo Paraguay, tendo-lhe sido confirmada a patente de tenente-coronel por decreto de 1 de Maio do mesmo anno.

Por decreto de 5 de Setembro foi-lhe concedida a medalha do *Merito Militar*, em cujo passador de ouro estava mencionado o *combate de Corumbá*.

Em 24 de Maio de 1885 foi graduado no posto de coronel, e por decreto de 14 de Agosto do mesmo anno fez-se-lhe effectiva a mesma patente.

O Sr. general Floriano Peixoto, ao deixar o commando das armas da provincia em 5 de Outubro de 1885, disse, em sua ordem do dia de despedida, «que cumpria um dever de justiça, louvando o coronel Antonio Maria Coelho pelo modo digno com que se conduzio no exercicio dos cargos de commandante do batalhão 19°. e do distrito militar de Villa-Maria durante a sua administração, nada deixando a dezejar o zelo e dedicação que sempre manifestou em prol do serviço publico, a par do interesse em manter a disciplina militar no mais alto grau de moralidade e prestigio ».

Foi promovido a brigadeiro por decreto de 19 de Agosto de 1888, e seguio pouco depois para o Rio de Janeiro, sendo elevado ao grau de commendador da Ordem de S. Bento de Aviz em Fevereiro do 1889, e logo depois nomeado commandante da 3ª. brigada do exercito que, sob o commando do Sr. general Manoel Deodoro da Fonseca marchou para a fronteira do Brazil com a Bolivia, cujo quartel-general foi estabelecido em Corumbá, seguindo elle com a sua brigada para São-Luiz de Cáceres, no extremo norte da mesma fronteira.

Dissolvido o mencionado corpo de exercito de observação, foi o brigadeiro Antonio Maria Coelho nomeado inspector dos corpos da guarnição da provincia pela portaria de 28 de Junho do mesmo anno.

Ao ser proclamada a Republica, foi o brigadeiro Antonio Maria Coelho acclamado governador do seu Estado natal, acto este popular, que foi reconhecido pelo governo provizorio da Republica, prestando esse official nessa qualidade bons serviços, não só á cauza da Republica como ao seu torrão natal.

Finalmente, foi reformado em general de divizão e recolheu-se ao seu Estado, onde terminou, na placidez do lar domestico e no convivio dos seus parentes e amigos, a sua brilhante carreira militar.

(Publicado no *Jornal do Commercio* de 12 de Outubro de 1894).

EXCOMMUNHÃO ECCLEZIASTICA

CONTRA

tribunaes, ministros, magistrados e mais officiaes de justiça.

Dom João, por graça de Deos, Principe Regente de Portugal, e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, etc. Faço saber aos que esta provizão virem: Que sendo-me prezente em consulta da meza do meo dezembargo do Paço pela aprezentação que lhe fizeram o ouvidor da comarca de Paranaguá e Curitiba, a temeraria ouzadia, com que o Padre Luiz Jozé de Carvalho, vigario da Villa Nova do Principe, a impulsos de seu desmezurado orgulho declarara excomungados, e obrigara a penitencia das varas na porta da matriz a seis soldados milicianos, que auxiliaram a prizão do Padre Francisco Jozé Monteiro Batalha, ordenada pelo juiz ordinario d'aquella villa, afim de o remeter para o juiz do seo foro com a culpa, que lhe rezultára da querela contra elle dada pelos crimes de rapto e estupro; E sendo estes escandalozos procedimentos despidos de jurisdição, por não serem de modo algum da competencia do dito vigario, praticados contra a pozitiva determinação do decreto de 10 de Março de 1764, que rezervou ao meo immediato conhecimento todos os cazos de excomunhões fulminadas contra os tribunaes, ministros, magistrados, e officiaes de justiça, quando contra elles se proceder sobre materias de sua jurisdição e officios, e por consequencia contra os que em seu auxilio vão, como foram os sobreditos soldados milicianos; Conformando-me por minha immediata rezolução de 20 de Maio d'este anno com o parecer da

sobre dita meza, em que foi ouvido o dezembargador procurador da minha real coroa e fazenda; Sou servido (alem do mais que determino) declarar capciozas, nullas, irritas, vans e de nenhum effeito as ditas excommunhões; ordenando que por taes sejam tidas, havidas, e reputadas para não produzirem effeito nem prestarem impedimento algum, qualquer que ella seja. E prohibo a todos e a cada hum dos meos vassallos, eccleziasticos, ou seculares, ministros ou particulares, debaixo das penas da minha real e gravissima indignação, da confiscação de todos os seus bens, e das mais que ao meio real arbitrio ficam, que dêem alguma atenção ou credito ás ditas excomunhões e procedimentos do sobredito vigario a este respeito obrados; e ao Reverendo Bispo da Santa Sé de S. Pedro ordeno, que, chamando á sua prezença o referido vigario, o reprehenda severamente no meo real nome por ter praticado tão abuzivos, temerarios e incompetentes procedimentos; fazendo-o assignar termo na camara eccleziastica de se abster d'elle e de quaesquer outros similhantes, debaixo das penas acima declaradas, as quaes, posto que d'ellas o relevo agora por effeitos da minha real clemencia, lhe serão irremessivelmente impostas no cazo de contravenção. E mando a todos os sobreditos meos vassallos, ministros, e mais pessoas dos meos reinos, e dominios, que debaixo das mesmas penas executem, e façam inteiramente cumprir esta provizão na fórma que n'ella se contem. O Principe Regente, Nosso Senhor, o mandou por seo especial mandado pelos ministros abaixo assignados, do seo conselho e seos dezembargadores do paço. João Pedro Maynard de Affonseca e Sá a fez no Rio de Janeiro a 20 de Junho de 1814. Bernardo Jozé de Souza Lobato, a fez escrever. *Monsenhor Miranda. Francisco Antonio de Souza da Silveira.*

Por immediata rezolução de S. A. R. de 20 de Maio de 1814 em consulta da meza do dezembargo do paço, e despacho da mesma de 26 do dito mez e anno.

Na Imprensa Regia.

INDICAÇÕES

SOBRE A

ISTORIA NACIONAL

NOTA

No artigo publicado na *Revista Trimensal* de 1894, Parte 1ª., sob o titulo : «*Indicações sobre a istoria nacional*», foi omitido o final da nota * á pagina 290, que deve aditar-se do seguinte modo :

Em referencia ao que fica dito no final do § 9 á pag. 31 cabe aqui acrecentar, que si nos tempos passados da nossa vida social temos exemplos memoraveis de civismo, não o temos menos na atualidade, quando contemplamos os dois primeiros cidadãos, que exerceram o cargo de prezidente da nossa Republica, os marexaes Manoel Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto; ambos oferecem claro exemplo de virtudes civicas.

Um, arriscando alta graduação e a propria vida, decide com a sua glorioza espada da fundação da Republica brazileira em 15 de Novembro de 1889, promove a organisação constitucional do paiz, é colocado pelo voto dos reprezentantes populares no lugar proeminente de xefe da nação, e quando por injustificavel agressão do congresso legislativo vio-se forçado a uma crize aguda, depõe ante a lei a sua valoroza espada e entrega ao legitimo substituto a suprema autoridade para a não manter violenta.

O outro, suplanta o movimento revolucionario fomentado na fronteira do sul e repercutido nas aguas da encantadora Guanabara em 6 de Setembro de 1893, salva a cauza democratica, ameaçada pela convulsão, prezide a primeira eleição popular de um candidato civil ao cargo de xefe da Republica, adquire incontestavel prestigio, e quando animos discolos e imprudentes provocam a ditadura, ele no prazo constitucional entrega o poder ao eleito da nação, e volve tranquilo ao seo posto de general.

Quantos serviços prestados, e quanta abnegação patriotica em ambos estes grandes cidadãos da Republica!

T. DE ALENCAR ARARIPE.

ERRATA

A' pag. 21 onde está : — frco dose duoeste— deve ler-se :- fresco do sudoéste.

BALANÇO

da tezouraría do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro nos mezes de Janeiro, Fevereiro, Março de 1895

RECEITA

1895	
Saldo de 1894 conforme o balanço aprezentado........	2:050$000
Juros de apolices, 2º semestre de 1894................	1:680$000
Prestações semestraes do socio Antonio Ribeiro de Macedo, 1893, 1894, 1895................................	36$000
Idem do socio João Damasceno Vieira Fernandes, 1894	12$000
Idem do socio Luiz de França Almeida Sá, 1893, 1894	24$000
Idem do socio Pedro Paulino da Fonseca, 1894..........	12$000
	3:814$000

DESPEZA

1895	
Vencimento do Escriturario, Porteiro e Auxiliar, nos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março, doc. ns. 1 a 4..	750$000
Despezas miudas feitas pelo Porteiro por ordem da setaria, doc. ns. 5 e 6..............................	200$000
Tapete e forração de 2 estrados no salão das sessões, doc. n. 7..	75$000
Aluguel de cadeiras para a sessão aniversaria, doc. n. 8..	24$000
Aluguel de serpentinas, lustres, arandelas, etc., para a mesma sessão, doc. 9............................	99$000
Um cofre de ferro, doc. 10.	500$000
	1:648$000
Saldo	2:166$000
	3:814$000

Rio 8 de Abril de 1895.

Tristão de Alencar Araripe,
Tezoureiro. *

---

* Vide os dois oficios em seguimento.

OFICIO

Ao Sr. 1º. Secretario do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro.

Não posso continuar no desempenho do encargo de tezoureiro do nosso Instituto, por ter de auzentar-me por algum tempo d'esta cidade; e assim vos peço, que leveis esta circunstancia ao conhecimento do nosso Prezidente, afim de que, na fórma dos nossos estatutos, nomêe quem interinamente me substitua no dito encargo.

Logo que essa nomeação se faça, me dareis noticia, para que eu possa entregar o saldo existente em meo poder, e as apolices da nossa associação.

Remeto o balanço documentado da receita e despeza dos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março proximamente findos, no qual se demonstra o saldo de 2:166$000.

Peço, que o sobredito balanço seja submetido á comissão de fundos para o devido exame e apreciação.

Na secretaria entrego os livros de talão, que serviam para cobrança de joias de entrada, remissões e prestações semestraes dos socios, e constam da nota sob n. 1; e aqui junto sob n. 2 a relação dos socios contribuintes, com a declaração da importancia que no corrente anno deve ser cobrada, sob n. 3 outra relação dos socios izentos do pagamento das prestações semestraes, e sob n. 4 uma nota demonstrativa dos exemplares da "Revista Trimensal" existentes no nosso archivo, assim como dos exemplares de diversas obras impressas pelo Instituto ou a elle oferecidas para serem vendidas.

Os juros das nossas apolices vencidos até o fim do anno de 1894 estão recebidos; e emquanto ao subsidio do governo nacional correspondente ao corrente anno de 1895 ainda não recebi parcéla alguma.

Rio 8 de Abril de 1895.

T. d'Alencar Araripe.

NOTA

N. 1

Livros de talões

1 Livro de talão para cobrança de joia de entrada de socios. Tem 121 recibos extrahidos e 130 em ser.
1 Livro de talão para cobrança de remissão de socios. Tem 39 recibos extrahidos e 161 em ser.

Estes dois livros foram-me entregues pelo ex-tezoureiro Antonio Alvares Pereira Coruja, quando em 1881 tomei conta da tezouraria.

9 Livros de talão para cobrança das prestações semestraes dos socios contribuintes.

Tendo-se extinguido o livro de talão de recibos de prestações semestraes, que me transmitio o dito ex-tezoureiro, mandei fazer 10 livros de talão, dos quaes já um foi extinto.

Rio 8 de Abril de 1895.

N. 2

Prestações semestraes e joias que se devem arrecadar no anno de 1895

Afonso Celso de Assis Figueiredo, 1895	12$000
Alfredo Ernesto Jacques Ourique, 1892 a 1895	48$000
Alfredo do Nascimento Silva, 1895	12$000
Alfredo Piragibe, 1886 a 1895	120$000
Antonio Joaquim de Macedo Soares, 1895	12$000
Americo Braziliense de Almeida Mello, 1891 a 1895	60$000
Antonio Borges de Sampaio, 1895 (1)	12$000
Antonio Manoel Gonçalves Tocantins, 1891 a 1895	60$000
Antonio Martins de Azevedo Pimentel, 1895	12$000

(1) Pagou depois de organizada esta relação.

Antonio Olinto dos Santos Pires, 1895	12$000
Antonio Ribeiro de Macedo, 1893, 1894, 1895 (1)	36$000
Argemiro Antonio da Silveira, 1895	12$000
Artur Indio do Brazil, 1890 a 1895	72$000
Artur Sauer, 1895	12$000
Artur Viana de Lima, joia e 1892 a 1895	68$000
Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake, 1895	12$000
Barão de Miranda Reis, 1895	12$000
Barão de Penedo, 1891 a 1895	60$000
Barão de Ramiz, 1892 a 1895	48$000
Barão de Ribeiro de Almeida, 1891 a 1895	69$000
Barão do Rio Branco, 1884 a 1895	132$000
Barão de Tefé, 1895	12$000
Brazilio Augusto Maxado de Oliveira, 1893, 1894, 1895	36$000
Bento Severiano da Luz, joia, 1893, 1894, 1895 (2)	56$000
Bernardo Saturnino da Veiga, 1894, 1895	24$000
Carlos Artur Moncorvo de Figueiredo, 1895	12$000
D. Carlos, Bispo de Cuiabá, 1895	12$000
Eduardo Jozé de Moraes, 1895 (3)	12$000
Enrique Rafard, 1895	12$000
Evaristo Afonso de Castro, joia, 1892 a 1895	68$000
Feliciano Pinheiro de Bittencourt, 1895	12$000
Felisbelo Firmo de Oliveira Freire, 1895	12$000
Francisco Augusto Pereira da Costa, 1887 a 1895	108$000
Francisco Calheiros da Graça, 1895	12$000
Francisco Manoel da Cunha Junior, joia, 1893, 1894, 1895	56$000
Frederico Jozé de Sant'Anna Neri, 1891 a 1895	60$000
Guilherme Studart, 1895	12$000
Irenêo Ceciliano Pereira Jofely, 1892 a 1895	48$000
João Baptista Perdigão de Oliveira, 2°. semestre de 1893 a 1895	30$000
João Barboza Rodrigues, 1895	12$000
João Capistrano de Abreo, 1895	12$000
João Carlos de Souza Ferreira, 1895	12$000
João Damasceno Vieira Fernandes, 1895 (4)	12$000
João Esberard (D.) Arcebispo, 1895	12$000
João Jozé Pinto Junior, 1893, 1894, 1895	36$000
João Manoel Pereira da Silva (socio onorario de 1887 em diante) 1865 a 1887	267$000
João Vicente Leite de Castro, 1890 a 1895	72$000
João Xavier da Mota, 1895 (5)	12$000
Joaquim Floriano de Godoi, 1889 a 1895	84$000
Joaquim Jozé Gomes da Silva, 1895	12$000
Joaquim Pires Maxado Portela, 1893, 1894, 1895	36$000
Jozé Alexandre Teixeira de Mello, 1895	12$000
Jozé Antonio de Azevedo Castro, joia e 1891 a 1895	80$000
Jozé Candido Guilhobel, 1893 a 1895	36$000
Jozé Domingues Codeceira, 1894, 1895	24$000

---

(1) Pagou depois de organizada esta relação.
(2) Pagou 50$000 depois de organizada esta relação.
(3) Falecêo depois de organizada esta relação.
(4) Pagou depois de organizada esta relação.
(5) Falecêo depois de organizada esta relação.

Jozé Egidio Garcez Palha, 1894, 1895	24$000
Jozé Francisco da Silva Lima, 1895	12$000
Jozé Igino Duarte Pereira, 1895	12$000
Jozé Joaquim Correia de Almeida, 1895	12$000
Jozé Luiz Alves, 1895	12$000
Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros, 1895	12$000
Jozé Ricardo Pires de Almeida, joia e 1890 a 1895	92$000
Jozé Saldanha da Gama, 1883 a 1895	156$000
Jozé de Vasconcelos, 1893, 1894, 1895	36$000
Jozé Verissimo de Matos, 1894, 1895	24$000
Lafaiete de Toledo, 2°. semestre de 1893, 1894, 1895	30$000
Liberato de Castro Carreira, 1895	12$000
Luiz Cruls, 1895	12$000
Luiz Francisco da Veiga, 1869 a 1895	324$000
Luiz de França Almeida Sá, 1895 (1)	12$000
Luiz Rodolfo Cavalcanti de Albuquerque, 1895	12$000
Manoel Pinto Bravo, 1895 (2)	12$000
Marquez de Paranaguá, 1895	12$000
Maximiano Marques de Carvalho (socio onorario de 1887 em diante), 1882 a 1887	72$000
Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro, 1895	12$000
Paulino Nogueira Borges da Fonseca, 1895	12$000
Pedro Paulino da Fonseca, 1894, 1895 (3)	24$000
Rodolfo Marcos Teofilo, 1891 a 1895	60$000
Tomaz Garcez Paranhos Montenegro, 1895	12$000
Torquato Xavier Monteiro Tapajós, 1865	12$000
Tristão de Alencar Araripe Junior, 1895	12$000
Virgilio Martins de Mello Franco, 1894, 1895	24$000
Visconde de Nogueira da Gama, 1893 a 1895	36$000
Visconde de Sinimbú, 1895	12$000
Visconde de Valdetaro, 1895	12$000

Rio 1 de Janeiro de 1895.

N. 3

Socios izentos de pagamento de prestações semestraes

SOCIOS ONORARIOS:

1 Barão de Alencar.
2 Barão de Capanema.
3 Barão Homem de Mello.
4 Cezar Augusto Marques.
5 João Alfredo Corrêa d'Oliveira.
6 João Manoel Pereira da Silva.

---

(1) Pagou depois de organizada esta relação.
(2) Faleceo depois de organizada esta relação.
(3) Pagou 12$000 (1894) depois de organizada esta relação.

7 João Severiano da Fonseca.
8 Jozé Francisco Diana.
9 Luiz Rodrigues d'Oliveira.
10 Manoel Duarte Moreira d'Azevedo.
11 Manoel Francisco Correia.
12 Maximiano Marques de Carvalho.
13 Olegario Erculano de Aquino e Castro.
14 D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo.
15 Tristão de Alencar Araripe.
16 Visconde de Mota Maia.

Socios benemeritos:

1 Albino da Costa Braga.
2 Antonio Jozé Dias de Castro.
3 Antonio Jozé Gomes Brandão.
4 Barão de Ibiapaba.
5 Barão de Mendes Tota.
6 Barão de Oliveira Castro.
7 Barão de Quartim.
8 Candido Gaffrê.
9 Conde de Figueredo.
10 Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe.
11 Francisco de Paula Mayrink.
12 Joaquim Jozé de França Junior.
13 Luiz Augusto Ferreira d'Almeida.
14 Luiz Augusto da Silva Canedo.
15 Luiz Jozé Lecoq d'Oliveira.
16 Luiz Ribeiro Gomes.
17 Manoel Jozé da Fonseca.
18 Manoel de Matos Gonçalves.
19 Manoel Vicente Lisboa.
20 Tobias Lauriano Figueira de Mello.
21 Urbano de Faria.
22 Visconde de Assis Martins.
23 Visconde de Carvalhaes.
24 Visconde de Leopoldina.
25 Visconde de Moraes.

Socios remidos:

1 Angelo Tomaz do Amaral.
2 Barão do Desterro.
3 Barão de Guajará.
4 Barão de Ladario.
5 Barão de Lopes Neto.
6 Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja.
7 Jozé Vieira Couto de Magalhães.
8 Tito Franco d'Almeida.
9 Visconde de Barbacena.
10 Visconde de Ibituruna.

Os socios estrangeiros rezidentes fóra do territorio da Republica não estão sujeitos ao pagamento de prestações semestraes.

Rio 1 de Janeiro de 1895.

N. 4

Nota dos exemplares da «Revista Trimensal» existentes no archivo em 31 de Março de 1895

ANNO	EXEMPLARES	ANNO	EXEMPLARES
1839	40	1867	369
1840	76	1868	342
1841	346	1869	200
1842	338	1870	247
1843	810	1871	329
1844	380	1872	384
1845	216	1873	590
1846	215	1874	516
1847	243	1875	640
1848	280	1876	683
1849	260	1877	464
1850	325	1878	420
1851	355	1879	470
1852	530	1880	504
1853	495	1881	335
1854		1882	519
1855		1883	450
1856		1884	398
1857		1885	646
1858		1886	524
1859	34	1887	532
1860	147	1888	635
1861	234	1889	620
1862	234	1890	637
1863	107	1891	600
1864	312	1892	600
1865	158	1893	610
1866	204	1894	609

OBSERVAÇÃO. Existem mais 560 volumes suplementares do tomo 10°, além de varios volumes incompletos de diferentes annos.

Os 200 exemplares de 1869 são de 1ª. parte somente, faltando a parte 2ª, que deve reimprimir-se.

Os exemplares de 1854 reimpressos estão na Imprensa Nacional para serem broxados.

Obras impressas pelo Instituto, ou a elle offerecidas existentes no archivo

1 Apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da Provincia de São-Paulo, por Manoel Eufrazio d'Azevedo Marques.................................... 241 Exemplares

2 Brazilian biographical Annual, by Dr. Joaquim Manoel de Macedo.................................... 6 »

3 Breves Annotações relativas á Memoria do Visconde de São-Leopoldo..........	161	Exemplares
4 Chile e Brazil..........	1.100	»
5 Corographia historica, chronographica, genealogica, nobiliaria e politica do Imperio do Brazil, etc., pelo Dr. Mello Mo aes..........	12	»
6 Chronica da Companhia de Jesus por Simão de Vasconcellos..........	15	»
7 Colombo, poema de Manoel d'Araujo Porto Alegre..........	480	»
8 Conferencias Publicas : Christovão Colombo e a descoberta da America pelo Conselheiro J. M. Pereira da Silva..........	480	»
9 Grammar and Vocabulary of tupi langage etc., etc., by John Loubbock..........	56	»
10 Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Sessão solemne em commemoração de S. M. o Sr. D. Pedro II..........	620	»
11 Homenagem do Instituto Historico e Geographico Brazileiro ao Sr. D. Pedro II..........	704	»
12 Novo Orbe Serafico Brazilico, etc., por Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão..........	361	»
13 Oblação ao Principe D. Affonso, etc..........	45	»
14 Obras de João Francisco Lisboa..........	14	»
15 Poezias de Correia Garção..........	420	»
16 Quinquagenario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Sessão Imperial em 21 de Outubro de 1888, etc..........	1.200	»
17 Sessão solemne do Instituto Historico e Geographico Brazileiro celebrada a 12 de Outubro de 1892 em commemoração do descobrimento da America e de Christovão Colombo..........	720	»
18 L'Oyapoc et l'Amazone, por Joaquim Caetano da Silva..........	9	»
19 Vida e feitos de Alexandre de Gusmão, etc..........	113	»
Catalogo dos livros da bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brazileiro..........	380	»
Catalogo dos manuscriptos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro..........	590	»
Catalogo dos manuscriptos do Instituto Historico Geographico Brazileiro, (2.ª serie)..........	280	»
Catalogo das cartas geographicas, hidrographicas, atlas, planos e vistas existentes na biblioteca do Instituto, etc..........	530	»

Distribuição da Revista Trimensal

A edição da Revista Trimensal tem sido sempre de 1.000 por anno. A distribuição regula, termo medio, de 600 a 650 exemplares por tiragem, ficando assim uma rezerva de 300 a 350 volumes para futuras exigencias.

As edições de 1846 a 1859 ficaram logo esgotadas depois da distribuição annual, devido isto á circunstancia de não se terem broxado todos os exemplares da respectiva tiragem, ficando parte em folhas avulsas.

Dahi proveio confuzão e extravio por ocazião da remoção dos depozitos do archivo, quando, ha annos, foi precizo fazer obras de reparo no edificio do Instituto.

Para suprir a lacuna tem-se tratado de reimprimir os volumes esgotados, e já estão reimpressos os annos de 1846, 1847, 1848, 1852, 1853 e 1854, devendo seguir-se a reimpressão dos annos de 1855 a 1858 e 2ª. parte de 1869. Na Imprensa Nacional já estão reimpressos e se estão broxando 500 exemplares de 1854 (tomo 18), tendo eu examinado as provas da reimpressão dos trez ultimos volumes.

A distribuição da Revista Trimensal nos 4 annos precedentes foi a seguinte:

ANNOS	*EXEMPLARES*			
	Na Capital Federal	*Nos Estados*	*No Exterior*	*TOTAL*
1891	254	120	302	676
1892	236	104	137	467
1893	237	258	156	651
1894	217	183	437	837
	944	665	1.032	2.631

Além d'estes exemplares distribuiram-se mais em 1891 — 5 coleções; em 1993 — 8; em 1894 — 5.

Da distribuição anterior não dou noticia, porque so d'esse anno em diante ficou a distribuição da Revista Trimensal a cargo do tezoureiro; e so de então por diante fiz tomar nota das remessas e entrega dos exemplares sahidos.

Rio 8 de Abril de 1895.

T. DE ALENCAR ARARIPE.

OFICIO

Ao Sr. 1º. Secretario do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro.

Em 8 de Abril ultimo remeti o balanço da tezouraria a meo cargo correspondente aos mezes de Janeiro, Fevereiro e Março proximamente passados, pedindo então a nomeação de tezoureiro interino, a quem entregasse o saldo demonstrado no dito balanço na importancia de 2.166$000.

Depois da remessa d'esse balanço recebi as contribuições dos socios Antonio Borges de Sampaio (12$00) e Bento Severiano da Luz (50$000), de maneira que o saldo a favor do Instituto subio a 2:228$000.

Posteriormente paguei a folha do vencimento dos empregados correspondente ao mez de Abril ultimo na importancia de 250$000, e um documento de despezas miudas de 100$000, formando a soma de 350$000.

Descontada esta soma do sobredito saldo, ficou este reduzido a 1:878$000, que acabo de entregar ao tezoureiro interino Dr. Liberato de Castro Carreira, a quem tambem entreguei os dois documentos de despezas supramencionados, as 68 apolices da divida publica pertencentes á nossa associação, e a xave do cofre, que axava-se em meo poder, como tudo consta do recibo junto.

Por continuar doente não poderei por ora comparecer ás sessões do Instituto; o que vos rogo comuniqueis em meza aos nossos colegas, que relevarão a minha auzencia.

Rio 23 de Maio de 1895.

T. d'Alencar Araripe.

RECIBO

Recebi do Sr. Tezoureiro do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro Tristão de Alencar Araripe a quantia de 1:878$000, a folha de pagamento dos empregados do mez de Abril proximo passado na importancia de 250$000, e um recibo de despezas miudas na importancia de 100$000.

Foram-me entregues 68 apolices da divida publica, sendo 66 do valor de 1.000$000 e 2 do valor de 600$000, cuja relação consta do balanço de 1892, assim como recebi a xave do cofre do mesmo Instituto.

Rio 23 de Maio de 1895.

Dr. Liberato de Castro Carreira.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO VOLUME LVIII

PARTE PRIMEIRA